

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA**

**FELIPE FURTADO GUIMARÃES**

**PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: PROPOSTA DE GESTÃO  
A PARTIR DA AVALIAÇÃO DE PROCEDIMENTOS E EXPERIÊNCIAS  
DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**VITÓRIA  
2016**

FELIPE FURTADO GUIMARÃES

**PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: PROPOSTA DE GESTÃO  
A PARTIR DA AVALIAÇÃO DE PROCEDIMENTOS E EXPERIÊNCIAS  
DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão Pública.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Taciana de Lemos Dias

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

G963p Guimaráes, Felipe Furtado, 1984-  
Programa Ciência sem Fronteiras : proposta de gestão a partir da avaliação de procedimentos e experiências discentes da Universidade Federal do Espírito Santo / Felipe Furtado Guimaráes. – 2016.  
203 f. : il.

Orientador: Taciana de Lemos Dias.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Gestão do conhecimento. 2. Estudantes universitários. 3. Sistemas de informação gerencial. 4. Ciência sem Fronteiras. I. Dias, Taciana de Lemos. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 35

---

**PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: AVALIAÇÃO DE  
PROCEDIMENTOS E EXPERIÊNCIAS DISCENTES DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**Felipe Furtado Guimarães**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública da Universidade Federal do Espírito Santo como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em 29 de fevereiro de 2016 por:



Taciana de Lemos Dias, DSc – UFES – Orientadora



Thalmo de Paiva Coelho Júnior, DSc – UFES



Patricia Alcântara Cardoso, DSc – UFES

Aos familiares, amigos e colegas:  
Edson, Tania e André;  
Daniel e Felipe;  
Cynthia, Fabiola, Frederico, Giany, Izabela, Lidia e Priscilla.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Senhor Deus, em especial nos momentos mais difíceis, para chegar até aqui.

Aos meus familiares, pela compreensão nos momentos de ausência por conta desta pesquisa.

Aos colegas técnicos e professores da UFES, em especial a Jane Méri Santos, Patrícia Alcântara Cardoso, Izabela Bomfim Chaves e Priscilla Basílio Cardoso Barros Trindade, pela disponibilização de dados indispensáveis para a realização deste trabalho, assim como pela sua paciência e compreensão.

À professora Taciana de Lemos Dias, pela orientação e compreensão.

À professora Teresa Cristina Janes Carneiro, coordenadora do Mestrado, pela sua dedicação, atenção e disponibilidade, e também pelo apoio na parte de análises estatísticas.

À professora Maria Auxiliadora de Carvalho Corassa, pela sua contribuição por meio de entrevista.

Aos professores Thalmo de Paiva Coelho Junior e Duarte de Souza Rosa Filho, pelo seu encorajamento para enfrentar desafios.

Aos colegas da turma do Mestrado Profissional em Gestão Pública, em especial ao Abdo, Antônio Marcos, Bruno, Clauber, Édiron, Erivelton, Giovani, Mila, Thais e Vitor.

Aos professores, funcionários do mestrado e alunos da UFES que, de forma voluntária, responderam ao questionário desta pesquisa e a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar o programa Ciência sem Fronteiras (CSF), na modalidade de graduação sanduíche no exterior (GSE), a partir da avaliação feita por discentes da UFES e de seus relatos de experiências. Os procedimentos do programa foram avaliados por servidores da UFES visando a disseminação do conhecimento e a proposição de melhorias, no contexto da internacionalização. A metodologia adotada foi quali-quantitativa. Conduziu-se uma pesquisa descritiva, explicativa e de natureza aplicada, adotando-se entrevistas e enquête. Utilizou-se a análise de conteúdo para se dialogar com os registros das entrevistas com servidores e dos relatos produzidos por bolsistas. A amostra envolveu alunos de graduação da UFES inscritos no CSF, na modalidade GSE e que responderam aos questionários desta pesquisa. O principal problema identificado foi a dispersão de informações sobre esses alunos, fato que dificulta a gestão do programa CSF na UFES. A partir das entrevistas com servidores foi possível elaborar um fluxo de procedimentos que podem contribuir para a melhoria da gestão do programa na instituição pesquisada. A partir do relato das experiências dos bolsistas e da enquête respondida por eles, foi possível identificar que a principal contribuição do CSF para a formação dos participantes foi nos aspectos culturais e linguísticos. Os bolsistas também compararam a instituição de origem com a de destino, sendo que a de destino foi melhor avaliada em aspectos como inovação, tecnologias de apoio ao ensino, carga horária prática de disciplinas e infraestrutura. Já a de origem foi melhor avaliada em aspectos como metodologia de ensino, projeto pedagógico e carga horária teórica de disciplinas. As ações propostas tiveram como objetivo a melhoria dos procedimentos operacionais do programa CSF na UFES e incluíram a criação e implementação de um sistema de controle e acompanhamento que reúna dados de alunos: candidatos a mobilidade no exterior; em situação de mobilidade no exterior; e alunos que já retornaram de programas de mobilidade no exterior. Além disso, a pesquisa propõe a disseminação do conhecimento produzido pelos bolsistas, a partir de experiências que vivenciaram no programa CSF.

Palavras-chave: Internacionalização. Mobilidade discente. Programa Ciência sem Fronteiras. Gestão do conhecimento. Graduação sanduíche.

## **ABSTRACT**

The main objective of this study was to analyze the Science without Borders program (currently Brazil Scientific Mobility Program - BSMP) in the level of undergraduate sandwich degree abroad, under the perspective of students from the Federal University of Espirito Santo (UFES) and their testimonials. The procedures of the program were assessed by UFES' staff in order to spread knowledge and suggest improvements, in the context of internationalization. The methodology used was qualitative and quantitative. This research was considered descriptive, explanatory and applied, using instruments such as interviews and survey. Content analysis was used to understand the contents of interviews and testimonials from participants of the BSMP program. The sample included undergraduate students who registered in the BSMP program, in the level of undergraduate sandwich degree abroad and who answered the survey of this research. The main problem found was the dispersion of data about these students, making it difficult to manage this program at UFES. From the interviews with staff from UFES, it was possible to create a flow model of procedures that might help with improvements for the management of this program at UFES. From the testimonials of students and the survey, it was possible to identify that the main outcome of the BSMP program for their education was related to cultural and linguistic aspects. The students also compared the home (UFES) and host institutions. The host institution received higher scores in aspects such as: innovation, technologies to support learning, hours for practical activities and infrastructure. The home institution received good scores in aspects such as: methodology of teaching, pedagogical project and hours for theoretical activities. Actions were proposed for improving the operational procedures of the BSMP at UFES, including the development and implementation of a system for controlling data from students, in the stages of application, exchange program abroad and return to home institution. Besides, this research proposes sharing the knowledge acquired by the students during their experience in the BSMP abroad.

**Keywords:** Internationalization. Student exchange. Brazil Scientific Mobility Program. Knowledge management. Sandwich degree.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Processo de criação do conhecimento, modelo SECI (socialização, externalização, combinação e internalização).....	49
Figura 2. Tela da Painel de Controle indicando Bolsas Implementadas do CSF (2011 a Janeiro/2016). ....	67
Figura 3. Bolsas Implementadas por área prioritária do CSF (2011 a Janeiro/2016). .....	69
Figura 4. Bolsas Implementadas por Unidade de Federação de origem do Bolsista do CSF (2011 a Janeiro/2016). ....	70
Figura 5. Bolsas implementadas por unidade da federação, na área de engenharia e demais áreas tecnológicas (2011 a Janeiro/2016). ....	71
Figura 6. Bolsas implementadas por país de destino do bolsista e instituição destino nos Estados Unidos (2011 a Janeiro/2016). ....	73
Figura 7. Bolsas Implementadas no Espírito Santo por área prioritária do CSF (2011 a Janeiro/2016). ....	74
Figura 8. Bolsas implementadas, por instituição de origem, no estado do Espírito Santo (2011 a Janeiro/2016). ....	75
Figura 9. Bolsas implementadas, por instituição de destino, no estado do Espírito Santo (2011 a Janeiro/2016). ....	76
Figura 10. Bolsas implementadas, por instituição de origem, no estado do Espírito Santo (2011 a Janeiro/2016). ....	77
Figura 11. Tela dos Documentos disponíveis no Portal CSF. ....	81
Figura 12. Tela da página da SRI da UFES sobre mobilidade para o exterior. ....	82
Figura 13. Tela da página da SRI com documentos sobre mobilidade para o exterior. .....	82
Figura 14. Tela de “nuvem de palavras” sobre intercâmbio, disponível na página da SRI. ....	83
Figura 15. Macro-Fases na UFES do Programa CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior. ....	87
Figura 16. Fases na UFES, de homologação e registro do Programa CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior. ....	87
Figura 17. Fases na UFES de trancamento e retorno do Programa CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior. ....	88
Figura 18. Tela sobre inscrições e resultados, disponível no Portal CSF. ....	88

Figura 19. Tela com informações de apoio ao bolsista no exterior, disponível no Portal CSF.....	90
Figura 20. Tela do blog proposto para relato de experiências CSF da UFES.....	104
Figura 21. Campus de origem dos respondentes da enquete.....	107
Figura 22. Distribuição, por curso de graduação, dos respondentes da enquete. ..	120
Figura 23. Distribuição, por área do conhecimento CSF, dos respondentes da enquete. ....	121
Figura 24. Quantidade de avaliações dos respondentes quanto às alterações na experiência CSF.....	123
Figura 25. Avaliação da qualidade dos canais de atendimento, em relação ao programa CSF (pelas médias) em gráfico de “radar”. ....	128
Figura 26. Avaliação, pelo próprio respondente, do seu domínio do idioma de ensino no país-destino CSF, em quatro habilidades (pelas médias). ....	129
Figura 27. Avaliação da contribuição de oportunidades para desenvolvimento de proficiência no idioma requerido no país-destino (pelas médias).....	129
Figura 28. Avaliação da contribuição de oportunidades oferecidas na UFES para desenvolvimento de proficiência no idioma requerido no país-destino (pelas médias). ....	130
Figura 29. Avaliação da recepção/apoio da universidade destino quanto aos itens propostos (pelas médias). ....	133
Figura 30. Avaliação da iniciativa dos respondentes na resolução dos problemas enfrentados, nos seguintes aspectos (pelas médias).....	134
Figura 31. Avaliação do apoio da UFES para adaptação do aluno no exterior (pelas médias).....	135
Figura 32. Avaliação sobre os itens diversos do questionário (pelas médias). ....	136
Figura 33. Avaliação dos seguintes aspectos, quanto à contribuição de sua experiência no CSF para sua formação (pelas médias).....	137
Figura 34. Avaliação da UFES e IES de destino, quanto aos seguintes aspectos (pelas médias).....	138
Figura 35. Quantidade de períodos trancados pelos respondentes, em porcentagem. ....	139
Figura 36. Comparativo entre o interesse e a potencialidade dos respondentes em contribuir para a melhoria de seus cursos, com a experiência CSF, em porcentagem. ....	140

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Conteúdos encontrados na Internet sobre relatos de experiências de alunos CSF.....	24
Quadro 2. Definições de internacionalização entre 1992 e 2003. ....	30
Quadro 3. Abordagens institucionais para a internacionalização.....	32
Quadro 4. Benefícios da Gestão do Conhecimento para processos administrativos na educação superior.....	51
Quadro 5. Fatores que facilitam ou dificultam a aplicação da gestão do conhecimento no ensino superior.....	51
Quadro 6. Países com os quais o programa Ciência sem Fronteiras possui parcerias, por regiões. ....	65
Quadro 7. Áreas contempladas pelo programa Ciência sem Fronteiras. ....	65
Quadro 8. Aspectos e itens investigados para avaliação do programa CSF, na modalidade graduação sanduíche no exterior.....	105
Quadro 9. Respondentes dos Relatos de Experiências do programa CSF, na modalidade graduação sanduíche no exterior.....	109
Quadro 10. Fase de Inscrição no CSF e na UFES, modalidade graduação-sanduíche no exterior. ....	142
Quadro 11. Fase de Homologação de inscrição no CSF e na UFES, modalidade graduação-sanduíche no exterior.....	143
Quadro 12. Fase de Registro do bolsista na SRI, modalidade graduação-sanduíche no exterior. ....	145
Quadro 13. Fase de Trancamento de Curso na UFES, modalidade graduação-sanduíche no exterior.....	147
Quadro 14. Fase de Intercâmbio - acompanhamento do Bolsista da UFES, na modalidade graduação-sanduíche no exterior. ....	149
Quadro 15. Fase de Encerramento do Intercâmbio - Retorno ao Brasil	..... 150

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Instituições de Ensino Superior Brasileiras, por tipo de organização acadêmica e categoria administrativa. ....	39
Tabela 2. Matrículas de graduação, por modalidades de ensino e regiões geográficas.....	39
Tabela 3. Número de autores e produção científica de pesquisadores doutores, segundo grande área. ....	40
Tabela 4. Universidades da América do Sul no ranking THE (2013-2014). ....	60
Tabela 5. Universidades brasileiras no ranking SCImago Ibero (2008-2012). ....	61
Tabela 6. Universidades capixabas e suas posições no ranking universitário da Folha de São Paulo (2013).....	61
Tabela 7. Metas a serem alcançadas pelo programa Ciência sem Fronteiras até 2015, em número de bolsas. ....	66
Tabela 8. Quantidade de chamadas do Programa CSF modalidade de graduação sanduíche no exterior (2011 a 2015).....	68
Tabela 9. Os 30 países que mais receberam bolsistas do CSF (2011 a Janeiro/2016). ....	71
Tabela 10. Quantidade de chamadas por país-destino.....	72
Tabela 11. Bolsas implementadas nas 15 instituições que mais receberam bolsistas, nos Estados Unidos (2011 a Janeiro/2016).....	73
Tabela 12. Quantidade de inscrições no Programa CSF na UFES e de Editais CSF internos da UFES (2011 a 2015).....	84
Tabela 13. Distribuição de inscrições no Programa CSF na UFES, por Campus (2011 a 2014).....	84
Tabela 14. Distribuição de inscrições no Programa CSF na UFES, por país-destino (2011 a 2014).....	85
Tabela 15. Distribuição de inscrições no Programa CSF na UFES, por curso de graduação (2011 a 2014).....	85
Tabela 16. Quantidade de candidatos inscritos em mais de um edital no Programa CSF na UFES, modalidade graduação (2011 a 2014).....	101
Tabela 17. Distribuição de bolsas, por agências, aos respondentes da enquete....	122
Tabela 18. Condição dos respondentes quando questionados sobre sua situação como bolsista CSF. ....	122
Tabela 19. Aspectos em que houve alteração da escolha dos respondentes.....	123

Tabela 20. Idiomas de ensino dos países-destino escolhidos pelos respondentes da enquete. ....	124
Tabela 21. Idioma do país-destino indicado pelos respondentes da enquete. ....	125
Tabela 22. Países-destino mencionados pelos respondentes da enquete. ....	125
Tabela 23. Instituições mencionadas mais de uma vez por respondentes da enquete. .....	126
Tabela 24. Quantidade, por país, de instituições mencionadas mais de uma vez, por respondentes da enquete.....	127
Tabela 25. Situação dos respondentes quanto ao tempo previsto para a bolsa. ....	130
Tabela 26. Previsão de conclusão de curso pelos respondentes (ano/semestre)...	131
Tabela 27. Tempo máximo de conclusão de curso pelos respondentes (em anos). .....	131
Tabela 28. Opinião dos respondentes quanto a extrapolar tempo máximo de conclusão de curso, considerando data de ingresso na UFES. ....	132

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CLIL	Content and Language Integrated Learning
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CSF	Ciência sem Fronteiras
ESI	Essential Science Indicators
FAUBAI	Associação de Assessorias de Instituições Brasileiras de Ensino Superior Brasileiras para Assuntos Internacionais
FMI	Fundo Monetário Internacional
GC	Gestão do Conhecimento
GCUB	Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras
GSE	Graduação Sanduíche no Exterior
IF	Instituto Federal
IIE	Institute of International Education
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INQAAHE	International Network for Quality Assurance Agencies in Higher Education
ISF	Idiomas sem Fronteiras
JCR	Journal Citation Reports
MEC	Ministério da Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MOOC	Massive Online Open Course
MRE	Ministério das Relações Exteriores
NTI	Núcleo de Tecnologia da Informação
NUCLI	Núcleo de Línguas do Programa Idiomas sem Fronteiras na UFES
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OEA	Organização dos Estados Americanos
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PAEC	Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação
PEC-G	Programa Estudante Convênio de Graduação
PEC-PG	Programa Estudante Convênio de Pós-Graduação
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROMISAES	Projeto Milton Santos de Acesso à Educação Superior
RUF	Ranking das Universidades do Brasil - Folha
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SEM	Setor Educacional do Mercosul
SIE	Sistema de Informação para o Ensino
SIR	SCImago Institutions Ranking
SRI	Secretaria de Relações Internacionais
THE	Times Higher Education
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1.1. Contextualização e Justificativa</b> .....	17
1.1.1. <i>Motivação</i> .....	20
1.1.2. <i>Experiências semelhantes</i> .....	21
<b>1.2. Pergunta de Pesquisa</b> .....	25
<b>1.3. Objetivos</b> .....	26
1.3.1. <i>Objetivo Geral</i> .....	26
1.3.2. <i>Objetivos Específicos</i> .....	27
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	28
<b>2.1. Internacionalização</b> .....	28
2.1.1. <i>Internacionalização e termos relacionados</i> .....	28
2.1.2. <i>Evolução do conceito de Internacionalização</i> .....	30
2.1.3. <i>Valores e motivações relacionados à Internacionalização</i> .....	31
2.1.4. <i>Abordagens para internacionalização</i> .....	32
<b>2.2. Globalização e Educação</b> .....	33
2.2.1. <i>Educação Superior na América Latina</i> .....	34
2.2.2. <i>Educação Superior no Brasil</i> .....	38
2.2.3. <i>Educação Superior no Brasil e sua internacionalização</i> .....	41
2.2.4. <i>Agentes de internacionalização na educação superior no Brasil</i> .....	42
2.2.5. <i>Integração Regional da Educação Superior</i> .....	44
2.2.6. <i>Internacionalização e línguas adicionais</i> .....	45
<b>2.3. Gestão do Conhecimento</b> .....	47
2.3.1. <i>Gestão do Conhecimento e Educação Superior</i> .....	50
2.3.2. <i>Gestão do Conhecimento e internacionalização</i> .....	52
2.3.3. <i>Gestão do Conhecimento e Mídias Sociais</i> .....	55
2.3.4. <i>Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação</i> .....	58
<b>2.4. Rankings</b> .....	59
<b>2.5. Programas de Mobilidade Estudantil</b> .....	63
2.5.1. <i>Programa Ciência sem Fronteiras (CSF)</i> .....	63
<b>2.6. Sobre a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)</b> .....	77
2.6.1. <i>Missão da UFES</i> .....	78
2.6.2. <i>Visão da UFES</i> .....	78

2.6.3.	<i>Valores da UFES</i> .....	78
2.6.4.	<i>Estrutura da UFES</i> .....	78
2.6.5.	<i>A UFES em números</i> .....	79
2.6.6.	<i>A Secretaria de Relações Internacionais da UFES</i> .....	79
2.6.7.	<i>Programa Ciência sem Fronteiras da Universidade Federal do Espírito Santo na modalidade graduação-sanduiche para o Exterior</i> .....	80
2.6.8.	<i>Procedimentos do Programa de Ciência sem Fronteiras na UFES</i> .....	86
<b>3.</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	92
3.1.	<b>Abordagem da Pesquisa</b> .....	92
3.2.	<b>Etapas da Pesquisa</b> .....	94
3.2.1.	<i>Delimitação da Pesquisa</i> .....	96
3.3.	<b>Coleta de Dados</b> .....	97
3.3.1.	<i>Dificuldades encontradas na Pesquisa</i> .....	98
3.3.2.	<i>Questionário e Formulário (enquete online)</i> .....	101
<b>4.</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	109
4.1.	<b>Relatos de experiências</b> .....	109
4.1.1.	<i>Disciplinas em áreas afins</i> .....	110
4.1.2.	<i>Disciplinas de outras áreas</i> .....	113
4.1.3.	<i>Atividades de proficiência no idioma estrangeiro</i> .....	113
4.1.4.	<i>Estágio acadêmico</i> .....	114
4.1.5.	<i>Estágio profissional/em empresas</i> .....	115
4.1.6.	<i>Atividades culturais e sociais</i> .....	116
4.1.7.	<i>Problemas enfrentados</i> .....	117
4.1.8.	<i>Avaliação do programa</i> .....	119
4.2.	<b>Procedimentos e Fluxo do Programa do CSF na UFES</b> .....	140
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	152
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	157
<b>7.</b>	<b>APÊNDICES</b> .....	167
<b>8.</b>	<b>ANEXOS</b> .....	185

## 1.INTRODUÇÃO

### 1.1.Contextualização e Justificativa

A internacionalização é um tema relevante para as atividades de instituições de ensino superior, sendo pesquisada de forma sistemática desde o final dos anos 1980. Entendida como parte integrante do contexto acadêmico, ela está presente nos planejamentos institucionais e nas políticas nacionais e é ainda descrita em artigos científicos de diversas partes do mundo, sendo que sua importância na educação superior é uma “realidade inequívoca” (LAUS, 2012, p.23). Nesse contexto, uma consulta à página na internet da *Web of Science*<sup>1</sup>, um banco de dados contendo artigos científicos, retornou mais de 600 resultados para a pesquisa dos termos “internacionalização” e “educação superior”.

Num contexto global, no qual a educação superior tem sido considerada uma mercadoria, observa-se que, mesmo nos países considerados desenvolvidos, a educação tem sofrido com a redução nos orçamentos, tendo em vista que os problemas da economia vão além do setor financeiro (STIGLITZ, 2010, p.267). Para tentar contornar essa situação, instituições educacionais tem buscado a expansão de seus sistemas de ensino para o exterior ou mesmo recrutado estudantes estrangeiros como forma de garantir recursos para manter suas estruturas (CHARLES, 2009, p.163; KNIGHT, 2005, p.18). Nesse cenário, é importante compreender o que seria a internacionalização da educação superior, quer seja no nível nacional, setorial ou institucional.

A questão da mobilidade acadêmica estudantil, uma das várias facetas da internacionalização, recentemente impulsionada pelo Programa Ciência sem Fronteiras, é um exemplo de demanda nacional que exige tempo e recursos de instituições, para ser bem administrada. É importante destacar que esse tipo de demanda também requer controle e planejamento para cumprir seus objetivos.

Cabe ressaltar que a crise atual das universidades parece advir dos desafios que elas enfrentam para lidar com as mudanças pelas quais estão passando, necessárias para enfrentar os desafios trazidos pelos tempos contemporâneos.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://thomsonreuters.com/thomson-reuters-web-of-science/>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

Três situações explicam melhor esse contexto: antes as universidades eram principais centros de produção e difusão de conhecimentos, agora elas enfrentam concorrência de laboratórios e centros de pesquisa particulares; antes as universidades estavam distantes das preocupações econômicas e sociais, agora elas são cobradas para que se comprometam com as necessidades sociais e com as demandas do mercado de trabalho; antes as universidades eram preocupadas com a formação de elites, agora elas devem lidar com a massificação do ensino e os custos decorrentes desse processo (CHARLES, 2009, p.162).

Esse ambiente de rápidas mudanças no ambiente externo demanda mudanças contínuas e rápidas nas organizações, de maneira que possam sobreviver às mudanças às quais são submetidas. Dessa forma, a gestão do conhecimento é uma ferramenta importante para apoiar as decisões e identificar cenários e estratégias para enfrentar esse ambiente de rápidas mudanças.

Todavia, o conhecimento tem a característica de tornar-se obsoleto logo após sua criação, sendo que novos conhecimentos devem ser criados continuamente para a sobrevivência das organizações. Assim, a gestão do conhecimento é definida como “o processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em novos produtos/serviços, tecnologias e sistemas”, de forma a dar continuidade às mudanças no interior da organização (TAKEUCHI e NONAKA, 2008). Isso também se aplica às universidades, pois delas é exigido que sejam continuamente centros criadores de conhecimento, por excelência, para difundir tal conhecimento aos setores da sociedade que necessitam dele.

Nesse contexto, instituições de educação tem como constante desafio acompanhar as experiências acadêmicas de seus estudantes, no sentido de como essas experiências ocorrem e se os objetivos dos programas de internacionalização estão sendo alcançados, principalmente no que se refere ao conhecimento produzido por meio de redes estabelecidas nas atividades de internacionalização.

Sabe-se que, no Brasil, atualmente algumas instituições já divulgam as experiências de seus estudantes, quer seja por meio de documentários, seminários ou outros meios que permitam explicitar as experiências discentes de produção do conhecimento. Nessa linha, muitas instituições ainda não possuem iniciativas estruturadas de compartilhamento de experiências provenientes de discentes que participaram de programas de mobilidade no exterior e retornaram ao Brasil. Dentre

essas instituições, pode-se citar o caso da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Todavia, gestores da área de internacionalização já identificaram essa necessidade e buscam propostas de gestão e disseminação desse conhecimento desenvolvido no exterior, que pode agregar valor ao contexto acadêmico nacional.

Ao longo da história, o processo de internacionalização da educação superior tem sido conduzido por diretrizes que o conectam ao contexto e propósitos da nação, da região e da localidade, isto é, não há uma fórmula pronta para que a internacionalização tenha bons efeitos em todos os lugares e épocas (KNIGHT, 2005, p.29-30). Aspectos importantes dessas diretrizes, descritos por essa autora, incluem: currículos, programas, processo de ensino/aprendizagem, atividades extracurriculares, relacionamento com grupos culturais, atividades de pesquisa, mobilidade de pessoas, oferta de programas e projetos internacionais, entre outros.

A internacionalização se apresenta como um meio para melhoria do ensino superior, já que permite gerar novos conhecimentos, valores e cidadania. A compreensão da internacionalização deve ainda incluir uma visão crítica acerca dos *rankings* acadêmicos, visto que são pautados pelo contexto dos países do Norte, com produção acadêmica principalmente em língua inglesa, numa tentativa de homogeneizar aquilo que não é homogêneo, diga-se, os diferentes sistemas nacionais de educação superior (LAUS, 2012, p.24).

Portanto, os governos nacionais tem promovido oportunidades de internacionalização, por meio de uma de suas vertentes, que é a mobilidade estudantil, em programas como o Ciência sem Fronteiras (CSF). O crescimento desse tipo de programas está aliado às oportunidades criadas por políticas e incentivos governamentais. A seguir constam informações sobre como o processo de internacionalização tem expandido.

Para se ter uma ideia da dimensão da internacionalização, em especial a questão da mobilidade estudantil na educação superior, dados da UNESCO mostram que tem ocorrido uma tendência de crescimento, no caso de estudantes que decidem estudar fora de seus países de origem. Em 2007, havia 2,8 milhões de estudantes matriculados em instituições de ensino superior fora de seus países de origem. Esse número representa cerca de 120 mil estudantes a mais que no ano de 2006. Sabe-se que 1999, o número de estudantes internacionais tem crescido 53%, uma taxa 2,5 vezes maior quando comparada com o ano de 1975 (UNESCO, 2009, p.36).

Dados do relatório *Open Doors* do *Institute of International Education* (2013) indicam a existência de cerca de 820 mil alunos estrangeiros em faculdades e universidades norte-americanas no biênio 2012-2013. A título de comparação, havia apenas 34 mil estudantes estrangeiros no biênio 1952-1953. Atualmente, alunos estrangeiros atualmente já constituem 4% do total de estudantes de ensino superior nos Estados Unidos.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, no relatório *Four Future Scenarios* (OCDE, 2008, p.3), já previa a expansão da educação superior, indicando que a diminuição de custos com comunicação e transporte e as tecnologias de informação poderiam auxiliar no processo de internacionalização. Tal relatório menciona o Processo de Bolonha, ocorrido na Europa, como exemplo a ser seguido para que outras instituições desenvolvessem suas ações de internacionalização.

Cabe destacar que a Comissão Europeia (CE)<sup>2</sup> define o Processo de Bologna como um esforço coletivo de autoridades públicas, universidades, professores, estudantes, técnicos, agências de certificação de qualidade, organizações internacionais (incluindo a CE) com o objetivo principal de: introduzir um sistema de três ciclos (graduação, mestrado e doutorado); promover a qualidade do ensino; e facilitar o reconhecimento de títulos e períodos de estudo.

No período de 2000 a 2011, o número de matrículas no ensino superior no mundo mais que dobrou, com uma taxa média de crescimento de 7%. Nos países da OCDE, o número de alunos estrangeiros matriculados no ensino superior seguiu a tendência global (OCDE, 2013, p.305).

Nesse mesmo viés, Knight (2005, p.1) também aponta o desenvolvimento das comunicações, o aumento da mobilidade de profissionais, a ênfase na economia de mercado, o liberalismo nos mercados, o aumento do investimento privado, a diminuição no investimento público na educação e a importância do aprendizado para toda uma vida, como fatores importantes para entender o campo da educação superior na atualidade.

### 1.1.1.Motivação

A motivação para a presente pesquisa surgiu da prática diária, isto é, das atividades profissionais na área de cooperação acadêmica internacional, numa

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process\\_en.htm](http://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process_en.htm)>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

instituição federal de ensino superior, na busca de uma melhor compreensão sobre o processo de internacionalização, suas partes constituintes e os sujeitos envolvidos nesse processo.

Trata-se de um tema relevante no contexto das universidades brasileiras, pois se observa um crescimento na oferta de oportunidades para estudos no exterior, em especial com o implemento de programas como o Ciência sem Fronteiras.

Além disso, a presente pesquisa faz parte de um programa de pós-graduação em Gestão Pública, o qual busca soluções para os problemas quotidianos da Administração Pública Brasileira. Sendo assim, sua relevância reside no fato de ser uma pesquisa que busca identificar problemas na gestão de atividades de internacionalização no contexto de uma universidade brasileira, além de sugerir possíveis soluções para esses problemas.

Essa pesquisa utilizou-se de trabalhos e informações sobre programas de internacionalização em instituições nacionais e internacionais, de forma a possibilitar expandir a produção de conhecimento nessa área. A partir de uma busca inicial, um importante referencial foi identificado, e consiste de uma publicação sobre Internacionalização da Educação Superior na América Latina, financiada pelo Banco Mundial (DE WIT et al, 2005).

É preciso também considerar o processo de globalização, o papel das organizações internacionais, a formulação de políticas governamentais, os *rankings* acadêmicos, entre outros aspectos que (em maior ou menor grau) foram relevantes durante a realização da pesquisa.

Isso porque a presente pesquisa almejou contribuir com o aprimoramento do programa Ciência sem Fronteiras na instituição estudada, propondo a melhoria dos serviços nos setores que gerenciam esse programa e expandindo o conhecimento em gestão pública, um dos alvos principais do programa de pós-graduação ao qual o pesquisador está vinculado.

As normas técnicas usadas para elaboração deste trabalho seguem as prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas, como, por exemplo, a NBR 10520/2002 e a NBR 6023/2002, além de outras normas recomendadas pela Biblioteca Central da instituição pesquisada.

### *1.1.2. Experiências semelhantes*

As instituições de educação superior tem encontrado diferentes maneiras de reunir o conhecimento produzido por meio de atividades de internacionalização.

Sendo a mobilidade estudantil uma das facetas da internacionalização, pode-se notar o caso do programa Ciência sem Fronteiras (CSF). A própria página desse programa tem publicado notícias sobre experiências vividas no exterior, como se pode constatar em matéria<sup>3</sup> publicada em 25 de julho de 2013, a qual destaca a realização de uma sessão de relato de experiências durante a 65ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

A Universidade Paulista (UNIP) também publicou vivências de seus alunos na sua página<sup>4</sup> na internet, com relatos sobre Austrália, Estados Unidos e Portugal. A Universidade de Fortaleza (Fundação Edson Queiroz) divulgou vídeos (documentários)<sup>5</sup> dessas experiências, produzidos pela TV Cultura em parceria com o Consulado dos Estados Unidos em São Paulo. A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTF-PR) promoveu palestras com alunos que estiveram no exterior, como se pode observar em sua página<sup>6</sup>.

O Portal Brasil<sup>7</sup>, gerido pelo Governo Federal, apresentou experiências dos estudantes da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), com informações sobre alunos que estiveram na Austrália, Itália, Estados Unidos e Inglaterra.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) apresentou experiências de estudantes que estiveram nos Estados Unidos, Canadá e Portugal, por meio de um boletim eletrônico<sup>8</sup>.

Esses são alguns casos de instituições brasileiras que, além de promover eventos internos como seminários e palestras, divulgam essas atividades de compartilhamento de experiências na internet.

A própria Capes disponibiliza um espaço em seu sítio eletrônico<sup>9</sup> para divulgação das experiências de alunos brasileiros no exterior, no âmbito do programa CSF.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_VF2v/214072/4542890](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views/-/journal_content/56_INSTANCE_VF2v/214072/4542890)>. Acesso em 6 de outubro de 2014.

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.unip.br/comunicacao/exibe\\_noticia.asp?id=4874](http://www.unip.br/comunicacao/exibe_noticia.asp?id=4874)>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>5</sup> Disponível em:

<[http://www.unifor.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4643&Itemid=1595](http://www.unifor.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4643&Itemid=1595)>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/pontagrossa/estrutura-universitaria/assessorias/ascom/noticias/acervo/utfpr/relato-de-experiencias-no-ciencias-sem-fronteiras>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/02/estudantes-do-ciencia-sem-fronteiras-narram-experiencias-internacionais>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://portal.iff.edu.br/campus/reitoria/diretoria-de-comunicacao-social/boletim-eletronico/boletim-eletronico-no0/a-experiencia-dos-sonhos>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

Cabe destacar que as universidades estrangeiras que recebem alunos do programa CSF também criaram espaços em suas páginas para divulgar as atividades de alunos brasileiros, como é o caso da Universität Trier<sup>10</sup>, na Alemanha, com relatos de alunos da Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Outra instituição alemã, a Westfälische Wilhelms-Universität Münster<sup>11</sup>, possui um Centro Brasileiro (*Brasilien Zentrum*), onde desenvolve diversas atividades de integração com alunos bolsistas brasileiros, incluindo relatos de experiências.

A instituição denominada Australian Internships<sup>12</sup> (Estágios Australianos) elaborou um catálogo eletrônico para divulgar as experiências de alunos participantes do CSF que obtiveram estágios na Austrália.

Além desses exemplos, é relativamente fácil encontrar *blogs* e perfis em redes sociais, nos quais os próprios alunos relatam suas experiências a partir de seu ponto de vista. Dessa forma, nota-se que há uma variedade de formas de divulgação dessas experiências.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/6419-ex-bolsistas-csf-falam-de-suas-experiencias-no-exterior>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.uni-trier.de/index.php?id=45697>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.uni-muenster.de/Brasilienzentrum/pt/wissenschaftohnegrenzen/erfahrungen.html>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.internships.com.au/australian-programs/science-without-borders-swib/>>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

**Quadro 1. Conteúdos encontrados na Internet sobre relatos de experiências de alunos CSF.**

Fonte /Tipo de conteúdo	Principais dados mencionados
Ciência Sem Fronteiras (Portal/Página Web)	Impacto da carreira acadêmica e profissional; estágio; sistema universitário diferenciado; instalações da universidade. <a href="http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views-/journal_content/56_INSTANCE_VF2v/214072/4542890">http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views-/journal_content/56_INSTANCE_VF2v/214072/4542890</a>
Universidade Paulista (UNIP) (Portal/Página Web)	Descrição da cidade-destino; descrição da universidade e instalações; rotinas de estudos e atividades; colegas de turma; diferença no sistema de ensino/aprendizado; atitudes dos professores; aprendizado acadêmico, cultural, pessoal e profissional. <a href="http://www.unip.br/comunicacao/exibe_noticia.asp?id=487">http://www.unip.br/comunicacao/exibe_noticia.asp?id=487</a>
Universidade de Fortaleza, Fundação Edson Queiroz (Documentário em Vídeo)	Rotina de estudos; vida acadêmica; convívio social; instalações e tecnologia disponível na universidade; desafios de adaptação. <a href="http://www.unifor.br/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=4643&amp;Itemid=1595">http://www.unifor.br/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=4643&amp;Itemid=1595</a>
Universidade Federal Tecnológica do Paraná (Palestra)	Aluno relata sua experiência de estudos no exterior. <a href="http://www.utfpr.edu.br/pontagrossa/estrutura-universitaria/assessorias/ascom/noticias/acervo/utfpr/relato-de-experiencias-no-ciencias-sem-fronteiras">http://www.utfpr.edu.br/pontagrossa/estrutura-universitaria/assessorias/ascom/noticias/acervo/utfpr/relato-de-experiencias-no-ciencias-sem-fronteiras</a>
Portal Brasil (Portal/Página Web)	Diferencial no currículo; benefícios e experiências de um programa de intercâmbio; apoio da universidade de origem; estudar numa universidade de renome; possibilidade de continuar os estudos no exterior; imersão na cultura local; desafio de adaptação; novas visões de mundo; crescimento profissional; conhecer cultura, pessoas e idioma. <a href="http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/02/estudantes-do-ciencia-sem-fronteiras-narram-experiencias-internacionais">http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/02/estudantes-do-ciencia-sem-fronteiras-narram-experiencias-internacionais</a>
Instituto Federal Fluminense (Boletim eletrônico)	Descrição da cidade-destino; receptividade; participação em atividades de empreendedorismo e negócios; escolha de disciplinas no exterior; troca de experiências; choque cultural; diferente sistema de ensino; rotina de estudos; infraestrutura e corpo docente; tecnologias de apoio ao ensino; atividades extracurriculares; fascínio pela cultura local. <a href="http://portal.iff.edu.br/campus/reitoria/diretoria-de-comunicacao-social/boletim-eletronico/boletim-eletronico-no0/a-experiencia-dos-sonhos">http://portal.iff.edu.br/campus/reitoria/diretoria-de-comunicacao-social/boletim-eletronico/boletim-eletronico-no0/a-experiencia-dos-sonhos</a>
CAPES (Portal/Página Web)	Impacto de aulas em outro idioma; rotina de estudos; contato com pesquisadores; trabalho de campo; oportunidades de estágio em empresas e laboratórios; desafio do idioma; <a href="http://www.capes.gov.br/36-noticias/6419-ex-bolsistas-csf-falam-de-suas-experiencias-no-exterior">http://www.capes.gov.br/36-noticias/6419-ex-bolsistas-csf-falam-de-suas-experiencias-no-exterior</a>
Universität Trier (Portal/Página Web)	Desafio de adaptação; desafio do idioma; receptividade e acolhimento da universidade-destino; curso de idiomas; tipos de aulas oferecidos; qualidade dos docentes; oportunidade de estudar diferentes áreas do conhecimento; convivência com alunos de outros países; imersão na cultura local; descrição da cidade-destino; tecnologias disponíveis; sair da zona de conforto; novas visões de mundo; cultura local; infraestrutura e alojamento; colaboração de tutores; tecnologias de apoio ao ensino; atividades extracurriculares; participação em palestras, eventos e congressos; tamanho da universidade não influencia qualidade do ensino; desafios na rotina diária; auxílio de colegas brasileiros para adaptação. <a href="http://www.uni-trier.de/index.php?id=45697">http://www.uni-trier.de/index.php?id=45697</a>

Fonte /Tipo de conteúdo	Principais dados mencionados
Universitat Münster (Portal/Página Web)	Existência de Centro Brasileiro, para apoio aos estudantes em questões burocráticas; oportunidade de desenvolver pesquisa; crescimento pessoal e intelectual; descrição da cidade; oportunidade de aprofundar conhecimentos; oportunidade de estágio; desafio de adaptação; estrutura para moradia, alimentação e lazer; facilidade de mobilidade urbana; desafio do idioma; modelo diferente de ensino; dinâmica das aulas; idioma de ensino; oferta de aulas de idioma; visita a grandes empresas; atividades extracurriculares; eventos culturais; troca de experiências com outros alunos; disponibilidade de tutor; possibilidade de extensão da bolsa; possibilidade de cooperação acadêmica; <a href="http://www.uni-muenster.de/Brasilienzentrum/pt/wissenschaftohnegrenzen/erfahrungen.html">http://www.uni-muenster.de/Brasilienzentrum/pt/wissenschaftohnegrenzen/erfahrungen.html</a>
Australian Internships (Catálogo Eletrônico)	Atividades práticas para reforçar conhecimento teórico; exposição  rotina de uma empresa para desenvolver aptidões profissionais e pessoais; similaridades e diferenças entre ambientes de trabalho; novas visões de mundo; desenvolvimento de habilidades linguísticas e de comunicação. <a href="http://internships.com.au/australian-programs/science-without-borders-swb/">http://internships.com.au/australian-programs/science-without-borders-swb/</a>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de relatos de experiências de bolsistas do programa Ciência sem Fronteiras, publicadas na internet.

## 1.2.Pergunta de Pesquisa

A questão de partida para a presente pesquisa foi: Como gerir o conhecimento produzido por discentes da UFES, após a participação desses estudantes no programa “Ciência sem Fronteiras” (CSF)? Os desdobramentos dessa pergunta foram:

- Quais as experiências acadêmicas, científicas e profissionais vivenciadas pelos alunos da UFES no âmbito do programa CSF?
- Como localizar, selecionar e divulgar a produção acadêmico-científica de alunos da UFES que participaram do programa CSF?
- Como a gestão do conhecimento pode auxiliar nesse processo?

Isso porque observa-se um aumento nos investimentos na área internacional nas instituioes de ensino superior, sendo o programa Ciência sem Fronteiras um dos grandes expoentes das aoes de internacionalização no Brasil. Todavia, não existia ainda, na UFES, uma sistematização dessas experiências discentes e da produção acadêmica obtida nesse programa.

Gomes (2002, p.275) aponta que a avaliação de aoes na educação superior não pode estar desvinculada dos objetivos estratégicos e deve considerar a organização do sistema de ensino e sua dinâmica.

A partir de informações preliminares obtidas com servidores da UFES, observou-se que dados sobre programas como o CSF estavam dispersos em várias fontes: planilhas mantidas pela Secretaria de Relações Internacionais, relatórios obtidos a partir de sistemas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), informações obtidas eventualmente junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e informações disponíveis em bancos de dados *online* do Governo Federal.

A Capes, fundada em julho de 1951, é uma agência responsável por fomentar a pesquisa brasileira, de forma a expandir e consolidar os programas de mestrado e doutorado no Brasil. Em seu departamento internacional, busca formas de cooperação, para desenvolver atividades de pós-graduação no contexto global e promove pesquisas desenvolvidas por brasileiros, em busca de excelência na área de pós-graduação. Essa cooperação ocorre por meio de acordos ou parcerias entre instituições nacionais e estrangeiras. Já o CNPq, fundado em janeiro de 1951, é um órgão de incentivo à pesquisa no Brasil, por meio de financiamento de pesquisas científicas e tecnológicas em diversas áreas do conhecimento, com fornecimento de bolsas e auxílios.

Essas duas instituições são responsáveis por gerenciar as bolsas concedidas pelo programa Ciência sem Fronteiras, sendo cada uma responsável por grupos distintos de países-destino. Todavia, seus sistemas de controle contém tipos diferentes de dados, fato que não facilita o acesso a determinadas informações sobre bolsistas CSF.

Cabe destacar que a questão da informação sobre produção acadêmica de estudantes brasileiros no exterior também é afetada por essa dispersão de dados em várias fontes. Diferentes formas de divulgação do conhecimento foram encontradas. O presente trabalho buscou então apresentar uma proposta para reunir, analisar e divulgar informações sobre essas experiências acadêmicas vivenciadas por alunos da UFES no exterior, considerando proposições da gestão do conhecimento.

### **1.3.Objetivos**

#### *1.3.1.Objetivo Geral*

O objetivo geral do presente estudo é apresentar uma proposta de gestão, a partir da análise do programa CSF, na modalidade de graduação sanduíche no exterior, considerando a avaliação feita por discentes da UFES e seus relatos de experiências, e a avaliação dos procedimentos do CSF feita por servidores da UFES, para disseminação de conhecimento e proposição de melhorias no programa.

### *1.3.2. Objetivos Específicos*

Já os objetivos específicos da pesquisa incluem:

- Conhecer o processo de internacionalização por meio de programas de mobilidade, como é o caso do programa CSF, e propor melhorias em sua gestão;
- Identificar as características das experiências acadêmicas, científicas e profissionais de alunos da UFES que participaram do programa CSF;
- Propor uma forma de registrar e divulgar essas experiências discentes;
- Avaliar qualidade/satisfação dos alunos quanto às instâncias de suporte ao programa CSF no Brasil e exterior;
- Identificar a contribuição do programa CSF para os bolsistas da UFES;
- Identificar falhas no processo de acompanhamento desses alunos e propor melhorias;
- Permitir o acesso e disseminação do conhecimento tácito, criado a partir de vivências dos discentes que participaram do programa CSF;
- Destacar a contribuição do idioma, cultura e aproveitamento de estudos na experiência dos discentes da UFES participantes do programa CSF;

## 2.REFERENCIAL TEÓRICO

A referência teórica para este trabalho foi estruturada de forma a englobar conceitos importantes para o entendimento do contexto onde a pesquisa foi desenvolvida, como: internacionalização, globalização, *rankings*, programas de mobilidade estudantil e aspectos organizacionais da instituição estudada.

### 2.1.Internacionalização

#### 2.1.1.Internacionalização e termos relacionados

Para entender o processo de internacionalização, é preciso conhecê-lo tanto no nível institucional quanto no nível nacional. De um lado, o nível nacional tem um importante papel na definição de políticas, financiamento, programas e marcos regulatórios. De outro, o nível institucional é onde verdadeiramente o processo de internacionalização acontece (KNIGHT, 2005, p.1).

Diversos autores, em variadas partes do mundo, buscam descrever ou explicar o processo de internacionalização, como se pode constatar nos textos de: Chin e Ching (2009) em Taiwan; Tham (2013) na Malásia; Lavankura (2013) na Tailândia; Daquila (2013) em Singapura; Guo e Chase (2011) no Canadá; Luxon e Peelo (2009) no Reino Unido; Poole (2001) na Austrália; Umakoshi (1997) no Japão; Frølich (2006) na Noruega; Huang (2006) na China, Japão e Holanda. Cabe destacar que um dos trabalhos mais importantes nessa área foi desenvolvido por Hans de Wit e Jane Knight, em relatório publicado pelo Banco Mundial, intitulado *Higher Education in Latin America: the international dimension*, publicado em 2005.

Internacionalização pode ter significados diferentes para pessoas diferentes. Para alguns, pode significar ações internacionais, como a mobilidade acadêmica, contatos internacionais, parcerias e projetos, além de programas acadêmicos e iniciativas de pesquisa. Para outros, o fornecimento de serviços de educação para outros países, por meio de novos tipos de arranjos, como uma franquia ou filial de um campus, além do uso de diversas modalidades presenciais e a distância. Para muitos, significa a inclusão da dimensão internacional nos currículos e processos de ensino e aprendizagem. Já outros enxergam os projetos de desenvolvimento internacional e a ênfase nos negócios de educação superior como internacionalização. Existe uma confusão no fato de que internacionalização pode

ser usada para descrever três diferentes tipos de atividades além das fronteiras nacionais: parcerias e intercâmbio internacional; empreendimentos comerciais entre fronteiras; e projetos de desenvolvimento internacional. Também se discute a relação entre internacionalização e globalização (KNIGHT, 2005, p.2).

Em nome da internacionalização, gestores universitários tem se destacado como tomadores de decisão, formatando conteúdos acadêmicos e até mesmo a forma como as universidades tem sido administradas. Isso se manifesta quando se busca a contratação de professores e pesquisadores de prestígio, de forma a melhorar a reputação das universidades e assim atrair mais estudantes e financiamento para pesquisas (STROMQUIST, 2007, p.81).

Para se compreender o processo de internacionalização, é preciso considerar o nível institucional, setorial e nacional. O nível institucional está mais claro, se referindo às instituições onde o processo ocorre. O nível nacional pode incluir diferentes organizações governamentais e ONGs que atuam na internacionalização da educação superior. Da parte do governo, isso pode incluir departamentos de educação, relações internacionais, ciência e tecnologia, cultura, trabalho, imigração e comércio. O nível setorial se refere aos esforços do setor nacional de educação (KNIGHT, 2005, p.4).

Quanto ao termo “cooperação internacional”, ele é usado genericamente para descrever uma variedade de relacionamentos que uma instituição ou setor possui com parceiros em outros países. Na América Latina, esse termo geralmente está associado com cooperação internacional para desenvolvimento. A cooperação do tipo vertical geralmente descreve um relacionamento de doador-beneficiário, no qual o desenvolvimento está orientado como algo assistencialista. A cooperação do tipo horizontal reflete um relacionamento de benefício mútuo e parceria, uma colaboração entre países.

A questão do financiamento e recursos também deve ser considerada no processo de internacionalização. A demanda crescente por educação de nível superior tem gerado dificuldades para que os governos consigam atender a tal demanda. Fontes alternativas de recursos tem sido buscadas. Tais fontes incluem fundações sociais, setor corporativo, comercialização de resultados de pesquisas, além de importação e exportação de programas educacionais.

Ainda com relação ao financiamento, Healey (2007, p.333) discute como a educação superior tem se globalizado, tendo em vista que, para muitos países, a

educação superior se tornou uma importante atividade de exportação, na qual as instituições atraem estudantes estrangeiros de todas as partes do globo. A instalação de franquias educacionais fora de seus países de origem, por exemplo, tem afetado o investimento estrangeiro direto em muitos países.

Alguns termos merecem especial atenção. “Educação transnacional” é o termo usado pela UNESCO e Conselho Europeu (2001) para definir todos os tipos de ensino superior nos quais o aluno está localizado num país diferente daquele no qual a instituição fornecedora do serviço está localizada. O termo “educação sem fronteiras” aparece num estudo do *Committee of Vice-Chancellors and Principals* (CVCP, 2000) e se refere ao desaparecimento de fronteiras conceituais, disciplinares e geográficas, próprio da internacionalização. Outra abordagem é “educação entre fronteiras”. Enquanto esta reconhece a existência de fronteiras, a anterior enfatiza a inexistência de fronteiras a serem transpostas. “Internacionalização em casa” tenta estabelecer uma ligação entre o conceito de “internacional” e “intercultural” no âmbito da educação (KNIGHT, 2005, p.10-11).

Não se pode esquecer que uma questão multifacetada como a internacionalização deve compreender políticas de outras áreas além da educação, como imigração, comércio, cultura e desenvolvimento econômico.

### 2.1.2. Evolução do conceito de Internacionalização

Knight (2005) cita vários tipos de definição de internacionalização para demonstrar como o conceito evoluiu ao longo dos anos.

**Quadro 2. Definições de internacionalização entre 1992 e 2003.**

<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
1992	Arum e Van de Water	As múltiplas atividades, programas e serviços que estão compreendidos nos estudos internacionais, intercâmbio educacional internacional e cooperação técnica.
1994	Knight	O processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural, às funções de ensino, pesquisa e extensão da instituição.
1997	Van der Wende	Qualquer esforço sistemático com o objetivo de tornar a educação superior mais suscetível às exigências e desafios relacionados à globalização de sociedades, economia e mercados de trabalho.
2002	Soderqvist	Um processo de mudança de uma instituição nacional de educação superior para uma instituição internacional de educação superior, levando à inclusão de uma dimensão internacional, em todos os aspectos de seu gerenciamento holístico, de maneira a melhorar a qualidade de ensino e aprendizagem, para atingir as competências desejadas.

Ano	Autor	Definição
2003	Knight	O processo de integrar uma dimensão global, intercultural ou internacional para o propósito, função ou fornecimento de educação superior.

Fonte: Adaptado de Knight (2005, p.11-12).

Em 2015<sup>13</sup>, Hans de Wit (2015) propõe a seguinte definição de internacionalização, durante conferência da *International Network for Quality Assurance Agencies in Higher Education* (INQAAHE), realizada em Chicago:

O processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária, de maneira a melhorar a qualidade da educação e da pesquisa, para todos os alunos e funcionários, de modo a realizar uma contribuição significativa para a sociedade.

### 2.1.3. Valores e motivações relacionados à Internacionalização

A importância de se ter valores e motivações articulados para a internacionalização está relacionada ao fato de que esses fatores agem como uma força motriz para que um país, um setor ou uma instituição invistam em internacionalização. Além disso, as motivações determinam o tipo de benefício ou resultados que se espera.

Knight (2005, p.15) descreve assim a importância de valores e motivação:

Sem um conjunto nítido de motivações, seguido de conjunto de objetivos ou declarações sobre políticas, um plano ou conjunto de estratégias, e um sistema de monitoramento e avaliação, o processo de internacionalização acontece geralmente de forma de uma resposta *ad hoc*, reativa e fragmentada diante do grande número de oportunidades internacionais disponíveis.

Tradicionalmente, as motivações para a internacionalização estão compreendidas dentro de quatro grandes categorias. A motivação social e cultural está ligada à identidade cultural nacional, entendimento intercultural, desenvolvimento de cidadania e desenvolvimento social e comunitário. A motivação política está ligada às políticas internacionais, à segurança nacional, à assistência técnica, à paz e entendimento mútuo, à identidade nacional e à identidade regional. A motivação econômica está ligada ao crescimento econômico e competitividade, ao mercado de trabalho e às iniciativas financeiras. A motivação acadêmica está ligada à expansão do horizonte acadêmico, ao crescimento da instituição, ao perfil e *status*

<sup>13</sup> Depois de 2003, o autor não localizou alterações significativas nas definições de internacionalização encontradas, seguindo então para a definição de Hans de Wit em 2015.

da instituição, à melhoria da qualidade, aos padrões acadêmicos internacionais e à dimensão internacional da pesquisa e ensino (KNIGHT, 2005, p.16).

Motivações em nível nacional para internacionalização incluem: desenvolvimento de recursos humanos; criação de alianças estratégicas; geração de renda e transações comerciais; e desenvolvimento nacional e institucional. Motivações em nível institucional incluem: melhoria do perfil e reputação internacional; melhoria de qualidade; desenvolvimento de recursos humanos; geração de renda; criação de alianças estratégicas; e produção de pesquisa e conhecimento.

#### 2.1.4. Abordagens para internacionalização

Knight (2005, p.29) aponta que uma abordagem é diferente de uma definição. Apesar de diferentes países poderem compartilhar uma interpretação do que é internacionalização, a maneira pela qual eles executam a tarefa de internacionalização pode ser muito diferente, dependendo de suas prioridades, cultura, história, políticas e recursos. Uma abordagem para a internacionalização vai refletir os valores, prioridades e ações que um país, um setor ou instituição vai demonstrar enquanto estiver trabalhando em favor da internacionalização.

**Quadro 3. Abordagens institucionais para a internacionalização.**

<b>Abordagem</b>	<b>Descrição</b>
Atividade	Internacionalização descrita em termos de atividades, tais como estudar no exterior, currículo e programas acadêmicos, relações institucionais e redes, projetos de desenvolvimento e filiais de campus.
Resultados	Internacionalização descrita em termos de resultados almejados, tais como competências, melhoria de perfil, e maior quantidade de acordos, parceiros e projetos internacionais.
Motivações	Internacionalização descrita em relação às motivações principais que a conduzem. Isso pode incluir padrões acadêmicos, geração de renda, diversidade cultural, e desenvolvimento dos alunos e da equipe institucional.
Processo	Internacionalização é considerada um processo no qual uma dimensão internacional é integrada às atividades de ensino, aprendizado e extensão de uma instituição por meio de importantes estratégias organizacionais.
Em casa / no campus	Internacionalização é interpretada como a criação de uma cultura ou clima num campus que apoia e promove o entendimento internacional e intercultural e enfatiza as atividades desenvolvidas no campus.
Externa / entre fronteiras	Internacionalização é vista como um fornecimento de educação a outros países por meio de uma variedade de modalidades (presencial, a distância) e por meio de diferentes arranjos administrativos (franquias, filiais, campi externos e assim por diante).

Fonte: Adaptado de Knight (2005, p.30).

## **2.2.Globalização e Educação**

Existem muitas visões sobre a natureza, causas, elementos, consequências e implicações futuras da globalização na educação. Knight e de Wit (1997, p.6) definem globalização como “o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores, ideias [...] entre fronteiras. A globalização afeta cada país de uma maneira, devido à história individual do país, tradições, cultura e prioridades”. A sociedade do conhecimento, tecnologias de informação e comunicação, economia de mercado, liberalismo no comércio e mudanças nas estruturas de governo podem ser vistos como agentes catalisadores e também consequências da globalização. Essas mudanças podem ter consequências no processo de internacionalização quando afetam o currículo, o processo de ensino-aprendizagem, a mobilidade acadêmica, o fornecimento de serviços de educação entre fronteiras, os projetos de desenvolvimento internacional, o estudo de idiomas estrangeiros, o as transações comerciais e o desenvolvimento de mão de obra (KNIGHT, 2005, p.6).

Carvalho (2014, p.162) usa o termo “globalismo”, descrevendo a globalização como o processo revolucionário “mais vasto e ambicioso de todos”. Tal processo engloba uma mudança radical, não apenas nas estruturas de poder, mas também nas estruturas da sociedade, educação, moral e sentimentos humanos. Esse processo é composto por tantos aspectos e movimentos que sua unidade está além da visão de muitos liberais e conservadores, sendo que muitos deles consideram uma administração mundial como uma “fatalidade histórica inevitável”.

A administração pública e sua crescente complexidade, amparada por novas tecnologias e saberes das ciências sociais, faz com que governos desenvolvam variadas ferramentas para implantar suas vontades, sem que haja um necessário controle legislativo e debates com a sociedade. Prova disso são as decisões que mudaram estruturas de poder nas últimas décadas, fazendo diminuir as soberanias nacionais e transferindo a autoridade do Estado para organismos internacionais. A ONU tem declarado sua proposta de se tornar uma administração global, como se pode constatar no Relatório de Desenvolvimento Humano de 1994 (CARVALHO, 2014, p.165). Nesse âmbito, tal organização procura influenciar legislações nacionais em matéria de indústria, comércio, ecologia, saúde, educação, entre outros aspectos.

### *2.2.1. Educação Superior na América Latina*

A mobilidade de pessoas qualificadas, novos provedores de educação superior e a participação em redes de conhecimento são possibilidades para países que desejam acessar o estado da arte em conhecimento, transferência de tecnologia e explorar novas oportunidades de negócios.

Para os países dessa região, o desafio maior parece estar em fornecer ensino, pesquisa e oportunidades de emprego para indivíduos qualificados, de forma a garantir uma reserva de mão de obra adequada para as economias nacionais. As matrículas na educação superior mais que dobraram nas últimas décadas e a gestão universitária foi descentralizada para melhorar a resposta às demandas de alunos e do setor produtivo. Entretanto alguns problemas ainda carecem de solução, como a baixa taxa de conclusão de estudos, problemas diversos de qualidade, desigualdades de acesso e um desencontro entre os cursos oferecidos e as necessidades presentes no mercado de trabalho (HOLM-NIELSEN et al, 2005, p.39-40).

Entre os países membros da OCDE, a taxa média de matrículas na educação superior está por volta de 56% (BANCO MUNDIAL, 2002a, p.90-92). Além disso, dados mais recentes, disponíveis numa consulta ao Painel de Controle EdStats<sup>14</sup> do Banco Mundial, indicam que as taxas de matrícula cresceram na América Latina entre 2000 e 2012.

Quanto à expansão da educação superior, os países da América Latina tem adotado diferentes posturas. Na Argentina, México Uruguai e Venezuela, as universidades públicas expandiram e se diversificaram, e novas instituições públicas foram criadas em nível regional, de forma a atender a demanda. No Brasil, Chile e Colômbia, a educação pública permaneceu relativamente restrita, sendo que as instituições privadas foram responsáveis pelo aumento de oferta de ensino superior. Diversos países promoveram a desregulamentação do mercado de educação superior, promovendo o fim do monopólio do setor público na área de educação nesse nível. Também houve um aumento no número de instituições não-universitárias, como escolas técnicas, centros de formação docente e instituições de ensino profissionalizante (HOLM-NIELSEN et al, 2005, p.41-42).

---

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://datatopics.worldbank.org/Education/wDashboard/tbl\\_index.aspx](http://datatopics.worldbank.org/Education/wDashboard/tbl_index.aspx)>. Acesso em: 21 de maio 2014.

Quanto ao financiamento, o Brasil, por exemplo, ainda investe pouco em ensino superior. Num grupo de 29 países, o Brasil ocupa a 23ª posição no ranking de investimento em ensino superior, segundo pesquisa da OCDE divulgada em 2012. Todavia, o Brasil aumentou investimentos totais em educação, considerando que em 2000, as despesas com ensino representavam 10,5% dos recursos públicos do país. Já em 2009 essas despesas subiram para 16,8% (GIRALDI, 2012). Brasil, Paraguai e Peru investem aquilo que se espera deles, tendo em vista a renda *per capita*. Argentina e México investem menos, enquanto que Colômbia e Chile investem mais do que a média. Isso porque esses dois países possuem a vantagem de suplementar os subsídios públicos com contribuições privadas. Essa contribuição privada tem o potencial de tornar o sistema de educação superior menos vulnerável às flutuações na capacidade do setor público investir em educação (HOLM-NIELSEN et al, 2005, p.43).

Solucionar problemas de baixa eficiência interna e diminuir o impacto de reduções orçamentárias é um desafio para melhorar a qualidade dos serviços de educação e aumentar sua cobertura de oferta. Ineficiências internas incluem fenômenos complexos como a questão da evasão, apontada por Baggi e Lopes (2011), que necessitam ser solucionados para melhoria dos serviços em educação.

Questões como a proporção entre alunos e professor também são uma fonte de ineficiência em países latino-americanos. Países como o México estão abaixo da média estipulada para a OCDE, de cerca de 15 estudantes para cada professor no ensino superior (OCDE, 2013, p.370). Dados de 2009 da OCDE apontavam que nas universidades federais brasileiras, havia uma média de apenas 9 estudantes para cada professor. Gastos com pessoal nas universidades representavam 80% do orçamento do ensino superior na Argentina e 90% no Brasil, deixando pouco espaço para gastos com despesas não-salariais (MARQUIS, 2003 apud HOLM-NIELSEN et al, 2005, p.46).

Quanto às abordagens pedagógicas, a expansão da educação superior promoveu uma diversificação nos interesses, habilidades e aspirações dos estudantes. Todavia, as universidades ainda não conseguiram acomodar essa diversificação por meio de métodos de ensino diferenciados, conteúdos e programas. Reprodução de conteúdo e dependência exclusiva no ensino em sala de aula ainda são comuns, num ambiente que deveria valorizar a criatividade, reflexão e empreendedorismo. Nesse sentido, a inovação no ensino superior também é vista

como um fenômeno complexo, mas que poderia auxiliar também na melhoria dos serviços de educação (BORGES e ABRAHÃO, 2013).

Outro fator que também prejudica abordagens inovadoras é o fato de que nas universidades latino-americanas existe uma tendência de que o aluno procure especializar sua educação no início de seus estudos de ensino superior. Isso gera rigidez no processo de aprendizado, indo contra as tendências internacionais de um ensino de graduação mais generalista e baseado em módulos, com a ocorrência de especialização de estudos apenas em nível de pós-graduação.

Com respeito a problemas de qualidade no ensino superior que necessitam ser sanados, nota-se instituições superlotadas, instalações sucateadas, falta de equipamentos, material de ensino obsoleto e currículos desatualizados. Além disso, preocupações com desregulamentação do ensino superior e crescimento na oferta privada de cursos fizeram crescer a ênfase em padrões acadêmicos e mecanismos de controle de qualidade. O Brasil, por exemplo, possui tradição em verificação de qualidade em seus programas de pós-graduação, por meio da Capes, incluindo a questão de indicadores de desempenho e avaliação dos alunos que estão sob essa coordenação.

Quanto à relevância da educação superior, dados sugerem que os salários de graduados estão em elevação na América Latina. Todavia, algumas áreas fornecem maior quantidade de graduados do que a economia pode absorver. A Argentina, por exemplo, possui mais médicos a cada 1.000 habitantes que os Estados Unidos. Em contrapartida, áreas como as engenharias tem registrado falta de profissionais (dependendo da época em que os dados são coletados). Ajustes nas políticas de recursos humanos, ajustes curriculares e investimentos na educação superior poderiam auxiliar na superação dessas disparidades (HOLM-NIELSEN et al, 2005, p.51-52).

A questão da desigualdade de oportunidades também deve ser considerada. A educação superior permanece, de certa forma, elitista, sendo a maioria dos estudantes provenientes de segmentos mais abastados da sociedade, tal como aponta estudo sobre acesso ao ensino superior no Brasil (ANDRADE, 2012). No Brasil, alunos provenientes dos 20% mais ricos da população representam 70% dos alunos matriculados, enquanto que os 40% mais pobres representam apenas 3% do corpo de estudantes. Estudantes que tem condições de pagar educação privada de qualidade nos níveis primário e secundário acabam se tornando mais bem

preparados para os exames de admissão em universidades. Os estudantes mal preparados provenientes de famílias de baixa renda tem poucas escolhas, geralmente optando por instituições privadas que não possuem boas avaliações em *rankings* nacionais.

Quanto à mobilidade estudantil, há desafios a serem superados, considerando a facilidade (ou dificuldade) com que os estudantes podem se mover entre diferentes ambientes educacionais. Na maioria dos países latino-americanos, é difícil transferir créditos de um programa para outro, muito menos entre instituições ou entre programas de diferentes países. Ainda não se conhece, na região, a existência de um sistema de transferência de créditos acadêmicos entre países, semelhante ao Sistema Europeu de Transferência de Créditos (ECTS, em inglês).

Com relação a investimentos no setor de pesquisa e desenvolvimento, na América Latina grande parte da pesquisa é financiada pelo governo e conduzida em instituições públicas de pesquisa e universidades. No Brasil, a prioridade para conduzir pesquisas é das universidades federais (BANCO MUNDIAL, 2002b).

A questão da internacionalização da educação na América Latina permite acesso a novos conhecimentos, possibilita atrair indivíduos qualificados e aprender com as boas práticas de ensino superior provenientes do exterior. Por exemplo, Estados Unidos, Espanha, Itália e França recebem um número significativo de alunos latino-americanos. Enquanto a mobilidade temporária tem resultados positivos, a migração permanente tem resultados negativos para a região, considerando um índice de 30% de graduados que deixam permanentemente seus países de origem depois de completar seus estudos.

Para combater esse fenômeno, seria necessário promover educação de qualidade na região e criar oportunidades adequadas de emprego para reter indivíduos qualificados (HOLM-NIELSEN et al, 2005, p.61-62). Cabe lembrar que o programa CSF determina que o bolsista volte ao país de origem, após o término de estudos no exterior.

Quanto à mobilidade estudantil, parece haver um desequilíbrio entre enviar alunos latino-americanos ao exterior e receber alunos estrangeiros nas instituições latino-americanas. Devido a esse grande fluxo em direção ao exterior, os países da região tem encarado um déficit no fornecimento de serviços de educação. No Brasil, estima-se um gasto de 78 milhões de dólares com alunos brasileiros enviados ao

exterior, enquanto que o recebimento de alunos estrangeiros gerou apenas 4 milhões de dólares em receita para o país (OCDE, 2002).

### *2.2.2. Educação Superior no Brasil*

As origens do ensino superior no Brasil remontam ao século XIX, refletindo um advento tardio desse setor da educação (SANTOS e CERQUEIRA, 2009). As classes dominantes buscavam a educação na Europa durante o período colonial, sendo que as primeiras faculdades surgiram no século XIX, seguindo o modelo napoleônico de educação profissional em Engenharia, Medicina ou Direito. A primeira universidade a ser fundada no Brasil foi Universidade do Rio de Janeiro, em 1920 (LAUS e MOROSINI, 2005, p.111). Todavia, há controvérsias a respeito desse pioneirismo, indicando que a universidade mais antiga seria, na verdade, a Universidade do Paraná<sup>15</sup>, em 1912.

O Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, considerado um estatuto para as universidades brasileiras, enfatizava mais a questão do ensino e menos a pesquisa. Tal documento refletia um pensamento elitista e manteve uma abordagem profissional em relação aos cursos oferecidos e autonomia das faculdades. Nesse contexto, houve um aumento no estabelecimento de universidades públicas, incluindo a Universidade de São Paulo (1934), a qual contratou muitos professores e pesquisadores provenientes da Europa.

Entre 1930 e 1964, 22 universidades federais foram fundadas no Brasil. Em 1968 iniciam-se as reformas universitárias, em busca de eficiência administrativa, estrutura departamental e a tríade formada por ensino, pesquisa e extensão (SANTOS e CERQUEIRA, 2009, p.9), reformas essas orientadas pela Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968. Nesse período houve desenvolvimento no setor de pós-graduação, no qual houve uma tendência de envio de brasileiros ao exterior para aperfeiçoar seus estudos. Dessa forma, iniciou-se um processo de internacionalização de forma fragmentada, isto é, desenvolvido em nichos isolados nas universidades, em especial na área de pós-graduação (LAUS e MOROSINI, 2005, p.112).

Posteriormente, com a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a educação superior obteve uma

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.ufpr.br/portalfupr/a-mais-antiga-do-brasil/>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

flexibilização em suas políticas. O papel centralizador do governo na educação foi ligeiramente reduzido, o sistema de ensino superior foi expandido e os métodos de avaliação do desempenho das universidades foram modificados. A questão da internacionalização passou a ser então um fator importante na educação superior no Brasil.

Para entender melhor a situação do Brasil, dados do Censo da Educação Superior 2011 do INEP (2013) indicam a existência de 2.365 instituições de ensino superior no país, sendo 190 universidades, 131 centros universitários, 2.004 faculdades e 40 Institutos ou Centros Federais de Educação. Das instituições que participaram do Censo 2011, 88% são privadas e 12% públicas. Foram identificados 30.420 cursos de graduação, sendo 29.376 (96,6%) na modalidade presencial e 1.044 (3,4%) na modalidade a distância. As tabelas a seguir auxiliam na compreensão do panorama da Educação Superior no Brasil.

**Tabela 1. Instituições de Ensino Superior Brasileiras, por tipo de organização acadêmica e categoria administrativa.**

Categoria Administrativa	Total Geral	Organização Acadêmica			
	Total	Universidades	Centros Universitários	Faculdades	IFs e Cefets
Total	2.365	190	131	2.004	40
Pública	284	102	7	135	40
Privada	2.081	88	124	1.869	...

Fonte: Adaptado do Censo da Educação Superior 2011, p.32.

O Censo 2011 indica um total de 6.739.689 matrículas de graduação, distribuídas da seguinte forma:

**Tabela 2. Matrículas de graduação, por modalidades de ensino e regiões geográficas.**

Modalidades de Ensino e Regiões Geográficas	Matrículas	Ingressos			
		Total	Por processo seletivo	Outras formas	Concluintes
Total	6.739.689	2.346.695	2.093.368	253.327	1.016.713
Presencial (%)	85,3	81,6	80,6	90,1	85,1
A Distância (%)	14,7	18,4	19,4	9,9	14,9
<b>Presencial</b>					
Brasil	5.746.762	1.915.098	1.686.854	228.244	865.161
Norte	385.717	121.856	111.013	10.843	54.806
Nordeste	1.138.958	352.691	316.431	36.260	148.141
Sudeste	2.755.635	957.380	847.976	109.404	445.615
Sul	929.446	304.010	252.388	51.622	135.357
Centro-Oeste	537.006	179.161	159.046	20.115	81.242

Fonte: Censo da Educação Superior 2011, p.48.

A educação superior é dividida então em cursos de graduação (bacharelados, licenciaturas e tecnólogos) e pós-graduação (especializações, mestrados e doutorados). Os programas de pós-graduação tem estado no centro do processo de internacionalização, pois a vertente internacional desses programas tem sido uma das características mais apreciadas na avaliação desses programas, promovida pela CAPES e pelo Ministério da Educação (LAUS e MOROSINI, 2005, p.115-116).

A diversidade do sistema educacional brasileiro fica mais nítida por meio da relação entre ensino e pesquisa. As instituições denominadas “universidades” se diferem das demais, pois nelas é conduzida a pesquisa. O ensino é a característica mais presente dos cursos de graduação, enquanto que nos cursos de pós-graduação o ensino e a pesquisa acontecem de forma simultânea.

Nesse sentido, essas atividades acabam por determinar o grau de internacionalização de uma instituição, tendo em vista que instituições engajadas em pesquisa tendem a desenvolver um maior potencial para a internacionalização. Enquanto a questão do ensino depende principalmente de decisões governamentais e seus parâmetros de avaliação são definidos pelo Ministério da Educação, a questão da pesquisa é acompanhada mais de perto pela CAPES, a qual estimula ações de internacionalização.

Para se ter uma ideia da dimensão da pesquisa no Brasil, a Tabela 3 aponta o número de autores e sua produção, segundo grande área, no período 2003-2006:

**Tabela 3. Número de autores e produção científica de pesquisadores doutores, segundo grande área.**

Grande área	2003-2006					
	Total de autores	Artigos completos publicados em periódicos especializados		Trabalhos completos publicados em anais de eventos	Livros e capítulos de livros publicados	
		Circulação Nacional	Circulação Internacional		Livros	Capítulos de livros
Ciências Agrárias	7.876	50.921	21.257	41.870	2.212	10.448
Ciências Biológicas	9.213	26.625	53.482	19.147	1.487	12.317
Ciências da Saúde	10.897	57.105	47.640	23.026	2.897	26.425
Ciências Exatas e da Terra	8.548	16.658	52.153	35.856	1.364	5.766
Ciências Humanas	10.246	35.837	5.698	47.906	6.308	28.633
Ciências Sociais Aplicadas	6.095	23.541	3.565	42.666	3.828	14.227
Engenharias	9.038	16.748	27.175	111.736	1.562	6.601
Linguística, Letras e Artes	3.292	11.045	1.472	10.500	2.120	9.105
Todas as grandes áreas	55.214	196.345	165.056	274.851	18.338	94.017

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do relatório “Estatísticas e indicadores de pesquisa no Brasil” (CNPq, [2008], p.8).

O ensino de graduação e pós-graduação está sujeito à autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento em períodos determinados de tempo. A classificação dos programas de pós-graduação, por exemplo, é exercida pela Capes. Usando-se critérios de internacionalização, os programas de pós-graduação são avaliados quanto à sua produção científica, cultural, artística ou tecnológica, além de considerar sua competitividade com programas semelhantes no exterior.

O Ministério da Educação é responsável por fornecer o enquadramento jurídico para reconhecimento de cursos oferecidos por instituições estrangeiras e a validação de graus, diplomas e certificados obtidos no exterior. Além disso, o Conselho Nacional de Educação possui normas para reconhecer e validar cursos oferecidos por instituições estrangeiras no Brasil, associadas ou não associadas a instituições brasileiras. Dessa forma, o Ministério da Educação tem poder para aplicar penalidades a violações de conduta, como impedir a matrícula de novos alunos em instituições que não atendem à legislação nacional.

### *2.2.3. Educação Superior no Brasil e sua internacionalização*

Num sistema educacional regulado e centralizado, o processo de internacionalização iniciou como uma ação deliberada em resposta às prioridades governamentais. A internacionalização foi, de início, uma tentativa de revolucionar e fortalecer a educação em nível de pós-graduação. Apenas recentemente que esse processo se tornou uma soma de forças para tentar promover um caráter internacional às funções acadêmicas das instituições de educação superior.

No início do século XX, as universidades estavam comprometidas com programas de desenvolvimento internacional que posteriormente se tornaram projetos de pesquisa conjuntos e esforços para fortalecer essas instituições. Esse modelo tradicional de cooperação foi um dos primeiros instrumentos formais de internacionalização, em especial entre as décadas de 1930 e 1960. A partir de então, os especialistas que resultaram desse primeiro processo de internacionalização passaram a ter um papel fundamental no desenvolvimento científico e acadêmico do Brasil, em especial no campo das ciências sociais e humanas. Depois da Segunda Guerra Mundial, intensificou-se a formalização de acordos com países estrangeiros. O processo de internacionalização adquire então maiores proporções na década de 1970, quando agências internacionais passam a

oferecer programas conjuntos (desde bolsas para pós-graduação até apoio para pesquisa conjunta) e programas nacionais são criados para fortalecer os estudos de pós-graduação e o intercâmbio de informações e especialistas (LAUS e MOROSINI, 2005, p.120).

Com o advento da globalização, o mundo acadêmico e suas instituições passaram a tomar medidas rumo à internacionalização, como a oferta de programas em língua estrangeira, pesquisas conjuntas e o amplo uso de tecnologias de informação e comunicação para teleconferência e educação a distância. As motivações para a internacionalização passam então a emergir desde esforços governamentais para o desenvolvimento do país até a busca de prestígio por parte das instituições. Todavia, a ação conjunta com instituições internacionais tem crescido de forma desordenada, com baixos padrões de qualidade, geralmente resultantes de tendências de mercado, em vez de ocorrer por meio de um planejamento estratégico institucional deliberado (LAUS e MOROSINI, 2005, p.121).

#### *2.2.4. Agentes de internacionalização na educação superior no Brasil*

Dentre os agentes que participam do processo de internacionalização da educação no Brasil, destacam-se o Ministério da Educação, o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério das Relações Exteriores.

O processo de internacionalização do ensino superior iniciou nas universidades públicas e institutos de educação e pesquisa do Ministério da Agricultura e no então Ministério do Exército, assim como no campo aeroespacial, de ciência e tecnologia (LAUS e MOROSINI, 2005, p.122).

O Ministério da Educação (MEC) atua como um dos principais atores do processo de internacionalização e como principal agente regulador desse processo, visto esse Ministério que define as metas da educação, os direitos à educação, o dever de educar, a organização da educação, os níveis e modalidades de educação, entre outros aspectos. Órgãos importantes do MEC nesse processo são a CAPES, o INEP e a Secretaria de Educação Superior.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) é responsável por coordenar todo um sistema nacional no campo da ciência, tecnologia e inovação, tendo o CNPq como sua principal agência. Esse ministério atua principalmente em duas frentes: financiamento para pesquisa e aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. O MCTI desenvolve ainda projetos conjuntos com outros ministérios, como:

Agricultura e Pecuária; Saúde; Meio Ambiente; Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) atua em três principais áreas: cooperação técnica recebida; cooperação entre países em desenvolvimento; e cooperação técnica e científica. Sua Divisão de Assuntos Educacionais atua em três áreas de cooperação: cooperação oferecida a estudantes estrangeiros no Brasil; cooperação recebida para educação de Brasileiros no exterior; e apoio e discussão de assuntos educacionais na agenda internacional.

Existem ainda redes e escritórios de relações internacionais distribuídos pelo país. Exemplos disso são: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB); Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES); Associação Brasileira dos Reitores de Universidades Estaduais e Municipais; Associação Brasileira das Universidades Comunitárias; Associação Nacional das Universidades Particulares; Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF); entre outras organizações.

A Associação das Assessorias de Instituições de Ensino Superior Brasileiras para Assuntos Internacionais (FAUBAI) foi criada em 1988 para promover a discussão de assuntos e atividades relacionadas à internacionalização da educação superior. A FAUBAI incentivou a criação de escritórios de relações internacionais nas universidades e promoveu o treinamento de profissionais que atuam nessa área, por meio de seminários, oficinas e encontros anuais.

Enquanto que o aumento no número de assessorias aponta um progresso no campo de relações internacionais, há poucas evidências relacionadas com políticas institucionais para treinamento de pessoal nessa área. As universidades brasileiras parecem não dar a devida importância estratégica para a internacionalização. A gestão desse processo, na maioria das vezes, está nas mãos de um professor com bom desempenho acadêmico que possui conhecimento em um ou mais idiomas estrangeiros, e que possui alguma experiência no setor acadêmico internacional, mas que não possui treinamento para essa atividade, e tem pouco apoio administrativo para suas tarefas (LAUS e MOROSINI, 2005, p.126).

Apesar de a internacionalização da educação superior ter crescido desde os anos 90, esse processo ainda está em desenvolvimento. Na tentativa de aproximar dos padrões internacionais a pós-graduação e a pesquisa nacional, houve políticas

para aumentar a mobilidade de pesquisadores, professores e estudantes. O incentivo ao aprendizado de línguas estrangeiras também acompanhou esse processo. Exemplo disso é o programa “Idiomas sem Fronteiras”, do MEC, que oferta gratuitamente testes de proficiência e cursos preparatórios para esses testes.

Todavia, a cultura de internacionalização nas universidades ainda depende do tipo de instituição, das autoridades institucionais e dos departamentos envolvidos. Assim, a internacionalização existe em diferentes níveis nas instituições brasileiras, isto é, existem instituições que tem esse processo desde sua fundação, em outras o processo está restrito a determinados departamentos e em outras a internacionalização é praticamente inexistente. Dessa forma, melhorar o processo de internacionalização é muito importante para fortalecer a educação em seus diversos níveis. É preciso então promover a discussão nos círculos acadêmicos e governamentais sobre os fundamentos teóricos, as motivações subjacentes e os resultados esperados do processo de internacionalização. Dessa forma haveria condições de a educação superior brasileira se preparar para um mercado internacional altamente competitivo.

#### *2.2.5. Integração Regional da Educação Superior*

A América Latina tem buscado meios de desenvolver uma integração regional entre os países que compõem a região. Exemplo disso é o Mercado Comum do Sul (Mercosul)<sup>16</sup>, um amplo projeto de integração pactuado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, viabilizado por meio do Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991. Em 2012, a Venezuela passou a fazer parte desse bloco econômico e a Bolívia iniciou o seu processo de adesão ao bloco em 2013.

Os principais fundamentos do Mercosul são as questões econômicas, comerciais, sociais e a cidadania, sendo que existem nele órgãos para tratar de temas diversos como agricultura, direitos humanos, saúde, entre outros. Uma importante divisão do Mercosul é o Setor Educacional do Mercosul (SEM), um espaço para coordenação de políticas educacionais que reúne os países membros e associados desse bloco. Por meio da negociação de políticas públicas e da

---

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://www.mercosul.gov.br/perguntas-mais-frequentes-sobre-integracao-regional-e-merc-sul-1/sobre-integracao-regional-e-merc-sul/> >. Acesso em: 31 de maio de 2014.

formulação e implantação de programas e projetos em parceria, o SEM fomenta a integração e desenvolvimento da educação no Mercosul.

Outros exemplos de blocos que buscam a integração regional são a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e a Área Acadêmica Comum entre a União Europeia, América Latina e o Caribe (UEALC). A UEALC desenvolveu o “Projeto 6x4”<sup>17</sup>, com o objetivo de formular propostas e ações universitárias para transformação da educação superior na América Latina. Os documentos resultantes desse projeto incluem temas como sistema de créditos acadêmicos, avaliação e acreditação, educação para pesquisa e inovação, entre outros.

### *2.2.6. Internacionalização e línguas adicionais*

A globalização com seus efeitos positivos e negativos (BLOMMAERT, 2010; BOURDIEU e THOMPSON, 1991) tem alterado fronteiras e fluxos informacionais e migracionais (ORTIZ e FINARDI, no prelo). A internacionalização do ensino superior (SHIN e TEICHLER, 2014) e a alta mobilidade acadêmica com sua diversidade cultural e linguística, afetam e são afetadas pela globalização. Nesse cenário, o multilinguismo e o ensino de línguas adicionais<sup>18</sup> (L2) tem um papel importantíssimo: 1) na manutenção da coesão nacional (FINARDI e CSILLAGH, no prelo); 2) no acesso à informação (FINARDI, PREBIANCA e MOMM, 2013; FINARDI e TYLER, 2015); 3) na inclusão social dessa diversidade (FINARDI e CSILLAGH, no prelo; ORTIZ e FINARDI, no prelo; FINARDI e ARCHANJO, no prelo); e 4) no combate à comodificação da educação (PORCINO e FINARDI, 2014), com consequente promoção da paz internacional.

A formação de professores de línguas adicionais no Brasil enfrenta vários desafios dentre os quais destacam-se: 1) o papel das L2s nas políticas linguísticas (FINARDI e PREBIANCA, 2014; FINARDI e PREBIANCA, no prelo; PINHEIRO e FINARDI, 2014; PORCINO e FINARDI, 2014); e 2) o investimento na educação inicial e continuada de professores de línguas adicionais (TILIO, 2014).

Tendo em vista esses desafios, por um lado, e a necessidade de contorná-los, por outro, entende-se que abordagens de ensino ditas inclusivas são uma

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.6x4uealc.org/site2008/indice.htm>>. Acesso em: 4 de junho de 2014.

<sup>18</sup> Usa-se o termo língua adicional para se referir a qualquer língua que não seja a materna e a fim de evitar termos como "segunda língua" ou "língua estrangeira" que são propostos em relação ao contexto do ensino ou da aquisição da língua e que denotam um distanciamento e estranhamento (no caso de língua estrangeira), que podem ser falsos e pejorativos.

possível solução para esses problemas. Nesse sentido, estudos são citados sobre duas abordagens de ensino de línguas adicionais que podem cumprir esse objetivo, quais sejam: a abordagem de ensino de conteúdos diversos por meio da língua (*Content and Language Integrated Learning* – CLIL, na abreviação em inglês) (FINARDI; SILVEIRA e ALENCAR, no prelo; ORTIZ e FINARDI, no prelo) e a abordagem híbrida (*Blended Learning* em inglês, por exemplo GRAHAM, 2006; FADINI e FINARDI, 2015; FINARDI, PREBIANCA, SCHMITT, no prelo; FINARDI, 2012; PREBIANCA, CARDOSO e FINARDI, 2014; PREBIANCA, VIEIRA e FINARDI, 2014; PREBIANCA, FINARDI e CARDOSO, 2015; SILVEIRA e FINARDI, 2015) que segundo Sharma e Barret (2007 *apud* SOARES, 2012) combina o ensino tradicional (face-a-face) com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem (síncronos ou assíncronos). Essas duas abordagens tem sido usadas como ferramentas de acesso à informação e educação, tanto de conteúdos quanto de L2s, e tem aumentado consideravelmente a internacionalização de IES.

Outro exemplo da importância das L2 para a internacionalização e para o acesso à informação e educação pode ser visto em FINARDI e TYLER (2015) que analisaram o papel do inglês nos *Massive Online Open Courses* (MOOCs) oferecidos com o objetivo de socializar a educação. A análise do estudo mostrou mais de 2.800 MOOCs sendo que 2.326 deles (83%) estavam em inglês. A liderança das universidades que oferecem MOOCs em inglês, também pode ser encontrada no ranking das 20 melhores universidades do mundo fornecido anualmente pelo Instituto Universitário Jiao Tong de Xangai e relatados em Graddol (2006). Este ranking mostra que cerca de dois terços das 100 melhores universidades do mundo estão localizados em países anglofalantes, enquanto o restante está localizado em universidades não anglofalantes, mas que adotaram o inglês como língua de instrução (por exemplo no CLIL ou em outras formas denominadas *English Medium Instruction* (EMI). Finardi e Tyler (2015), seguindo Finardi, Prebianca e Momm (2013), sugerem que algum conhecimento de inglês e algum letramento digital são necessários para participar ativamente no cenário mundial globalizado. Prova disso é a oferta de MOOCs em inglês é muito maior do que em outras línguas.

Independentemente da posição das línguas adicionais no cenário mundial, é evidente que embora o papel das línguas esteja começando a se expandir na produção de conteúdos *online*, o inglês ainda é responsável pela maior parte, ainda que não devesse ser responsável pela maioria da oferta de MOOCs.

No entanto, este é o cenário encontrado quando se olha para a quantidade de informação disponível *online* em MOOCs, em comparação com outras línguas. Se a oferta de MOOCs em Espanhol e Português for observada, vê-se que, apesar de algumas exceções, como o portal brasileiro Veduca (<http://www.veduca.com.br>) e o Miríade Ibero-americana (<https://www.miriadax.net>), e dos MOOCs oferecidos pelo *Coursera* com legendas em espanhol e português, a maior parte dos MOOCs ainda é oferecida em inglês.

Outro estudo que demonstra a importância do inglês para a internacionalização é o de Finardi e França (no prelo) que analisaram a produção e a circulação da produção nacional da área de Letras em inglês e em português. Apesar de o Brasil ser o país com a 13ª maior produção acadêmica no mundo, essa produção raramente tem impacto internacional já que é produzida em português e é circulada internamente principalmente em razão disso.

Pode-se citar ainda o estudo de Finardi e Ortiz (2015) e Amorim e Finardi (no prelo), cujos dados foram coletados na UFES e que concluíram que o maior obstáculo à internacionalização na instituição pesquisada é a falta de proficiência em L2s, mais especificamente, em inglês.

### **2.3. Gestão do Conhecimento**

No mundo contemporâneo, observa-se um ambiente de rápidas mudanças, tanto no ambiente externo quanto no interior das organizações. Aliás, as organizações que tem sobrevivido são aquelas que, aparentemente, conseguem responder às mudanças às quais são submetidas.

Nesse contexto, o conhecimento se torna uma ferramenta importante para que os gestores saibam o que fazer, para poder lidar com as mudanças. Entretanto, o conhecimento tem um “ciclo de vida” rápido, isto é, ele se torna defasado logo após ser criado, gerando a necessidade de se criar novos conhecimentos para que a organização se sustente ao longo do tempo.

A contextualização de informações, por exemplo, tem evoluído juntamente com as rápidas mudanças na sociedade. Tecnologias de informação e comunicação fornecem uma ampla gama de informações para um número crescente de indivíduos nas organizações, fazendo com que o controle exclusivo de informações pelos gestores esteja em declínio. As redes de comunicação informais são cada vez mais importantes para que se possa entender as organizações em sua totalidade, tendo

em vista que o conhecimento é algo fundamentalmente social, fazendo com que as redes de conhecimento estejam ligadas à inovação, aprendizado e desempenho dos sujeitos nas organizações (JOHNSON, 2011, p.17-18).

A gestão do conhecimento, ferramenta importante para as organizações, pode então ser entendida como “o processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em produtos/serviços, tecnologias e sistemas” (TAKEUCHI e NONAKA, 2008).

Gradativamente, a criação e manipulação do conhecimento são enxergadas como a principal atividade das sociedades contemporâneas. Gestores que tem capacidade de agir com rapidez para solucionar problemas ligados a redes de conhecimento e criar propostas para produzir e transmitir conhecimento de forma mais acessível (gerando inovação constante) terão vantagens competitivas sobre os demais (JOHNSON, 2011, p.21-22).

Nesse contexto turbulento, um mundo complexo apresenta seus muitos paradoxos, fazendo com que as organizações adotem posturas diferentes diante dessas contradições: algumas enfrentam os paradoxos, enquanto outras tiram vantagem dele. A questão do conhecimento também é afetada por esses paradoxos e contradições, pois o conhecimento está dividido em explícito e tácito.

Segundo Takeuchi e Nonaka (2008, p.19) o conhecimento explícito pode ser expresso em textos, imagens, dados, fórmulas, manuais, etc. e pode ser transmitido de maneira formal e sistemática. O conhecimento tácito está ligado às atividades e experiência corporal das pessoas, seus ideais e valores, não sendo fácil de ver ou explicar – está tão inserido no indivíduo que ele passa a considerá-lo como natural.

Cabe destacar que o conhecimento também é criado de forma dinâmica, de maneira a sintetizar opostos e contradições. Conhecimentos tácitos e explícitos são complementares um ao outro e interpenetrantes (TAKEUCHI e NONAKA, 2008, p.22), sendo submetidos a processos denominados: socialização, externalização, combinação e internalização. Analogias e metáforas são exemplos de procedimentos usados na transformação de conhecimento.

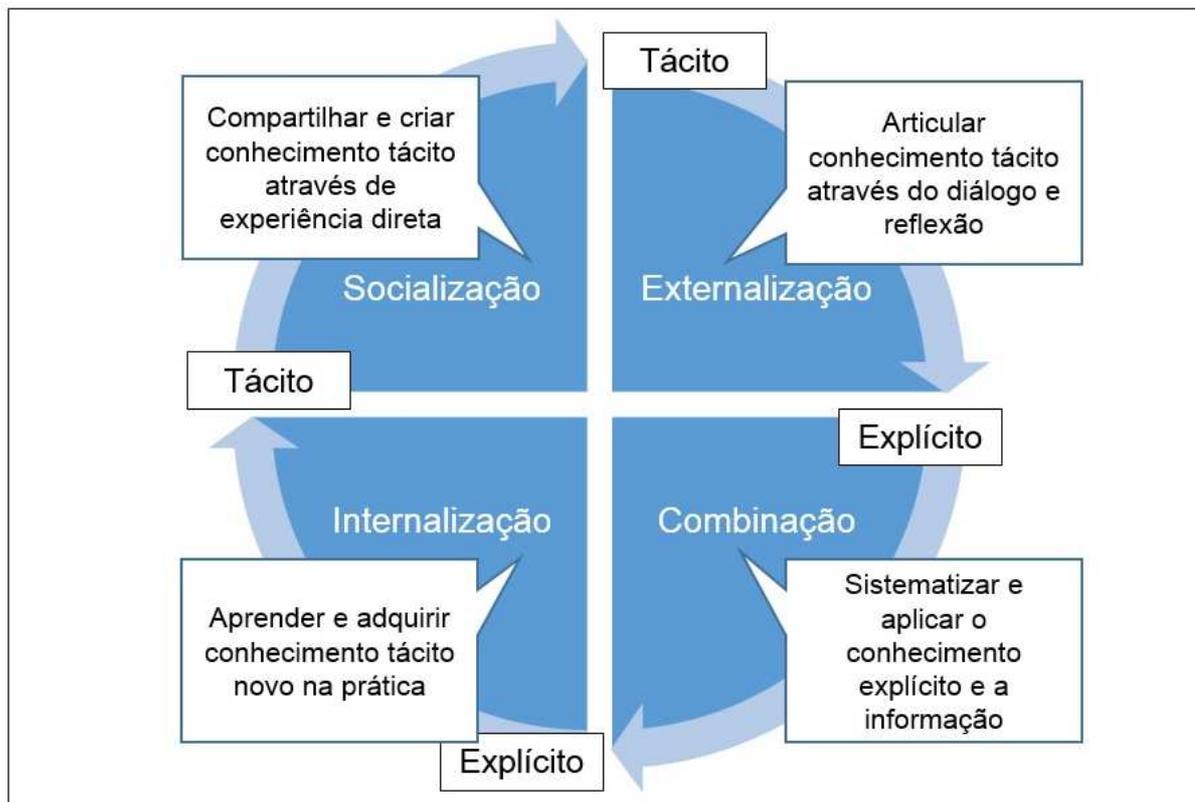
Esses processos são definidos por esses autores da seguinte forma:

- Socialização (tácito para tácito) – compartilhar e criar conhecimento tácito através de experiência direta;

- Externalização (tácito para explícito) – articular conhecimento tácito através do diálogo e da reflexão;
- Combinação (explícito para explícito) – sistematizar aplicar o conhecimento explícito e a informação;
- Internalização (explícito para tácito) – aprender e adquirir novo conhecimento tácito na prática.

A seguir, a Figura 1 apresenta como o processo de criação do conhecimento funciona, a partir de modelo apresentado por Takeuchi e Nonaka (2008):

**Figura 1. Processo de criação do conhecimento, modelo SECI (socialização, externalização, combinação e internalização).**



Fonte: Adaptado de Takeuchi e Nonaka (2008, p.24).

Todavia, a organização não cria conhecimento por si própria, ela depende dos indivíduos que dela fazem parte. Por isso é importante que ela estimule a criação de conhecimento em seus indivíduos, de forma a ampliar o conhecimento criado por eles e cristalizar esse conhecimento por meio de diálogos e compartilhamento de experiências, tal como se pretende fazer na presente pesquisa.

Como os conhecimentos tácito e explícito não são totalmente separados, o conhecimento humano é gerado e ampliado por meio de interação social, pois indivíduos dificilmente estão isolados dessa interação social. Sendo assim, conhecimentos tácito e explícito são expandidos em termos de qualidade e quantidade (TAKEUCHI e NONAKA, 2008, p.59).

### *2.3.1. Gestão do Conhecimento e Educação Superior*

Diversos estudos tem sido conduzidos para relacionar a questão da Gestão do Conhecimento (GC) com o âmbito da Educação Superior.

Rowley (2000) questiona se a educação superior está preparada para a gestão do conhecimento. Ela descreve e discute os princípios norteadores para a GC, a definição do que seja GC, e a GC para organizações baseadas em conhecimento. Quando descreve a GC na educação superior, a autora aponta para os repositórios de conhecimento, o acesso ao conhecimento, o ambiente de conhecimento e a valorização desse conhecimento. Dessa forma, ela examina a aplicabilidade dos conceitos de gestão do conhecimento às instituições de ensino superior no Reino Unido.

Kidwell, Vander Linde e Johnson (2000) discutem a aplicação de práticas corporativas de GC na educação superior, apontando as novas tendências em gestão do conhecimento, as soluções tecnológicas emergentes, e a convergência com serviços *online*. Também tratam do processo de converter melhores práticas em ações de inovação, incluindo os avanços no uso de conhecimento tácito. Ao final, propõem tabelas que indicam a aplicação e benefícios da GC nas seguintes áreas: pesquisa, desenvolvimento de currículo, serviços para alunos, processos administrativos e planejamento estratégico.

**Quadro 4. Benefícios da Gestão do Conhecimento para processos administrativos na educação superior.**

Aplicação da Gestão do Conhecimento	Benefícios
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Portal para atividades financeiras (orçamento e contabilidade) que inclui perguntas frequentes, melhores práticas, procedimentos, modelos e comunidades de interesse comum para compartilhar informação.</li> <li>•Portal para aquisições (compras, contas a pagar e a receber, estoque) que inclui perguntas frequentes, melhores práticas, procedimentos, modelos e comunidades de interesse (compras de veículos, fornecedores, etc.) para compartilhar informação (lições aprendidas na instituição, websites de vendas).</li> <li>•Portal de recursos humanos (vagas, folha de pagamento, etc.) que inclui perguntas frequentes, melhores práticas, procedimentos, modelos e comunidades de interesse comum para compartilhar informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Melhoria da eficiência e eficácia de processos administrativos.</li> <li>•Capacidade de identificar os esforços para melhorias.</li> <li>•Capacidade de apoiar uma tendência de descentralização, ao fornecer diretrizes para coesão dos serviços.</li> <li>•Conformidade com as políticas administrativas de compras, orçamento e recursos humanos.</li> <li>•Melhoria da capacidade de comunicação e resposta às demandas.</li> </ul>

Fonte: Adaptado pelo autor, de Kidwell, Vander Linde e Johnson (2000, p.32).

Cranfield e Taylor (2008) conduziram um estudo de caso em sete instituições de ensino superior no Reino Unido, analisando fatores como liderança, organização, tecnologia e aprendizado, como forma de investigar as práticas de gestão do conhecimento nessas instituições. Nesse estudo os autores se concentraram nas características de universidades (e seus acadêmicos) que dificultam ou facilitam a aplicação da gestão do conhecimento.

**Quadro 5. Fatores que facilitam ou dificultam a aplicação da gestão do conhecimento no ensino superior.**

Facilitam	Dificultam
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Ambiente dinâmico;</li> <li>•Excelência como missão da organização;</li> <li>•Estrutura descentralizada;</li> <li>•Acumulação de informação – promove mudanças corporativas, tecnológicas e de processos;</li> <li>•Cultura criativa;</li> <li>•Estilo de gestão – mescla o tradicional e colegiado, com objetivos múltiplos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Sistemas fragmentados – causam retrabalho, interfaces diferentes, disputas de poder;</li> <li>•Pressões externas – incluem a política nacional, ensino com objetivo apenas de formação de profissionais;</li> <li>•Mudanças acadêmicas – geram reestruturação curricular;</li> <li>•Tradição de pouco investimento nos serviços ofertados;</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Cranfield e Taylor (2008, p.95-97).

Sedziuviene e Vveinhardt (2009) discutem o paradigma da gestão do conhecimento em instituições de educação superior. Elas descrevem como essas instituições atuavam como centros de preparação de especialistas na época da sociedade industrial. Já na sociedade do conhecimento, novas instituições surgiram

– as instituições de inovação – as quais se tornaram centros de ciência e inovação, onde se desenvolve um sistema de aprendizado contínuo (aprendizado por toda a vida) e a busca de soluções para problemas regionais e nacionais. As autoras discutem então o novo papel das IES, que envolve uma nova atitude em direção à gestão do conhecimento e sistemas de gerenciamento desse conhecimento, de forma que a GC se torne parte da filosofia da educação superior. Isso porque a GC tem sido uma tendência promissora para as IES, porque promove vantagens competitivas no setor de educação.

Segundo essas autoras, o conhecimento se torna a base sobre a qual uma organização se estrutura. Esse conhecimento se torna valioso não pela informação que ele carrega, mas porque ele permite aperfeiçoar a capacidade de tomar decisões. Decisões em ambientes não convencionais exigem compreender as relações que ocorrem nesses ambientes. É por isso que a função principal da gestão do conhecimento seria o controle do conhecimento – definição de processos e tecnologias com o objetivo de descobrir, criar, divulgar e conservar o conhecimento dentro de uma organização (SEDZIUVIENE e VVEINHARDT, 2009, p.86).

Bhusry, Ranjan e Nagar (2012) descrevem a implementação da gestão do conhecimento em instituições de ensino superior na Índia e propõem um quadro conceitual do impacto da GC nas seguintes áreas: planejamento e desenvolvimento institucional; pesquisa institucional; projetos industriais e consultoria; serviços de desenvolvimento profissional; processo de ensino e aprendizado; processos seletivos; avaliação de desempenho dos departamentos; serviços administrativos institucionais; e relacionamento com os alunos.

Segundo esses autores, no caso de atividades administrativas, a GC pode promover: eficiência e eficácia dos serviços administrativos; melhorar a conformidade com as políticas e objetivos da organização; melhorar a capacidade de resposta e prestação de contas; reduzir os tempos de execução dos processos; e tornar eficiente o processo de tomada de decisão.

### *2.3.2. Gestão do Conhecimento e internacionalização*

Atualmente, as fronteiras nacionais, antes tradicionais limites entre as organizações, tem seu significado diminuído quando aspectos como a vantagem competitiva e a concorrência são considerados. Isso porque as pessoas podem acessar informações de diversas partes do globo. No mundo globalizado, alianças

estratégicas transnacionais são estabelecidas. A questão é como promover a gestão do conhecimento em escala global e como aplicar o aprendizado global como vantagem competitiva. Considerando os avanços na tecnologia de informação e nos transportes, é possível acumular, compactar e analisar uma grande quantidade de informações e transmiti-las para diversas partes do globo. Assim, as melhores práticas das organizações podem ser compartilhadas (TAKEUCHI e NONAKA, 2008, p.165-171).

Karlsen *et al* (2003) afirmam que, apesar de atividades como exportações e investimentos estrangeiros estarem no foco quando o assunto é internacionalização, as atividades internas de uma organização também são importantes nesse processo de internacionalização. A compra de equipamentos e matérias-primas também permite construir relações com parceiros estrangeiros. Isso também cria oportunidades para obter conhecimento, de forma a alcançar uma melhor posição no cenário global ou expandir as operações internacionais de uma organização. O estudo mostra que a criação e o uso do conhecimento em operações internas e externas de uma organização podem enfrentar obstáculos. Todavia, existe um potencial para uso desse conhecimento tanto nas relações locais quanto nas relações internacionais das organizações.

Saarenketo *et al* (2003) estudam a internacionalização de pequenas e médias organizações. As teorias tradicionais sobre internacionalização sugerem que o escopo internacional de uma organização se amplia em estágios, como resultado de um aprendizado incremental. Todavia, as empresas desse porte apresentaram um rápido crescimento quando recursos externos são utilizados, como parcerias e redes de trabalho. Adotar uma visão baseada em conhecimento foi uma ferramenta útil para explicar o processo de internacionalização no tipo de empresas estudado por esses autores. Eles propõem um modelo evolutivo de gestão do conhecimento e demonstram que fatores relacionados ao conhecimento tem efeitos significativos na dinâmica da internacionalização das organizações.

Yeniyurt, Cavusgil e Hult (2005) afirmam que a globalização pressiona as organizações para desenvolver um novo conjunto de competências, de forma a sobreviver no mercado global. Eles indicam a importância das competências em gestão do conhecimento para criação de vantagem competitiva nesse mercado global.

Saee e Benli (2007) exploram como organizações australianas gerenciam suas atividades, incluindo as estratégias de internacionalização. Eles estudam como essas organizações buscam ideias inovadoras e como gerenciam suas interfaces dentro de um ambiente global e dinâmico. Evidências sugerem que a maioria das organizações se desenvolvem num mercado local antes de entrar no mercado global. A pesquisa aponta que a Internet permite às pequenas organizações superar barreiras geográficas, pois a rede permite obter informações e conhecimento sobre os clientes, em pouco tempo e com poucos gastos.

Yu e Yuan (2008) delimitam como o aprendizado e o conhecimento podem ter grande influência nos padrões de internacionalização e no posicionamento competitivo de uma organização chinesa. Eles apontam que essa organização, que não possui grande projeção global, pode obter melhores resultados se souber aproveitar os benefícios do aprendizado e do conhecimento.

Gomezelj Omerzel, Biloslavo e Trnavcevic (2011) estudam o setor de educação superior num pequeno país da Europa Central. O objetivo é explorar o conceito de cultura e de gestão do conhecimento, e as conexões entre esses conceitos no âmbito universitário. A pesquisa foi então desenvolvida para analisar e explicar a relação entre cultura organizacional e gestão do conhecimento. Os resultados apontam para o desenvolvimento da educação superior em nível internacional.

Pawlowski e Pirkkalainen (2012) indicam que as mídias sociais revolucionaram a troca de conhecimento dentro e fora das organizações. Os autores propõem o estudo da Gestão do Conhecimento Social Global, como o futuro das pesquisas em gestão do conhecimento que consideram as mudanças nas práticas das organizações. Em seu estudo, os autores enfatizam a necessidade de se analisar as implicações das influências globais nos *softwares* sociais que dão suporte aos processos e atividades de gestão do conhecimento nas organizações. A pesquisa aponta para um campo de pesquisa promissor, no qual a gestão do conhecimento, distribuída globalmente, passa a ser apoiada por mídias sociais.

Soberg (2012) investiga as diferenças nas características do conhecimento, fator importante para a internacionalização de diferentes organizações, com foco em organizações da China e Índia. Ele aponta que a dimensão cognitiva do conhecimento tácito local de uma organização é crucial para a internacionalização das atividades de marketing, por exemplo. Já a dimensão técnica do conhecimento

tácito sobre pesquisa e desenvolvimento (P&D) é crucial para a internacionalização das atividades de P&D.

Cunha e Campos (2012) exploram o processo de internacionalização de organizações sob a perspectiva do conhecimento. Os autores tratam das contribuições de uma abordagem baseada em conhecimento para a internacionalização e como esse conhecimento se manifesta na vida diária das organizações. O conhecimento é considerado então um fator estratégico porque ele permite a inserção e permanência das organizações no cenário internacional. Além disso, o conhecimento leva em conta o fator geográfico, aspectos culturais, custos operacionais e os riscos envolvidos na tomada de decisões. Esses autores apontam que diferentes fatores relacionados ao conhecimento ajudam a promover a inserção e a permanência de organizações brasileiras no mercado.

### 2.3.3. *Gestão do Conhecimento e Mídias Sociais*

Ao tratar da experiência relacionada a uma marca, poderoso instrumento de persuasão, Aaker (*apud* TAKEUCHI e NONAKA, 2008, p.257) propõe que as marcas podem ser promovidas por meio de “patrocínio na Web”. Nesse sentido, as novas mídias podem ajudar na promoção do conhecimento.

Uma página pessoal, por exemplo, pode descrever experiências associadas a uma determinada marca, visto que o patrocínio aumenta a conscientização a respeito da marca, favorece associações com eventos agradáveis e partilha o conhecimento da marca. Sendo assim, os usuários dessas novas mídias podem compartilhar o conhecimento tácito por meio de interação, num contexto dinâmico e participativo.

Nesse contexto, Razmerita, Kirchner e Nabeth (2014) afirmam que, ao usar mídias sociais, muitas organizações tentam explorar novas formas de interação, colaboração e compartilhamento do conhecimento, por meio da dimensão social e colaborativa do *software* social. A pesquisa deles discute: como as mídias sociais apoiam a gestão do conhecimento pessoal e coletivo, ao usar uma abordagem sinérgica; se a dimensão pessoal e coletiva competem entre si, ou se reforçam de maneira mais eficaz, quando mídias sociais são usadas. Eles descobrem que, em certos contextos, a dimensão coletiva controla mais a gestão do conhecimento, enquanto que em outros, a dimensão pessoal prevalece.

Chua e Banerjee (2013) analisam o impacto que as mídias sociais podem ter no apoio à gestão do conhecimento sobre o consumidor, em organizações baseadas em modelos tradicionais de negócios. Ao estudar uma rede de cafeterias, observou-se que tal rede utiliza uma ampla gama de ferramentas em mídias sociais como instrumento de promoção do conhecimento sobre a marca. Essa organização redefine o papel de seus consumidores por meio das mídias sociais, ao transformar consumidores passivos em colaboradores de inovação ativos. Com essas tecnologias, a empresa vence a relutância dos clientes em compartilhar, voluntariamente, seu conhecimento com a organização, ao promover a participação deles em mídias sociais.

Hemsley e Mason (2013) indicam que as mídias sociais englobam ferramentas como blogs, wikis e outras ferramentas de trabalho em rede que permitem às pessoas se conectar, comunicar e colaborar. Essas ferramentas criam uma estrutura complexa e dinâmica de informação que permite um compartilhamento de informações mais rápido, fácil e de longo alcance. Em seus escritos, eles estudam o impacto desse emergente ecossistema de conhecimento nos modelos de gestão do conhecimento. Eles apontam que esse ecossistema exige uma nova análise dos aspectos sociais da criação do conhecimento.

Ketonen-Oksi (2013) investiga como as mídias sociais estão desafiando nossas percepções sobre os ecossistemas de conhecimento atuais e qual será o impacto das mídias sociais nas práticas de planejamento estratégico. O autor ainda questiona se as mídias sociais serão poderosas o bastante para trazer mudanças permanentes ao modo como as organizações se desenvolvem ao longo do tempo. Com foco nas organizações que tem interesse em aprendizado contínuo e renovação de suas atividades, o objetivo da pesquisa de Ketonen-Oksi foi descobrir o potencial das mídias sociais na reformulação da estratégia. O estudo buscou identificar como o uso eficiente das mídias sociais pode afetar o comportamento estratégico e a gestão do conhecimento nas organizações. Nota-se que as mídias sociais conduzem a uma sociedade dinâmica, na qual o entendimento da relação entre mídias sociais e capacidade de inovação são indispensáveis para as organizações.

Sranamkam (2012) propõe um modelo de ensino baseado na *web*, usando aplicações de mídias sociais para aperfeiçoar a gestão do conhecimento, no uso de *tablets* por professores na Tailândia. Usando serviços como Google, Facebook e

Youtube, o autor identificou que esses serviços auxiliam na criação, avaliação e compartilhamento do conhecimento.

Santti (2011) considera relevante um novo modo de pensar, que emerge do amplo uso das mídias sociais, de experiências surgidas a partir de seu uso e de novos comportamentos dos usuários dessas mídias. O autor considera que as mídias sociais terão grande impacto no comportamento organizacional e na gestão do conhecimento no interior das organizações. Ele aponta que as mídias sociais podem ser consideradas uma das mudanças mais influentes na maneira como se entende as relações humanas e a criação, alocação, compartilhamento, controle e propriedade do conhecimento. O modo de pensar baseado em mídias sociais está relacionado então com a disponibilidade, acesso, localização, limites, identidade e grupos sociais formados a partir das interações propiciadas pela informação e pelo conhecimento.

Staub, Christ e Tschannen (2011) estudam os usuários de internet que se unem a comunidades virtuais que se formam em torno de determinados *websites*. Tais comunidades tornam-se uma fonte formidável para gestão do conhecimento formal e explícito, tais como o da terminologia linguística. O estudo deles focaliza em dois tópicos: uma ferramenta colaborativa de edição, como os *wikis*, sendo a mais conhecida delas a Wikipedia; painéis de discussão focados em determinado assunto ou do tipo Q&A (*Questions and Answers* – perguntas e respostas). Esses autores concluem que ideias e conceitos das comunidades na internet podem ser usados no aprendizado e gestão do conhecimento, tanto no mundo corporativo quanto no âmbito governamental.

Yates e Paquette (2011) apontam como foram conduzidas ações de reposta ao terremoto ocorrido no Haiti em 2010, por meio de sistemas de gestão do conhecimento (KMS). Pela primeira vez, as agências governamentais americanas usaram tecnologias de mídias sociais, como *wikis* e espaços de trabalho colaborativos, como principais mecanismos de compartilhamento de conhecimento. Os autores realizaram um estudo de caso, desenvolvendo uma pesquisa-ação sobre como essas tecnologias de mídias sociais foram usadas e os impactos que elas tiveram no compartilhamento de conhecimento, tomadas de decisão e como o conhecimento foi mantido nesses sistemas.

Dannemann (2011) afirma que o objetivo da gestão do conhecimento é facilitar a troca de experiências que envolvem pessoas, processos e tecnologias.

Essa autora questiona o que aconteceria se essa troca fosse limitada apenas a pessoas e processos, sem o uso da tecnologia para facilitar o compartilhamento de conhecimento. Ela aponta que, recentemente, tem ocorrido uma tendência de se usar mídias sócias e novas tecnologias para a troca de conhecimento, indicando que o fator mais eficaz para promover a troca de conhecimento é fazer com que as pessoas se sintam mais à vontade para compartilhar seu conhecimento com outras.

Já Sagsan e Kirkbesoglu (2010) discutem o futuro da gestão do conhecimento, justamente usando tecnologias sociais, como fóruns e grupos de discussão, para colher a percepções de como a gestão do conhecimento pode caminhar, auxiliada pela tecnologia.

Wright, Watson e Castrataro (2010) sugerem que a penetração e a ampliação demográfica do uso de mídias sociais continua a crescer rapidamente na vida cotidiana, não apenas no nível pessoal, mas também nos locais de trabalho. Seu estudo se concentra no uso de mídias sociais para promover a gestão do conhecimento nas organizações. Os resultados apontam para as principais aplicações das mídias sociais, onde são usadas, as atitudes de seus usuários e sua influência na tomada de decisões.

#### *2.3.4. Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação*

Atualmente observa-se que a Tecnologia da Informação (TI) tem um papel importante no mundo das organizações pois a expansão da Internet permitiu que muitas pessoas tivessem acesso às informações em diversas partes do globo. Ao passo que reduziu o tempo necessário para acessar informações, a Internet também diminuiu os custos das transações e os custos na manipulação de dados digitais (TAKEUCHI e NONAKA, 2008, p.271).

Sendo assim, as organizações devem estar atentas à importância estratégica da TI, de forma a considerá-la um meio de diferenciação. Isso porque a TI pode conter a informação digital a um custo menor e propiciar novas oportunidades de interações entre as organizações.

Davenport, De Long e Beers (1998), ao estudar projetos de gestão do conhecimento que obtiveram êxito, apontam que tais projetos usam uma ampla infraestrutura de tecnologia nas áreas de computação e comunicações.

Os recentes desenvolvimentos na TI motivaram organizações a buscar novas maneiras para seus membros compartilharem seus conhecimentos. Em lugar de

arquivar documentos em arquivos pessoais e compartilhar opiniões pessoais com um pequeno círculo de colegas, as pessoas podem armazenar seus documentos numa base comum de informações e usar redes eletrônicas para compartilhar opiniões com a comunidade local ou com outros membros da organização espalhados pelo mundo (McDERMOTT, 1999).

Alavi e Leidner (2001) discutem o conhecimento como recurso organizacional significativo. Com o crescimento do interesse na gestão desse conhecimento, houve, paralelamente, o desenvolvimento de sistemas de informação para gestão do conhecimento, de forma a dar suporte à criação, transferência e aplicação do conhecimento nas organizações. Em sua pesquisa eles expõem uma visão detalhada dos processos de gestão do conhecimento organizacional, com ênfase do papel da TI nesse processo de gestão.

Considerando que o conhecimento é uma importante ferramenta para diferenciação das organizações, muitas delas tem buscado formas de gerenciar o conhecimento organizacional. Lee e Choi (2003) propuseram um modelo no qual constam fatores que conectam a gestão do conhecimento, dentre eles o apoio que a TI pode oferecer nesse processo, com impacto na etapa de combinação do conhecimento.

Figueiredo *et al* (2014) discutem o papel dos arquitetos de tecnologia da informação, os profissionais responsáveis por projetar os sistemas de informação de uma organização, e apontam que as atividades de TI são importantes para a transferência, conversão e transformação do conhecimento, visto que eles recebem e disseminam informações de diferentes grupos dentro de uma organização.

Yang, Chen e Chou (2014) buscaram avaliar as associações entre tecnologia de informação, gestão do conhecimento, processos em equipe e desempenho em atividades de pesquisa e desenvolvimento. Dessa forma, eles identificaram o impacto da TI como facilitador na gestão do conhecimento e no desempenho de projetos em processos geridos por equipes.

## **2.4.Rankings**

Dada a crescente ênfase na competição em nível internacional, observa-se que instituições de educação tem dado importância ao desenvolvimento de sua imagem e à construção de uma forte reputação internacional, visto que essas organizações tem buscado atingir altos padrões acadêmicos, de forma a estar numa

melhor posição competitiva. Esse fenômeno tem feito com que as instituições busquem “acreditação” ou serviços de garantia de qualidade de suas atividades, quer seja por organismos nacionais, quer seja por organismos internacionais de acreditação. O desejo por reconhecimento internacional está crescendo. Prova disso são os *rankings* acadêmicos.

O desejo por maior visibilidade internacional também está expresso no inciso VII, parágrafo 2º, do Decreto nº 7.642/2011 (BRASIL, 2011), que instituiu o programa CSF:

VII – propiciar maior visibilidade internacional à pesquisa acadêmica e científica realizada no Brasil.

É importante refletir sobre o papel que as instituições, os órgãos de controle nacionais e as agências de acreditação exercem no monitoramento das atividades de internacionalização. Outro fator a ser questionado é se a internacionalização tem funcionado como um meio de compreender a diversidade cultural ou como um agente de homogeneização cultural. Questiona-se se as instituições não estariam deixando motivações sociais e culturais rumo a interesses econômicos e comerciais.

Segundo Albuquerque (2013, p.6), as universidades escolhidas pelo programa Ciência sem Fronteiras estão de acordo com os principais rankings internacionais, como o *Times Higher Education* e *QS World University Rankings*. Albuquerque (2013, p.12) ainda afirma que “essa parece ser a possibilidade de ter algum padrão de escolha para um programa que se inicia”. Esse autor comenta que o programa CSF se propõe a enviar alunos brasileiros a universidades de excelência, mas esse critério de excelência não está devidamente explicitado. Ao analisar as universidades destino, escolhidas pelo programa CSF, encontra-se uma grande variedade de posições ocupadas por elas nos rankings.

Por exemplo, o ranking mundial<sup>19</sup> de universidades *Times Higher Education* (THE) aponta apenas três universidades na América do Sul:

**Tabela 4. Universidades da América do Sul no ranking THE (2013-2014).**

Posição em 2013 e 2014	Instituição	Localização
226-250	Universidade de São Paulo	Brasil
251-275	Universidade dos Andes	Colômbia
301-350	Universidade Estadual de Campinas	Brasil

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações do ranking THE.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2013-14/world-ranking/region/south-america>>. Acesso em 30 de abril de 2014.

No ranking global SCImago<sup>20</sup>, o Brasil ocupava a 15ª posição mundial na ocasião da consulta ao portal desse ranking, numa classificação que considera a produção científica dos países avaliados. No ranking SCImago Ibero, que considera universidades ibero-latino-americanas, observam-se os seguintes dados sobre algumas universidades brasileiras:

**Tabela 5. Universidades brasileiras no ranking SCImago Ibero (2008-2012).**

Posição	Organização	Nº Artigos
1ª	Universidade de São Paulo	51.283
...	...	...
4ª	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	18.666
...	...	...
6ª	Universidade Estadual de Campinas	18.111
7ª	Universidade Federal do Rio de Janeiro	15.993
87ª	Universidade Federal do Espírito Santo	2.538

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações do ranking SCImago.

No *ranking* universitário<sup>21</sup> produzido pela Folha de São Paulo, no aspecto internacionalização, as instituições capixabas aparecem nas seguintes colocações:

**Tabela 6. Universidades capixabas e suas posições no ranking universitário da Folha de São Paulo (2013).**

Posição em 2013	Nome da Universidade	Índice de Internacionalização
92ª	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	2,77
142ª	Universidade Vila Velha (UVV)	1,67

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações do ranking Folha de São Paulo.

Nesse ranking, a instituição com o maior índice para o aspecto “internacionalização” foi a Fundação Universidade Federal do ABC (UFABC), com índice de 5,86, numa escala de 0 a 6. Os indicadores considerados para internacionalização foram: citações internacionais por docente; publicações em coautoria internacional; e docentes estrangeiros.

Quanto ao *Journal Citations Reports (JCR)*<sup>22</sup>, trata-se de um sistema que avalia os principais periódicos científicos do mundo, por meio de dados quantitativos

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.scimagoir.com/pdf/iber/SIR%20Iber%202014%20HE.pdf>>. Acesso em 30 de abril de 2014.

<sup>21</sup> Disponível em:

<<http://ruf.folha.uol.com.br/2013/rankinguniversitariofolha/rankingporinternacionalizacao/#state=es>>. Acesso em 30 de abril de 2014.

e informações estatísticas, com base em dados de citação. Ao compilar as referências citadas nos artigos, o JCR auxilia na medição da influência e impacto da pesquisa, no nível do periódico e na sua categoria, e demonstra a relação entre a citação e os periódicos citados.

A partir da classificação resultante desse sistema, bibliotecários podem decidir quais periódicos devem ser mantidos ou retirados de suas coleções e indicar quanto tempo um periódico deve ser mantido em sua coleção antes de ser arquivado. Editoras podem determinar a influência de seus periódicos e repensar suas estratégias. Pesquisadores podem identificar os periódicos mais influentes onde poderiam publicar, assim como verificar a situação dos periódicos nos quais já publicaram. Alunos e professores podem determinar sua lista de periódicos a serem lidos, a partir daqueles mais citados. Gestores e analistas de informação podem acompanhar padrões bibliométricos para tomar decisões estratégicas.

A partir do JCR, foram criados os *Essential Science Indicators* (ESI). Trata-se de indicadores para identificar pesquisadores, instituições, trabalhos, e países influentes, levando em conta uma área do conhecimento, assim como áreas de pesquisa de importância crescente que podem ter impacto no mundo acadêmico. Essa compilação de estatísticas de desempenho pode ser uma fonte de análise para formuladores de políticas, gestores, analistas e especialistas em informação de agências governamentais, universidades, empresas, instituições privadas de pesquisa, assim como membros da imprensa científica e gestores de recursos humanos.

Esses indicadores permitem: analisar o desempenho da pesquisa em empresas, instituições, países e periódicos; identificar tendências significativas nas ciências; classificar os principais países, periódicos, cientistas, trabalhos e instituições, por área do conhecimento; determinar os resultados das pesquisas e o impacto em campos específicos de pesquisa; avaliar potenciais pesquisadores, colaboradores, revisores e parceiros de pesquisa.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <[http://thomsonreuters.com/products/ip-science/04\\_031/esi-jcr-brochure.pdf](http://thomsonreuters.com/products/ip-science/04_031/esi-jcr-brochure.pdf)>. Acesso em: 31 de maio de 2014.

## 2.5. Programas de Mobilidade Estudantil

A mobilidade acadêmica de estudantes na IES pode ocorrer de algumas maneiras, tais como:

- mobilidade entre instituições dentro do Brasil (mobilidade nacional);
- mobilidade de alunos da IES para o exterior (conhecida como *outgoing*), como é o caso dos programas Ciência sem Fronteiras (CSF) e Santander Universidades;
- mobilidade de alunos estrangeiros para a IES (conhecida como *incoming*), como é o caso do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC).

Atualmente a mobilidade *outgoing*, através do programa nacional brasileiro CSF é a que possui a maior quantidade de bolsas ofertadas.

### 2.5.1. Programa Ciência sem Fronteiras (CSF)

Esta seção apresenta uma visão geral do programa, incluindo informações sobre países participantes, instituições participantes, quantitativo de alunos enviados ao exterior, entre outras informações disponíveis no Portal Ciência Sem Fronteiras do Governo<sup>23</sup> e, principalmente, do Painel de Controle do Programa CSF<sup>24</sup>, disponível nesse portal. Esse Painel tem sido incrementado com melhorias, principalmente com filtros para recuperação da informação e apresentação de gráficos desde o início do programa.

O programa Ciência sem Fronteiras (CSF) foi instituído pelo Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011, com o objetivo de:

propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas do conhecimento definidas como prioritárias (BRASIL, 2011).

O artigo 2º do referido Decreto ainda define os seguintes objetivos:

I – promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a formação de estudantes brasileiros, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf>>

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>

empreendedorismo, a competitividade e inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil;

II – ampliar a participação e a mobilidade internacional de estudantes de cursos técnicos, graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores, especialistas, técnicos, tecnólogos e engenheiros, pessoal técnico-científico de empresas e centros de pesquisa e de inovação tecnológica brasileiros, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamento e capacitação em instituições de excelência no exterior;

III – criar a oportunidade de integração entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional;

IV – promover a cooperação técnico-científica entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores de reconhecida liderança científica residentes no exterior por meio de projetos de cooperação bilateral e programas de fixação no país, na condição de pesquisadores visitantes ou em caráter permanente;

V – promover a cooperação internacional na área de ciência, tecnologia e inovação;

VI – contribuir para o processo de internacionalização das instituições de ensino superior e dos centros de pesquisa brasileiros;

VII – propiciar maior visibilidade internacional à pesquisa acadêmica e científica realizada no Brasil;

VIII – contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras;

e

IX – estimular e aperfeiçoar as pesquisas aplicadas no País, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação.

Nota-se que este é um recente programa brasileiro de mobilidade, para instituições públicas e privadas, com aproximadamente quatro anos. Nota-se ainda um ponto relevante entre os objetivos do programa (inciso VI), que é a sua importância no processo de internacionalização da educação superior.

Nesse sentido, o programa busca consolidar, expandir e internacionalizar a ciência, tecnologia, inovação e competitividade do Brasil, através de atividades de intercâmbio e mobilidade internacional. Tal programa inclui ações conjuntas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2014).

Acordos e parcerias com instituições de ensino e pesquisa e agências de intercâmbio de diversos países foram estabelecidos, conforme o Quadro 6.

**Quadro 6. Países com os quais o programa Ciência sem Fronteiras possui parcerias, por regiões.**

Região	País
América do Norte	Canadá e Estados Unidos.
Europa	Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Rússia, Suécia, Suíça e Ucrânia.
Ásia	China, Cingapura, Coreia do Sul, Índia e Japão.
Oceania	Austrália e Nova Zelândia.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações disponíveis no Portal CSF<sup>25</sup>.

As áreas contempladas pelo programa estão apresentadas no Quadro 7, portanto aprovam-se alunos com propostas e cursos associados à essas áreas.

**Quadro 7. Áreas contempladas pelo programa Ciência sem Fronteiras.**

Biodiversidade e Bioprospecção	Formação de tecnólogos
Biologia, Ciências Biomédicas e Saúde	Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação)
Biotecnologia	Nanotecnologia e novos materiais
Ciências do Mar	Novas tecnologias de Engenharia Construtiva
Ciências Exatas e da Terra	Petróleo, Gás e Carvão Mineral
Computação e Tecnologias da Informação	Produção Agrícola Sustentável
Energias Renováveis	Tecnologia Aeroespacial
Engenharias e demais áreas tecnológicas	Tecnologia Mineral
Fármacos	Tecnologias de Mitigação e Prevenção de Desastres Naturais

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações disponíveis no Portal CSF<sup>26</sup>.

Nas instituições de ensino superior foi designada a figura do Coordenador Institucional do Programa Ciência sem Fronteiras. Também conhecido como Gestor Institucional do CSF, ele é responsável pela homologação, acompanhamento e avaliação dos candidatos e futuros bolsistas de graduação sanduíche. Para isso, a Capes e o CNPq disponibilizam para os coordenadores, através do Portal dos Coordenadores do CSF<sup>27</sup>, informações sobre os bolsistas para acompanhamento e avaliação, além de ferramentas colaborativas para compartilhar experiências, ideias e informações quanto aos procedimentos de acompanhamento dos estudantes do Programa. Também há ferramentas para organização do trabalho (agenda, lista de contatos, local para armazenar documentos pessoais, e-mail, entre outros).

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/paises>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/areas-contempladas>>. Acesso em 29 de abril de 2014.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://sites.google.com/a/capes.gov.br/coordenador-csf/>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

As principais atribuições<sup>28</sup> desse coordenador incluem:

- divulgar o programa CSF nas instituições que representam;
- homologar os candidatos à bolsa graduação sanduíche no exterior vinculados à instituição à sua IES;
- acompanhar o andamento do processo de concessão de bolsas de graduação e pós-graduação;
- ser o interlocutor entre a instituição que representa e as agências de fomento Capes e CNPq ;
- ser o interlocutor entre a instituição que representa e as IES no exterior que receberam seus alunos;
- verificar as disciplinas e estágios realizados pelos bolsistas vinculados à sua instituição e a respectiva compatibilidade com os temas do programa e as realidades de curso e semestre para aproveitamento de créditos;
- acompanhar os bolsistas no exterior;
- avaliar os relatórios dos bolsistas e egressos de sua IES.

As modalidades de bolsas no exterior incluem: graduação, tecnólogo, desenvolvimento tecnológico, doutorado sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado e mestrado profissional. Já as modalidades de bolsas no Brasil incluem: atração de cientistas para o Brasil, pesquisador visitante especial e bolsa jovens talentos. Quanto a essas bolsas, as metas para serem alcançadas até 2015 do Programa CSF são apresentadas na Tabela 7, a seguir. A maioria das bolsas planejadas (63%) é ofertada a estudantes de graduação.

**Tabela 7. Metas a serem alcançadas pelo programa Ciência sem Fronteiras até 2015, em número de bolsas.**

<b>Modalidade</b>	<b>Número de Bolsas</b>
Doutorado sanduíche	15.000
Doutorado pleno	4.500
Pós-doutorado	6.440
Graduação sanduíche	64.000
Desenvolvimento tecnológico e inovação no exterior	7.060
Atração de Jovens Talentos (no Brasil)	2.000
Pesquisador Visitante Especial (no Brasil)	2.000
<b>Total</b>	<b>101.000</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações do Painel de Controle CSF<sup>29</sup>.

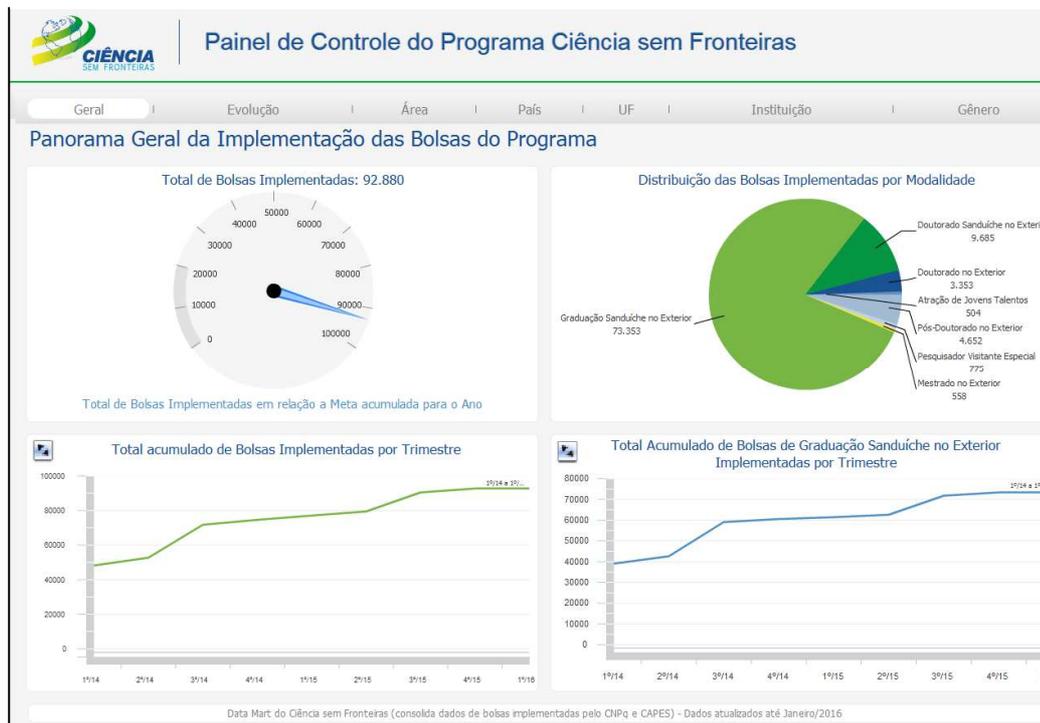
<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/papel-no-programa>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

A maioria das bolsas (74%) oferecidas para estudantes e pesquisadores no País e no Exterior do CSF previstas nestas metas são financiadas com recursos do Governo Federal e o restante pela iniciativa privada.

São apresentados a seguir os gráficos disponíveis no Painel de Controle<sup>30</sup> do Programa do CSF, acessado em 28 de janeiro de 2016.

É crescente o número de bolsas implementadas conforme o Panorama Geral de Implementação de Bolsas por modalidade, totalizando 92.880 bolsas até Janeiro de 2016, atingindo assim 93% das metas previstas até 2015 (Figura 2). Destas a maioria (79%) na modalidade de graduação sanduíche no exterior, seguida de 5% bolsas de pós-doutorado sanduíche no exterior. Foram distribuídas 56% de bolsas para bolsistas do gênero masculino.

**Figura 2. Tela da Painel de Controle indicando Bolsas Implementadas do CSF (2011 a Janeiro/2016).**



Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/metas>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 4 de maio de 2014.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

A Tabela 8 apresenta o número de chamadas lançadas pelo Programa CSF, na modalidade de graduação sanduíche no exterior, no período 2011 a 2015.

**Tabela 8. Quantidade de chamadas do Programa CSF modalidade de graduação sanduíche no exterior (2011 a 2015).**

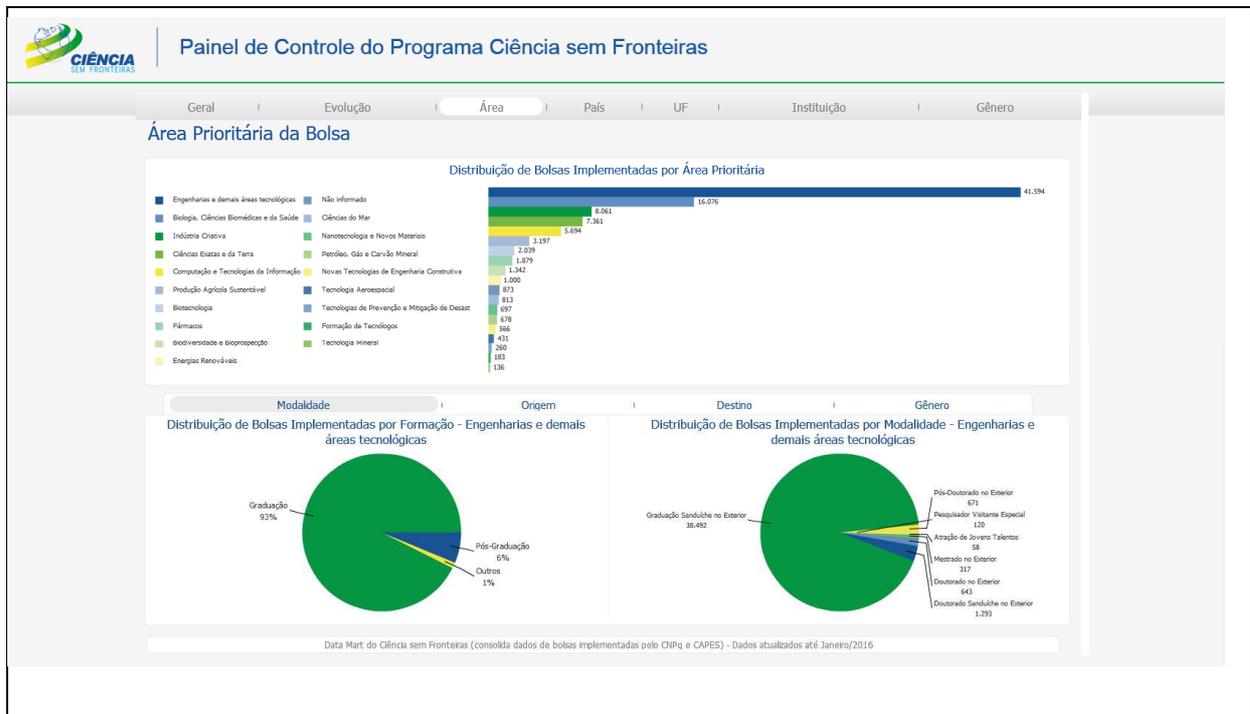
<b>Ano</b>	<b>Quantidade de Chamadas</b>
2011	1
2012	28
2013	42
2014	26
2015	0
<b>Total</b>	<b>97</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do Portal CSF<sup>32</sup>.

A Figura 3 apresenta os gráficos de distribuição, no país, de bolsas implementadas *por área prioritária*. A maioria das bolsas concedidas foram para a área de Engenharias e demais áreas tecnológicas (44%), sendo 41.594 do total de 92.880 bolsas implementadas no CSF, seguida da área de Biologia, ciências biomédicas e da saúde (17%). A maioria das bolsas da área de Engenharias e demais áreas tecnológicas foram destinadas para a modalidade de graduação sanduíche (93%).

<sup>32</sup> Disponível em: <[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/graduacao\\_result](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/graduacao_result)>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 3. Bolsas Implementadas por área prioritária do CSF (2011 a Janeiro/2016).**



Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>33</sup>.

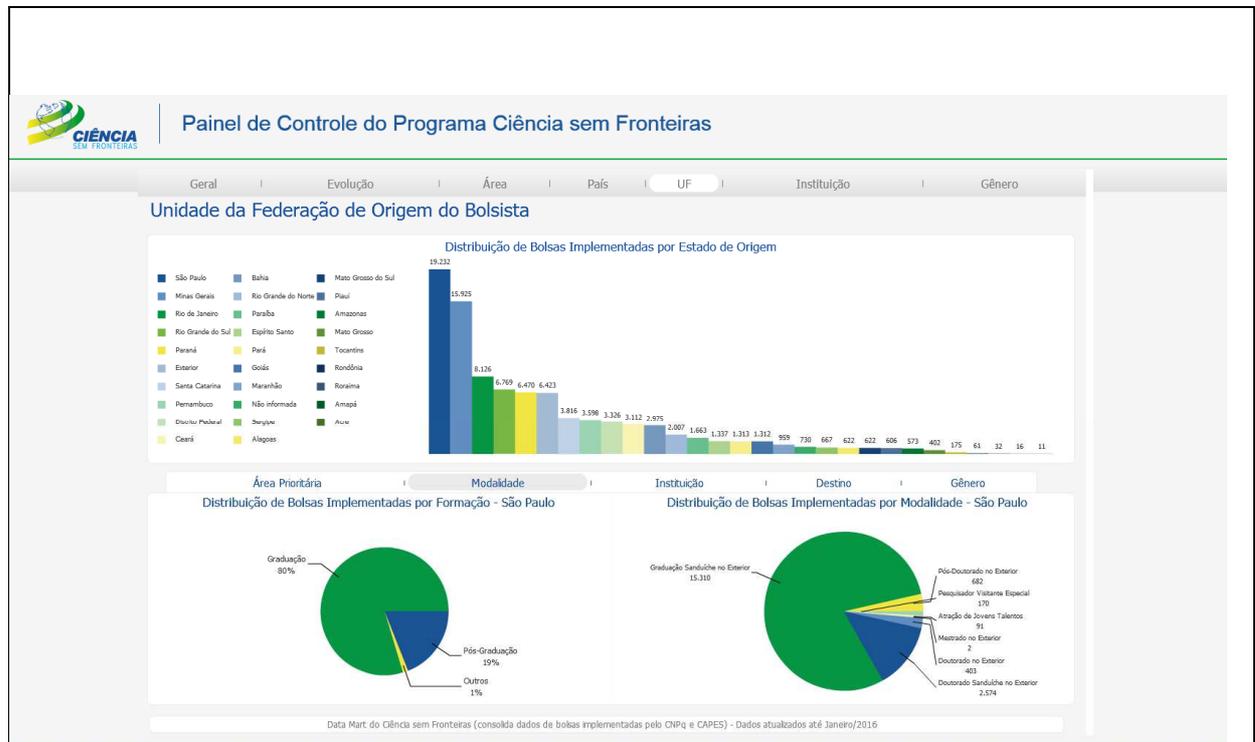
Quanto à distribuição de bolsas de graduação por região do Brasil (73.373), desde 2011 até Janeiro de 2016, tem-se: 37.537 bolsas para a região Sudeste (51%); 14.529 bolsas para a região Nordeste (20%); 14.229 bolsas para a região Sul (19%); 4.971 bolsas para a região Centro-Oeste (7%); e 1.918 bolsas para a região Norte (3%).

São Paulo tem a maioria das bolsas (21%) concedidas por estado de origem dos bolsistas (Figura 4), seguido de Minas Gerais (17%). A maioria de bolsas de São Paulo (80%) é de graduação na modalidade sanduíche.

Nota-se uma predominância de bolsas concedidas para estados da região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) e Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina), quando se consideram os 10 estados que mais receberam bolsas.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 4. Bolsas Implementadas por Unidade de Federação de origem do Bolsista do CSF (2011 a Janeiro/2016).**

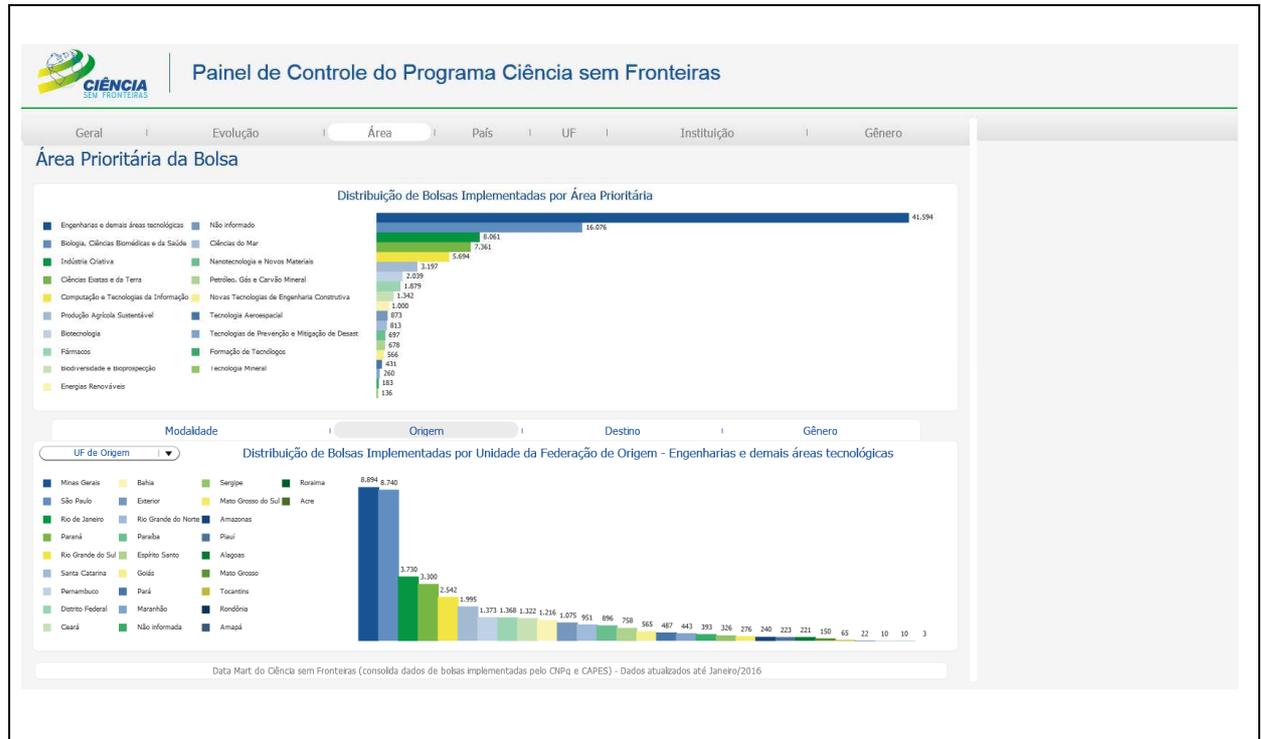


Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>34</sup>.

Na área de engenharia e demais áreas tecnológicas a maioria das bolsas implementadas são em Minas Gerais (21%) e São Paulo (21%) – Figura 5.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 5. Bolsas implementadas por unidade da federação, na área de engenharia e demais áreas tecnológicas (2011 a Janeiro/2016).**



Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>35</sup>.

Os Estados Unidos foi o país de destino com maior quantidade de bolsas concedidas pelo CSF (30%). A área de *Engenharias e demais áreas tecnológicas* foi área que mais teve bolsas implementadas (31%).

Na concessão de bolsas *por país de destino* (Tabela 9) os países que mais receberam bolsistas foram Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, França, Austrália, Alemanha, Espanha, Itália, Portugal, Irlanda, dentre outros. Embora o Canadá tenha sido o país que mais lançou chamadas (Tabela 10).

**Tabela 9. Os 30 países que mais receberam bolsistas do CSF (2011 a Janeiro/2016).**

País	Quantidade	País	Quantidade
Estados Unidos	27.821	Coreia do Sul	522
Reino Unido	10.740	Japão	520
Canadá	7.311	Noruega	358
França	7.279	Nova Zelândia	307
Austrália	7.074	China	296
Alemanha	6.595	Dinamarca	229
Espanha	5.025	Finlândia	216

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

País	Quantidade	País	Quantidade
Itália	3.930	Suíça	168
Portugal	3.843	Áustria	132
Irlanda	3.387	Chile	43
Holanda	2.289	Em atualização	40
País	Quantidade	País	Quantidade
Hungria	2.134	Polônia	34
Brasil	1.276	República	
Bélgica	632	Tcheca	24
Suécia	547	México	18
		África do Sul	16
Total A	89.883	Total B	2.923
Total (A+B)		92.806	

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações do Painel de Controle CSF<sup>36</sup>.

**Tabela 10. Quantidade de chamadas por país-destino.**

País	Quantidade de Chamadas
Polônia	1
Portugal	2
Áustria	3
China	3
França	3
Irlanda	3
Itália	3
Noruega	3
Nova Zelândia	3
Suécia	3
Alemanha	4
Espanha	4
Finlândia	4
Holanda	4
Hungria	4
Japão	4
Reino Unido	4
Coreia do Sul	5
Bélgica	8
Estados Unidos	8
Austrália	9
Canadá	12
Total	97

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações disponíveis no Portal CSF<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>37</sup> Disponível em: <[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/graduacao\\_result](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/graduacao_result)>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

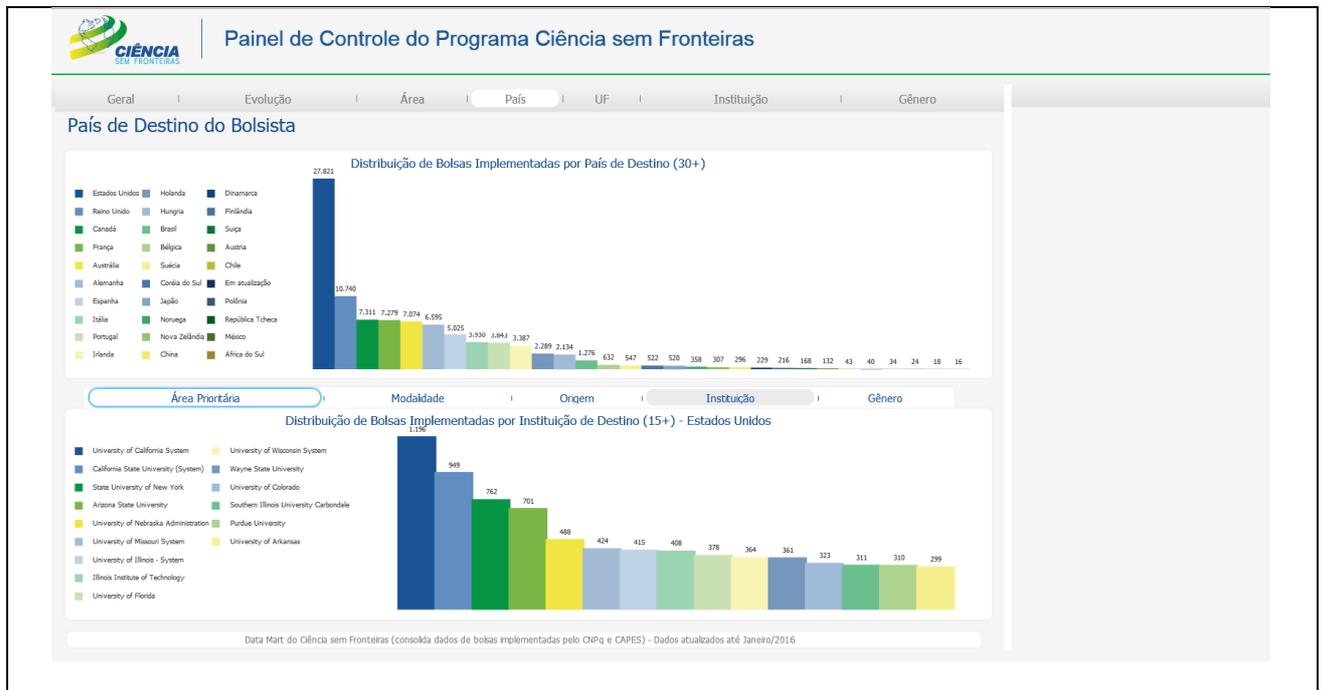
Nos *Estados Unidos*, o país que recebeu mais bolsistas (Figura 6), observa-se a distribuição de bolsas implementadas *por instituição de destino* (Tabela 11), considerando as 15 instituições que mais receberam bolsistas.

**Tabela 11. Bolsas implementadas nas 15 instituições que mais receberam bolsistas, nos Estados Unidos (2011 a Janeiro/2016).**

Instituição	Quantidade	Instituição	Quantidade
University of California System	1.196	University of Florida	378
California State University	949	University of Wisconsin System	364
State University of New York	762	Wayne State University	361
Arizona State University	701	University of Colorado	323
University of Nebraska	488	Southern Illinois University	311
University of Missouri System	424	Purdue University	310
University of Illinois	415	University of Arkansas	299
Illinois Institute of Technology	408	Total	7.689

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações do Painel de Controle CSF<sup>38</sup>.

**Figura 6. Bolsas implementadas por país de destino do bolsista e instituição destino nos Estados Unidos (2011 a Janeiro/2016).**



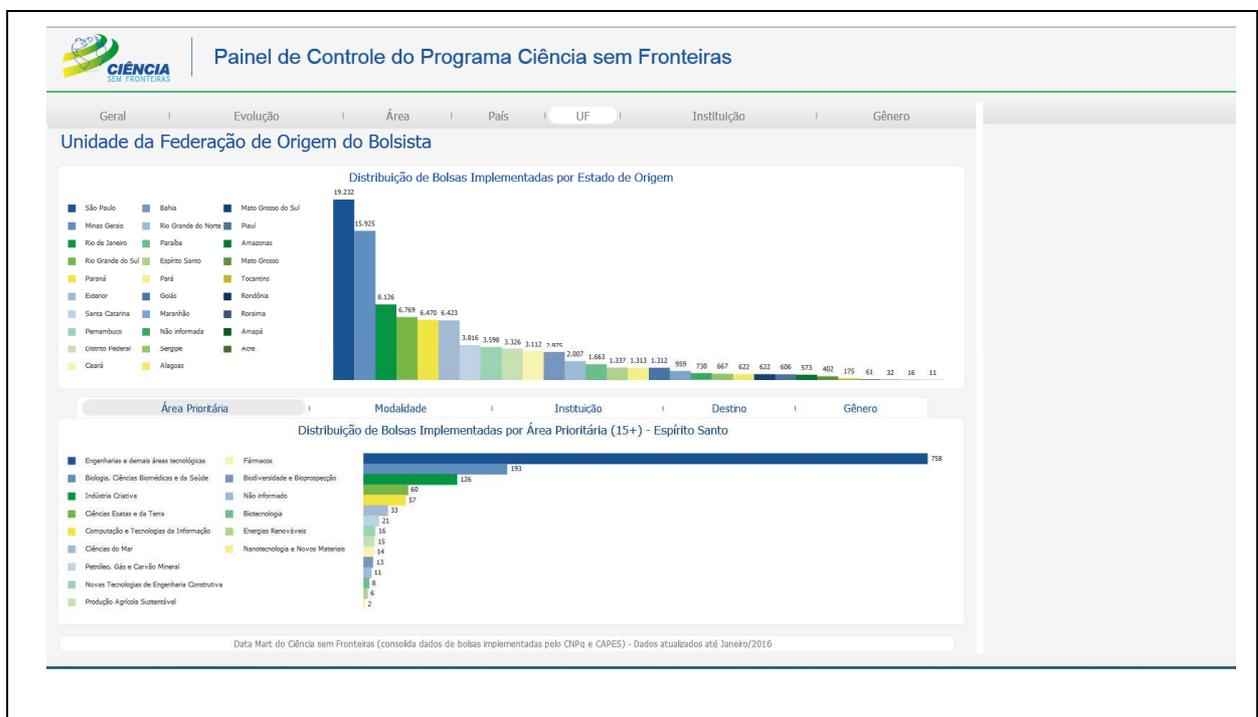
Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>39</sup>.

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

O Estado do Espírito Santo ocupa a 14ª posição com 1% de bolsas implementadas (1.337 bolsas), seguindo a tendência nacional de concessão de maior quantidade de bolsas (57%) para estudantes das áreas de Engenharia e demais áreas tecnológicas. Também predomina, conforme a distribuição nacional, os bolsistas do gênero masculino (55%). São 15 as áreas contempladas com bolsas do programa de Ciências sem Fronteiras no Estado (Figura 7).

**Figura 7. Bolsas Implementadas no Espírito Santo por área prioritária do CSF (2011 a Janeiro/2016).**

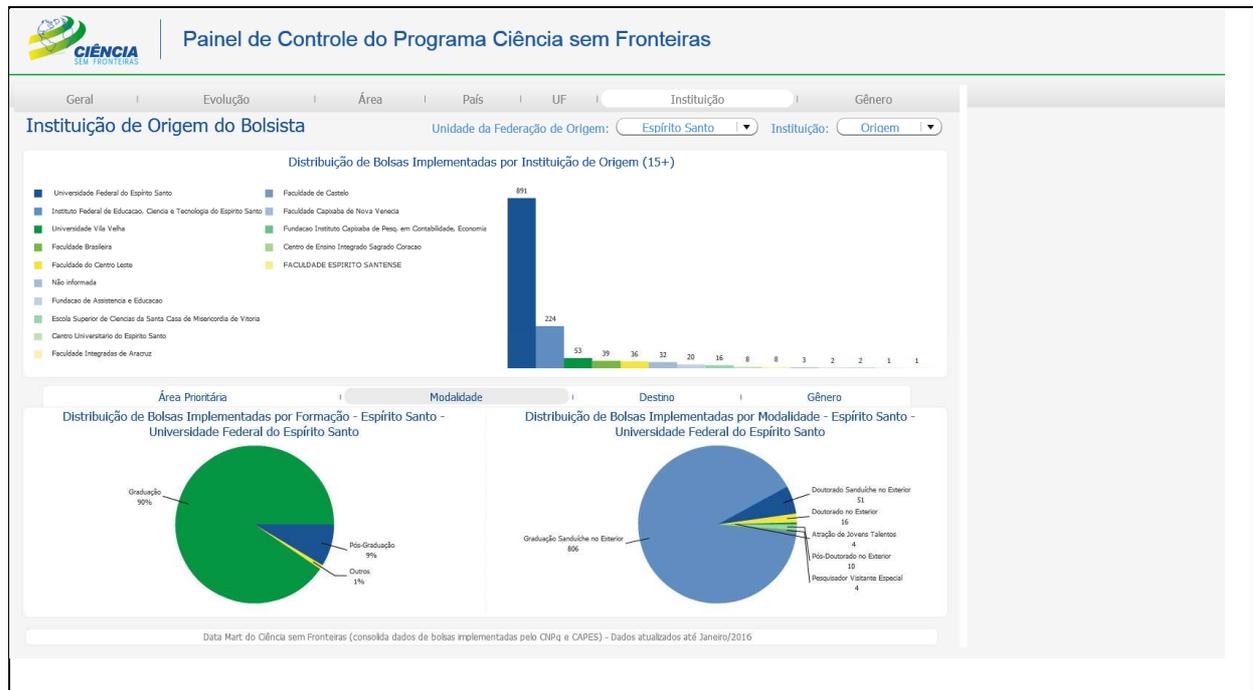


Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>40</sup>.

Nota-se que as instituições federais de ensino concentram a maioria das bolsas concedidas no Estado. A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) concentra 66% de bolsas implementadas (891 bolsas) e o Instituto Federal do Espírito Santo possui 17% das bolsas (224). Na Universidade Federal do Espírito Santo 90% das bolsas foram destinadas para formação na graduação, sendo 806 bolsas na modalidade sanduíche no exterior, conforme apresenta a Figura 8.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-control>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 8. Bolsas implementadas, por instituição de origem, no estado do Espírito Santo (2011 a Janeiro/2016).**

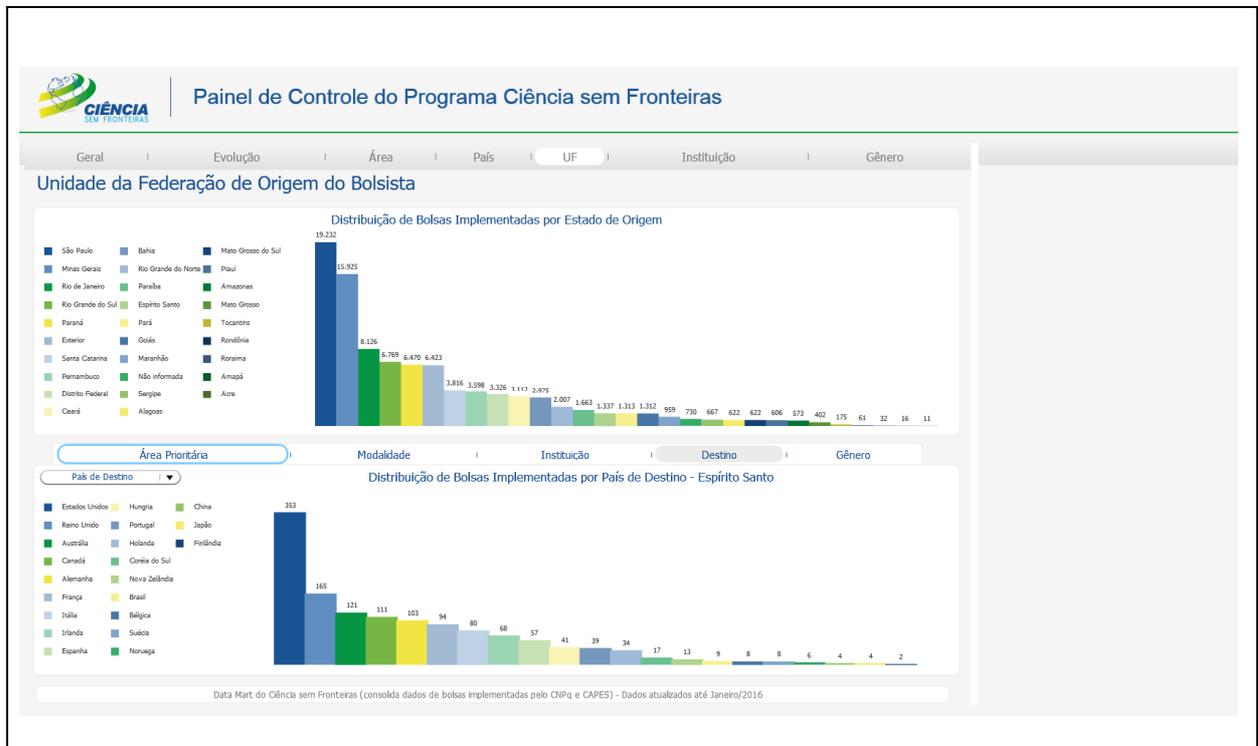


Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>41</sup>.

As bolsas implementadas por país de destino, no estado do Espírito Santo são apresentadas na Figura 9. Os Estados Unidos concentram a maioria das bolsas (26%) e o Reino Unido (12%), seguindo a distribuição nacional de bolsas.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 9. Bolsas implementadas, por instituição de destino, no estado do Espírito Santo (2011 a Janeiro/2016).**

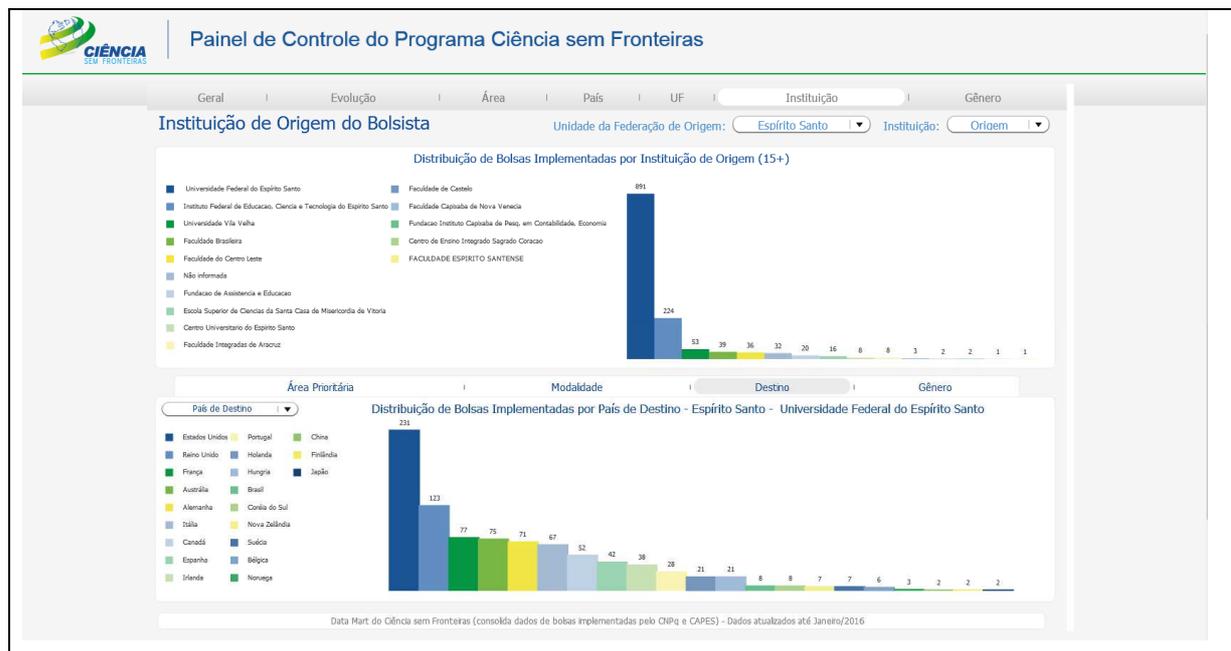


Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>42</sup>.

Na Universidade Federal do Espírito Santo, das 891 bolsas implementadas (dados até Janeiro de 2016), a maioria delas (25%, 231 bolsas), foi destinada para os Estados Unidos, seguida de 13% (123 bolsas) destinadas ao Reino Unido (Figura 10), na sequência de países da legenda do gráfico.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 10. Bolsas implementadas, por instituição de origem, no estado do Espírito Santo (2011 a Janeiro/2016).**



Fonte: Painel de Controle do programa Ciência sem Fronteiras<sup>43</sup>.

## 2.6.Sobre a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

O objetivo desta seção é apresentar informações<sup>44</sup> sobre a instituição onde foi desenvolvida a presente pesquisa.

A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação, com as seguintes características: autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; e vocação para atuar em todas as áreas do saber. Possui quatro campi: Goiabeiras, Maruípe, Alegre e São Mateus. Quanto à pesquisa científica e tecnológica, possui cerca de 600 projetos. Na extensão universitária possui cerca de 700 projetos, contemplando 1,5 milhão de pessoas.

A UFES tem suas origens na década de 1930, quando a iniciativa privada cria, em Vitória, cursos superiores, permitindo aos estudantes capixabas continuar seus estudos sem deixar o estado. Na década de 1950, instituições dispersas foram reunidas, na forma de uma universidade, criada em 5 de maio de 1954.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/institui%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

Nas duas últimas décadas do Século XX houve ampliação das atividades de extensão, atendendo comunidades que não eram servidas pelas atividades da universidade, e desenvolvimento de parcerias com o setor produtivo.

### 2.6.1. Missão da UFES

A missão<sup>45</sup> da UFES é assim descrita:

Gerar avanços científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, produzindo e socializando conhecimento para formar cidadãos com capacidade de implementar soluções que promovam o desenvolvimento sustentável.

### 2.6.2. Visão da UFES

A visão<sup>46</sup> da UFES é a seguinte:

Ser reconhecida como instituição pública *multicampi* no Espírito Santo, de excelência nacional em ensino, pesquisa e extensão, consolidando a sua atuação de forma integrada com a sociedade e de forma comprometida com o desenvolvimento sustentável.

### 2.6.3. Valores da UFES

Os valores<sup>47</sup> da UFES são descritos assim:

- Comprometimento e zelo com a Instituição.
- Defesa da Universidade gratuita como bem público.
- Busca permanente da excelência no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão.
- Atuação calcada nos princípios da ética, democracia e transparência.
- Respeito à justiça, à equidade social, à liberdade de pensamento e de expressão.
- Compromisso com o coletivo, a pluralidade, a individualidade e a diversidade étnica e cultural.
- Responsabilidade social e interlocução e parceria com a sociedade.
- Preservação e valorização da vida.

### 2.6.4. Estrutura<sup>48</sup> da UFES

A UFES é composta pela Reitoria, órgão executivo máximo da universidade e seis Pró-Reitorias, responsáveis por operacionalizar a gestão da universidade. São elas: Administração; Assuntos Estudantis e Cidadania; Extensão; Gestão de Pessoas; Graduação; Pesquisa e Pós-Graduação; e Planejamento e Desenvolvimento Institucional.

<sup>45</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/institui%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/institui%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/institui%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/como-funciona-ufes>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

Os Centros de Ensino são unidades acadêmico-administrativas que agrupam cursos e departamentos de uma mesma área de conhecimento. São eles: Centro de Artes; Centro de Ciências Agrárias; Centro de Ciências Exatas; Centro de Ciências Humanas e Naturais; Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas; Centro de Ciências da Saúde; Centro de Educação; Centro de Educação Física e Desportos; Centro Tecnológico; e Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

As secretarias são unidades administrativas integrantes da Administração Central que executam ações específicas em áreas consideradas relevantes para o contexto acadêmico. São elas: Secretaria de Comunicação, Secretaria de Cultura e Secretaria de Relações Internacionais.

#### *2.6.5.A UFES em números<sup>49</sup>*

A UFES possui cerca de 1.700 professores e 2.200 servidores técnico-administrativos. São cerca de 18 mil alunos de graduação e 3 mil alunos de pós-graduação. Na modalidade a distância, são cerca de 4 mil alunos.

São quase 100 cursos de graduação, com oferta de 5 mil vagas anuais. Na pós-graduação, são 52 cursos de mestrado e 22 cursos de doutorado.

#### *2.6.6.A Secretaria de Relações Internacionais da UFES<sup>50</sup>*

A Secretaria de Relações Internacionais (SRI) cuida da formulação da política de internacionalização da universidade e da promoção e expansão de sua atuação internacional. Tem a função de assessorar a Reitoria, os órgãos centrais e as unidades de ensino e pesquisa no setor de cooperação acadêmica internacional.

Suas principais atribuições são:

- a) induzir e consolidar a internacionalização na UFES como estratégia de crescimento institucional e de qualificação de atividades acadêmicas;
- b) assessorar as diversas unidades acadêmicas da UFES na implementação de cooperação internacional;
- c) selecionar, preparar e divulgar informações sobre programas e iniciativas de cooperação internacional;
- d) oferecer oportunidades de mobilidade à comunidade da UFES;
- e) apoiar docentes, pesquisadores e alunos de instituições estrangeiras em atividades na UFES;
- f) fomentar a implementação de convênios para a realização de atividades de pesquisa em colaboração com instituições estrangeiras;

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/ufes-em-n%C3%BAmeros>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/secretaria-de-rela%C3%A7%C3%B5es-internacionais>>. Acesso em: 9 de junho de 2014.

- g) manter articulação com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, bem como embaixadas, consulados, organizações e instituições internacionais;
- h) promover ativamente ações com o objetivo de dar maior visibilidade à UFES no cenário internacional.”

Sua estrutura atende atualmente aos seguintes aspectos:

- a) Acordos entre instituições;
- b) Mobilidade *Incoming* (alunos estrangeiros que vem estudar no Brasil);
- c) Mobilidade *Outcoming* (alunos brasileiros que vão estudar no exterior);
- d) Letramento (atividades relacionadas a ensino e proficiência em idiomas).

A Secretaria de Relações Internacionais está estruturada da seguinte forma:

- Comissão permanente de internacionalização;
- Secretaria administrativa;
- Coordenação de mobilidade para o exterior;
- Coordenação de mobilidade para a UFES;
- Coordenação de acordos de cooperação;
- Coordenação de idiomas.

Cabe destacar que a Secretaria de Relações Internacionais da UFES foi criada em 2012<sup>51</sup>. A coordenadora na UFES do programa de Ciências Sem Fronteiras o tem acompanhado desde sua implementação, promovendo reuniões para melhoria de sua gestão e controle, principalmente quanto à melhoria das informações e dos procedimentos do programa.

A seguir está descrito o funcionamento do Programa CSF, na modalidade graduação sanduíche no exterior, na UFES.

#### *2.6.7. Programa Ciência sem Fronteiras da Universidade Federal do Espírito Santo na modalidade graduação-sanduíche para o Exterior*

Para conhecer e acompanhar os procedimentos e os documentos-padrão utilizados (atualmente) na UFES para o Programa Ciência sem Fronteiras, na modalidade graduação sanduíche para o exterior, utilizou-se as informações e documentos disponíveis<sup>52</sup> no Portal do Programa Ciência sem Fronteiras, Figura 11,

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.ufes.br/conteudo/ufes-recebe-visita-de-representantes-de-universidades-do-m%C3%A9xico-e-da-r%C3%BAssia>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

<sup>52</sup> Principalmente o documento contendo fluxo de etapas CSF, disponível em: <[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5065576/Ciencia\\_sem\\_Fronteiras\\_-\\_Planilha+\\_de\\_Homologacao\\_Chamadas\\_Novas.pdf](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5065576/Ciencia_sem_Fronteiras_-_Planilha+_de_Homologacao_Chamadas_Novas.pdf)> Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

e na página da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da UFES, Figura 12 e Figura 13.

**Figura 11. Tela dos Documentos disponíveis no Portal CSF.**

The screenshot shows the 'Documentos Importantes' page on the CSF Portal. The page has a navigation menu on the left and a table of documents on the right. The table lists various documents, each with a 'Baixar' (Download) link.

Documento	Ação
CAPES - Apresentação 07/10/2014 - Homologação	<a href="#">Baixar</a>
CNPq - Apresentação 07/10/2014 - Homologação, Acompanhamento e Avaliação	<a href="#">Baixar</a>
Plano de Estudos a ser cobrado pelos coordenadores Institucionais aos Bolsistas de Graduação	<a href="#">Baixar</a>
Acordo de Adesão	<a href="#">Baixar</a>
Manual CNPq dos Coordenadores do Ciência sem Fronteiras.	<a href="#">Baixar</a>
Processo de homologação Chamadas Austrália, Canadá, Coreia do Sul, Finlândia, Reino Unido e Nova Zelândia.	<a href="#">Baixar</a>
Carta aos Reitores.	<a href="#">Baixar</a>
Manual Capes dos Coordenadores do Ciência sem Fronteiras.	<a href="#">Baixar</a>
Capes - Manual de Utilização do Linha Direta - Avaliação do Representante Institucional	<a href="#">Baixar</a>

Fonte: Portal do programa Ciência sem Fronteiras<sup>53</sup>.

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/baixar-documentos>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

Figura 12. Tela da página da SRI da UFES sobre mobilidade para o exterior.

The screenshot shows the UFES website header with the logo and navigation links. The main content area is titled 'Secretaria de Relações Internacionais' and 'Mobilidade para o exterior > Graduação >'. The 'Ciência Sem Fronteiras' section provides details about the program, including its purpose, contact information, and a list of documents.

**UFES**  
Universidade Federal do Espírito Santo

Portal UFES | Fale conosco

Secretaria de Relações Internacionais

Mobilidade para o exterior > Graduação >

**Ciência Sem Fronteiras**

O Ciência Sem Fronteiras é um programa que concede bolsas de estudo a estudantes de graduação e pós-graduação, financiado pelo Governo Federal, e que visa promover a consolidação, a expansão e a internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.

Periodicamente, a CAPES e o CNPq divulgam as Chamadas Públicas por meio da página eletrônica do programa (<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/home>). Os alunos de pós-graduação interessados devem se inscrever no próprio site do Ciência Sem Fronteiras; já os alunos de graduação devem estar atentos também ao Edital interno da UFES, divulgado por meio da Secretaria de Relações Internacionais, pois é necessário fazer a inscrição também na Universidade.

Dúvidas favor entrar em contato com Coordenação de mobilidade para o exterior: [mobilidade.internacional@ufes.br](mailto:mobilidade.internacional@ufes.br) tel:(27)4009-2046

Na UFES, a coordenadora do programa é a profª. Patrícia Alcântara Cardoso.

Telefone: (27)4009-2046

Endereço: Av. Fernando [Ferrari](#), 514, Campus Universitário Alaor Queiroz de Araújo, Goiabeiras - Vitória/ ES - Brasil CEP 29.075-910

Anexo(s):

Fonte: Página da Secretaria de Relações Internacionais<sup>54</sup>.

Figura 13. Tela da página da SRI com documentos sobre mobilidade para o exterior.

The screenshot shows the same UFES website page as Figure 12, but with a list of documents under the 'Anexo(s):' section. The documents are listed as PDF files with their titles.

Na UFES, a coordenadora do programa é a profª. Patrícia Alcântara Cardoso.

Telefone: (27)4009-2046

Endereço: Av. Fernando [Ferrari](#), 514, Campus Universitário Alaor Queiroz de Araújo, Goiabeiras - Vitória/ ES - Brasil CEP 29.075-910

Anexo(s):

- RESOLUÇÃO Nº 16-99-Intercâmbio.pdf
- RESOLUÇÃO Nº 23-97-Aproveitamento de estudos.pdf
- Modelo de histórico traduzido.PDF
- Modelo de trancamento intercâmbio - para coordenadores.pdf
- Sistema Avaliação UFES.pdf
- Reunião de orientação Agosto 2013.pdf
- Commom Application (Revisado).pdf
- Reunião Homologados Out 2014 Final.compressed.pdf
- termo\_compromisso\_ufes.rtf
- carta\_recomendacao\_candidato\_mobilidade.rtf
- formulario\_inscricao\_candidato\_mobilidade.rtf
- plano\_estudos\_candidato\_mobilidade.rtf

Fonte: Página da Secretaria de Relações Internacionais<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.internacional.ufes.br/pt-br/ci%C3%A9ncia-sem-fronteiras>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.internacional.ufes.br/pt-br/ci%C3%A9ncia-sem-fronteiras>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

A Figura 14 apresenta uma tela contendo “nuvem de palavras”, disponível na página da SRI, no documento de apresentação “Reunião de orientação aos alunos com candidaturas homologadas”, de 01/08/2013, que destaca os aspectos relevantes das experiências dos bolsistas sob a ótica dos responsáveis pelo programa na UFES.

**Figura 14. Tela de “nuvem de palavras” sobre intercâmbio, disponível na página da SRI.**



Fonte: Página da Secretaria de Relações Internacionais<sup>56</sup>.

Considerando o número de alunos ativos de graduação na UFES, tem-se aproximadamente 7% (1.398 alunos) de alunos que já se candidataram ao Programa Ciência sem Fronteiras, na modalidade graduação sanduiche para o exterior, no período de 2011 a 2015.

<sup>56</sup> Disponível em:

<<http://www.internacional.ufes.br/sites/internacional.ufes.br/files/Reuni%C3%A3o%20de%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20Agosto%202013.pdf>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Tabela 12. Quantidade de inscrições no Programa CSF na UFES e de Editais CSF internos da UFES (2011 a 2015).**

Ano	Quantidade	Quantidade Editais UFES
2011	5	1
2012	445	4
2013	910	4
2014	305	1
2015	0	0
Total	1.665	10

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da SRI.

No ano de 2011 houve poucos inscritos, quando comparado com os demais anos, possivelmente porque foi o ano de lançamento do programa. Nota-se que, do ano 2012 para 2013, houve um aumento significativo no número de inscritos. Já em 2014 houve uma diminuição, possivelmente por conta da menor quantidade de Editais da UFES, conforme Tabela 12. Em 2015, possivelmente não foram lançadas chamadas (nem editais), por conta de ajustes no orçamento do programa.

A maior parte dos inscritos no programa CSF é proveniente do campus de Goiabeiras, considerando que este concentra a maioria dos cursos da UFES (Tabela 13). Entre os anos de 2012 e 2013 houve um aumento na quantidade de inscrições provenientes de Alegre, Goiabeiras e São Mateus. Todavia, nesse período, a quantidade de inscrições provenientes de Maruípe manteve-se estável.

**Tabela 13. Distribuição de inscrições no Programa CSF na UFES, por Campus (2011 a 2014).**

Campus	Ano 2011	Ano 2012	Ano 2013	Ano 2014	2011 a 2014
Alegre	1	56	149	25	231
Goiabeiras	1	280	588	212	1081
Maruípe	3	72	71	36	182
São Mateus	0	37	102	32	171
Total	5	445	910	305	1665

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da SRI.

**Tabela 14. Distribuição de inscrições no Programa CSF na UFES, por país-destino (2011 a 2014).**

<b>País</b>	<b>Ano 2011</b>	<b>Ano 2012</b>	<b>Ano 2013</b>	<b>Ano 2014</b>	<b>2011 a 2014</b>
Alemanha	0	13	57	23	93
Austrália	1	19	60	24	104
Áustria	0	0	2	0	2
Bélgica	0	1	5	5	11
Canadá	0	25	34	9	68
China	0	0	2	2	4
Coreia do Sul	0	4	4	2	10
Espanha	2	150	6	4	162
Estados Unidos	2	51	270	123	446
Finlândia	0	0	7	0	7
França	0	10	28	15	53
Holanda	0	9	6	11	26
Hungria	0	1	53	6	60
Irlanda	0	0	33	26	59
Itália	0	11	51	9	71
Japão	0	0	7	2	9
Noruega	0	0	13	5	18
Nova Zelândia	0	0	14	1	15
Portugal	0	116	128	0	244
Reino Unido	0	33	124	29	186
Suécia	0	0	5	6	11
País não declarado	0	2	1	3	6
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>445</b>	<b>910</b>	<b>305</b>	<b>1665</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da SRI.

**Tabela 15. Distribuição de inscrições no Programa CSF na UFES, por curso de graduação (2011 a 2014).**

<b>Curso</b>	<b>Ano 2011</b>	<b>Ano 2012</b>	<b>Ano 2013</b>	<b>Ano 2014</b>	<b>2011 a 2014</b>
Administração	0	0	4	1	5
Agronomia	0	3	10	3	16
Arquitetura e Urbanismo	0	32	97	37	166
Artes Plásticas	0	9	5	1	15
Artes Visuais	0	14	5	0	19
Ciência da Computação	0	3	14	17	34
Ciências Biológicas	0	22	61	17	100
Ciências Contábeis	0	0	1	0	1
Ciências Econômicas	0	1	5	0	6
Comunicação Social – Audiovisual	0	0	2	0	2
Comunicação Social – Jornalismo	0	16	9	2	27
Comunicação Social – Publicidade	0	12	18	0	30
Desenho Industrial	0	18	41	13	72
Direito	0	1	0	0	1
Educação Física	0	11	13	1	25
Enfermagem	0	3	5	0	8
Enfermagem e Obstetrícia	1	20	2	0	23
Engenharia Ambiental	0	14	26	11	51
Engenharia Civil	0	36	93	37	166
Engenharia de Alimentos	0	13	8	0	21

Curso	Ano 2011	Ano 2012	Ano 2013	Ano 2014	2011 a 2014
Engenharia de Computação	0	13	18	4	35
Engenharia de Petróleo	0	10	27	8	45
Engenharia de Produção	0	22	46	15	83
Engenharia Elétrica	1	34	50	21	106
Engenharia Florestal	0	9	14	0	23
Engenharia Industrial Madeireira	0	2	5	0	7
Engenharia Mecânica	0	27	63	39	129
Engenharia Química	0	8	73	16	97
Estatística	0	1	3	2	6
Farmácia	0	26	38	1	65
Física Bacharelado	0	1	4	2	7
Física Licenciatura	0	0	3	1	4
Fisioterapia	0	7	3	6	16
Fonoaudiologia	0	0	0	2	2
Gemologia	0	5	1	0	6
Geografia	0	1	6	0	7
Geologia	0	1	10	3	14
História	0	1	0	0	1
Matemática Licenciatura	0	8	0	3	11
Medicina	0	22	13	17	52
Medicina Veterinária	1	5	14	3	23
Música	0	0	1	0	1
Nutrição	0	3	23	5	31
Oceanografia	0	2	21	7	30
Odontologia	1	2	15	6	24
Psicologia	0	5	15	2	22
Química Bacharelado	0	0	13	1	14
Química Licenciatura	0	2	4	0	6
Sistemas de Informação	0	0	6	1	7
Terapia Ocupacional	0	0	1	0	1
Zootecnia	0	0	1	0	1
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>445</b>	<b>910</b>	<b>305</b>	<b>1665</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da SRI.

A seguir são apresentados os procedimentos do programa CSF na UFES.

#### *2.6.8. Procedimentos do Programa de Ciência sem Fronteiras na UFES*

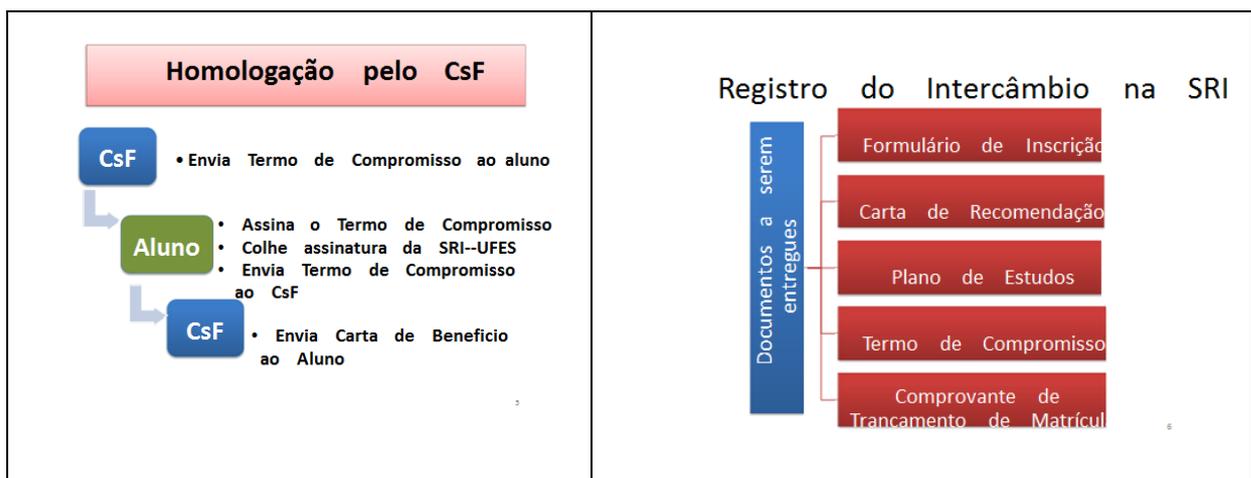
As macro-fases do programa, para os alunos entenderem o procedimento e fluxo do programa Ciência sem Fronteiras na UFES, estão descritas em arquivo disponível na página da Secretaria de Relações Internacionais, na seção de mobilidade para o exterior, conforme Figura 15.

**Figura 15. Macro-Fases na UFES do Programa CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior.**



Fonte: Página da Secretaria de Relações Internacionais<sup>57</sup>.

**Figura 16. Fases na UFES, de homologação e registro do Programa CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior.**



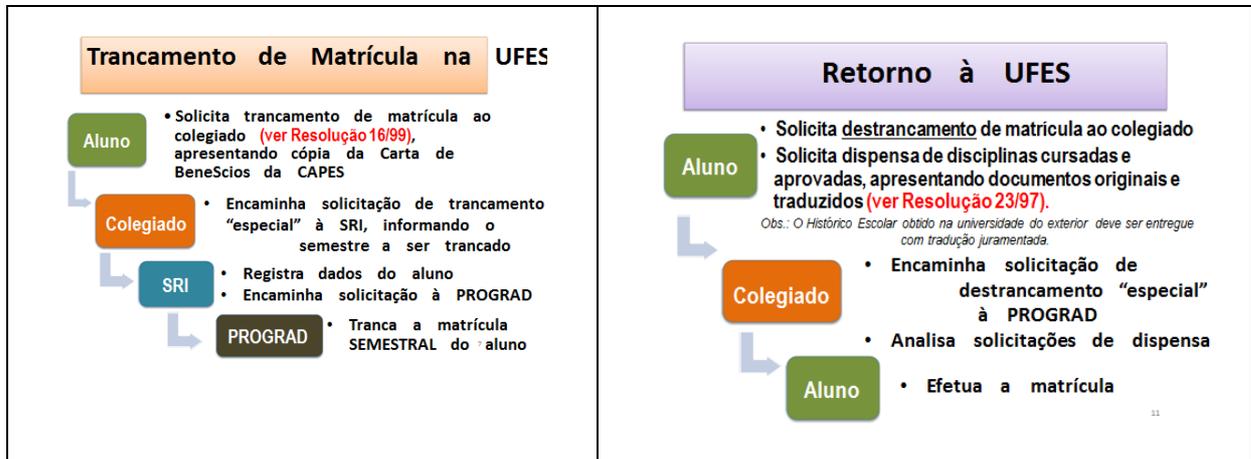
Fonte: Página da Secretaria de Relações Internacionais<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> Disponível em

<<http://www.internacional.ufes.br/sites/internacional.ufes.br/files/Reuni%C3%A3o%20de%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20Agosto%202013.pdf>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

<sup>58</sup> Disponível em <<http://www.internacional.ufes.br/pt-br/ci%C3%AAncia-sem-fronteiras>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

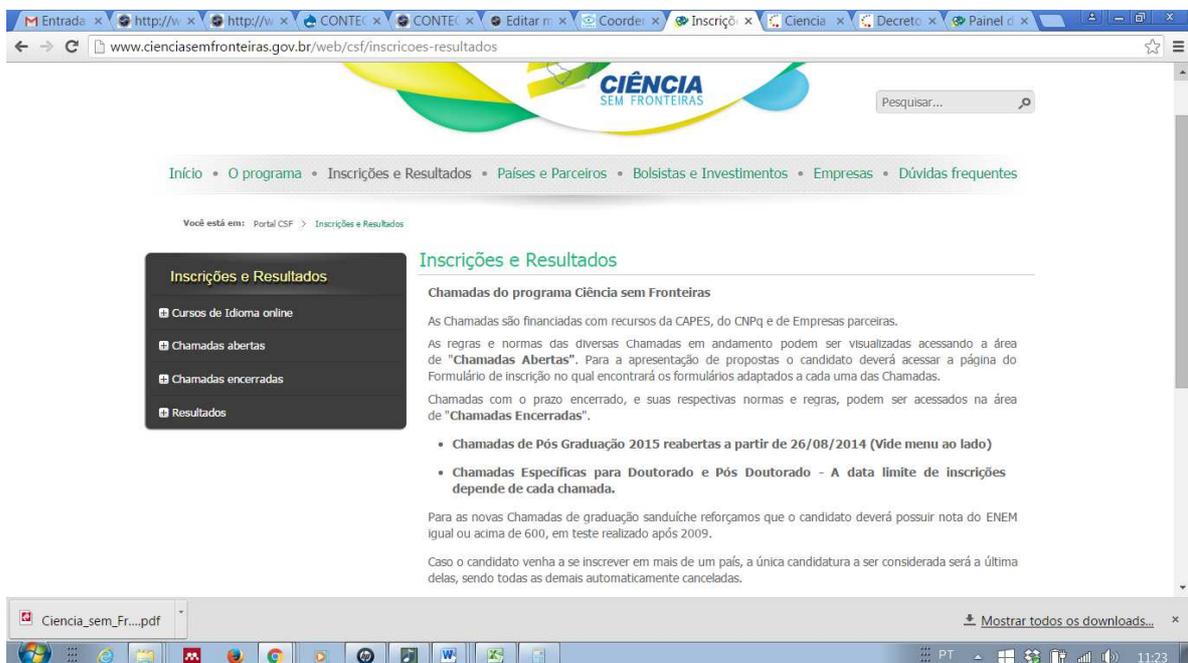
Figura 17. Fases na UFES de trancamento e retorno do Programa CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior.



Fonte: Página da Secretaria de Relações Internacionais<sup>59</sup>.

O fluxo dos procedimentos relativos à mobilidade, na modalidade graduação sanduíche no exterior, por meio do programa Ciência sem Fronteiras, se inicia com a publicação de chamadas públicas disponíveis no portal CSF, conforme Figura 18.

Figura 18. Tela sobre inscrições e resultados, disponível no Portal CSF.



Fonte: Portal do programa Ciência sem Fronteiras<sup>60</sup>.

<sup>59</sup> Disponível em <<http://www.internacional.ufes.br/pt-br/ci%C3%AAncia-sem-fronteiras>>. Acesso em 28 de janeiro de 2016.

Depois disso, instituições brasileiras de ensino superior preparam seus critérios de seleção e divulgam seus próprios editais internos. Na UFES, os critérios que tem sido usados para selecionar seus alunos são: coeficiente de rendimento (mínimo 6), quantidade de reprovações (máximo de 3) e percentual de conclusão de curso (mínimo de 20% e máximo de 75%) na data de inscrição. Os editais são divulgados na página da SRI.

Os alunos interessados no programa devem preencher um formulário no Portal CSF, realizando assim sua inscrição *online*. Em paralelo, as inscrições para o edital interno da UFES ocorrem de maneira presencial na Secretaria de Relações Internacionais (SRI), onde os alunos entregam os documentos que são confrontados com os critérios de seleção da instituição. Além disso, os alunos preenchem um formulário de inscrição da UFES (anexo desta pesquisa). Aqueles alunos que não atendem aos requisitos não estão impedidos de se inscrever na seleção interna da UFES ou no Portal CSF. Portanto, eles podem se inscrever na página eletrônica CSF e também presencialmente na UFES.

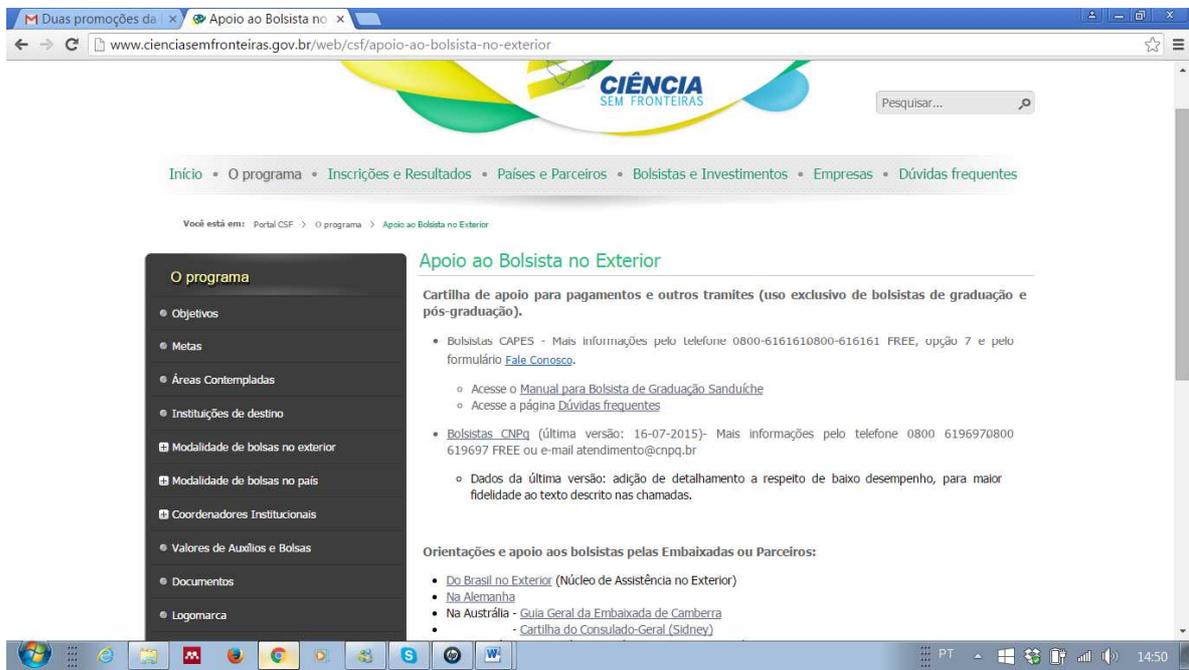
Findado o período de inscrição para a seleção interna, os documentos são analisados, caso a caso, para verificar se atendem aos critérios do edital interno. Os alunos que estão em conformidade com os critérios são homologados, por um servidor da UFES, no Portal do CSF.

No momento de a UFES homologar seus inscritos junto ao CSF (via portal *online*), após sua seleção interna, o operador do sistema CSF na UFES verifica a correspondência de sua lista de inscritos (e aprovados na seleção interna) com a lista disponível no sistema de inscrições CSF. Dessa forma, o candidato que figurar nas duas listas, do CSF e da UFES, está “apto” para ser contemplado com a bolsa CSF, pois atendeu aos requisitos da UFES e se inscreveu na página CSF.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/inscricoes-resultados>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

**Figura 19. Tela com informações de apoio ao bolsista no exterior, disponível no Portal CSF.**



Fonte: Portal do programa Ciência sem Fronteiras<sup>61</sup>.

Depois disso, os dados desses candidatos homologados pela UFES são verificados pelos operadores do sistema CSF em Brasília. Se esses dados estiverem em conformidade com as regras do programa, as inscrições são validadas e a UFES tem acesso a um relatório parcial com os alunos selecionados pelo programa.

Em seguida, os candidatos selecionados recebem um comunicado e/ou um termo de compromisso, enviado pela CAPES ou pelo CNPq, dependendo do país-destino escolhido. Os alunos que recebem o termo de compromisso da CAPES são orientados a levar esse documento à SRI, para colher a assinatura da coordenação do programa CSF na UFES. Tanto os alunos que receberão a bolsa pela CAPES quanto aqueles que receberão a bolsa pelo CNPq recebem instruções da SRI para solicitar trancamento do curso, em virtude de intercâmbio no exterior.

Esses alunos procuram então seus colegiados de curso, levando suas cartas de concessão de benefício (bolsa) e devem procurar o coordenador de seu curso de

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/apoio-ao-bolsista-no-exterior>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

graduação para definir quais períodos serão trancados. O coordenador emite então um memorando, direcionado à SRI, solicitando o trancamento.

Recebido o memorando enviado pelos coordenadores de curso, um servidor da SRI realiza um cadastro (por meio de uma planilha) de todas as informações do aluno disponíveis na solicitação de trancamento, como os períodos que serão trancados, o país-destino, a universidade onde o aluno vai estudar no exterior, entre outras informações. Os alunos são orientados a verificar, periodicamente, a situação do trancamento via Portal do Aluno da UFES. Caso haja alguma divergência de informações, os alunos podem procurar a SRI para solucionar dúvidas.

Findado o período de estudos no exterior, os alunos devem preencher um relatório *online* de conclusão de atividades, que é recebido pelo coordenador CSF na UFES para ser lido, avaliado e encaminhado ao órgão que concedeu a bolsa.

### **3.METODOLOGIA**

#### **3.1.Abordagem da Pesquisa**

A presente pesquisa tem classificação descritiva e explicativa quanto aos fins, por estabelecer características de uma determinada população, relações de variáveis e determinar fatores para ocorrências de fenômenos (GIL, 2002). Esta pesquisa é de natureza aplicada, pois é dirigida a soluções de problemas específicos através de práticas (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010, p.26). Quanto aos métodos de investigação, esta pesquisa é documental, bibliográfica e de campo, pois o fenômeno é observado onde e tal como ocorre, através de registros de variáveis consideradas relevantes. Além disso, a compreensão dos conceitos, teorias, histórias e tendências da temática se faz através de artigos, livros, revistas, notícias, dentre outros, tornados públicos. As fontes de dados tem origem em documentos, formais ou não, incluindo as extraídas em base de dados de sistemas de informação e em formulários digitais ou não (MARCONI e LAKATOS, 2003).

A pesquisa bibliográfica é uma técnica de levantamento de dados importante. Trata-se de um “apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (MARCONI e LAKATOS, 2012a, p.12). A pesquisa bibliográfica lida assim com material já publicado, de forma a fornecer fundação teórica ao trabalho de pesquisa e permitir a “identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema”. Sua principal vantagem é “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2010, p.29-30).

Já a pesquisa documental, também usada nesta pesquisa, utiliza vários tipos de documentos, elaborados com diversas finalidades, sendo considerada fonte documental aquela pesquisa cujo material consultado é interno a uma organização. Dentre os documentos mais utilizados nas pesquisas documentais estão os documentos institucionais, mantidos em arquivos de órgãos públicos (GIL, 2010, p.30-31).

Como toda pesquisa envolve o levantamento de dados de variadas fontes, no presente trabalho foi usada a documentação indireta como forma de obter dados coletados por outras pessoas, tanto na forma de pesquisa documental (ou de fontes primárias), como dados provenientes dos órgãos que dispõem de informações,

quanto na forma de pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias), por meio de consulta a livros, periódicos e publicações avulsas, entre outros materiais. O objetivo é colocar o pesquisador em contato com o que já foi escrito sobre determinado assunto, de forma a auxiliar na definição e resolução de problemas, além de permitir explorar novas áreas, nas quais os problemas ainda não se cristalizaram de forma suficiente. Dessa forma a pesquisa bibliográfica pode ser considerada o primeiro passo de toda a pesquisa científica (MARCONI e LAKATOS, 2012b, p.43-44).

Os instrumentos utilizados para o levantamento de dados foram entrevistas e questionário. A entrevista ocorre entre pessoas, através da conversa de natureza profissional, para observar fatos conforme estes ocorrem. O questionário ocorre através de questões estruturadas, com questões abertas e/ou fechadas, e permite coletar dados por escrito, sem a presença do entrevistador. Assim esta pesquisa é classificada como qualitativa-quantitativa. Quanto à análise dos dados, é uma pesquisa interpretativa e crítica, na qual utiliza-se a análise de conteúdo. Ela é quantitativa quando parte da classificação das informações e opiniões, podendo ser traduzida em números. Ela é qualitativa quando não necessariamente traduz essas informações em números, mas apresenta informações de outras formas. A pesquisa é interpretativa e crítica porque as ideias expostas e defendidas são analisadas com juízo de valor e apreciação pessoal. A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que permite a interpretação de comunicações com uma investigação do conteúdo (MARCONI, LAKATOS, 2003; BARDIN, 2011, p. 42).

Além disso, a modalidade de pesquisa usada no presente trabalho foi o estudo de caso. Trata-se de uma modalidade de pesquisa muito utilizada nas ciências sociais e consiste num estudo aprofundado e intensivo de um ou poucos objetos, de modo que seu conhecimento seja amplo e detalhado (GIL, 2010). Com essa modalidade é possível descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação.

O estudo de caso se concentra no estudo de um caso particular, que pode ser considerado representativo, quando comparado com casos análogos. Geralmente a coleta de dados ocorre de forma semelhante às pesquisas de campo (SEVERINO, 2007, p.121). Como método de pesquisa, o estudo de caso é utilizado em diversas situações, de forma a contribuir para o conhecimento de fenômenos “individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”. Nessas situações, o

desejo de entender fenômenos sociais complexos pode ser um dos motivos para o uso desse método.

Além disso, o estudo de caso permite aos pesquisadores reter “características holísticas e significativas dos eventos da vida real”, incluindo a área de relações internacionais (YIN, 2010, p.24). Um dos exemplos de estudos envolvendo relações internacionais foi descrito por Allison e Zelikow (2004).

Questões de pesquisa que incluem “como” e “por que” provavelmente levam à utilização dos estudos de caso, visto que essas questões lidam com vínculos operacionais que precisam ser analisados ao longo do tempo, mais do que meras frequências ou incidências (YIN, 2010, p.30). O estudo de caso é mais usado na análise de eventos contemporâneos, nos quais comportamentos relevantes não podem ser manipulados, incluindo duas fontes de evidência: ocorre observação direta dos eventos e entrevistas com as pessoas envolvidas em tais eventos (YIN, 2010, p.32). Nesse sentido, esse método pode ser usado quando se deseja entender um fenômeno da vida real, englobando importantes questões contextuais.

A pesquisa com estudos de caso lida com uma situação diferenciada do ponto de vista técnico, na qual existem mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Nesse sentido, lida com fontes múltiplas de evidência, com a necessidade de convergir os dados de forma triangular. Como resultado, beneficia-se do desenvolvimento anterior de proposições teóricas para orientar a coleta e análise de dados (YIN, 2010, p.40).

Quanto à Gestão do Conhecimento, a presente pesquisa, na qual bolsistas em mobilidade estudantil tiveram a oportunidade de expor suas experiências vividas no exterior, almejou “capturar” uma parte das vivências ali acumuladas. A pesquisa também buscou, por meio de entrevistas, propor melhorias nos procedimentos do programa CSF na UFES.

Lembrando que, segundo Takeuchi e Nonaka (2008, p.26), o “grupo facilita a transformação do conhecimento pessoal em conhecimento organizacional”. Sendo assim, os indivíduos, ao interagir uns com os outros, geram novos pontos de vista e solucionam contradições por meio de diálogos.

### **3.2.Etapas da Pesquisa**

A estrutura da presente pesquisa abrangeu as seguintes etapas:

- a) levantamento de referencial teórico, por meio de consulta a páginas na internet que disponibilizam artigos acadêmicos, como o Portal de Periódicos da Capes, e consulta de diversos livros, relatórios de instituições nacionais e internacionais (como o Banco Mundial), incluindo consultas a portais dessas instituições e a bancos de dados *online* de artigos acadêmicos, como o *Web of Science*;
- b) levantamento de trabalhos relacionados e pesquisas sobre como estão sendo trabalhados esses conhecimentos por outras IES, através de ferramentas de busca na internet, levantamento esse que possibilitou localizar dissertações e teses que tratam de internacionalização no ensino superior;
- c) entendimento sobre a internacionalização na UFES e os programas de mobilidade estudantil, usando análise de documentos e sítios institucionais, incluindo organogramas, estatutos, resoluções de conselhos universitários, planilhas, entre outros;
- d) conhecimento dos procedimentos do Programa CSF, através das informações e documentos disponíveis no Portal “Ciência sem Fronteiras” do Governo Federal, como normas, resoluções, editais e, principalmente, indicadores nacionais, regionais e institucionais extraídos do “Painel de Controle”, com uso de filtros, e apresentados como gráficos e tabelas, assim como contato com os canais de atendimento do programa;
- e) conhecimento do Programa CSF na UFES através de levantamento dos procedimentos, documentos e indicadores no Portal da Secretaria de Relações Internacionais (SRI), como normas, resoluções, editais e, principalmente, fichas de inscrição e planilhas de controle;
- f) avaliação do procedimento e fluxo de funcionamento do Programa CSF na UFES, através de entrevistas com alguns funcionários da SRI participantes do processo, para proposta de melhorias;
- g) coleta de dados de discentes, por meio de acesso a sistemas de concessão de bolsas (Capes/CNPq), planilhas de controle e cadastro de fichas de inscrição nos editais do programa na UFES;
- h) pesquisa com os candidatos a bolsistas e os bolsistas do Programa CSF da UFES, por meio de questionários para levantamento do perfil do

discente, avaliação do programa e relato de experiências, a partir de uma lista de endereços de correio eletrônico, gerada após o cadastro de fichas de inscrição nos editais;

- i) análise dos dados da pesquisa e conclusões;
- j) sugestão de trabalhos futuros.

### *3.2.1. Delimitação da Pesquisa*

A presente pesquisa abrange apenas os procedimentos do Programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Federal do Espírito Santo, na modalidade graduação-sanduíche para o exterior e, conseqüentemente, os alunos de graduação da UFES participantes do programa CSF. O motivo dessa escolha se deve ao fato de que o quantitativo de alunos de graduação atendidos pelo programa é muito maior do que a quantidade de bolsas oferecidas aos alunos de pós-graduação (ou outras modalidades de bolsa), conforme dados divulgados no “Painel de Controle” do Portal do Programa Ciência sem Fronteiras, na internet. Além disso, a Coordenação de Mobilidade para o Exterior da UFES demonstrou interesse nesse estudo, pois existem dificuldades de controle e acompanhamento de alunos em mobilidade, na modalidade graduação-sanduíche, conforme descrito em seção específica.

Devido à existência de dificuldades nos procedimentos de acompanhamento do programa CSF pela UFES e à necessidade de aguardar considerável tempo para atualização de informações pelo Programa de Ciência sem Fronteiras (por meio de seus canais de informação), considerou-se como universo de pesquisa os alunos constantes nos formulários de inscrição aos editais internos da UFES, para chamadas do programa CSF.

A amostra considerada para análise dos dados de opinião, experiências e características do programa foram os alunos de graduação da UFES inscritos em editais do Programa CSF, na modalidade graduação sanduíche para o exterior e que participaram dos questionários desta pesquisa. As principais variáveis foram analisadas para os alunos contemplados com bolsas do CNPq ou CAPES. A análise de conteúdo das experiências considerou somente os alunos que demonstraram interesse em relatar e ter sua experiência divulgada em evento ou portal, ou seja, alunos bolsistas que enviaram seu relato de experiências.

O convite para participar da pesquisa foi feito a todos os alunos da UFES que se inscreveram no programa CSF na etapa presencial na UFES, entre 2011 e 2014, de forma que todos os inscritos tiveram oportunidade de participar da pesquisa.

Apenas experiências acadêmicas, científicas e profissionais foram consideradas, em sintonia com o inciso I, do parágrafo 2º, do Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011, que instituiu o programa Ciência sem Fronteiras:

I – promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a formação de estudantes brasileiros, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil.

Tendo em vista que um dos objetivos desta pesquisa foi a disseminação dos relatos de experiências, apenas os alunos que encontravam-se no exterior ou já haviam voltado ao Brasil puderam submeter suas experiências para serem analisadas, considerando que esses relatos seriam divulgados em um evento acadêmico presencial ou por meio de página eletrônica.

Os principais *stakeholders* (partes interessadas) do Programa Ciência sem Fronteiras considerados nesta pesquisa foram:

- a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por meio de suas divisões – Secretaria de Relações Internacionais, Pró-Reitoria de Graduação, Colegiados de Curso e Centro de Línguas;
- a comunidade discente de graduação da UFES inscrita em editais da UFES do programa;
- Ministérios, por meio de suas agências Capes (MEC) e o CNPq (MCTI); e
- Universidades parceiras do programa CSF no exterior.

### **3.3.Coleta de Dados**

A partir das técnicas descritas anteriormente, foi feito um levantamento sobre os estudantes da UFES que se inscreveram nos editais de seleção interna da UFES para o Programa Ciência sem Fronteiras, na modalidade graduação-sanduiche para o exterior, entre 2011 e 2014.

### *3.3.1. Dificuldades encontradas na Pesquisa*

A principal dificuldade encontrada na pesquisa foi a ausência de informações que facilitassem o contato inicial com o universo da pesquisa, de forma a identificar aqueles que efetivamente participaram do programa e que gostariam de compartilhar suas experiências desenvolvidas no exterior, assim como avaliar o programa.

Isso porque não existia na UFES um cadastro confiável contendo a relação de todos os seus alunos que tiveram bolsas implementadas no programa CSF (Capes ou CNPq), no qual constasse um endereço de correio eletrônico (e-mail) de contato, para o convite de participação na pesquisa. Existiam inconsistências nos quantitativos das diferentes fontes de informação, conforme descrito a seguir.

Cabe destacar que não há um sistema eletrônico de inscrição no edital interno da UFES, isto é, a inscrição no edital de seleção interna da UFES é presencial, com apresentação de documentos na Secretaria de Relações Internacionais (SRI). Os candidatos homologados pela UFES junto ao CSF são aptos a receber a bolsa CSF, e podem recebê-la apenas uma vez, de uma das agências (Capes ou CNPq). Na SRI não eram registrados dados sobre todas as bolsas homologadas, após o aluno ter sido contemplado com a bolsa e esta bolsa ter sido implementada pela agência, pois apenas uma das agências (Capes) enviava um termo de compromisso ao aluno, no qual devia constar a assinatura de um representante da UFES/SRI. Esse era o documento a partir do qual a SRI fazia seus registros. No caso de bolsistas CNPq essa informação faltava no cadastro da SRI.

Diante disto, foi solicitada à Capes e ao CNPq (por ofício, e-mail e telefone) uma lista com esse cadastro de alunos da UFES em mobilidade pelo programa CSF. Todavia, os contatos Capes e CNPq manifestaram (por telefone) que não dispunham de uma lista precisa com os alunos da UFES contemplados com bolsas CSF, e disseram que somente as consultas ao Painel de Controle do Programa Ciências sem Fronteiras seriam suficientes para obter informações. Todavia, esse Painel não possui um nível de detalhamento que permitia identificar, com exatidão, quem eram os alunos da UFES que receberam ou estavam recebendo bolsas CSF. Os sistemas de acompanhamento de bolsas da Capes e do CNPq também não dispunham de informações em tempo real, isto é, era necessário um tempo para que os dados dos alunos estivessem atualizados.

Então, decidiu-se por montar um cadastro com todos os inscritos nos editais internos da UFES para o programa CSF. Os dados de 2011 a 2013 foram obtidos a partir da digitação de fichas de inscrição em papel, arquivadas na Secretaria de Relações Internacionais (SRI). Já os dados de 2014 foram obtidos a partir de planilhas da SRI, onde não constava a data exata de inscrição, apenas o ano.

Todavia, nem todos os alunos que se inscrevem na UFES são selecionados para serem homologados junto ao núcleo gestor nacional do programa CSF, visto que existem critérios de seleção interna da UFES, como: coeficiente de rendimento, número de reprovações e índice de conclusão de curso. Portanto, nem todos inscritos na UFES foram selecionados para homologação junto à gestão nacional do CSF e na maior parte (2011 a 2013) desse cadastro de alunos inscritos não havia informações sobre a homologação (ou não) da bolsa pela Capes ou CNPq.

Destacam-se aqui momentos importantes da pesquisa. Em 04/08/2014, a SRI disponibiliza ao pesquisador uma planilha de trancamento dos alunos, por motivo de estarem participando do programa CSF. Todavia, essa informação era parcial, pois somente a partir de 2014 se passou a registrar a questão do trancamento nas planilhas de controle da SRI. Dessa forma, muitos bolsistas ainda não tinham realizado o trancamento e essa informação acabava não constando em seus históricos acadêmicos. Em 13/08/2014 tentou-se atualizar os dados da planilha geral de inscritos com informações obtidas dos bolsistas da Capes, considerando a entrega do Termo de Compromisso da Capes na SRI. Porém, no caso do CNPq, os alunos não tinham necessidade de se apresentar à SRI, já que não tinham um termo de compromisso no qual a SRI tivesse que colocar a assinatura de seu representante.

Outra dificuldade encontrada durante a pesquisa foram mudanças nos procedimentos de funcionamento do CSF na UFES, ocorridas a partir de diálogos entre a Coordenação do CSF na UFES e servidores da Secretaria de Relações Internacionais (SRI). Também ocorreu a atualização da página da SRI, na seção que contém informações e formulários do programa CSF na UFES. Isso trouxe complicações para a descrição dos procedimentos do programa na UFES e para a formulação de uma proposta de melhorias nesses procedimentos. Muito do material produzido na pesquisa precisou ser atualizado, pois ocorreram alterações no funcionamento do CSF na UFES, que foram registradas por meio de *slides*, disponibilizados para alunos e coordenadores de curso. Também houve reuniões na

instituição, como é o caso das sessões da Câmara de Graduação, nas quais a coordenação do programa CSF na UFES participava para explicar as mudanças no funcionamento do programa.

Cabe destacar que em 2015 não foram divulgadas chamadas para o programa CSF (na modalidade graduação-sanduíche no exterior) por meio de seu portal nacional e, conseqüentemente, não houve editais internos na UFES. Sendo assim, não foi possível avaliar as mudanças ou propor sugestões de melhorias nesse período.

Mediante a falta de informações e/ou a disponibilidade de dados quantitativos serem diferentes, provenientes da UFES, Capes e CNPq, optou-se por obter estes dados individualizados através do questionário desta pesquisa, para o qual foram convidados todos os alunos inscritos nos editais internos de seleção da UFES para o CSF.

Essa diferença entre dados ocorre porque os mesmos são apresentados de forma dinâmica nos sistemas da Capes, CNPq e Painel de Controle CSF, não sendo possível determinar a periodicidade com que as atualizações acontecem. Alguns detalhamentos também não são possíveis de se obter (no Painel de Controle, por exemplo), como, por exemplo, saber quantos alunos da UFES receberam a bolsa CSF, em cada ano, pois é mostrado apenas o total acumulado. O acompanhamento de bolsas da Capes ou do CNPq está associado aos alunos que submeteram os Relatórios Técnicos de Bolsa em cada Portal, não estando disponível quais ou quantos alunos da UFES foram contemplados com bolsas por ano, por agência.

Com relação à quantidade de inscrições de alunos nos editais internos da UFES, no período de 2011 a 2014, foram distribuídas assim: 5 inscrições em 2011; 445 inscrições em 2012; 910 inscrições em 2013; e 305 inscrições em 2014. Houve então um total de 1.665 inscrições nesse período.

A partir desses dados, foi elaborada uma planilha que indicou 267 inscrições redundantes, sendo 3% de candidatos inscritos para mais de um edital de seleção interna da UFES. Portanto, haviam nomes repetidos nas planilhas, pois os candidatos poderiam se inscrever em mais de um edital no período em questão (2011 a 2014).

**Tabela 16. Quantidade de candidatos inscritos em mais de um edital no Programa CSF na UFES, modalidade graduação (2011 a 2014).**

Quantidade de editais inscritos por candidato	Quantidade de candidatos inscritos em mais de um edital	Quantidade de redundâncias no cadastro de candidatos
2 vezes	218	218
3 vezes	20	40
4 vezes	3	9
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>267</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da SRI.

Conforme a tabela 16, 15% dos candidatos ao programa se inscreveram em 2 editais, e aproximadamente 2% em 3 ou 4 editais. Assim, o total de candidatos ao programa foi de 1.398 alunos, o mesmo total de convidados a participar desta pesquisa respondendo ao questionário elaborado pelo pesquisador.

### 3.3.2. Questionário e Formulário (enquete online)

O questionário usado nesta pesquisa foi desenvolvido na plataforma *LimeSurvey*, disponibilizada pelo Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI), por meio do Portal Enquete UFES<sup>62</sup>.

Antes de ele ser aplicado, um convite foi enviado a todos os endereços constantes da planilha de inscritos na UFES, explicando aos alunos que já estavam no exterior, ou alunos que já tinham retornado ao Brasil, que eles poderiam relatar suas experiências vivenciadas no âmbito do programa CSF, por meio de um formulário digital. Assim foi possível ter acesso ao conhecimento construído por esses alunos e então observar o conteúdo dos diversos aspectos relatados dessas experiências. Também foi possível pensar em formas de divulgação e disseminação desse conhecimento, a partir de sugestões dadas pelos próprios alunos.

Depois disso, o questionário foi elaborado para auxiliar na análise das características do programa, no que diz respeito aos alunos da UFES. Houve um pré-teste no qual os alunos enviaram (por e-mail) sugestões de melhoria, para

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://enquetes.ufes.br/>>.

melhor compreensão do questionário pelos respondentes. Ao todo foram 54 perguntas. O questionário consta como Apêndice A desta Pesquisa.

### 3.3.2.1. Formulário “Relato de experiências de Alunos da UFES no CSF”

Os aspectos da experiência CSF a serem relatados tiveram como base os relatos de alunos bolsistas CSF de outras instituições, conforme apresentado neste trabalho no Quadro 1 (Conteúdos encontrados na Internet sobre relatos de experiências de alunos CSF). Também, foram considerados aspectos comparativos de metodologia de ensino e infraestrutura, comparando a instituição-destino com a UFES, instituição de origem.

Esses aspectos detalhados tem como objetivo ampliar o conhecimento a respeito do programa CSF, tornando-o explícito e disseminado, possibilitando assim maior motivação para participação dos discentes no programa, além de propostas de melhorias na qualidade dos cursos de origem, através de ideias e contribuições para melhores práticas acadêmicas.

Os aspectos considerados incluem a formação acadêmica em disciplinas do próprio currículo, idioma estrangeiro, atividades profissionais, culturais e sociais, além de problemas enfrentados, com as seguintes questões (Apêndice C): Disciplinas em áreas afins; Disciplinas de outras áreas; Atividades de proficiência no idioma estrangeiro; Estágio acadêmico; Estágio profissional/em empresas; Atividades culturais e sociais; Problemas enfrentados (se foram solucionados, como e por qual instituição).

O formulário proposto nesta pesquisa foi desenvolvido e denominado “Relato de Experiências de Alunos da UFES no CSF”. Na orientação de preenchimento do formulário, foram sugeridos observar os seguintes pontos:

- a existência de acompanhamento/supervisão de suas atividades;
- como foi feita a supervisão e/ou orientação da atividade (como a atividade foi conduzida);
- a que público se destina a atividade;
- diferenças das experiências existentes no Brasil e no exterior (metodologia, acompanhamento, práticas, ferramentas e técnicas, tecnologia da informação);

- o tempo de duração da atividade;
- se a atividade foi individual ou em grupo; e
- se a atividade ocorreu em área afim ou área não-afim ao seu curso e graduação.

Antes de disponibilizar o formulário, foi enviado um e-mail para os 1.398 candidatos inscritos nos editais da UFES perguntando o interesse em divulgar as suas experiências com o Programa Ciência sem Fronteiras. Destes, 57 alunos (4%) manifestaram interesse.

Em 07/09/2015 foi enviado (por e-mail) o formulário de relato de experiências, para realização de um pré-teste, com dois alunos bolsistas CSF que estavam dispostos a participar do relato e que tinham contato frequente com o pesquisador. Após o recebimento do pré-teste e mediante a não manifestação de alterações no formulário, estes foram incluídos na amostra desta pesquisa, para análise de resultados.

O convite para participar do relato de experiências aos 57 candidatos dispostos a participar do relato (inscritos nos editais da UFES) foi feito por e-mail em 12/09/2014. A participação foi permitida até 18/09/2014. Foram 7 respondentes, totalizando 9, com os respondentes do pré-teste. De 23/09/2014 a 29/09/2014 solicitou-se aos 9 alunos responder se já tinham retornado ao Brasil.

Em 11/11/2014, o NTI disponibilizou o Blog, Figura 20, proposto nesta pesquisa para os relatos de experiências, conforme solicitado pelo pesquisador, produto desta pesquisa (<https://blog.ufes.br/csfnaufes/>). Assim, com a orientação para o relato e a distinção dos aspectos a serem relatados, buscou-se ampliar o detalhamento das experiências vivenciadas pelos bolsistas no âmbito do programa CSF.

Figura 20. Tela do blog proposto para relato de experiências CSF da UFES.



Fonte: Página de blogs da UFES<sup>63</sup>.

### 3.3.2.2. Enquete “Avaliação das experiências de Alunos da UFES no CSF”

Em seguida, aplicou-se um questionário para a avaliação da experiência CSF, modalidade graduação sanduíche no exterior, para descrição do cenário da UFES sob a ótica dos discentes candidatos, para comparar o cenário da instituição-origem com o cenário estadual e nacional, a fim de apresentar contextualizações e análises.

O questionário foi elaborado considerando os aspectos e itens investigados no Quadro 8, sendo que os itens do perfil foram obtidos da tabela gerada do cadastro de inscrições em editais CSF, formulário de inscrição<sup>64</sup>. Esses aspectos foram definidos a partir da proposta do programa na formação do bolsista e nos

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://blog.ufes.br/csfnafes/>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

<sup>64</sup> Disponível em:

<[http://www.internacional.ufes.br/sites/internacional.ufes.br/files/formulario\\_inscricao\\_candidato\\_mobilidade.rtf](http://www.internacional.ufes.br/sites/internacional.ufes.br/files/formulario_inscricao_candidato_mobilidade.rtf)>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

procedimentos do programa na UFES, como: o idioma, as áreas de conhecimento, contribuição para os cursos, aproveitamento de estudos do bolsista, comparativos entre a universidade de origem e destino e pessoais, muitos destes sob a perspectiva antes e depois.

**Quadro 8. Aspectos e itens investigados para avaliação do programa CSF, na modalidade graduação sanduíche no exterior.**

<b>Aspectos Avaliados</b>	<b>Itens investigados</b>
Perfil	Gênero
	Curso de origem
	Quantas vezes se inscreveu em editais
	Ano de inscrição
	Editais em que se inscreveu
	Área do conhecimento CSF
Escolha da experiência	Países-destino escolhidos
	Idiomas de ensino nos países-destino
Depois de contemplado com a Bolsa	Edital em que foi contemplado com a bolsa CSF
	Idioma do país-destino
	País-destino
	Universidade-destino
	Início e término bolsa
	Curso no qual estuda/estudou no exterior
	Agência da qual recebe/recebeu bolsa
	Situação em relação ao tempo previsto para a bolsa (cumprimento, retorno ao país)
	Foi selecionado, se participou do programa e se voltou ao Brasil
	Alterações ocorridas no decorrer do programa
Impacto da mudança ocorrida	
Avaliação dos canais de comunicação e resolução de problemas	Canais de atendimento e resolução de problemas
	Qualidade de atendimento
	Agilidade do atendimento
Proficiência em idiomas	Auto-avaliação da fala, compreensão, escrita e leitura, em idioma de ensino no país-destino
	Itens que contribuíram para a proficiência
	Oportunidades na UFES, para desenvolvimento da proficiência no idioma
	Canais usados para obter informações sobre o teste de proficiência
	Teste que comprovou proficiência no idioma estrangeiro
Vida Acadêmica	Se periodizado ou não
	Reprovação em disciplinas antes e depois de ir ao exterior
	Atividades em que atuou na UFES, antes e depois de participar do CSF
	Períodos trancados por motivo de intercâmbio e outros
	Previsão de conclusão de curso comparada ao tempo máximo previsto no PPC (Projeto Pedagógico de Curso)
Vivência no País-Destino	Recepção/apoio da universidade-destino
	Avaliação do país-destino
Avaliação pessoal	Comprometimento com as atividades de intercâmbio
	Iniciativa na resolução dos problemas enfrentados
Percepção sobre Universidade origem	Apoio da UFES para adaptação no exterior

<b>Aspectos Avaliados</b>	<b>Itens investigados</b>
Após o retorno ao Brasil	Motivação com a experiência CSF
	O que aconteceu
	O que realizou no curso
	Auto-avaliação do desempenho acadêmico
	Contribuição da experiência no CSF para formação
Plano de estudos	Faixa de aproveitamento
	Motivos de não-aproveitamento
Comparação universidades	Avaliação da UFES e da universidade-destino
Expectativas e potencialidades	Em relação ao programa CSF
	Interesse em contribuir para a melhoria do seu curso
	Potencialidade de contribuição para melhoria do curso
	Relevância do CSF para formação

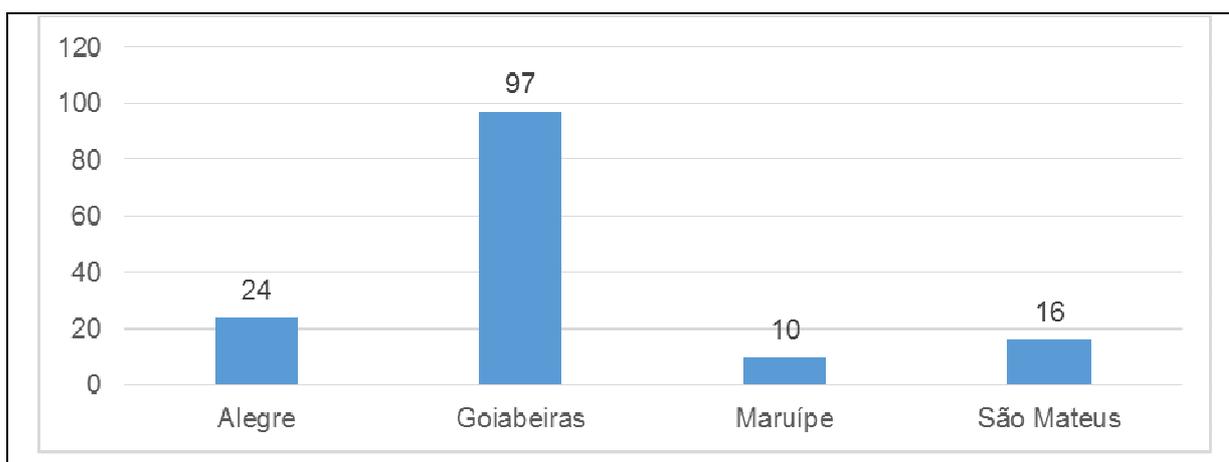
Fonte: Elaborado pelo Autor, a partir da formulação da enquete usada na pesquisa.

Em 22/01/2015, foi enviado *link* da enquete/questionário, para realização de pré-teste com os 9 alunos que enviaram ao pesquisador o formulário de experiências preenchido, denominado “Relato de Experiências de Alunos da UFES no CSF”. Os ajustes sugeridos foram realizados e, posteriormente, o questionário foi enviado pelo NTI aos 1.665 inscritos (1.398, sem redundância) nos editais do Programa CSF, no período 2011-2014. O período em que os respondentes registraram suas respostas na enquete foi de 10/02/2015 à 29/03/2015, sendo que, em 11/03/2015, o NTI enviou um e-mail de lembrete aos alunos que ainda não tinham respondido à enquete.

Em 23/04/2015 o NTI esclarece sobre como funciona a plataforma *LimeSurvey*, principalmente, que são consideradas respostas “completas” as respostas de quem chega ao final da enquete e clica em “enviar”. Foram 147 respondentes que enviaram a resposta completa do questionário, portanto esse é o número de respondentes válidos da pesquisa, cerca de 10% da população.

Os respondentes foram provenientes de 37 cursos, sendo a maioria desses alunos proveniente do campus Goiabeiras da UFES, principalmente da área de engenharias e demais áreas tecnológicas, conforme figura 21.

**Figura 21. Campus de origem dos respondentes da enquete.**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

### 3.3.2.3. Entrevista “Procedimentos e fluxo do Programa CSF na UFES”

Para compreender o funcionamento do programa CSF na UFES, procurou-se elaborar uma sequência de suas atividades (um fluxo). Para tanto, numa etapa inicial, o pesquisador utilizou-se de observação direta, conversas informais com os servidores da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) e análise de documentos impressos e eletrônicos, conforme exposto na seção de procedimentos da UFES deste trabalho.

Depois disso foi elaborada uma tabela com a descrição dos procedimentos do programa, suas fases e fluxo do programa CSF que já existiam na UFES. A partir dessa descrição de procedimentos foram conduzidas entrevistas pelo pesquisador, resultando em algumas mudanças e inclusão de fases.

Cabe lembrar que, paralelamente à condução da pesquisa, os servidores da SRI já discutiam propostas de mudanças e melhorias, como a necessidade de melhorar o fluxo e informações para acompanhar a vida acadêmica dos alunos antes, durante e depois de participar do programa CSF.

O roteiro de entrevista para o conhecimento dos procedimentos do programa Ciência sem Fronteiras da UFES na modalidade graduação sanduíche no exterior foi elaborado diante a realidade observada.

O roteiro denominado “Entrevista sobre procedimentos e fluxo do CSF da UFES”, Apêndice B, investigou os seguintes tópicos: fonte dos dados, sistemas de informação por envolvidos no processo, indicadores importantes (considerando o

Painel de Controle), os problemas atuais no processo (informação sobre o processo, qualidade, fluxo, etapas e responsáveis, comunicação entre os interessados), as iniciativas de melhorias, sugestões e descrição das iniciativas atuais de melhoria. Por fim, após apresentar a tabela de procedimentos para os entrevistados, solicitou-se uma crítica do fluxo inicialmente apresentado.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em 23/01/2015 na Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), com a Pró-Reitora e, com a servidora técnica que atuava na Coordenação de Mobilidade para o Exterior, da Secretaria de Relações Internacionais (SRI). O motivo da escolha desses entrevistados considerou o fato de que a servidora era a técnica quem trabalhava diretamente com os procedimentos operacionais e com os sistemas do programa CSF. Já a Pró-Reitora foi escolhida por presidir a Câmara de Graduação, composta pelos coordenadores de curso, ambiente no qual eles apresentam seus problemas, enquanto parte integrante do processo CSF na UFES.

Em suma, as entrevistas foram importantes para confirmar problemas que já tinham sido observados na análise de documentos e também para apontar outros problemas, além de permitir criticar a proposta do fluxo de atividades que se observou na gestão do programa CSF na UFES.

## 4.RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados desta pesquisa, para discutir o programa Ciência sem Fronteiras na UFES, na modalidade graduação-sanduiche para o exterior. Sob a ótica dos bolsistas CSF serão apresentadas as características e avaliação do programa e as experiências vivenciadas por eles. Sob a ótica dos servidores da UFES serão tratados procedimentos e fluxo do programa na Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da UFES.

### 4.1.Relatos de experiências

Os aspectos relatados dessas experiências, conforme proposto nesta pesquisa, foram os seguintes: disciplinas em áreas afins; disciplinas de outras áreas; atividades de proficiência no idioma estrangeiro; estágio acadêmico; estágio profissional/em empresas; atividades culturais e sociais; problemas enfrentados (se foram solucionados, como e por qual instituição).

Os respondentes do formulário de relatos de experiências foram de cursos de Goiabeiras (a maioria, 45%) e Maruípe. Não foi possível identificar a localização de todos no momento do relato, se estavam no exterior ou se já tinham retornado ao Brasil, pois não constava esse item no formulário. Nos casos identificados, 33% já tinham retornado ao Brasil e 22% se encontravam no exterior. Quanto aos cursos, houve bolsistas de variados cursos da UFES. Somente 33% dos respondentes dos relatos participaram também da enquete de avaliação do programa.

**Quadro 9. Respondentes dos Relatos de Experiências do programa CSF, na modalidade graduação sanduiche no exterior.**

Respondente nº	Situação quando relatou	Fonte da situação	Curso	Campi
1	Participou do programa	Formulário de relato de experiências	Arquitetura Urbanismo	Goiabeiras
2	Estava no exterior	Formulário de relato de experiências	Farmácia	Maruípe
3	Participou do programa	Formulário de relato de experiências	Arquitetura e Urbanismo	Goiabeiras
4	Voltou ao Brasil	Questionário	Geologia	Goiabeiras
5	Voltou ao Brasil	Questionário	Ciências Biológicas	Goiabeiras
6	Participou do programa	Formulário de relato de experiências	Enfermagem e Obstetrícia	Maruípe
7	Voltou ao Brasil	Questionário	Engenharia Elétrica	Goiabeiras

Respondente nº	Situação quando relatou	Fonte da situação	Curso	Campi
8	Estava no exterior	Formulário de relato de experiências	Fisioterapia	Maruípe
9	Participou do programa	Formulário de relato de experiências	Psicologia	Goiabeiras

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de repostas dos participantes dos relatos.

As seções seguintes apresentam os aspectos dos relatos.

#### 4.1.1. Disciplinas em áreas afins

As disciplinas cursadas em “áreas afins” foram consideradas aquelas que não eram ofertadas com regularidade ou não pertenciam ao curso de origem na UFES, mas tinham alguma semelhança com o curso de origem. Elas poderiam ter sido cursadas ou não pelo aluno na UFES. No caso de ter sido cursada, considerou-se válido repetir a disciplina, pois (em geral, segundo relatos dos alunos) as disciplinas cursadas no exterior possuíam maior carga horária prática e menor carga horária teórica presencial. Ressaltou-se que o acompanhamento dos professores, tutores e/ou auxiliares era muito frequente, com disponibilidade presencial e a distância.

Uma das alunas (A.C.C.) que participou do relato de experiências afirma que “em relação às disciplinas em que estou matriculada, todas elas se relacionam ao meu curso no Brasil”. Outro aluno (A.A.) completa que algumas disciplinas “não existiam ou não eram ministradas no Brasil”.

Quanto à metodologia das disciplinas, ressaltou-se a existência de maior carga horária prática nas disciplinas e menor carga horária teórica presencial.

Segundo esse aluno (A.A.), sua visão da carga horária, acompanhamento e infraestrutura da instituição no exterior assim se apresenta:

[as disciplinas em áreas afins] foram muito bem desenvolvidas, com carga horária suficiente, com orientações detalhadas por professores e seus assistentes e notei que as diferenças eram poucas em relação ao corpo discente e docente, com abordagens parecidas em relação às atividades realizadas em sala de aula, em grupo, aulas de campo dentre outras oportunidades; apenas com ressalva para a infraestrutura muito superior a brasileira”.

Ainda segundo a aluna A.C.C. existe “uma carga horária menor que a da universidade brasileira, o que não significa menos estudo”.

Novamente, quanto ao acompanhamento dos alunos no exterior, uma aluna (T.S.) afirma: “tenho sido acompanhada de forma muito atenciosa pelo coordenador

de assuntos internacionais da Universidade de Sevilla, por e-mail e de forma presencial”. No relato, aluna A.C.C. afirma: “aqui cada aluno tem um tutor, que é responsável por acompanhar todas atividades e sanar quaisquer dúvidas que possam surgir, de forma individualizada”.

Mais uma vez, quanto à carga horária e acompanhamento, essa aluna (A.C.C.) destaca a dificuldade de adaptação e a necessidade de maior tempo de estudo individual, através do relato:

Existem muitas atividades *self-study* e trabalhos que requerem uma carga horária de estudo intensa fora da sala de aula. Como a metodologia de ensino é diferente, demorei algumas semanas para me adaptar, mas os professores tem disponibilidade de orientar os alunos, via e-mail, a qualquer dia e hora (letivos). Em relação as aulas práticas, a universidade se supera em termos de estrutura, é possível ter acesso a equipamentos de última geração[...].

Também em relação ao acompanhamento dos bolsistas pela instituição estrangeira, foi apontada a atenção e disponibilidade de atendimento aos alunos estrangeiros, como o aluno (W.F.) afirma:

Em todas as 8 disciplinas que cursei em minha área tive um amplo acompanhamento tanto dos professores titulares, como de auxiliares. Cada uma das disciplinas tinha algo chamado de *office hours*, um horário específico para se tirar dúvidas, correção de atividades ou até mesmo apenas conversar com os professores [...] Todos os professores tinham conhecimento de que eu era um estudante internacional e percebi que se esforçavam para que eu tivesse um bom aproveitamento em suas disciplinas [...] absolutamente em todas as disciplinas que cursei tive total orientação em todas as atividades realizadas, e isso foi fundamental para meu bom desempenho em todas elas.

As aulas práticas e a metodologia de ensino foram apontadas como destaques, tanto que a aluna A.C.C. afirma que parece estar em um laboratório de pesquisa, sendo, portanto, proveitoso rever esses conteúdos já cursados na UFES, conforme seu relato:

[...] apesar de estar matriculada em algumas matérias que já cursei na UFES, tem sido um aprendizado diferente, pois a didática é diferente e academicamente as aulas práticas fornecidas aqui tem sido muito proveitosas, porque coisas que eu só faria em um laboratório de pesquisa ou indústria [...] são parte de aulas práticas normais da grade do curso.

Quanto a disciplinas não ofertadas na UFES e tempo de aula, isso é visto como uma oportunidade de ampliar conhecimento pela aluna (L.F.), que afirma:

[o programa CSF] proporcionou realizar disciplinas que eu sempre desejei fazer, mas que infelizmente não são ofertadas pela UFES ou são raramente ofertadas, como, por exemplo, biologia marinha e comportamento animal. Além disso, a metodologia das universidades Australianas é bem diferente

das universidades brasileiras. O tempo de aula teórica é bem menor e existem mais aulas práticas e aulas de campo quando comparado ao Brasil.

No que concerne à diferença de aulas teóricas/práticas e relacionamento com os colegas de turma, este é facilitado pela carga horária prática ser maior, já que na aula teórica geralmente os alunos não conversam durante a aula, conforme a aluna (L.F.) relata:

As aulas teóricas eram realizadas em grandes salas e as turmas tinham um grande número de alunos. Essa estrutura, na minha opinião, dificultava um pouco o relacionamento com os outros estudantes. Mas nas aulas práticas sempre existiam atividades em grupo facilitando uma aproximação com os colegas de turma.

Ainda segundo essa aluna, quanto ao sistema de avaliação nas disciplinas afins, ela afirma:

O sistema de avaliação também era bem diferente. Em todas as disciplinas que cursei existiam muitos trabalhos e relatórios durante o semestre e no final do semestre existia uma prova com todo o conteúdo.

Em relação à infraestrutura à qual os alunos tinham acesso, enquanto cursavam disciplinas de áreas afins, essa mesma aluna relata:

Outra diferença entre as universidades é a infraestrutura [...] salas de aula e os laboratórios são muito bem equipados e a estrutura de forma geral é bem melhor do que das Universidades brasileiras. Mas os professores de ambas as instituições são muito bem qualificados.

Outra aluna (C.B.) relata sobre a infraestrutura completa e o ambiente no cotidiano da sala de aula no exterior:

Todas as salas de aula eram equipadas com sonorização e amplificadores, microfones, climatizadas, com muita iluminação natural e *wireless*. Muitas tinham chamada eletrônica na entrada, computador, *datashow* e carteiras confortáveis. Os prédios possuíam um bom sistema de segurança e era permitido passar a noite nas dependências das salas de aula para estudar ou projetar [...] quanto às aulas, era predominante a exposição do conteúdo de forma oral pelo professor, sem interrupções pelos alunos coreanos por questões culturais (de respeito à hierarquia). Os alunos focam em decorar dados soltos e muitas vezes irrelevantes, e não na compreensão sistema e ampla do assunto. A frequência tem muito peso na avaliação (tanto que recebi ligação de uma professora quando faltei uma aula). As provas não são parte muito importante da nota final. A nota dos alunos não é absoluta, mas sim um ranking, por isso há muita competição para ser o melhor.

Quanto ao acompanhamento dos bolsistas pela agência que concedeu a bolsa, uma aluna (L.F.) diz:

Em relação ao acompanhamento das atividades, os bolsistas do CNPq tinham que enviar um relatório parcial e final com o histórico acadêmico. E os bolsistas do CNPq que não tiveram o desempenho desejado no primeiro semestre da Universidade foram mandados de volta ao Brasil sem concluir o programa. Acredito que esse posicionamento do CNPq foi muito válido e

fez com que os estudantes se dedicassem mais. Eu fui aprovada em todas as disciplinas e pude concluir o programa como esperado.

#### *4.1.2. Disciplinas de outras áreas*

As disciplinas de “outras áreas” foram consideradas aquelas que não faziam parte da grade curricular e/ou que não tinham semelhança com disciplinas ofertadas no curso de origem do aluno, mas que tinham a possibilidade de serem escolhidas para serem cursadas na instituição estrangeira.

De modo geral, essas disciplinas foram bem recebidas pelos alunos, pois permitiram expandir seu conhecimento para além da sua formação tradicional em sua área de estudo de origem. Alguns bolsistas citaram disciplinas relacionadas a idiomas como disciplinas de “outras áreas”. Também houve alunos que apenas citaram o nome da disciplina que cursaram.

Sobre o impacto desse tipo de disciplinas um aluno (A.A.) relata:

Acredito que tanto essa como as outras disciplinas que participei já me moldam, no que concerne meu modo de projetar, de me comportar, seja como cidadão, profissional ou aluno. A influência acadêmica por mim vivida lá foi e ainda é imensa.

A aluna (L.F.) aponta sua visão dessas disciplinas:

Essa experiência foi muito enriquecedora porque tínhamos a oportunidade de trabalhar em grupo e trocar experiências com pessoas de outras áreas durante as aulas práticas. E no meu curso na UFES eu só tive colegas de turma do meu curso.

#### *4.1.3. Atividades de proficiência no idioma estrangeiro*

Atividades de proficiência em idioma estrangeiro foram consideradas aquelas que fizeram parte das disciplinas ofertadas no exterior e também outras oportunidades informais de interação entre o bolsista e as pessoas com quem interagiu no exterior, em idioma estrangeiro.

Alguns dos relatos contam apenas o idioma estudado, o nível de proficiência e a duração do curso. Todavia, outros relatos trouxeram informações importantes, como as descritas a seguir.

Sobre aulas de idioma estrangeiro, a prática com falantes nativos e em como o cotidiano auxiliou no aprendizado, um dos alunos (A.A.) relata:

As aulas de coreano foram de grande serventia para o despertar da curiosidade sobre a língua, de certa forma, mas insuficientes para desenvolver um nível satisfatório de conversação, o que provavelmente não era o foco do curso [...] consegui desenvolver um nível maior de compreensão da língua, estudando e vivendo o cotidiano, praticando com amigos nativos, dentre outras atividades.

Uma das alunas (T.S.) afirma que, após cursar aulas do idioma estrangeiro, era possível prestar o exame de proficiência em espanhol denominado DELE.

Outra aluna (A.C.C.) afirmou a importância de um curso preparatório em inglês acadêmico:

Foi uma preparação para os alunos conseguirem acompanhar as aulas, e serem independentes quanto a realização de trabalhos e tomar notas durante as aulas.

Uma outra aluna (L.F.) também destaca a importância de curso preparatório em idiomas, antes das atividades acadêmicas em si:

Este curso de inglês era um curso de preparação para a universidade australiana [...] me ajudaram muito tanto para o [teste] IELTS quanto para a universidade. Mas não eram cursos que ensinavam inglês em si. O foco, por exemplo, não era gramática. Mas, de qualquer maneira, foram cursos muito úteis.

O impacto dos cursos preparatórios em idiomas também foi relatado por outro aluno (W.F.):

Realizei 2 meses de um curso intensivo de inglês, em uma turma de cerca de 10 alunos. Esse tempo foi essencial para que eu adquirisse mais confiança na língua. Tive 4 professores durante esse tempo, e todos eles eram extremamente atenciosos, presentes e preocupados com os alunos. O acompanhamento deles foi excelente.

#### *4.1.4. Estágio acadêmico*

Estágio acadêmico foi considerado aquele que constaria na matriz curricular, fazendo parte da carga horária do curso, incluindo atividades de pesquisa.

Alguns relatos mencionaram apenas a duração do estágio. Outros disseram que não tiveram essa oportunidade durante o período do intercâmbio.

Uma das alunas (T.S.) destaca a importância do estágio no qual participou:

O estágio, sem dúvidas, tem sido a parte mais proveitosa do meu intercâmbio. Aprendo sobre a cultura, o sistema de saúde da Espanha e o modo de atuação profissional. Sou bem orientada [...] sendo a única aluna a acompanhar o Fisioterapeuta responsável, tendo desta forma muito tempo para tirar dúvidas e melhorar minha atuação.

Apesar de não realizar estágio, uma das alunas (A.C.C.) explica o apoio que a universidade proporciona para essa atividade:

[...] a faculdade tem uma equipe que divulga vagas de estágios e *placements*, via twitter, e-mail e facebook. Existe um departamento de carreiras, que está disposto a auxiliar os estudantes na realização de currículos, oferecendo *workshops* de como se comportar e o que esperar de entrevistas de emprego e divulgando vagas de emprego e estágios.

Um dos alunos (W.F.) relatou seu estágio na área de pesquisa:

Tive a oportunidade de ser orientado por um excelente professor e exatamente na minha área de interesse [...] durante um trimestre realizei minha pesquisa. Apesar de seus horários serem bastante restritos, em nenhum momento isso foi uma limitação [...] além disso, no âmbito teórico, sua orientação era incrível. A experiência de pesquisa nos EUA foi singular para minha carreira, além do aprofundamento teórico em algo do meu interesse.

#### 4.1.5. Estágio profissional/em empresas

Estágio profissional/em empresas foi considerado aquele que ocorre como um período de treinamento dentro de organizações, com ou sem mediação de instituições de ensino. Considerou-se ainda um tipo de estágio que: não configura parte da carga horária do curso; pode ser remunerado ou não; deve contribuir para o aprendizado do aluno, permitindo aplicação de conceitos teóricos em situações reais.

A maioria dos bolsistas que relataram suas experiências não participou desse tipo de estágio. Todavia, para um dos alunos (A.A.), esse tipo de estágio teve uma grande importância:

Os estágios profissionais que participei ofereceram uma visão única [...] onde pude observar os procedimentos e atuações tanto dentro do mercado coreano quanto fora, e participar de várias atividades em equipe, apresentar ideias ao final do estágio e durante, com diversas visitas a campo, palestras e demonstrações práticas sobre vários assuntos dentro da construção civil coreana e mundial.

Cabe destacar que uma das alunas (C.B.) teve a oportunidade de participar de um programa de estágios de verão, da empresa Hyundai, na Coreia do Sul.

#### 4.1.6. Atividades culturais e sociais

Essas atividades foram consideradas como aquelas que permitiam ao bolsista ampliar o entendimento da cultura local e também apresentar sua própria cultura. Também são atividades que permitiam estabelecer interações para desenvolvimento das habilidades sociais do bolsista.

Esse foi o tipo de atividade sobre a qual os bolsistas mais produziram texto em seus relatos. Muitos citaram atividades esportivas e viagens de curta duração.

Um aluno (A.A.) descreveu assim esse tipo de atividades:

As atividades promovidas por embaixadas, universidades e mesmo as oferecidas por amigos foram de extrema importância para a construção de caráter e amadurecimento de muitos [...] aprendemos a nos comportar diante a sociedade coreana [...] convivendo e aprendendo com as diferenças culturais e sociais; as amizades feitas são também um bem especial adquirido durante o intercâmbio. Além do desenvolvimento pessoal, os contatos profissionais e acadêmicos estabelecidos foram também de grande importância.

Uma aluna (A.C.C.) destaca a diversidade de atividades que estavam disponíveis:

A universidade proporciona vários eventos e semanas culturais, incluindo viagens pelo Reino Unido, com intuito de mostrar a cultura do país e proporcionar a integração ente os estudantes. Existem diversas sociedades, formadas por estudantes [...] incluindo desde esportes, religião, caridade até meio ambiente. Muitos trabalhos voluntários são realizados aqui, e isso conta pontos no currículo dos estudantes, o que é interessante.

Outra aluna (L.F.) destaca as diversas oportunidades na cidade onde estudou:

Praticamente todo fim de semana existia alguma atividade cultural [...] além disso, a cidade tem muitos imigrantes e moradores com diferentes *backgrounds*, o que faz você respirar cultura todos os dias. Na própria universidade existem diversos clubes de dança e esportes [...] todas essas possibilidades me proporcionaram aprender mais sobre diferentes culturas e conviver com pessoas de diferentes países.

Uma aluna (C.B.) destaca o apoio da Embaixada Brasileira para integrar os estudantes brasileiros e apresentar a cultura brasileira no exterior. Além disso relata sobre a interação com representantes de empresas locais:

A embaixada brasileira [...] organizou diversos eventos para os estudantes [...] visando orientar acerca da cultura, dos estágios, das regras do país, da imigração e facilidades como telefone móvel. Além desse tipo de evento, ocorre em Seul diversos eventos onde os brasileiros são convidados a mostrar sua cultura. Ocorreram também *workshops* [...] onde os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um sítio histórico, subir uma montanha, fazer churrasco e participar de palestras [...]. Antes do período de estágio, representantes das empresas interessadas foram convidados a apresentar [...] as oportunidades, e abriu-se a chance para os estudantes conversarem pessoalmente com os representantes [...]. Além disso, cada universidade tem um festival cultural para seus alunos e convidados, com performances artísticas e presença de celebridades locais.

Outro aluno (W.F.) destaca a importância do apoio de grupos de estudantes na universidade estrangeira, para proporcionar maior segurança pessoal:

Particpei durante toda minha estadia nos EUA de um grupo cristão. Nos reuníamos semanalmente, além de outros encontros. Foi uma experiência essencial para mim, pois foi onde conheci a maioria dos meus atuais amigos americanos, e pude praticar o inglês falado. O fato de ser uma atividade religiosa também me trouxe mais segurança pessoal.

#### 4.1.7. Problemas enfrentados

Nesta seção, os bolsistas foram convidados a relatar problemas de diversos tipos. Também foram orientados a descrever se os problemas foram solucionados, como e quem auxiliou na resolução dos problemas.

Os principais problemas relatados estavam relacionados ao choque inicial que os bolsistas enfrentam relativos à cultura local, idioma estrangeiro e condições climáticas. Alguns relataram problema na comunicação com a agência que concedeu a bolsa.

Um dos alunos (A.A.) relata uma situação que é comum a quem vivencia uma cultura desconhecida no exterior:

Todas as pessoas que, de algum modo, se expõem a uma cultura desconhecida, assumem os riscos que tal atitude oferece [...]. Enfrentei alguns problemas de saúde [...] mas foram rapidamente contornados com a ajuda de amigos e com o tempo de adaptação. O planejamento financeiro foi um grande problema no início também, mas [...] o refinamento desse planejamento foi de modo eficiente e natural.

Uma das alunas (A.C.C.) relata que a universidade estrangeira oferecia amplo suporte para enfrentar problemas: “A universidade oferece suporte aos estudantes e auxiliam em qualquer caso, desde visto até uma lâmpada queimada na acomodação”.

Outra aluna (L.F.) apresenta seu relato de problemas relacionados ao estágio no exterior:

O único problema que eu enfrentei foi em relação a um possível estágio. Desde o início, os estudantes do meu edital estavam cientes que deveríamos realizar um estágio ao final do nosso intercâmbio. Chegamos até a realizar entrevistas com a organização da universidade australiana [...] mas, no fim do segundo semestre, fomos informados que o estágio não seria mais realizado. Alguns estudantes desistiram e outros seguiram na luta para a realização do estágio. Isso, na minha opinião, gerou um *stress* desnecessário para os estudantes. E, além disso, colocou o governo brasileiro em uma situação constrangedora perante a universidade australiana.

Uma das alunas (P.R.) relata problema relacionado à “diferença no processo ensino-aprendizagem, que foi solucionado com empenho estudantil e compreensão dos docentes”.

Outra aluna (C.B.) relatou muitas dificuldades, principalmente por conta da barreira do idioma na Coreia do Sul, as quais são apresentadas a seguir:

- Agência que concedeu a bolsa não permitia a matrícula em disciplina para aprendizado do idioma local; após diálogo com a agência, foi possível a matrícula.
- Estudante local (*buddy*) que a auxiliava nas atividades acadêmicas da universidade não falava inglês, então ela precisou fazer outros amigos coreanos para se comunicar melhor.
- Professor se recusou a lecionar sua disciplina em inglês, mas isso foi resolvido pelo setor de relações internacionais, que o convenceu a ofertar essa disciplina em inglês, após o horário regular de aulas.
- Mudanças no setor de gestão de estágios resultaram na alocação dela em vaga na qual não havia atividades relacionadas ao curso que ela estava vinculada; isso não foi solucionado.
- Lesão durante atividade de campo fez que a aluna estivesse ausente das aulas durante cerca de um mês; houve esforço para conseguir “passar” nas matérias;

- Seguro-viagem brasileiro não “funcionou” na Coreia do Sul; o parceiro local do CSF na Coreia do Sul (KFPP) passou a contratar um seguro coreano para os novos alunos do programa CSF.

Um dos alunos (W.F.) destacou a importância do orientador acadêmico para solução dos problemas:

Tive dificuldade de adaptação nos 3 primeiros meses, mas ao primeiro contato com meu *academic advisor*, tive total apoio e conselho. Com sua ajuda, fui me integrando em outras atividades na universidade, e mensalmente nos encontrávamos para lhe atualizar como eu estava. Isso foi muito importante para mim.

#### 4.1.8. Avaliação do programa

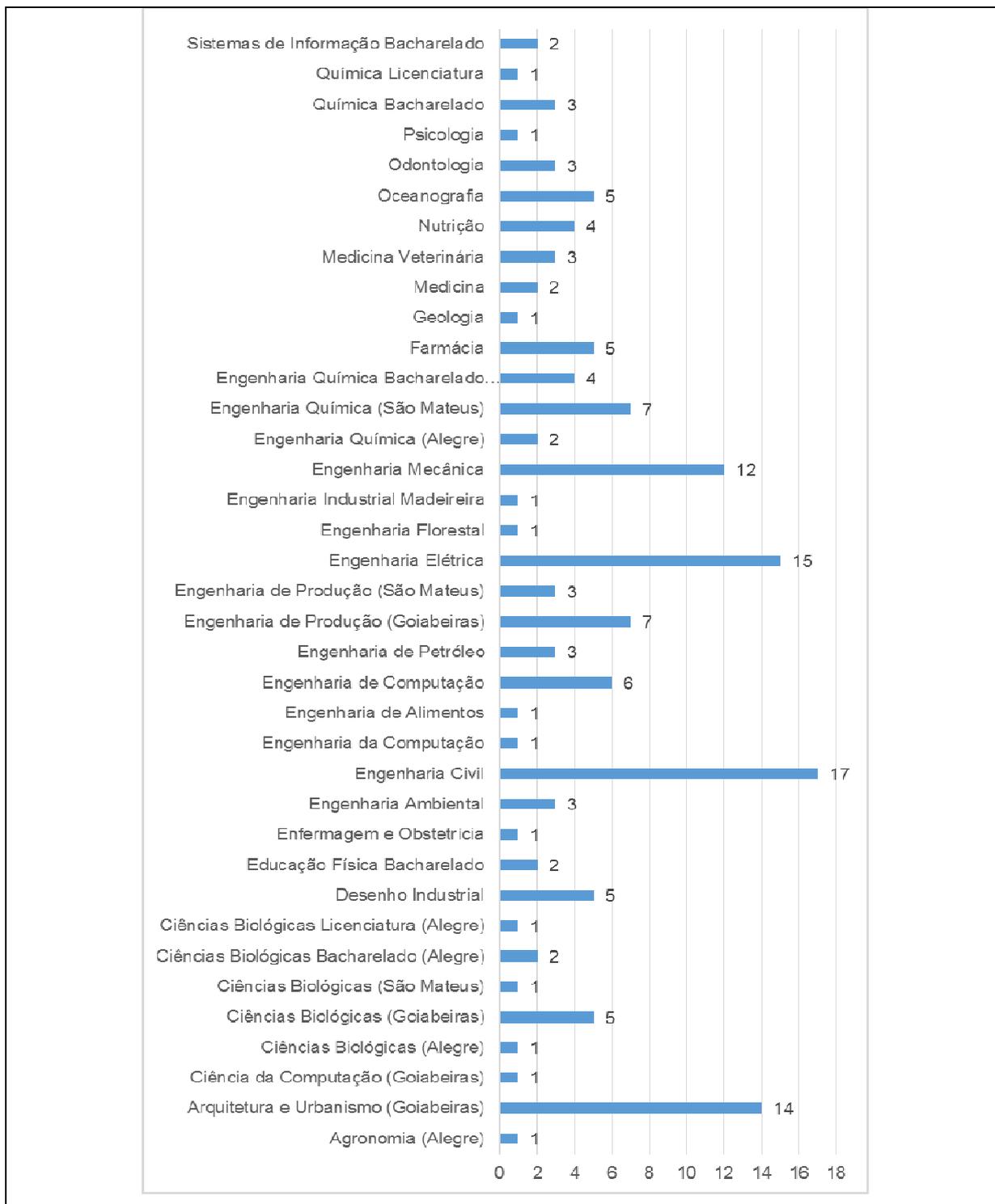
A avaliação do programa Ciência sem Fronteiras por discentes da Universidade Federal do Espírito Santo, na modalidade de graduação sanduíche no exterior, apresenta a percepção do bolsista sobre esta experiência para a sua formação, nos seguintes aspectos: em áreas de conhecimento relacionadas ao seu curso de graduação ou não; domínio do idioma de comunicação no país-destino; em relação aos procedimentos acadêmicos de aproveitamento de estudos do bolsista na universidade de origem; metodologias de ensino-aprendizagem e apoio da universidade-destino; comparativos entre a universidade de origem e de destino; canais de atendimento à disposição do bolsista; resolução de problemas cotidianos; expectativas pessoais; e o interesse do bolsista em contribuir com o curso de origem.

Os resultados são apresentados através de gráficos e tabelas, a partir de respostas à enquete realizada, conforme exposto na metodologia deste trabalho. Do número de 1.398 inscritos, o total de respondentes da enquete foi de 147 e os resultados das questões que ultrapassam esse total (ou a percentagem que excede 100%) são de perguntas que permitem mais de uma resposta. Os resultados abaixo dessa contagem (ou percentagens abaixo de 100%) são de perguntas cuja resposta era opcional.

Quanto ao perfil dos respondentes da UFES, a maioria é do gênero feminino (51,03%), com entrada na UFES em 2013, proveniente dos cursos de Engenharia Civil (11%), Engenharia Mecânica (10%), Arquitetura e Urbanismo (10%) e

Engenharia Elétrica (8%) – considerando os 37 cursos que figuram nas respostas da enquete (Figura 22).

**Figura 22. Distribuição, por curso de graduação, dos respondentes da enquete.**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Com relação às escolhas de áreas de conhecimento CSF, em editais da UFES, destaca-se a área de “Engenharias e demais áreas tecnológicas” (55%), seguida das áreas de “Biologia, ciências biomédicas e da saúde” (17,0%), “Indústria criativa” (10,9%) e Ciências exatas e da Terra (5,4%) – considerando as 11 áreas que figuram com respostas maiores que zero na enquete (Figura 23).

**Figura 23. Distribuição, por área do conhecimento CSF, dos respondentes da enquete.**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Considerando-se que 50% dos respondentes indicaram em qual edital da UFES foram contemplados com a bolsa CSF (resposta não-obrigatória), a maioria se inscreveu no Edital 04/2014 (15,6%), seguido do Edital 12/2013 (10,9%) e Edital 07/2013 (7,5%), seguindo a mesma tendência dos editais em que houve mais inscritos.

A maioria dos respondentes foi contemplada com bolsas Capes, representando mais de dois terços (67,3%) das respostas, conforme Tabela 17.

**Tabela 17. Distribuição de bolsas, por agências, aos respondentes da enquete.**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
da Capes	99	67,3%
do CNPq	48	32,7%
Total	147	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete Avaliação Programa CSF.

A condição dos respondentes como bolsistas CSF demonstra que a maioria dos respondentes estava no exterior (46,3%) e boa parte (38,1%) já havia retornado ao Brasil (Tabela 18).

**Tabela 18. Condição dos respondentes quando questionados sobre sua situação como bolsista CSF.**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Foi selecionado e já iniciou o programa no exterior	68	46,3%
Foi selecionado, mas ainda não viajou ao exterior	23	15,6%
Foi selecionado, participou do programa e voltou ao Brasil	56	38,1%
Total	147	100%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete Avaliação Programa CSF.

Nos casos em que houve alteração da escolha dos bolsistas, isso ocorreu com 30% dos respondentes (44 alunos). Pode ter ocorrido mudanças de curso no exterior, universidade-destino, país-destino e idioma. A Tabela 19 apresenta as alterações informadas pelos bolsistas. Considere-se que, como poderia ocorrer mais de um tipo de alteração, alunos que tiveram mudança de país também poderiam ter mudanças no idioma e na universidade. Portanto, os resultados apresentados são das mudanças informadas por 44 respondentes, totalizando 56 mudanças, isto é, o quantitativo é de mudanças e não do número de respondentes. A maioria das

alterações foi de país-destino, sendo que (provavelmente) os alunos que tiveram alterações em idiomas também tiveram alteração de país.

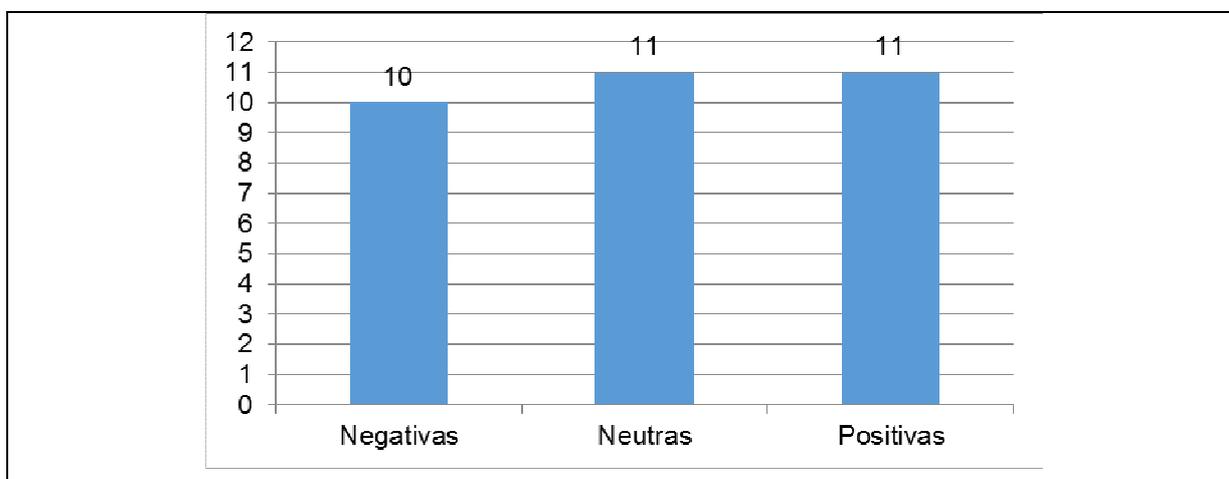
**Tabela 19. Aspectos em que houve alteração da escolha dos respondentes.**

Resposta	Quantidade	Porcentagem
Idioma estrangeiro	10	6,8%
País-destino	21	14,3%
Universidade-destino	18	12,2%
Curso no exterior	5	3,4%
Total	54	36,70%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete Avaliação Programa CSF.

Quanto aos impactos resultantes das alterações no programa, relatados por 72% (32 bolsistas) dos 44 respondentes que relataram alteração em suas escolhas, 22% (10 bolsistas) consideraram que a mudança foi negativa, conforme Figura 24.

**Figura 24. Quantidade de avaliações dos respondentes quanto às alterações na experiência CSF.**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete Avaliação Programa CSF.

Os impactos relatados incluem aspectos sobre: uma menor qualidade de ensino na nova universidade-destino, em relação àquela inicialmente escolhida pelo bolsista; a falta de agilidade no fornecimento de informações sobre as mudanças ocorridas e de explicações sobre seus motivos; o aumento do tempo de permanência no exterior, nos casos em que foi preciso realizar cursos preparatórios de idioma; e problemas de organização do programa e de acesso à informação, considerando incertezas quanto ao destino em que o bolsista seria enviado.

Os problemas de organização do programa e de acesso à informação estariam associados à contratempos na comunicação das decisões do CSF ao bolsista. Houve um relato em que o comunicado sobre a alteração ocorreu de forma tardia e trouxe consequências indesejadas, como a demora para obter a carta de aceite da instituição estrangeira. Isso gerou problemas para o bolsista na etapa de solicitação de visto, pois dependia dessa carta para esse procedimento. Nesse mesmo caso, houve atraso no pagamento da bolsa e prorrogação do tempo de permanência no exterior.

Nesse caso de alterações nas escolhas dos alunos, estas ocorrem (possivelmente) pois não consta nas chamadas do CSF o número de bolsas disponíveis, para ser confrontado com a quantidade de inscrições. Quando o programa efetua a distribuição de bolsas, alterações ocorrem para alocar o aluno onde ainda há disponibilidade de bolsas. Dessa forma, conforme relatos, esse procedimento estaria sendo realizado próximo ao prazo de ida ao exterior. Essa realocação pelo programa é positiva, porém complexa, visto que busca o melhor aproveitamento das bolsas disponíveis. Uma discussão entre os coordenadores institucionais do programa CSF seria importante para melhorias neste processo.

Em relação às escolhas iniciais feitas pelos alunos, a língua inglesa (75,5%) figura como a mais escolhida, quando se considera o idioma de ensino do país-destino, seguida do Alemão (14,3%), Português (10,2%), Italiano (8,2%) e Francês (6,8%) – sendo que o respondente poderia ter participado de mais de um edital da UFES, ter escolhido países de idiomas diferentes, e/ou ter escolhido países que possuem mais de um idioma de ensino (Tabela 20).

**Tabela 20. Idiomas de ensino dos países-destino escolhidos pelos respondentes da enquete.**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Inglês	111	75,5%
Alemão	21	14,3%
Português	15	10,2%
Italiano	12	8,2%
Francês	10	6,8%
Espanhol	4	2,7%
Flamengo	1	0,7%
Total	174	118,40%

Fonte: elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

O Inglês também é a língua mais mencionada pelos respondentes quando se pergunta sobre o idioma de país-destino (não necessariamente o idioma de ensino nesse país). Nota-se que o Português não é mencionado pelos respondentes nessa pergunta. O idioma Alemão figura em segundo lugar, ultrapassando línguas neolatinas como italiano e francês. E ainda foram mencionados idiomas falados em pouco países, como Coreano, Húngaro e Norueguês (2,1% ao todo), conforme Tabela 21.

**Tabela 21. Idioma do país-destino indicado pelos respondentes da enquete.**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Inglês	105	71,4%
Alemão	19	12,9%
Italiano	12	8,2%
Francês	7	4,8%
Coreano	1	0,7%
Húngaro	1	0,7%
Norueguês	1	0,7%
Não respondeu	1	0,7%
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Dos 17 países-destino mencionados pelos respondentes, a maioria dos bolsistas foi para os Estados Unidos (28%), Reino Unido (15%) e Alemanha (13%), países esses que coincidem com os países mais escolhidos nos editais internos da UFES. Tais países são seguidos de Austrália, Itália, Irlanda, França e Canadá. Cabe destacar que a predominância da escolha pelos Estados Unidos também ocorre em nível nacional, por alunos de outras IES, conforme dados do Painel de Controle CSF. Entre os 10 países mais escolhidos pelos respondentes, nota-se a predominância de países cujo idioma é o Inglês (tal como a tendência nacional), com a ressalva de que no Canadá também se fala Francês, conforme Tabela 22.

**Tabela 22. Países-destino mencionados pelos respondentes da enquete.**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Estados Unidos	42	28,6%
Reino Unido	22	15,0%
Alemanha	19	12,9%
Austrália	12	8,2%
Itália	12	8,2%

Resposta	Quantidade	Porcentagem
Irlanda	10	6,8%
França	7	4,8%
Canadá	6	4,1%
Bélgica	3	2,0%
Hungria	3	2,0%
Nova Zelândia	3	2,0%
Holanda	2	1,4%
Noruega	2	1,4%
China	1	0,7%
Coreia do Sul	1	0,7%
Portugal	1	0,7%
Suécia	1	0,7%
Total	147	100%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Dos 147 respondentes, 135 informaram o nome da universidade-destino, sendo que 17 universidades foram mencionadas por mais de um respondente (de 2 a 3 vezes, por respondentes diferentes). Destas, a maioria está localizada nos Estados Unidos e na Itália, conforme apresentado nas Tabela 23 e 24.

**Tabela 23. Instituições mencionadas mais de uma vez por respondentes da enquete.**

Resposta	País	Quantidade de menções
Heriot Watt University Edinburgh	Escócia	2
Ohio University	EUA	2
Politecnico di Torino	Itália	2
Queen Mary University of London	Inglaterra	2
Sapienza Università di Roma	Itália	3
State University of New York	EUA	2
Technische Universität Bergakademie Freiberg	Alemanha	2
Technische Universität Berlin	Alemanha	2
Università degli studi di Roma Tor Vergata	Itália	3
Università degli studi di Pisa	Itália	2
University of Arkansas	EUA	2
University of Hull	Inglaterra	2
University of Liverpool	Inglaterra	2
University of Toronto	Canadá	2
University of Wisconsin River Falls	EUA	3
Victoria University of Wellington	Nova Zelândia	2
Waterford Institute of Technology	Irlanda	3

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

**Tabela 24. Quantidade, por país, de instituições mencionadas mais de uma vez, por respondentes da enquete.**

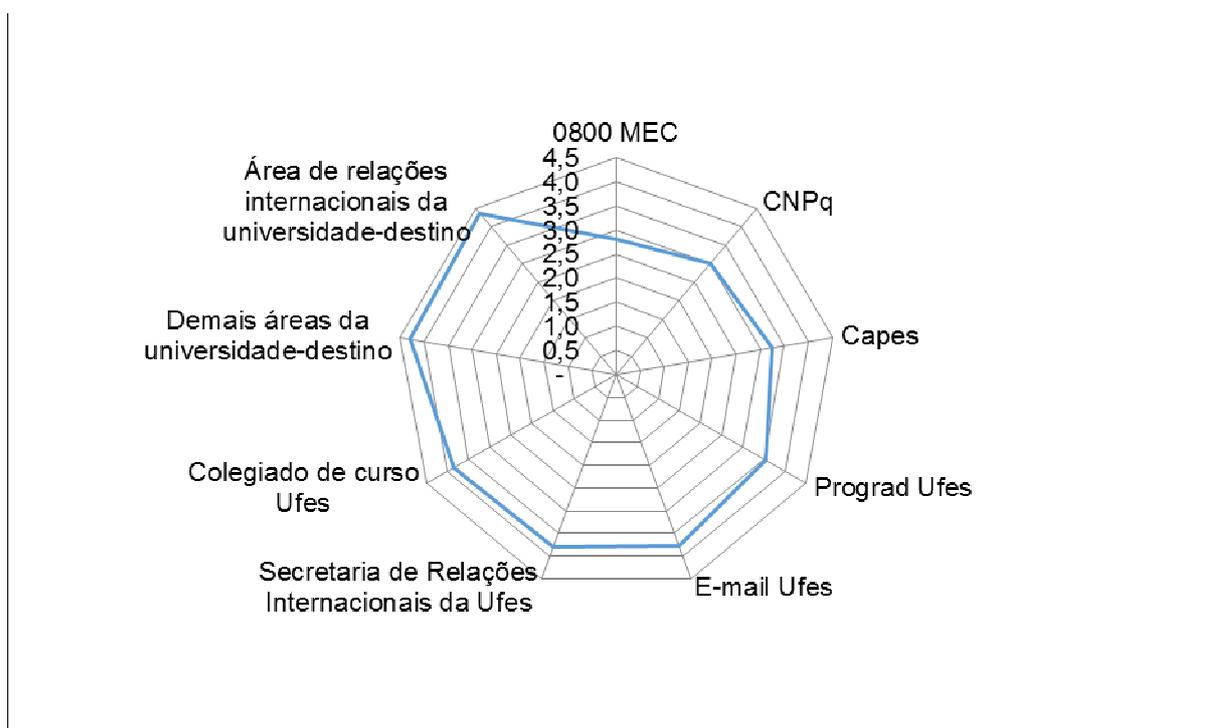
<b>País</b>	<b>Quantidade de Instituições</b>
Alemanha	2
Canadá	1
Escócia	1
Estados Unidos	4
Inglaterra	3
Irlanda	1
Itália	4
Nova Zelândia	1

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Assim, elaborou-se o gráfico tipo radar (ou polar), de acordo com as médias das avaliações da qualidade dos canais de atendimento (Figura 25). Partindo em sentido anti-horário, da “área de relações internacionais da universidade-destino”, que obteve as maiores médias, as médias decrescem até o canal de atendimento “0800 MEC”, que obteve as piores médias de avaliação. A universidade-destino (e suas áreas) foi o canal melhor avaliado pelos respondentes da enquete, seguida dos setores da UFES. Já as agências de fomento (CNPq e Capes) e o canal de atendimento “0800 MEC” foram os canais pior avaliados, corroborando com evidências contidas nos relatos dos alunos. A mesma avaliação foi dada a esses canais, com relação à agilidade no atendimento para resolver problemas.

Como os canais de comunicação das agências Capes e CNPq e o “0800 MEC” foram avaliados de forma mediana, sugere-se que os coordenadores institucionais CSF discutam esse tópico em seus encontros, para melhoria do atendimento, pois estes canais são relevantes para que o bolsista se sinta mais seguro e assistido no período de intercâmbio.

**Figura 25. Avaliação da qualidade dos canais de atendimento, em relação ao programa CSF (pelas médias) em gráfico de “radar”.**

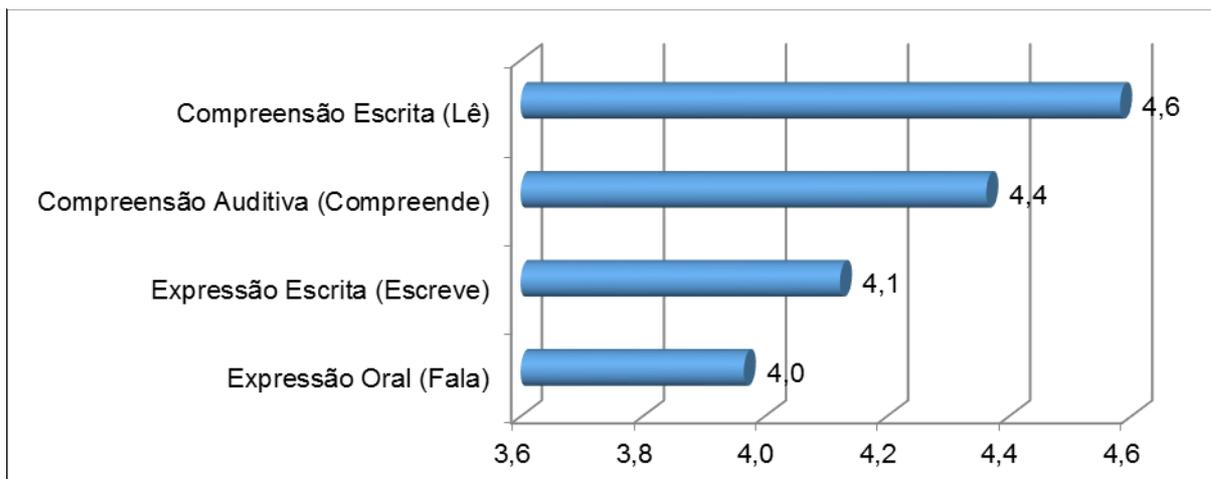


Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Quando o respondente avaliou seu domínio de idioma estrangeiro (Figura 26), nota-se que as habilidades de recepção de informação (leitura e compreensão auditiva) foram melhor avaliadas que as habilidades de produção de informação (escrita e expressão oral). Cabe destacar que o programa CSF também é uma oportunidade para adquirir fluência em idioma estrangeiro.

Nota-se que a maioria dos respondentes precisa desenvolver suas habilidades de escrita e fala. Embora a UFES tenha ofertado diversas oportunidades de desenvolvimento de proficiência, e sua divulgação tenha sido intensificada desde 2014, sugere-se divulgar ainda mais essas oportunidades e promover a diversidade de dinâmicas de ensino-aprendizagem, como ocorre em cursos de idiomas na modalidade de imersão. Considerando ainda que as oportunidades de aprendizado avaliadas negativamente foram a plataforma *online* e as aulas presenciais (NuLi), estas precisam ser melhor estudadas, para se avaliar a sua divulgação e oferta.

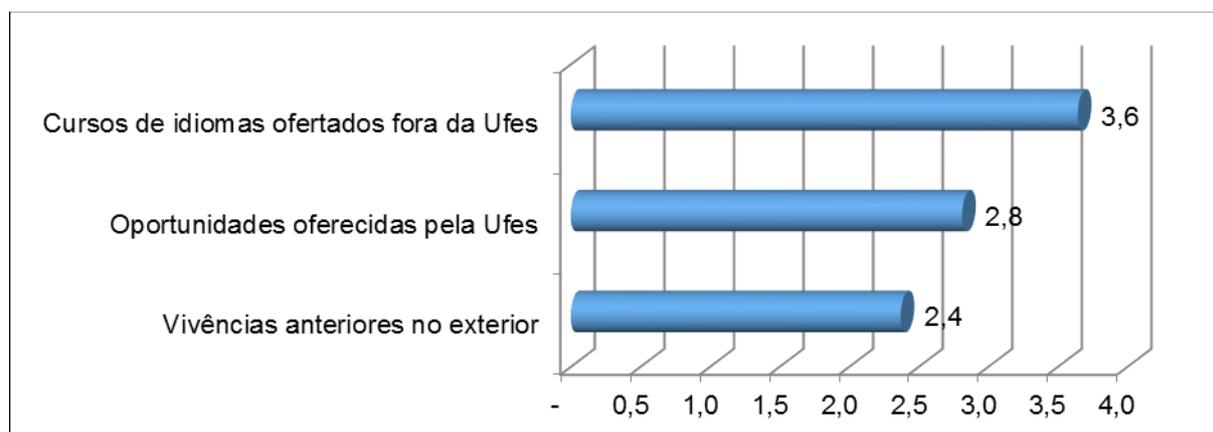
**Figura 26. Avaliação, pelo próprio respondente, do seu domínio do idioma de ensino no país-destino CSF, em quatro habilidades (pelas médias).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Na avaliação da contribuição de oportunidades para desenvolvimento de proficiência em idioma (Figura 27), nota-se que todas as oportunidades tiveram sua parcela de contribuição. Aquelas oferecidas fora da UFES, somadas a vivências anteriores no exterior, tiveram maior impacto que as oportunidades oferecidas pela própria Universidade. Isso indica que é preciso ampliar e divulgar as oportunidades oferecidas na UFES, para motivar os alunos a usar tais oportunidades.

**Figura 27. Avaliação da contribuição de oportunidades para desenvolvimento de proficiência no idioma requerido no país-destino (pelas médias).**

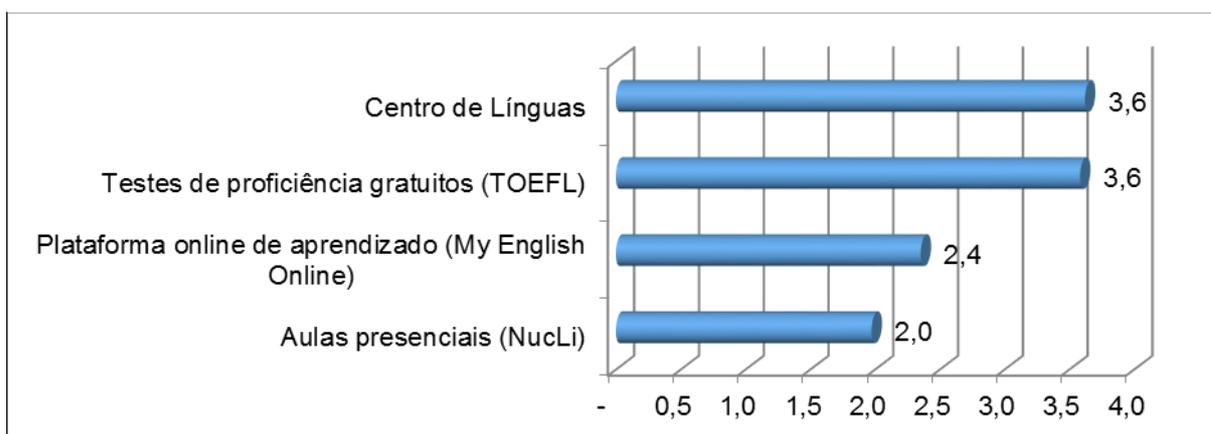


Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Na avaliação de oportunidades de desenvolvimento de proficiência em idiomas oferecidas pela UFES (Figura 28), o Centro de Línguas teve destaque, juntamente com a oferta gratuita de testes de proficiência TOEFL. Essa avaliação possivelmente se deve ao fato de o Centro de Línguas ser apresentado aos calouros

no momento de sua recepção inicial na UFES, e de o teste TOEFL ser exigido em muitos editais de mobilidade discente.

**Figura 28. Avaliação da contribuição de oportunidades oferecidas na UFES para desenvolvimento de proficiência no idioma requerido no país-destino (pelas médias).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Considerando a vida acadêmica dos respondentes, grande parte (42,9%) ainda estava no exterior quando respondeu à enquete. Uma outra parte considerável (36,1%) cumpriu integralmente o tempo inicial previsto para o intercâmbio, conforme Tabela 25.

**Tabela 25. Situação dos respondentes quanto ao tempo previsto para a bolsa.**

Resposta	Quantidade	Porcentagem
Ainda não retornou do exterior	63	42,9%
Ainda vai ao exterior	23	15,6%
Cumpriu integralmente o tempo inicial previsto pelo CSF	53	36,1%
Permaneceu mais tempo que o previsto inicialmente, com autorização do CSF (prorrogação)	3	2,0%
Retornou ao Brasil antes do prazo, por decisão pessoal	2	1,4%
Retornou ao Brasil antes do prazo, por decisão do CSF	1	0,7%
Não respondeu	2	1,4%
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Quanto à previsão de conclusão de curso, as respostas apontam para a maior parte dos respondentes concluindo o curso em 2016/2 ou 2017/2 (Tabela 26).

**Tabela 26. Previsão de conclusão de curso pelos respondentes (ano/semestre).**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
2014/2	2	1,4%
2015/1	11	7,5%
2015/2	24	16,3%
2016/1	13	8,8%
2016/2	28	19,0%
2017/1	14	9,5%
2017/2	29	19,7%
2018/1	12	8,2%
2018/2	5	3,4%
2019/2	4	2,7%
Indefinido	1	0,7%
Não respondeu	4	2,7%
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Quanto ao tempo máximo (em anos) de conclusão de seu curso, as respostas apontam para a maior parte dos respondentes com tempo de conclusão de curso máximo em 7 ou 9 anos (Tabela 27).

**Tabela 27. Tempo máximo de conclusão de curso pelos respondentes (em anos).**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
0	1	0,7%
4	1	0,7%
5	6	4,1%
6	6	4,1%
7	<b>31</b>	21,1%
7,5	18	12,2%
8	13	8,8%
9	29	19,7%
9,5	1	0,7%
10	16	10,9%
Não respondeu	25	17,0%
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Quando questionados se iriam extrapolar o tempo máximo de conclusão de curso, considerando sua data de ingresso na UFES, a maioria dos respondentes (71,4%) afirma que não irá extrapolar esse tempo (Tabela 28).

**Tabela 28. Opinião dos respondentes quanto a extrapolar tempo máximo de conclusão de curso, considerando data de ingresso na UFES.**

<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	<b>105</b>	71,4%
Não sei	29	19,7%
Sim	7	4,8%
Não respondeu	6	4,1%
Total	147	100,0%

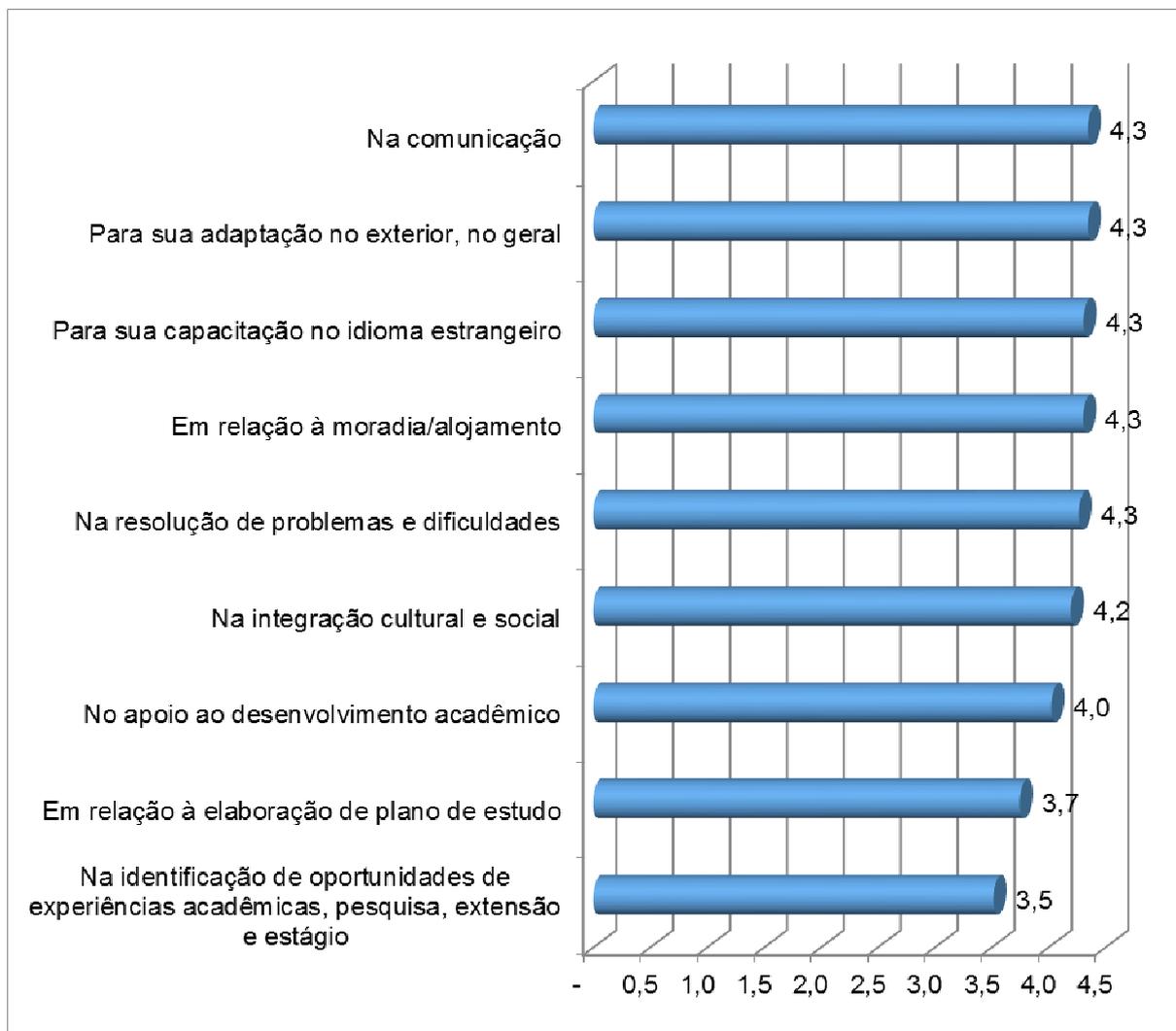
Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Todos os itens sobre recepção/apoio da universidade-destino (Figura 29) foram bem avaliados, sendo que os itens melhor avaliados foram: comunicação; adaptação no exterior (no geral); capacitação em idioma estrangeiro; moradia/alojamento; e resolução de problemas e dificuldades.

Pela avaliação dos bolsistas, os itens em que o apoio da universidade-destino deve melhorar são: elaboração do plano de estudo; e identificação de oportunidades. Isso também pode ser constatado na análise que foi feita sobre os procedimentos do programa CSF na presente pesquisa, na qual se verificou que muitas universidades-destino não exigiam plano de estudo antes de o bolsista viajar ao exterior.

Observa-se que, somente em tempos recentes, a UFES passou a exigir a elaboração do plano de estudos junto aos colegiados, antes da ida ao exterior. A análise sobre os procedimentos do programa CSF também permitiu ao pesquisador propor melhorias, como a proposta de um sistema de controle e acompanhamento (ainda a ser implantado), que permitiria o acompanhamento desses planos de estudos.

**Figura 29. Avaliação da recepção/apoio da universidade destino quanto aos itens propostos (pelos médios).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

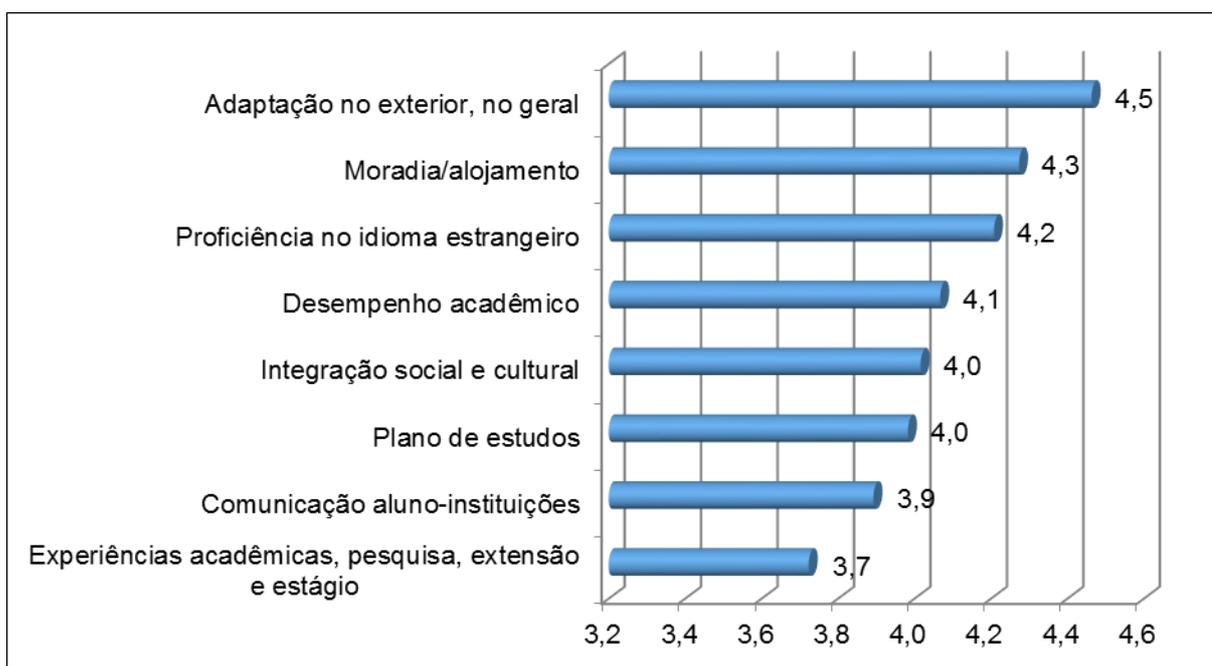
Quanto à iniciativa dos respondentes na resolução de problemas, todos os aspectos foram bem avaliados (Figura 30). Essa iniciativa foi melhor avaliada nos seguintes aspectos: adaptação no exterior (em geral); moradia/alojamento; proficiência no idioma estrangeiro; e desempenho acadêmico.

Como a iniciativa do bolsista na solução de problemas de “comunicação aluno-instituições” foi o aspecto pior avaliado, e os canais de comunicação das instituições estrangeiras foram bem avaliados, cabe investigar o motivo dessa avaliação ruim, em estudos futuros.

Como o aspecto de identificação de oportunidades (acadêmicas, extensão e estágio) obteve as piores avaliações (tanto na universidade-destino quanto na

universidade de origem) e como houve poucos relatos de experiências nesse aspecto, é importante investigar quais são as dificuldades encontradas pelos bolsistas e como as universidades podem auxiliar nesse aspecto. Também deve-se observar se existe correlação entre esse aspecto de “identificação de oportunidades” e a iniciativa do bolsista para solução de problemas de “comunicação aluno-instituição”.

**Figura 30. Avaliação da iniciativa dos respondentes na resolução dos problemas enfrentados, nos seguintes aspectos (pelas médias).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

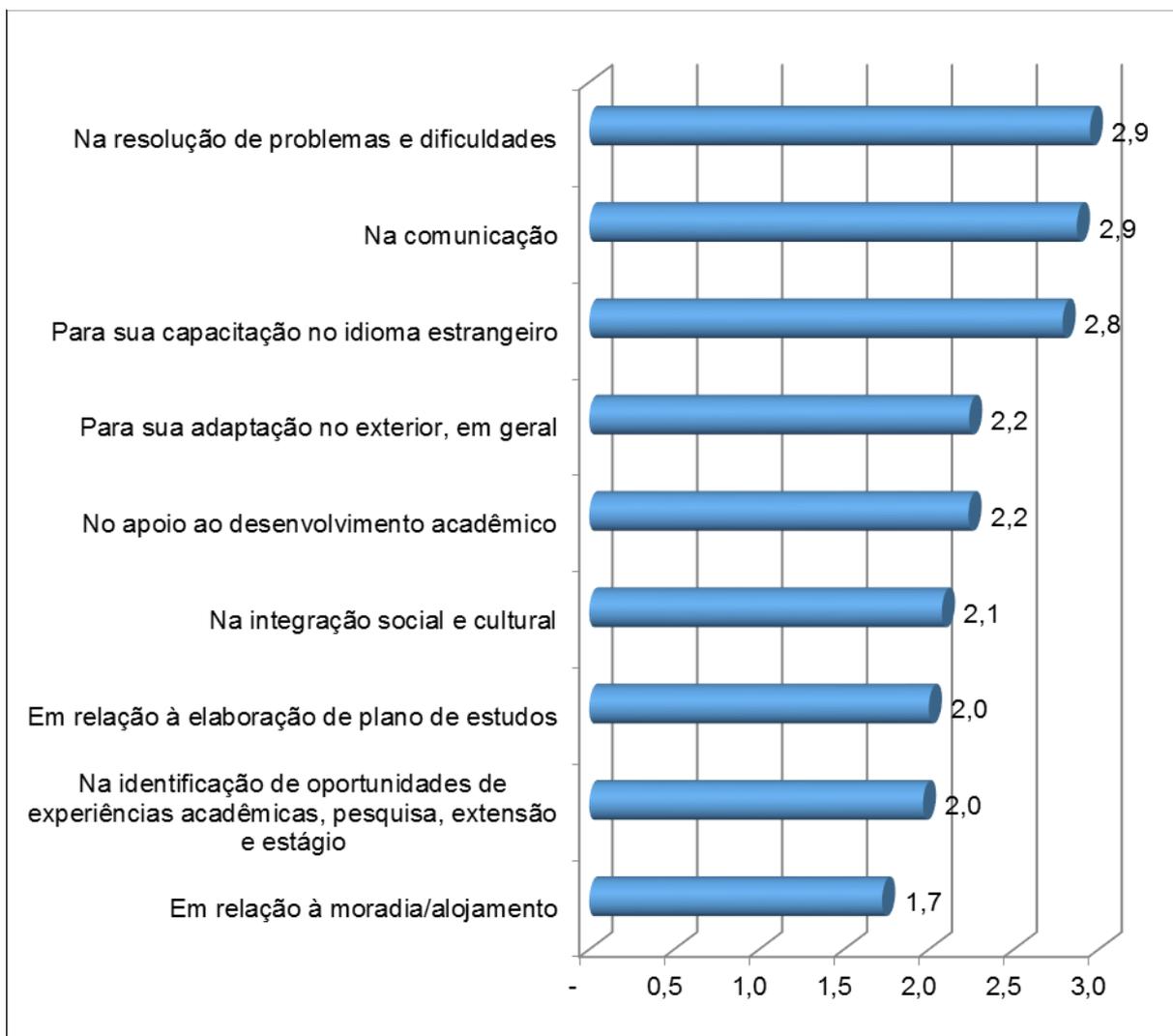
Na avaliação do apoio da UFES para adaptação, no geral as médias foram menores do que as médias relacionadas ao apoio da universidade-destino (Figura 31). A maioria dos aspectos foi avaliada abaixo da média, quando se tratava de apoio da UFES.

Além disso, a sequência dos itens melhor avaliados foi diferente (quando se compara a UFES e a universidade-destino), sendo que o item melhor avaliado em relação à UFES foi a “resolução de problemas e dificuldades”.

Embora muitos aspectos que foram incluídos nessa avaliação não sejam de competência direta da UFES e, considerando a avaliação ruim desses aspectos, pode ser que a expectativa do aluno quanto ao apoio da UFES seja maior do que

deveria ser. Isso pode acontecer porque o bolsista talvez não conheça ou identifique a abrangência das responsabilidades de cada uma das partes participantes do programa. A partir do momento que o bolsista está no exterior, aspectos aqui avaliados passam a ter suporte via instituição de destino.

**Figura 31. Avaliação do apoio da UFES para adaptação do aluno no exterior (pelas médias).**

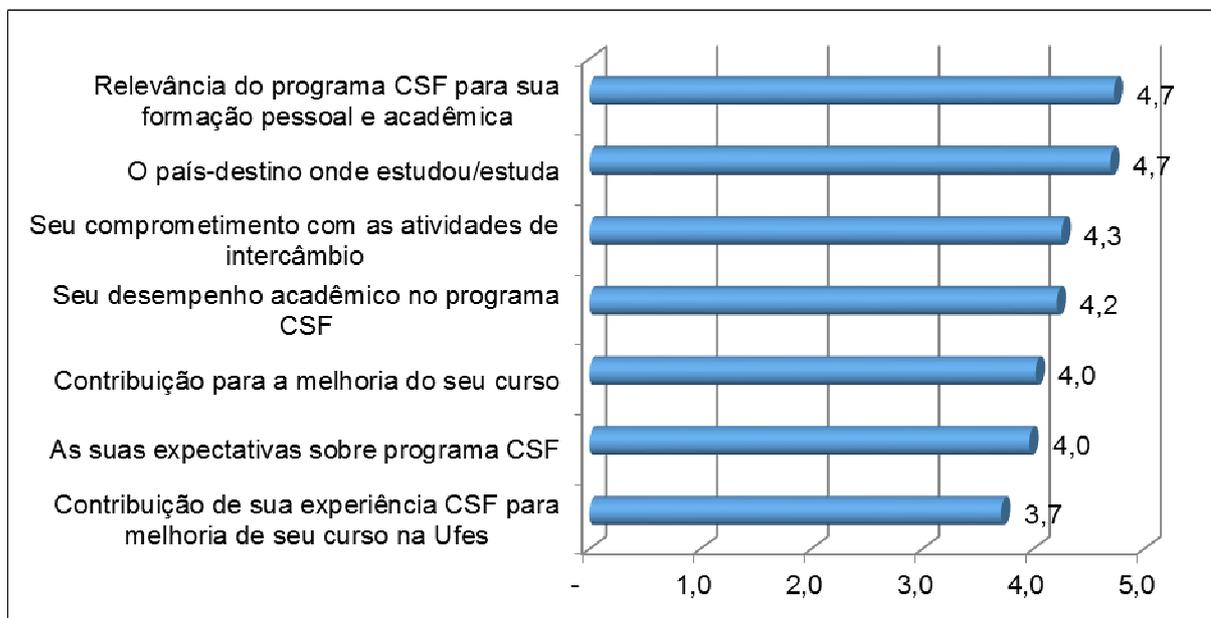


Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Ao reunir diversos temas presentes no questionário em um gráfico, nota-se que o item que mais se destacou na avaliação foi a relevância do programa CSF para a formação pessoal e acadêmica do respondente (Figura 32). Já a contribuição

da experiência CSF para melhoria do curso de origem na UFES foi o item com menor média.

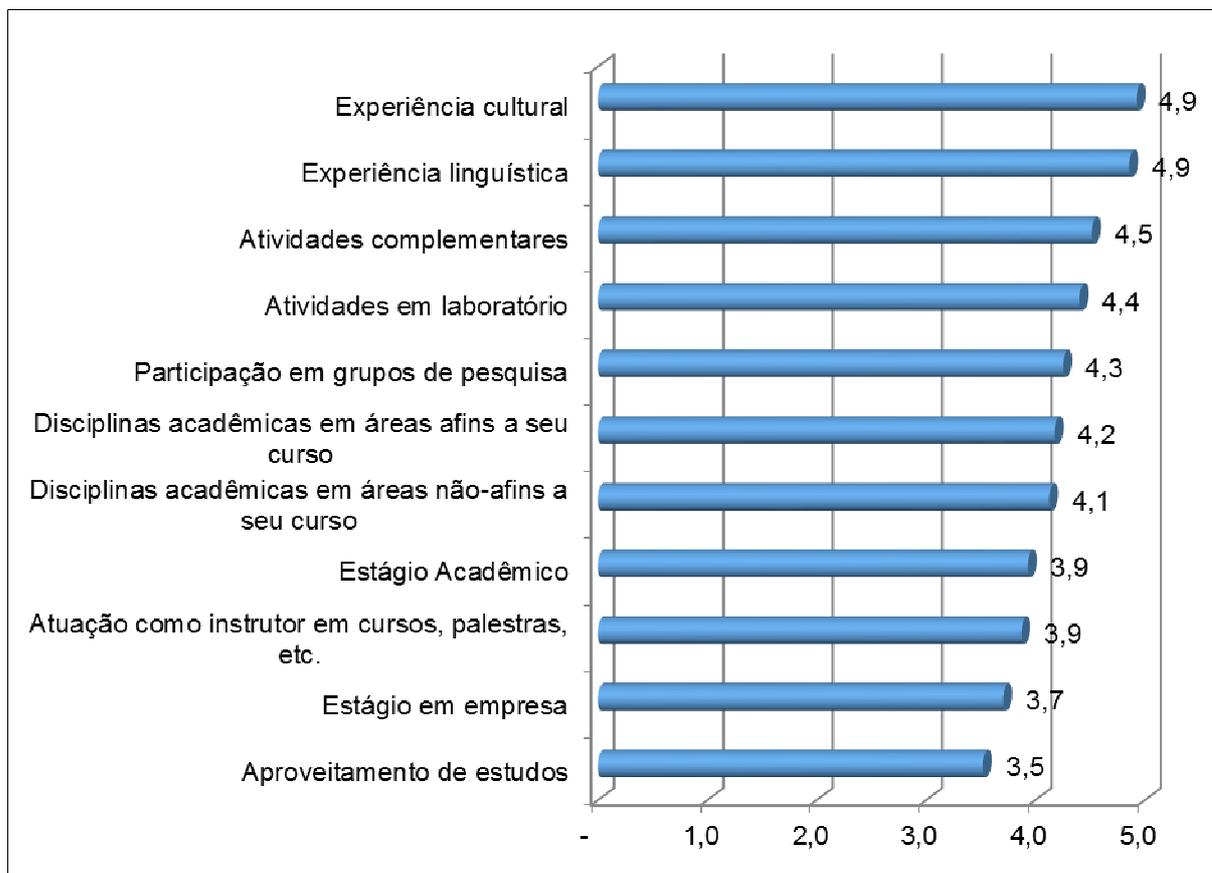
**Figura 32. Avaliação sobre os itens diversos do questionário (pelas médias).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Ao avaliar a contribuição da experiência CSF para a formação do respondente, os itens melhor avaliados foram a experiência cultural e linguística (Figura 33). As disciplinas acadêmicas cursadas no exterior (tanto em áreas afins ao curso de origem, quanto em áreas não-afins) foram avaliadas de forma mediana. Já a questão do aproveitamento de estudos, quando se retorna à UFES, foi o item pior avaliado. Quanto à realização de estágio em empresa, possivelmente esse aspecto não foi bem avaliado porque a maioria dos bolsistas não realizou esse tipo de estágio no exterior.

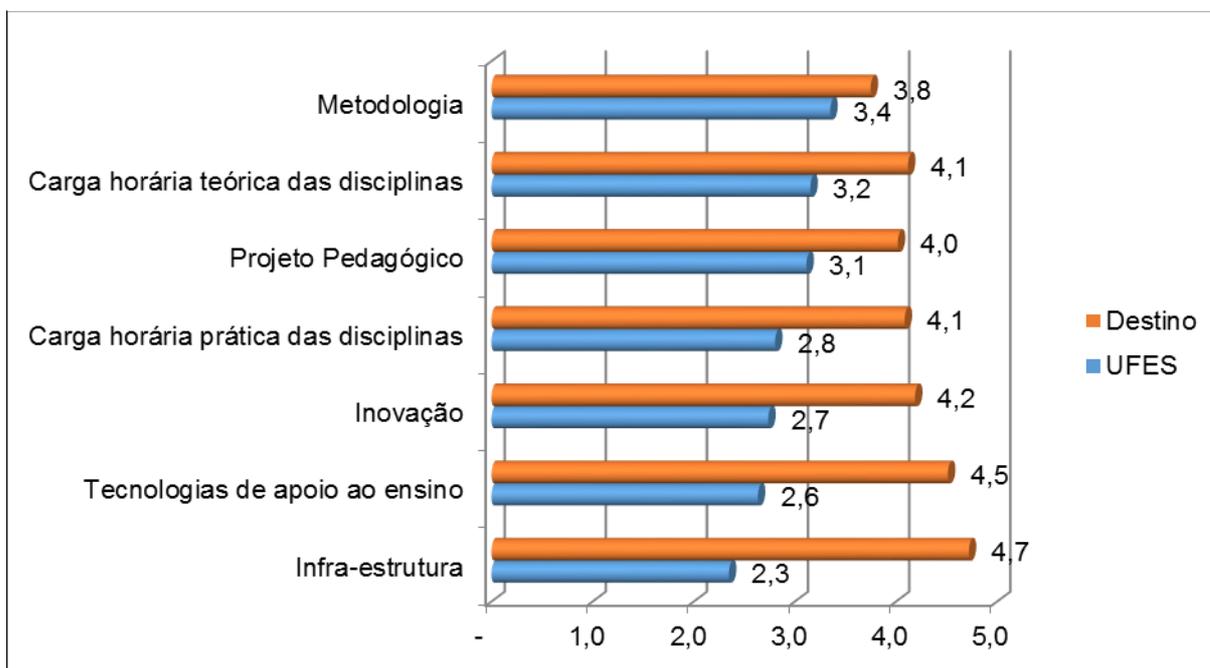
**Figura 33. Avaliação dos seguintes aspectos, quanto à contribuição de sua experiência no CSF para sua formação (pelas médias).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Na comparação entre a universidade de origem (UFES) e a universidade-destino, a instituição estrangeira foi melhor avaliada em todos os aspectos abordados, a saber: metodologia, carga horária teórica das disciplinas, projeto pedagógico, carga horária prática das disciplinas, inovação, tecnologias de apoio ao ensino e infraestrutura. O item em que a universidade-destino teve melhor avaliação foi “infraestrutura”, justamente o item em que a UFES teve a pior avaliação (2,4 pontos de diferença na média das instituições). O item no qual houve menor diferença de avaliação entre as instituições foi “metodologia de ensino” (0,4 pontos de diferença na média das instituições) – Figura 34.

**Figura 34. Avaliação da UFES e IES de destino, quanto aos seguintes aspectos (pelas médias).**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

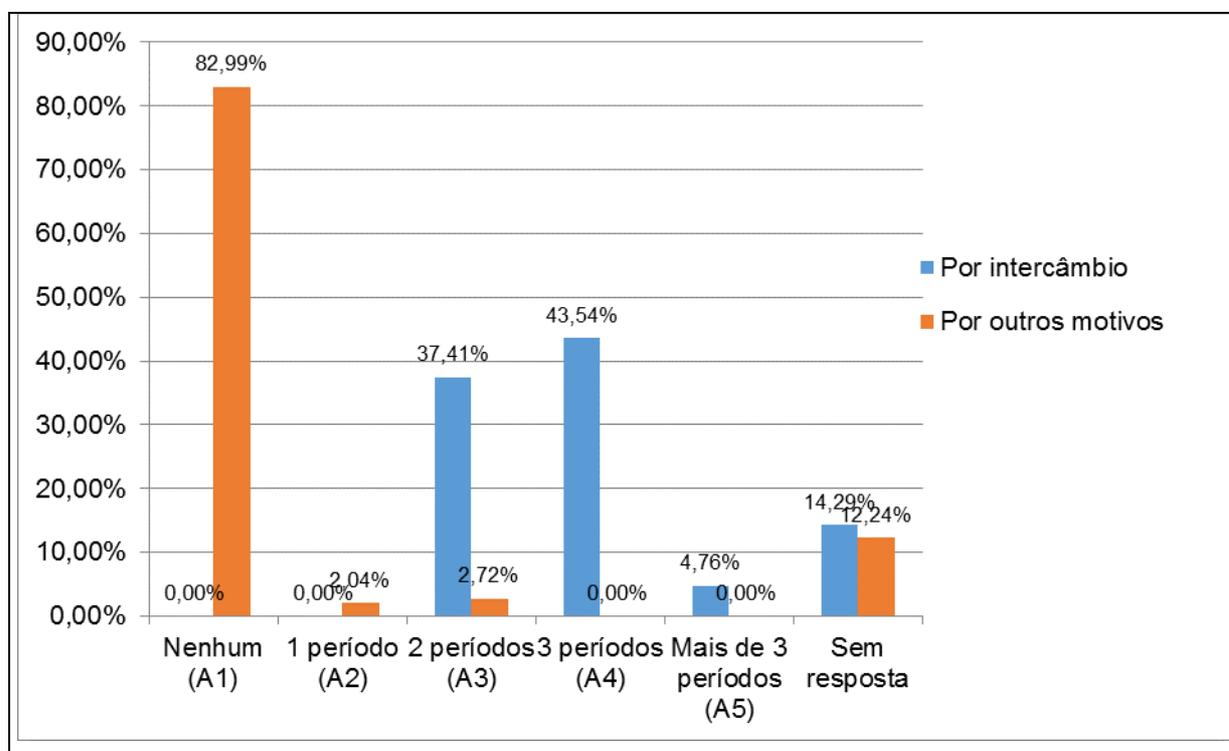
Portanto, os itens a serem melhorados de forma mais imediata na UFES são aqueles nos quais ela difere muito das universidades no exterior, como é o caso da infraestrutura e tecnologias de apoio ao ensino. Também, deve-se investir e motivar os alunos a se engajar em atividades relacionadas à inovação. Além disso, a carga horária das aulas práticas deveria ser aumentada, sendo ministradas com metodologias e infraestrutura melhores.

Comparando a reprovação em disciplinas antes e depois de ir ao exterior, a média de reprovação antes de viajar ao exterior (0,91) é maior do que a média depois de viajar (0,22). A maioria dos respondentes (82,99%) não trancou seu curso por outros motivos. Os respondentes que trancaram o curso por motivo de intercâmbio o fizeram por dois (37,41%), três (43,54%) ou mais de três (4,76%) períodos. Dessa forma, o trancamento por intercâmbio mais frequente foi de três períodos (43,54%) – Figura 35.

Esse resultado sugere que o impacto do intercâmbio na retenção discente não é muito grande, visto que os critérios do edital de seleção interna da UFES contribuem nessa direção. Todavia, sugere-se que nesses critérios seja incluída uma limitação à participação, nos editais internos da UFES, de alunos que já estão

em situação de plano de estudos. Sugere-se a realização de estudos futuros sobre esse tema.

**Figura 35. Quantidade de períodos trancados pelos respondentes, em porcentagem.**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

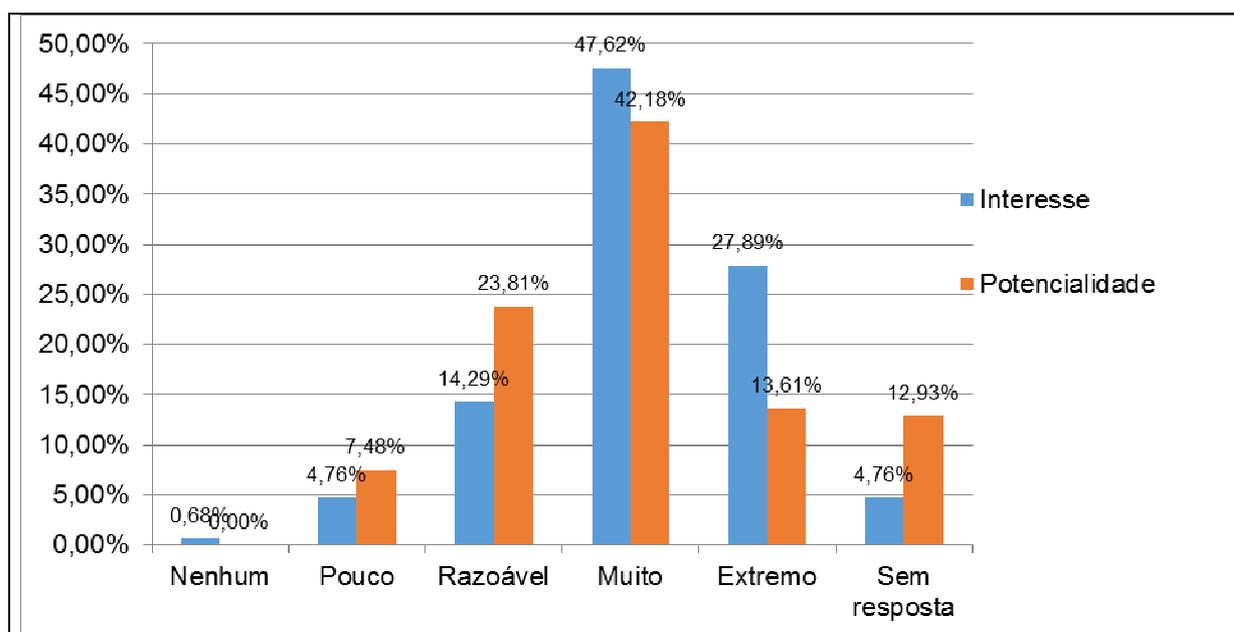
Foi considerável o interesse (47%) e a potencialidade (42%) dos respondentes em contribuir para a melhoria de seus cursos de graduação na UFES, a partir de suas experiências CSF, sendo que 27,89% manifestaram “extremo interesse” nessa melhoria – Figura 36.

Esse resultado sugere que talvez essa contribuição para a melhoria não esteja sendo plenamente implementada nos cursos. Tal contribuição poderia ser facilitada e potencializada com a elaboração e acompanhamento do plano de estudo pelos colegiados de curso. Dessa forma, o coordenador de curso poderia orientar previamente o aluno sobre as contribuições de melhoria que seriam interessantes para ao aluno implementar, quando o plano de estudo fosse encerrado.

Tais contribuições deveriam ser práticas, sendo que a Câmara de Graduação da UFES poderia ser um espaço de discussão e orientação dos coordenadores de curso, para implementação de contribuições dos bolsistas. Além disso, as ideias

surgidas a partir dessas discussões poderiam ser incluídas na proposta de procedimentos CSF da presente pesquisa.

**Figura 36. Comparativo entre o interesse e a potencialidade dos respondentes em contribuir para a melhoria de seus cursos, com a experiência CSF, em porcentagem.**



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de respostas à enquete.

Cabe destacar ainda que a grande maioria (83%) dos respondentes classificou o país-destino como “ótimo” ou “bom”. Além disso, mais de um terço (37,4%) dos respondentes afirma ter comprometimento “total” com as atividades de intercâmbio. Outra parte dos respondentes, também maior que um terço (36,7%), afirma ter “muito” comprometimento com as atividades de intercâmbio.

#### **4.2.Procedimentos e Fluxo do Programa do CSF na UFES**

A partir das contribuições das entrevistas, da análise de documentos e da observação da realidade estudada, esta seção apresenta as sugestões de melhorias nos procedimentos da UFES relacionados ao programa Ciência sem Fronteiras, na modalidade de graduação-sanduíche no exterior.

As entrevistas com a servidora da SRI e a Pró-Reitora de Graduação foram importantes para confirmar problemas que já tinham sido observados na análise de documentos e também para apontar outros problemas, além de permitir o

detalhamento e propostas de melhorias. Assim, sugeriu-se mudanças no fluxo e em etapas de suas fases, principalmente quanto a ferramentas de registro das informações ou ferramentas utilizadas na realização das etapas das fases.

A proposta para os procedimentos do programa é apresentada nos Quadros 10 a 15, e é comentada sobre a existência prévia de alguns procedimentos à época de elaboração da primeira versão do fluxo, a mesma versão apresentada aos sujeitos da entrevista.

O fluxo dos procedimentos do programa se inicia com a “Fase de Inscrição no CSF e na UFES”, composta por 5 etapas (Quadro 10), que já existia, via sistemas do Portal CSF e do Portal SRI da UFES. Observa-se que quanto à etapa 5, o cadastro do aluno por edital, este passou a ser registrado em uma planilha, durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

A servidora da SRI, na entrevista, comentou que as bolsas são divididas entre as agências (Capes e CNPq), mas que a informação sobre qual agência iria cuidar de qual grupo de países muitas vezes não estava clara no Portal do CSF e nem na chamada do CSF. Essa informação somente é conhecida após a distribuição da bolsa quando o aluno procura a SRI para assinatura do termo, no caso da Capes e quando é CNPq não se sabe. Cada chamada do CSF contempla um país e os editais da UFES podem se referir a mais de uma chamada CSF. Ela sugeriu que a inscrição do aluno fosse realizada de forma eletrônica: “seria interessante o aluno preencher a inscrição para o CSF digitalmente na UFES”.

A proposta é de desenvolvimento de um sistema de informação, denominado neste trabalho como “Sistema de Gestão dos Bolsistas CSF” (SIGCSF), para acompanhamento dos bolsistas CSF, a ser disponibilizado no Portal da SRI da UFES, integrado ao SIE (Sistema de Informação para o Ensino, já existente na UFES), a fim de recuperar os dados de alunos, e com funcionalidade para o candidato realizar sua inscrição por edital, com preenchimento de dados específicos da candidatura e envio de documentos no formato digital. Dessa forma, a gestão de dados seria facilitada e a SRI poderia ter acesso mais rápido aos dados dos alunos, com possibilidade de geração de relatórios do cadastro individual e geração de comparativos das inscrições realizadas pelos candidatos ao CSF, na fase seguinte.

Assim, na etapa de inscrição do aluno na UFES (etapa 4), em vez de a inscrição ser registrada numa planilha, no momento da apresentação dos documentos pelo aluno, o aluno passa a fazer a inscrição no Portal da SRI, na qual

os documentos são anexados via sistema e somente serão conferidos pelo operador do sistema na SRI. Para os documentos fornecidos pela própria UFES, esses devem ter autenticação digital.

**Quadro 10. Fase de Inscrição no CSF e na UFES, modalidade graduação-sanduíche no exterior.**

Responsável	Etapas				
Coordenação do CSF em Brasília	1. Publica Chamada Pública no Portal CSF				
Aluno		2. Inscreve no Portal CSF		4. Faz a inscrição no Portal da SRI (SIGCSF) com apresentação presencial de documentos	
IES/UFES/SRI			3. Define critérios e publica edital para seleção interna de seus alunos no Portal da SRI (SIGCSF).		5. Valida a inscrição no Portal da SRI (SIGCSF) a partir da verificação de autenticidade dos documentos, apresentados presencialmente pelo aluno.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de observação e entrevistas.

A fase “Homologação de inscrição no CSF e na UFES” tem 5 etapas (Quadro 11) que já existiam nos sistemas do Portal CSF e da SRI da UFES. As etapas 6 e 7 foram detalhadas pela servidora na entrevista. Já na etapa 6, a partir do sistema proposto Portal da SRI (SIGCSF) para etapa 4, seria feita a análise dos inscritos, através dos cálculos de alguns critérios de seleção, para homologar a inscrição. Depois, na etapa 8, gerar o resultado para divulgar na página da SRI. Assim, cada aluno poderia consultar e acompanhar a sua inscrição e os resultados de cada fase.

Um problema identificado e relatado foi da dificuldade existente em controlar quais eram os bolsistas de cada agência (Capes/CNPq), pois apenas a Capes exigia um termo que tivesse a assinatura de representante da IES, obrigando o bolsista a comparecer a SRI. Assim, com a inclusão na etapa 10 da divulgação (apenas para os coordenadores do CSF) do resultado da chamada, por instituição, no Portal Capes e CNPq, essa informação estaria mais acessível. Também sugere-se que, através de um Painel de Controle para os coordenadores da IES, se possa obter os dados de bolsistas por IES e chamadas, através de filtros de consulta para

recuperação de informações. Essa sugestão requer discussão entre os coordenadores do CSF para apresentar demanda junto à gestão nacional do Programa CSF.

**Quadro 11. Fase de Homologação de inscrição no CSF e na UFES, modalidade graduação-sanduíche no exterior.**

Responsável	Etapas				
Coordenação do CSF em Brasília		7. Confere os dados dos candidatos homologados pela IES/UFES		9. valida as inscrições homologadas pela IES e distribui bolsas das agências Capes e CNPq	
IES/UFES/SRI	6. Analisa no Portal da SRI (SIGCSF) a inscrição dos candidatos que atendem aos critérios do edital de seleção interna e homologa no SIGCSF. Homologa, também, no sistema CSF		8. Consulta no Portal CSF, a lista de candidatos inscritos e confere com os inscritos no SIGCSF da SRI e publica no Portal SRI		
Capes ou CNPq					10. envia aos inscritos homologados contemplados com a bolsa o termo de compromisso, e divulga no Portal Capes ou CNPq a lista de bolsistas por chamada/instituição

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de observação e entrevistas.

A fase de “Registro do bolsista na SRI” tem 4 etapas (Quadro 12) sendo que as etapas 11 e 12 foram modificadas, por sugestão do pesquisador, diante dos problemas identificados.

A etapa 11 fica simplificada, em vez de mandar uma lista para a IES, sugere-se a comunicação de que o resultado foi publicado no Portal da Capes ou CNPq, ou

mesmo no Painel de Controle do coordenador sugerido anteriormente, disponível no sistema do coordenador do Programa CSF.

A etapa 12 foi alterada no decorrer da pesquisa, pois se disponibilizou os formulários e documentos para controle do bolsista pela IES/UFES no Portal SRI. A servidora comentou que, à época de realização da entrevista, estavam sendo elaborados e implementados formulários para que a SRI pudesse acompanhar melhor os alunos bolsistas, tais como: formulário de inscrição em programa de mobilidade, carta de recomendação, plano de estudos, termo de compromisso interno da UFES e solicitação de trancamento, disponíveis nos Anexos da presente pesquisa.

Esses documentos foram criados para garantir o retorno dos alunos à UFES, após terem sido notificados sobre a bolsa e antes de viajar ao exterior, para obter as informações de acompanhamento do bolsista, tais como o trancamento de matrícula e a elaboração do Plano de Estudos. Assim, diante do problema identificado e relatado pela servidora, quanto à dificuldade existente em controlar e acompanhar os bolsistas (já que somente os bolsistas Capes compareciam à SRI para assinatura de termo) essa foi a forma de obrigar o bolsista a comparecer a SRI e, portanto, realizar etapas seguintes para melhor acompanhamento e controle de sua vida acadêmica pela instituição-origem.

Como a ficha de inscrição seria substituída pela inscrição feita pelo aluno no sistema da SRI, a Secretaria passa a fazer o registro do bolsista, informando a agência que concede a bolsa, no sistema sugerido no Portal da SRI (SIGCSF).

Assim, já na etapa 12, o aluno preenche a carta de recomendação e assina o termo de compromisso da UFES e os anexa no sistema do Portal da SRI (SIGCSF). Depois, comparece à UFES com a carta de recomendação, a solicitação de trancamento preenchida e o plano de estudos proposto, já preenchido.

E, considerando que não havia conhecimento da realidade do aluno antes da experiência do CSF, fato que dificultava conhecer o perfil destes alunos, foi mencionado, em entrevista, pela Pró-Reitora de Graduação, a importância de se ter um formulário para os alunos fazerem esse relato de sua vida acadêmica antes de ir para o exterior.

Para isso, a proposta desta pesquisa está na enquete de avaliação (enquete Anterior\_CSF) do programa pelos discentes, realizada nesta pesquisa, usando as

questões relacionadas a “vivência anterior à ida ao exterior”, como atividade da etapa 13.

As etapas 13 e 14 foram alteradas no fluxo por sugestão da servidora, como sendo um mecanismo para assegurar que os alunos entregassem os formulários na SRI e seguissem o fluxo do trancamento.

**Quadro 12. Fase de Registro do bolsista na SRI, modalidade graduação-sanduíche no exterior.**

Responsável	Etapas			
Aluno			13. recebe o termo de compromisso (se for o caso da Capes); e coleta assinatura do termo na SRI; e preenche a “enquete Anterior_CSF” no Portal SRI; e anexa o termo de compromisso assinado e a carta de recomendação; e leva solicitação de trancamento assinada para o colegiado; leva a carta de recomendação para ser assinada no Colegiado	
IES/UFES/SRI		12. registra o bolsista no Portal da SRI (SIGCSF) conforme resultado divulgado pela Capes ou CNPq; e solicita aos alunos para comparecer à SRI com os documentos disponíveis no Portal SRI (carta de recomendação, plano de estudos, termo de compromisso UFES e solicitação de trancamento); e solicita preenchimento de informações sobre sua vida acadêmica anterior à experiência no exterior na “enquete Anterior_CSF”		14. Assina o termo da Capes só se a enquete foi preenchida; e recebe a carta de recomendação anexada; e encaminha o aluno para o Colegiado

Responsável	Etapas			
Capes ou CNPq	11. Comunicam para a IES a divulgação da lista de bolsistas selecionados por chamada, disponível no Portal Capes ou CNPq			

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de observação e entrevistas.

A fase de “Trancamento de curso na UFES” tem 8 etapas (Quadro 13) sendo que o fluxo foi modificado para garantir que o trancamento ocorresse e que fosse registrado o motivo “especial por intercâmbio”. Ele deve ser realizado somente após o registro do plano de estudos pelo aluno, validado pelo servidor do SRI no sistema SIE e anexado o plano de estudos digital no Portal da SRI (SIGCSF), permitindo assim um devido acompanhamento do aluno.

O problema dessa fase, relatado pela Pró-Reitora na entrevista, é que (em algumas ocasiões) não era realizado o trancamento de matrícula e não eram elaborados os planos de estudo, deixando o aluno em situação de abandono. Também não havia registro quanto à proposta de experiência do bolsista no exterior, isto é, não seria possível o controle de sua vida acadêmica.

Ela também destacou a importância de ter informações sobre a vida acadêmica e vivências do aluno antes da ida ao exterior, pois só se tinha informações sobre o seu histórico, como coeficiente de rendimento, quantidade reprovações e percentual para integralização. Ela ainda sugeriu que as informações do aluno (antes da ida para o exterior) deveriam ser disponibilizadas quando ele procurasse o seu colegiado de curso para fazer o plano de estudos. Assim, as mudanças sugeridas nessa fase foram principalmente a partir de sugestão da Pró-Reitora, “para que os colegiados e coordenadores acompanhassem melhor a questão do trancamento e plano de estudos, antes de o aluno viajar ao exterior”.

O fluxo do trancamento, com a tramitação de um memorando de trancamento, foi implantado durante a pesquisa, permitindo saber quais os alunos trancaram o curso por motivo de intercâmbio. Todavia, não era fácil acessar a informação sobre quais os alunos de determinado curso estavam em intercâmbio e qual a situação deles em relação à ida ou retorno do exterior.

Esta fase se inicia pela solicitação do trancamento, seguida de uma indicação de aproveitamento de disciplinas e registro do plano de estudo, além da efetivação do trancamento.

Um problema identificado pelo pesquisador, através da observação dos procedimentos realizados para a elaboração de um plano de estudo, é que não havia indicação de aproveitamento de disciplinas no plano de estudo.

Assim, os alunos não sabiam se as disciplinas poderiam ser aproveitadas quando faziam as suas escolhas. A questão de indicação de aproveitamento foi incluída no fluxo a partir de sugestão da Pró-Reitora, “para facilitar a questão de aproveitamento de estudos quando os alunos voltassem ao Brasil”.

Vale ressaltar que, dependendo da universidade-destino e da chamada, a escolha das disciplinas pode ser delimitada ou não. E, como não é proposta do programa CSF ter aproveitamento de disciplinas garantido para quem participa do programa, é proposta desta pesquisa uma indicação de aproveitamento de disciplina, incluída nas etapas 17 e 18. Assim, essa etapa auxiliaria o aluno no seu tempo de integralização de curso (na sua não-retenção).

O plano de estudos é elaborado e assinado em conjunto, entre o aluno e o coordenador de curso no colegiado, conforme etapas 19 e 20. Após a assinatura do plano e apresentação à SRI, haveria registro de um plano de estudos especial “por intercâmbio”, para que então a matrícula do aluno possa ser trancada pela Prograd.

**Quadro 13. Fase de Trancamento de Curso na UFES, modalidade graduação-sanduíche no exterior.**

Responsável	Etapas					
Aluno	15. procura o colegiado e solicita trancamento de curso, em virtude de intercâmbio no exterior		17.preenche o plano proposto no Portal do Aluno; procura o colegiado com os dados do curso da universidade-destino, as ementas das disciplinas pretendidas e a solicitação de indicação de aproveitamento de disciplina preenchida, para validar o plano de estudo		19.define a proposta de plano de estudos e apresenta para o coordenador de curso; e assina plano de estudo	21.preenche o plano no Portal da SRI (SIGCSF); e anexa o plano assinado pela SRI e Colegiado e universidade-destino (se for o caso)

Responsável	Etapas					
IES/UFES/SRI						22. recebe memorando para trancamento e solicita trancamento à Prograd mediante plano de estudo registrado no SIE
Colegiado		16. Recebe a carta de recomendação; define quais os semestres serão trancados; envia memorando de trancamento a SRI; e orienta o aluno a contatar a universidade-destino para obter informações, planejar o seu plano de estudo e preencher a solicitação de avaliação preliminar de aproveitamento de disciplinas		18. analisa indicação de aproveitamento de disciplina; e atualiza a indicação e aprovação do Plano no Portal da SRI (SIGCSF); e orienta aluno a procurar o colegiado e validar o plano	20. recebe o aluno para cadastrar o plano de estudos por intercâmbio no SIE, mediante as solicitações de indicação de aproveitamento de estudos analisadas; e assina o plano de estudos; e valida no sistema proposto a indicação de aproveitamento e aprovação do Plano	
Prograd						23. recebe memorando de trancamento da SRI e realiza trancamento por intercâmbio

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de observação e entrevistas.

A fase de “Intercâmbio - acompanhamento do Bolsista da UFES” tem 6 etapas (Quadro 14) sendo que o fluxo foi modificado para garantir que o trancamento e a atualização do plano de estudos ocorressem mesmo quando o estiver no exterior. Assim é possível ter um melhor acompanhamento do aluno nesse período e, principalmente, ter a informação mais precisa se o aluno está no exterior ou não. Isso ocorre no caso de alunos que tiveram seus planos de estudo elaborados no Brasil e alterados no exterior.

O fluxo proposto para essa fase contempla o que a servidora e a Pró-Reitora comentaram nas entrevistas, isto é, que as alterações no plano de estudos (quando

o aluno já está no exterior) também devem ser encaminhadas ao colegiado do curso de origem do aluno. Isso também garantiria o acesso ao plano de estudos vigente, assinado por todas as instâncias.

**Quadro 14. Fase de Intercâmbio - acompanhamento do Bolsista da UFES, na modalidade graduação-sanduiche no exterior.**

Responsável	Etapas				
Aluno	23. informa no Portal da SRI (SIGCSF) a data de ida para o exterior	24. verifica, periodicamente, via Portal do Aluno, a situação de seu trancamento, enquanto estiver no exterior	25. atualiza o plano de estudos e indicação de aproveitamento no Portal da SRI (SIGCSF) e os encaminha à SRI, assinado pela universidade-origem, caso esta defina o plano com o aluno		
IES/UFES/SRI				26. recebe atualização de plano e encaminha para o Colegiado, para aprovação do plano e análise de indicação de aproveitamento	28. recebe o plano atualizado aprovado e assina e registra no Portal da SRI (SIGCSF) e comunica resultado ao aluno.
Colegiado					27. recebe e analisa plano e indicação de aproveitamento e se aprovado registra no Portal da SRI (SIGCSF); e assina o plano e o envia à SRI

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de observação e entrevistas.

A fase de “Encerramento do Intercâmbio - Retorno ao Brasil” tem 6 etapas (Quadro 15), sendo que o fluxo foi modificado para garantir a inclusão das sugestões da servidora e da Pró-Reitora nas entrevistas, quanto à divulgação de relatos de experiências no Portal da SRI e de indicadores do programa CSF na UFES.

Para o relato foi desenvolvido um blog, no qual a SRI faria a seleção de experiências a serem divulgadas. O relato segue o modelo de formulário proposto nesta pesquisa. Na proposta, o aluno também preencheria a enquete para fazer os comparativos entre as universidades, em relação a infraestrutura, comunicação, acolhimento, ensino-aprendizagem, proficiência no idioma estrangeiro, dificuldades e problemas superados.

Cabe lembrar que o aluno tem a opção de pedir ou não o aproveitamento das disciplinas e atividades executadas no exterior.

**Quadro 15. Fase de Encerramento do Intercâmbio - Retorno ao Brasil.**

Responsável	Etapas			
Aluno	29. atualizar a enquete de retorno e encerramento no Portal da SRI (SIGCSF); preenche o formulário de relato de experiências e comunica o retorno a SRI; e procura o colegiado com a solicitação de aproveitamento preenchida (opcional); e apresenta certificados para encerramento do plano		33. Aluno realiza matrícula	
IES/UFES/SRI		30. avalia o preenchimento de informações de retorno e encerramento; e orienta o aluno para procurar a Coordenação de Curso para aproveitamento de disciplinas (e atividades complementares) e também para atualização ou encerramento do plano de estudos; verifica o relato de experiência e avalia sua divulgação no blog		34. gera indicadores do programa CSF e divulga no Portal SRI e no blog.
Capes ou CNPq				

Responsável	Etapas			
Colegiado			31. verifica documentos comprobatórios; avalia o encerramento do plano e a solicitação de aproveitamento de estudos; se documentação estiver completa, encerra o plano; e solicita a Prograd o aproveitamento de estudos aprovados	
Prograd			32 registra aproveitamento de estudos	

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de observação e entrevistas.

A proposta apresentada nesta pesquisa quanto aos procedimentos do programa Ciência sem Fronteiras na UFES, na modalidade graduação-sanduíche para o exterior, sugere o desenvolvimento de um sistema disponível no Portal da SRI, para o controle e acompanhamento de bolsistas CSF da UFES, e também o desenvolvimento de procedimentos integrados com os sistemas do Programa CSF em Brasília, com sistemas da Capes e CNPq, e com sistema de controle acadêmico (SIE) da UFES.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar o programa Ciência sem Fronteiras (CSF), na modalidade de graduação-sanduiche no exterior. Para tanto, foram considerados a avaliação do programa por parte dos discentes, seus relatos de experiências e contribuições de servidores da instituição estudada (UFES), para proposição de melhorias em seu funcionamento, com vistas à produção e disseminação do conhecimento a respeito desse programa.

Para esse fim, foi realizado um levantamento de informações sobre experiências discentes de outras IES que participaram do programa CSF, além de pesquisa em documentos institucionais. A partir desse levantamento, foi elaborado um quadro para identificar os temas mais abordados nessas experiências, que serviu para criar instrumentos de pesquisa como o formulário de relato de experiências, a enquete eletrônica de avaliação do programa pelos discentes bolsistas e as entrevistas para propor melhorias nos procedimentos e fluxo do programa.

A importância desta pesquisa decorre da necessidade de acompanhamento da vida acadêmica dos estudantes participantes de programas de mobilidade acadêmica no exterior. Na instituição estudada, a dificuldade de acesso a informações sobre esses alunos tende a gerar empecilhos na gestão dos programas de mobilidade, conforme indicado nas entrevistas.

Nota-se ainda que a missão e os valores da UFES apontam para a necessidade de realização de estudos para produzir e socializar conhecimento, além de considerar aspectos como diversidade étnica e cultural, tal como apontado nos valores e motivações relacionados à internacionalização descritos por Knight (2005).

Quanto à contribuição de uma experiência no exterior para a formação dos bolsistas, na modalidade graduação sanduíche, grande parte deles afirma que as maiores contribuições do intercâmbio foram a experiência cultural e linguística. Isso corrobora com a importância da cultura e do idioma no processo de internacionalização, conforme já apontado em referencial teórico, em trabalhos de Finardi, Prebianca e Momm (2013) e Finardi e Tyler (2015).

Nota-se que, tal como o panorama nacional, a maioria dos alunos da UFES selecionados para serem bolsistas são provenientes dos cursos de engenharia e

demais áreas tecnológicas. Uma área que despertou interesse do pesquisador foi a de “indústria criativa”, que abrange diversos cursos de graduação e que figura na terceira posição, como área em que mais bolsas são concedidas.

Quando se considera os relatos dos alunos, tendo em vista aspectos como as disciplinas cursadas, o idioma estrangeiro, estágios, atividades culturais/sociais e os problemas enfrentados, notam-se alguns pontos importantes.

Em sua maioria, os bolsistas indicam, no exterior, uma carga horária teórica menor e maiores períodos de estudo individual. Quanto às atividades práticas, indicam frequentes visitas de campo e relacionamento próximo entre empresas e instituições de ensino, para criar oportunidades profissionais para os alunos.

Quanto ao idioma, muitos relatam a existência de aulas preparatórias de idioma estrangeiro, antes de cursar as matérias acadêmicas. Essas aulas de idiomas foram consideradas importantes para depois acompanhar as aulas de conteúdo e para elaborar trabalhos acadêmicos.

Quanto a estágios (acadêmico e profissional), há relatos de alunos que indicam que o estágio no exterior foi uma oportunidade única, na qual tiveram acesso à informação, equipamentos e orientação que teriam apenas em “laboratório de pesquisa ou indústria”. Foi destacado o apoio nas IES estrangeiras para o aluno encontrar vagas de estágio e se preparar para entrevistas.

Quanto às atividades sociais e culturais, muitos relatam o apoio da instituição estrangeira para integração dos alunos bolsistas, com realização de eventos nos quais participam alunos de várias nacionalidades. Também houve parceria com embaixadas locais para obter orientações sobre o país estrangeiro e para criar oportunidades de divulgação de cultura brasileira no exterior.

Houve muitos relatos sobre a excelente infraestrutura (equipamentos, laboratórios, salas de aula, dentre outros) das instituições estrangeiras e sobre o bom acolhimento dos brasileiros para seu desenvolvimento acadêmico no exterior, com atuação presencial (e na modalidade à distância) dos representantes dessas instituições, para sanar dúvidas e auxiliar na solução de problemas cotidianos do bolsista no exterior. A questão da infraestrutura e do apoio da instituição estrangeira foi bem avaliada tanto no relato de experiências quanto na enquete.

Quanto aos problemas enfrentados pelos bolsistas, a maioria dos relatos indica problemas comuns de adaptação inicial a uma nova cultura. Essas

dificuldades foram superadas com apoio de colegas e representantes das IES estrangeiras.

No geral, a instituição estrangeira foi melhor avaliada que a UFES na maioria dos aspectos apresentados aos respondentes da pesquisa, destacando-se: inovação, tecnologias de apoio ao ensino, carga horária prática das disciplinas e infraestrutura.

Há também outros aspectos nos quais as instituições estrangeiras se destacaram, em comparação com a UFES: capacitação em idioma estrangeiro, resolução de problemas, comunicação com os alunos, moradia/alojamento e integração social e cultural.

Todavia, a UFES obteve boas avaliações em aspectos como metodologia de ensino, projeto pedagógico e carga horária teórica de disciplinas.

Nota-se que todos esses relatos trazem informações semelhantes aos conteúdos encontrados na internet, sobre relatos de experiências de alunos CSF de outras IES, cujas informações foram resumidas no Quadro 1 desta pesquisa.

Como fragilidades identificadas, pode-se notar a avaliação mediana de canais de atendimento ao bolsista, como os da Capes e CNPq, quando se observa critérios de qualidade e agilidade no atendimento. Tendo em vista essa avaliação, sugere-se que os coordenadores institucionais do programa CSF encaminhem esses dados à gestão nacional do programa, para que se identifique formas de melhorar esses canais, por meio de uma pesquisa mais profunda (de abrangência nacional) e de discussões entre os coordenadores sobre melhorias. Já os canais de atendimento das instituições estrangeiras foram bem avaliados nesses critérios.

Outra fragilidade foram as poucas menções às oportunidades oferecidas pela UFES para desenvolvimento de proficiência em idioma estrangeiro, apesar de atualmente existirem muitas opções (algumas gratuitas) na UFES, como testes de proficiência, aulas presenciais e cursos *online*. Desta forma é importante incentivar o uso dessas oportunidades e diversificar oferta de cursos (com dinâmicas de imersão no idioma, por exemplo), visto que a proficiência em idiomas é um aspecto relevante para estudos no exterior, conforme apontado no referencial teórico.

A questão do aproveitamento de estudos realizados no exterior também precisa ser revista. Eis mais uma sugestão de trabalhos futuros.

Como dificuldades encontradas na pesquisa, nota-se: a) falta de integração existente entre os bancos de dados (UFES, Capes, CNPq e outros); b) o fato de que

estes bancos englobam, em sua maior parte, informações de interesse específico da instituição detentora dos dados, o que gerou dificuldades para reunir alguns dados de interesse desta pesquisa; c) problemas de fonte de dados sobre alunos, relativos a dados incompletos; d) dados desatualizados ou em constante atualização, sem a possibilidade de consultas em recortes temporais, em alguns casos.

Apesar de não ser objeto desta pesquisa, quando se trata da retenção discente, a média de reprovação de disciplinas depois de voltar do intercâmbio no exterior foi menor do que a média de reprovação antes de ir ao exterior. Como trabalhos futuros, sugere-se verificar o nível de retenção dos alunos, na etapa de seleção interna da UFES para o programa CSF.

Ao propor o uso de tecnologias de informação (TI) para a gestão do conhecimento e sua disseminação, por meio da proposta de um sistema de controle e acompanhamento de alunos em mobilidade, a presente pesquisa está em consonância com as proposições de que a TI desempenha um papel fundamental na gestão do conhecimento, como já apontado neste trabalho por: McDermott (1999); Alavi e Leidner (2001); Lee e Choi (2003); Takeuchi e Nonaka (2008); Yang, Chen e Chou (2014). Propõe-se não apenas a criação de um novo sistema, mas também a integração deste com os sistemas já existentes.

Como apontado nesse referencial teórico, o uso de TI na gestão do conhecimento pode ampliar a transmissão de conhecimentos, facilitar o acesso às fontes de informação e permitir a troca de ideias para construção de novos conhecimentos.

A implementação de um sistema de controle e acompanhamento de alunos, sugerido neste trabalho, não constou como objetivo da pesquisa pois trata-se de uma tarefa complexa, envolvendo muitas partes interessadas (*stakeholders*). Além disso, o desenvolvimento desse sistema enfrentaria questões como limitações de recursos humanos e técnicos, na instituição estudada. Todavia, como trabalhos futuros, sugere-se observar os itens aqui abordados para elaboração e implantação de tal sistema. Sugere-se ainda uma parceria com o NTI para que esse sistema seja incluído na lista de sistemas a serem desenvolvidos internamente pela UFES.

Uma limitação da pesquisa foi a impossibilidade de alimentar e gerir o blog com as informações dos relatos de experiências dos bolsistas CSF. Como trabalhos futuros, sugere-se a coleta de mais relatos e sua seleção, para divulgação no blog.

Quanto às dificuldades enfrentadas pelos bolsistas quando houve alteração em suas escolhas, como o país-destino, sugere-se que os gestores do programa promovam discussões para buscar soluções que minimizem o impacto dessas alterações na experiência dos bolsistas.

Os benefícios desta pesquisa para as instituições federais de ensino superior residem no fato de que ela permite compartilhar as experiências discentes e de servidores da IES estudada, a fim de auxiliar no gerenciamento de programas de mobilidade, para o enfrentamento de problemas no âmbito da gestão pública. Ao ter acesso ao conhecimento produzido aqui, os gestores podem dispor de mais informações de apoio para tomada de decisões que fazem parte do cotidiano de muitas IES brasileiras.

Ao se sugerir um fluxo de funcionamento do CSF na UFES, outras instituições podem observar esse modelo para aprimorar seus próprios procedimentos relacionados a mobilidade estudantil. Além disso, essas instituições podem encaminhar suas sugestões de melhoria à UFES, permitindo um intercâmbio de conhecimentos para melhoria dos fluxos.

O fluxo aqui proposto almeja uma consolidação das melhorias que aconteceram desde a implantação do programa CSF até o acréscimo de aprimoramentos sugeridos nas entrevistas. Espera-se que seja um modelo aberto a contínuas melhorias.

Diante da complexidade do processo de internacionalização do ensino superior, na vertente de mobilidade estudantil, este estudo contribuiu para ampliar a compreensão desse processo, na medida em que identificou fatores importantes nas relações entre as partes interessadas no processo. Também propôs intervenções institucionais para melhoria dos procedimentos de acompanhamento acadêmico dos discentes em situação de mobilidade.

Os resultados obtidos permitiram observar similaridades entre as experiências vivenciadas pelos alunos da UFES e aquelas vivenciadas por alunos de outras instituições, no âmbito do programa CSF. Também permitiram sugerir melhorias nos procedimentos de gestão, acompanhamento e controle dos alunos em mobilidade.

## 6.REFERÊNCIAS

ALAVI, M; LEIDNER, DE. Knowledge management and knowledge management systems: Conceptual foundations and research issues. **MIS Quarterly**. V.25, Ed.1, p.107-136, 2001.

ALBUQUERQUE, Francisco José Batista de. **Produto 1: Atividade 1** – Documento técnico contendo estudo analítico, teórico e metodológico sobre o impacto e a organização do programa Ciência sem Fronteiras nas políticas públicas da educação superior. [Brasília]: Conselho Nacional de Educação, 2013. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom\\_docman%26task%3Ddoc\\_download%26gid%3D13938%26Itemid%3D&ei=6XJNVKbYBorlgwTivoLQAg&usg=AFQjCNGYI9BH\\_tYalh72w6xq2YOq-er5xw&bvm=bv.77880786,d.eXY&cad=rja](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D13938%26Itemid%3D&ei=6XJNVKbYBorlgwTivoLQAg&usg=AFQjCNGYI9BH_tYalh72w6xq2YOq-er5xw&bvm=bv.77880786,d.eXY&cad=rja)>. Acesso em: 26 out 2014.

AMORIM, G.; FINARDI, K. Globalização e Internacionalização do Ensino Superior: Evidências de um Estudo de Caso nos Níveis Micro, Meso e Macro. **Revista Avaliação**, no prelo.

ANDRADE, Cibele Yahn de. Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas, 31 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/acesso-ao-ensino-superior-no-brasil-equidade-e-desigualdade-social>>. Acesso em: 21 maio 2014.

ALLISON, Graham; ZELIKOW, Philip. Essence of decision: explaining the Cuban missile crisis. In: YIN, Robert K (Org). **The case study anthology**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2004.

Disponível em:

<[http://books.google.com.br/books?id=Z36umvbzdoEC&pg=PA13&hl=pt-BR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=4#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=Z36umvbzdoEC&pg=PA13&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 7 maio 2014.

BAGGI, Cristiane Aparecida dos Santos; LOPES, Doraci Alves. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação: Revista da educação superior** (Campinas). Sorocaba, v.16, n.2, Julho 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772011000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772011000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 maio 2014.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators 2002**. Washington: The International Bank for Reconstruction and Development, 2002. Disponível em: <[http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IW3P/IB/2002/10/12/000094946\\_0210120412542/Rendered/PDF/multi0page.pdf](http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IW3P/IB/2002/10/12/000094946_0210120412542/Rendered/PDF/multi0page.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Higher education in Brazil: challenges and options**. Washington: The International Bank for Reconstruction and Development, 2002. Disponível em: <<http://econ.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64165259&theSitePK=46>>

9072&piPK=64165421&menuPK=64166093&entityID=000094946\_02032704034252  
>. Acesso em: 21 maio 2014.

BHUSRY, Mamta; RANJAN, Jayanthi; NAGAR, Raj. Implementing knowledge management in higher educational institutions in India: a conceptual framework. **Liceo Journal of Higher Education Research**. v.7, n.1, p.64-82, jan. 2012.

BLOMMAERT, J. The Sociolinguistics of Globalization. **Cambridge Approaches to Language Contact**. p. 214, 2010.

BRASIL. Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 2011. Seção 1, p.7.

BORGES, Daniele Simões; ABRAHÃO, Isabela Pandolfo. Docência inovadora no ensino superior. In: Simpósio Brasileiro de Política e Administração em Educação, 26, 2013, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife, ANPAE, 2013. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/DanieleSimoesBorges-ComunicacaoOral-int.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

BOURDIEU, P.; THOMPSON, J. **Language and Symbolic Power**. Cambridge, MA: Harvard UP, Print, 1991.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

CHARLES, Sebastien. **Cartas sobre a hipermodernidade**. São Paulo: Barcarolla, 2009.

CHIN, Joseph Meng-Chun; CHING, Gregory S. Trends and indicators of Taiwan's higher education internationalization. **The Asia-Pacific education researcher**. Filipinas, n.18:2, p.185-203, 2009.

CHUA, A.Y.K.; BANERJEE, S. Customer knowledge management via social media: the case of Starbucks. **Journal of Knowledge Management**. v. 17, ed. 2, p.237-249, 2013.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **O programa**: o que é? Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

CNPQ. **Estatísticas e indicadores da Pesquisa no Brasil**. Brasília: CNPq, [2008]. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/f653f40d-8a19-468a-aa8f-bb3ac557e32c>>. Acesso em: 31 maio 2014.

CRANFIELD, Desireé Joy; TAYLOR, John. Knowledge management and higher education: a UK case study. **The electronic journal of knowledge management**. v.6, n.2, p.85-100, 2008.

CUNHA, C.S.G.; de CAMPOS, R.P. The Internationalization of Micro and Small Companies From Knowledge-Management Standpoint: A Multiple Case Study in Brazil. **Proceedings of the 9<sup>th</sup> International Conference On Intellectual Capital, Knowledge Management & Organisational Learning**. p.60-69, 2012.

CVCP. **The business of borderless education**: UK perspectives. Disponível em: <<http://dera.ioe.ac.uk/15163/>>. Acesso em: 16 maio 2014. Londres: CVCP, 2000.

DANNEMANN, S. Can knowledge management survive without information technologies? **Proceedings of the 12th European Conference on Knowledge Management**, Vol. 1 e 2, p.1103-1106, 2011.

DAQUILA, Teofilo C. Internationalizing higher education in Singapore: government policies and the NUS experience. **Journal of studies in international education**. n.17, p.629-647, 2013.

DAVENPORT, T.H.; De LONG, D.W.; BEERS, M.C. Successful knowledge management projects. **Sloan Management Review**. V. 39, Ed. 2, 1998.

DE WIT, Hans et al. (Ed.). **Higher Education in Latin America**: the international dimension. Washington: World Bank, 2005.

DE WIT, Hans. Quality assurance and internationalization: Trends, challenges and opportunities. In: **INQAAHE Conference Chicago 2015**. Disponível em: <<http://www.iau-aiu.net/content/definitions>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

FADINI, K.; FINARDI, K. R. Web 2.0 Tools for the L2 Class and Beyond. In: **END 2015 International Conference on Education and New Developments Proceedings**. Lisboa: World Institute for Advanced Research and Science (WIARS), v. 1. p. 603-607, 2015.

FIGUEIREDO, M.C.; de SOUZA, C.R.B.; PEREIRA, M.Z.; PRIKLADNICKI, R.; AUDY, J.L.N. Knowledge transfer, translation and transformation in the work of information technology architects. **Information and Software Technology**. V.56, Ed. 10, p.1233-1252, 2014.

FINARDI, K.; ARCHANJO, R. Reflections on internationalization of education in Brazil. **Journal of International Education Research** (2158-0987), no prelo.

FINARDI, K.; FRANÇA, C. O inglês na internacionalização da produção científica Brasileira. **Revista Intersecções**, no prelo.

FINARDI, K.; SILVEIRA, N.; ALENCAR, J.G. First Aid and Waves in English. **Eletronic Journal of Science Education** (EJSE), no prelo.

FINARDI, K.; CSILLAGH, V. Globalization and linguistic diversity in Switzerland: insights from the roles of national languages and English as a foreign language. **Multilingual Matters**, no prelo.

FINARDI, K.; PREBIANCA, G. Ensino Crítico de Inglês e Formação Docente na Contemporaneidade. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, no prelo.

FINARDI, K. (2012). Technology and L2 learning: hybridizing the curriculum. In: **III Congresso Internacional Abrapui Language and Literature in the Age of Technology - Anais...** Universidade Federal de Santa Catarina. BECK, M. S.; SILVEIRA, R.; FUNCK, S. B.; XAVIER, R. P. (Orgs). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1. p. 1-8, 2012.

FINARDI, K.; PREBIANCA, G.; MOMM, C. F. Tecnologia na Educação: o caso da Internet e do Inglês como Linguagens de Inclusão. **Revista Cadernos do IL**, vol. 46, p. 193-208, 2013

FINARDI, K.; PORCINO, M.C. Tecnologia e Metodologia no Ensino de Inglês: Impactos da Globalização e da Internacionalização. **Ilha do Desterro**, v. 66, p. 239-284, 2014.

FINARDI, K.; PREBIANCA, G.V.V. Políticas linguísticas, internacionalização, novas tecnologias e formação docente: um estudo de caso sobre o curso de Letras Inglês em uma universidade federal. **Leitura (UFAL)**, v. 1, p. 129-154, 2014.

FINARDI, K.; TYLER, J. The Role of English and Technology in the Internationalization of Education: Insights from the Analysis of MOOCS. In: **7th International Conference on Education and New Learning Technologies 2015**, Barcelona. Edulearn 15 Proceedings... Barcelona: IATED, v. 1. p. 11-18, 2015.

FINARDI, K.; PREBIANCA, G.V.V.; SCHMITT, J. English Distance Learning: possibilities and limitations of MEO for the Flipped Classroom. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada 2015**, no prelo.

FINARDI, K.; ORTIZ, R. Globalization, Internationalization and Education: What is the Connection? IJAEDU- **International E-Journal of Advances in Education**, v. 1, p. 18-25, 2015.

FRØLICH, Nicoline. Still academic and national: Internationalization in Norwegian research and higher education. **Higher Education**. n.52, p.405-420, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRALDI, Renata. Brasil ainda investe pouco em ensino superior, avalia OCDE. **Agência Brasil**: Empresa Brasil de Comunicação, [Brasília], 11 set. 2012. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-09-11/brasil-ainda-investe-pouco-em-ensino-superior-avalia-ocde>>. Acesso em: 21 maio 2014.

GOMES, Alfredo Macedo. Política de avaliação da educação superior. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, .23, nº 80, p.275-298, set. 2002.

GOMEZELJ OMERZEL, D.; BILOSLAVO, R.; TRNAVCEVIC, A. Knowledge management and organisational culture in higher education institutions. **Journal for East European Management Studies**. Vol. 16, ed. 2, p.111-139, 2011.

GRAHAM, C.R. Blended Learning Systems: Definition, Current Trends, Future Directions. In: BONK, C.J.; GRAHAM, C.R. (Eds.). **Handbook of Blended Learning: Global perspectives, local designs**. San Francisco, CA: Pfeiffer Publishing, pp. 41-54, 2006.

GUO, Shibao; CHASE, Mackie. Internationalization of higher education: integrating international students into Canadian academic environment. **Teaching in higher education**. v.16, n.3, p.305-318, 2011.

HEALEY, Nigel M. **Is higher education in really internationalizing?** Christchurch: College of Business and Economics, 2007.

HEMSLEY, J.; MASON, R.M. Knowledge and Knowledge Management in the Social Media Age. **Journal of Organizational Computing and Electronic Commerce**. V.23, ed. 1-2, p.138-167, 2013.

HOLM-NIELSEN, Lauritz B. et al. **Regional and international challenges to higher education in Latin America**. In: DE WIT, Hans et al. (Ed.). **Higher Education in Latin America: the international dimension**. Washington: World Bank, 2005

HUANG, Futao. Internationalization of curricula in higher education institutions in comparative perspectives: case studies of China, Japan and the Netherlands. **Higher Education**. n.51, p.521-539, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da educação superior: 2011 – resumo técnico**. Brasília: INEP, 2013.

INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. **Open doors report on international student exchange**. 2013. Disponível em: <<http://www.iie.org/en/Research-and-Publications/Open-Doors/Data/International-Students/Infographic>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

JOHNSON, J. David. **Gestão de redes de conhecimento**. São Paulo: Senac, 2011.

KARLSEN, T.; SILSETH, P.R.; BENITO, G.R.G.; WELCH, L.S. Knowledge, internationalization of the firm, and inward-outward connections. **Industrial Marketing Management**. Vol.32, ed. 5, p.385-396, 2003.

KAUARK, F.S.; MANHÃES, F.C.; MEDEIROS, C.H. **Metodologia de pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KIDWELL, Jillinda J.; VANDER LINDE, Karen M.; JOHNSON, Sandra L. Applying corporate knowledge management practices in higher education. **Educuse Quarterly**. n.4, p.28-33, 2000.

KETONEN-OKSI, S. Strategic thinking in a viral society: The role of social media in remodelling innovation related knowledge and knowledge management strategies. **Proceedings of the 6th Knowledge Cities World Summit**. p.101-110, 2013.

KNIGHT, Jane. An international model: responding to new realities and challenges. *In*: DE WIT, Hans et al. (Ed.). **Higher Education in Latin America: the international dimension**. Washington: World Bank, 2005.

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. **Internationalization of Higher Education in Asia Pacific Countries**. Amsterdam: European Association for International Education, 1997.

LAVANKURA, Pad. Internationalizing higher education in Thailand: government and university responses. **Journal of studies in international education**. n.17, p.663-676, 2013.

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização do ensino superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. 319 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

LAUS, Sonia Pereira; MOROSINI, Marília Costa. Internationalization of Higher Education in Brazil. *In*: DE WIT, Hans et al. (Ed.) **Higher Education in Latin America: the international dimension**. Washington: World Bank, 2005.

LEE, H.; CHOI, B. Knowledge management enablers, processes, and organizational performance: An integrative view and empirical examination. **Journal of Management Information Systems**. V. 20, Ed. 1, p.179-228, 2003.

LUXON, Tony; PEELO, Moira. Internationalization: its implications for curriculum design and course development in UK higher education. **Innovations in education and teaching international**. v.46, n.1, p.51-60, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2012.

McDERMOTT, R. Why information technology inspired but cannot deliver knowledge management. **California Management Review**. V.41, Ed.4, 1999.

OCDE. **Quality and internationalization in higher education**. Paris: Institutional Management in Higher Education, 1999. Disponível em: <[http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/education/quality-and-internationalisation-in-higher-education\\_9789264173361-en#page1](http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/education/quality-and-internationalisation-in-higher-education_9789264173361-en#page1)>. Acesso em: 16 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Indicators on internationalization and trade of post-secondary education.** Washington, OCDE, 2002. Disponível em: <<http://www.oecd.org/edu/skills-beyond-school/1933574.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Four future scenarios for higher education.** Paris: CERI, 2008. Disponível em: <<http://www.oecd.org/edu/skills-beyond-school/42241931.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Education at a glance 2013: OECD indicators.** [Paris]: OECD Publishing, 2013. Disponível em: <[http://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2013\\_eag-2013-en](http://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2013_eag-2013-en)>. Acesso em: 21 maio 2014.

ORTIZ, R.; FINARDI, K. Social Inclusion And CLIL: Evidence From La Roseraie. **ICERI 2015**, no prelo.

PAWLOWSKI, J.; PIRKKALAINEN, H. Global Social Knowledge Management: The Future of Knowledge Management Across Borders? **Proceedings of the 13th European Conference on Knowledge Management.** Vol. 1 e 2, p.933-942, 2012.

PINHEIRO, L.M.S.; FINARDI, K. Políticas públicas de internacionalização e o papel do inglês: evidências dos programas CSF e ISF. In: II Conel, 2014, Vitória. **Anais do II Conel.** Vitória: PPGEL, 2014. v. 1. p. 76-78, 2014.

POOLE, David. Moving towards professionalism: the strategic management of international education activities at Australian universities and their faculties of Business. **Higher Education.** Holanda, n.42, p.395-435, 2001.

PORCINO, M.C.; FINARDI, K. Globalization and Internationalization in ELT: Methodology, Technology and Language Policy at a Crossword in Brazil. In: International Conference of Education, Research and Innovation, 2014, Sevilha. **ICERI 2014 Proceedings.** Madri: IATED, 2014. v. 1. p. 1-11, 2014.

PREBIANCA, G.; FINARDI, K.; CARDOSO, G. Ensino-aprendizagem em contextos híbridos: o que pensam os alunos sobre o uso da tecnologia em aulas de inglês no ensino médio integrado. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 12, p. 95-119, 2015.

PREBIANCA, G.; VIEIRA, M.F.V.; FINARDI, K. Instrução gramatical na era da tecnologia: investigando diferentes abordagens para o ensino-aprendizagem de Inglês no Ensino Médio Integrado. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 17, p. 181-214, 2014

PREBIANCA, G.V.V.; CARDOSO, G.; FINARDI, K. Híbridizando a Educação e o Ensino de Inglês: Questões de Inclusão e Qualidade. **Revista do GEL**, v. 11, p. 47-70, 2014.

RAZMERITA, L; KIRCHNER, K; NABETH, T. Social Media in Organizations: Leveraging Personal and Collective Knowledge Processes. **Journal of**

**Organizational Computing and Electronic Commerce.** Vol. 24, ed. 1, p.74-93, 2014.

ROWLEY, Jennifer. Is higher education ready for knowledge management. **The international journal of educational management.** v. 14, n.7, p.325-333, 2000.

RUDZKI, Romuald E. J. **The application of a strategic management model to the internationalization of higher education institutions.** Newcastle upon Tyne: University of Newcastle upon Tyne, 1995,

SAARENKETO, S.; PUUMALAINEN, K.; KUIVALAINEN, O.; KYLÄHEIKO, K. Dynamic knowledge-related learning processes in internationalizing high-tech SMEs. **International Journal of production economics.** Ed. 89, p.363-378, 2003.

SAEE, J.; BENLI, F. The role of marketing knowledge for Australian ICT based entrepreneurs in terms of their internationalization strategy. **Proceedings of the 8<sup>th</sup> European Conference on Knowledge Management.** Vol. 1 e 2, p.829-834, 2007.

SAGSAN, M; KIRKBESOGLU, E. Knowledge Management Revisited: An Empirical Test on the 'Discussion Group' within the Social Media. **Proceedings of the 11th European Conference on Knowledge Management.** v.1-2, p.836-844, 2010.

SANTTI, R. Social media mindset and knowledge management. **Proceedings of the 12th European Conference on Knowledge Management.** Vol. 1 e 2, p.872-878, 2011.

SANTOS, Adilson Pereira dos; CERQUEIRA, Eustáquio Amazonas de. Ensino superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9., 2009, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, UFSC, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/35836/Ensino%20Superior%20trajetoria%20historica%20e%20politicass%20recentes.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 maio 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. **Higher education and the demands of the new economy in Latin America.** Washington: World Bank, 2002.

SEDZIUWIENE, Natalija; VVEINHARDT, Jolita. The paradigm of knowledge management in higher educational institutions. **Inzinerine Ekonomika (Engineering Economics).** n.5, p.79-90, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SHIN, J.C.; TEICHLER, U. **The Future of The Post-Massified University at the Crossroads.** Restructuring Systems and Functions. Jung Cheol Shin and Ulrich Teichler (Editors). Springer, 2014.

SILVEIRA, N.; FINARDI, K. (2015). Hybridizing L2 Learning: Insights from an Intact Class Experience. In: END 2015 - International Conference on Education and New

Developments, Porto. **END 2015 International Conference on Education and New Developments Proceedings....** Lisbon: World Institute for Advanced Research and Science (WIARS), v. 1. p. 593-597, 2015.

SOARES, W.C.S. **A aprendizagem de inglês mediada por jogos eletrônicos do tipo MMORPG.** 104 p. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SOBERG, P.V. Activity specific knowledge characteristics in the internationalization process. **Baltic Journal of Management.** Vol.7, p.251-267, 2012.

SRANAMKAM, T. Development of web-Based instruction model using social media application to enhance knowledge management skills on computer tablet for teachers. **Procedia Social and Behavioral Sciences.** Vol. 69 p.1477-1480, 2012.

STAUB, T; CHRIST, D; TSCHANNEN, K. Knowledge management by Internet communities: Is it an example for the corporate world? **Anywhere, anytime - Education on Demand, Vol I: eLearning and Software for Education,** 2011.

STIGLITZ, Joseph E. **O mundo em queda livre:** os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial. São Paulo: Cia das Letras. 2010.

STROMQUIST, Nelly P. **Internationalization as a response to globalization:** radical shifts in university environments. Los Angeles: University of Southern California, 2007.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do Conhecimento.** Porto Alegre: Bookman, 2008.

THAM, Siew Yean. Internationalizing higher education in Malaysia: government policies and university's response. **Journal of studies in international education.** n.17 p.648-662, 2013.

TILIO, R. Língua Estrangeira Moderna na Escola Pública: possibilidades e desafios. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 925-944, jul./set. 2014.

UMAKOSHI, Toru. Internationalization of Japanese higher education in the 1980's and early 1990's. **Higher Education.** Holanda, n.34, p.259-273, 1997.

UNESCO. **Conpendio mundial de la educación 2009:** comparación de las estadísticas de educación en el mundo. Quebec: Instituto de Estadística de la UNESCO, 2009.

UNESCO e Conselho Europeu. **The UNESCO-CEPE Code of Good Practice in the Provision of Transnational Education.** Paris: UNESCO, 2001. Disponível em: <[http://www.coe.int/t/dg4/highereducation/recognition/code%20of%20good%20practice\\_EN.asp](http://www.coe.int/t/dg4/highereducation/recognition/code%20of%20good%20practice_EN.asp)>. Acesso em: 16 maio 2014.

WRIGHT, T; WATSON, S; CASTRATARO, D. To Tweet or not to tweet, that is the question: Social media as a missed opportunity for knowledge management. **Proceedings of the 11th European Conference on knowledge management**. Vol. 1 e 2, p.1106-1112, 2010.

YANG, L.R.; CHEN, J.H.; CHOU, S.C.. KM as a Facilitator for Project Performance Through Team Process: Does Information Technology Make a Difference? **International Journal of Information Technology & Decision Making**. V.13, Ed. 5, p.937-956, 2014.

YATES, D; PAQUETTE, S. Emergency knowledge management and social media technologies: A case study of the 2010 Haitian earthquake. **International Journal of Information Management**. Vol. 31, ed.1, 2011.

YENIYURT, S.; CAVUSGIL, S.T.; HULT, G.T.M. A global market advantage framework: the role of global market knowledge competencies. **International Business Review**. Vol.14, p.1-19, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YU, H.Y.; YUAN, F.L.; Study on Knowledge Management, Organizational Learning and Internationalization of Wanxiang Group. **Proceedings of the 3<sup>rd</sup> International Conference on Product Innovation Management**. Vol. 1 e 2, p.541-545, 2008.

## 7.APÊNDICES

### Apêndice A. Pesquisa “Perfil dos alunos e características do CSF sob a ótica dos discentes da UFES”

Registros de práticas e experiências dos programas de internacionalização da UFES

Enquete

Caro(a) Aluno(a),

Esta é uma pesquisa realizada para identificar e registrar as experiências dos alunos da UFES em mobilidade OUT pelo programa "Ciência sem Fronteiras" (CSF).

O universo da pesquisa são os estudantes que se inscreveram no programa CSF entre os anos de 2011 e 2014.

Ela foi desenvolvida no âmbito do programa de pós-graduação em Gestão Pública (PPG-GP), em parceria com a Secretaria de Relações Internacionais (SRI).

Gostaríamos de contar com sua participação ao responder esse questionário, de forma a melhorar os procedimentos de mobilidade para o exterior na UFES.

Há 54 perguntas neste questionário.

PERFIL

1. Informe seu número de matrícula na UFES:

ESCOLHA DA EXPERIÊNCIA

2. Qual área do conhecimento você selecionou para sua experiência CSF?

<input type="checkbox"/>	Engenharias e demais áreas tecnológicas
<input type="checkbox"/>	Ciências exatas e da Terra
<input type="checkbox"/>	Biologia, ciências biomédicas e da saúde
<input type="checkbox"/>	Computação e tecnologias da informação
<input type="checkbox"/>	Tecnologia aeroespacial
<input type="checkbox"/>	Fármacos
<input type="checkbox"/>	Produção agrícola sustentável
<input type="checkbox"/>	Petróleo, gás e carvão mineral
<input type="checkbox"/>	Energias renováveis
<input type="checkbox"/>	Tecnologia mineral
<input type="checkbox"/>	Biotecnologia
<input type="checkbox"/>	Nanotecnologia e novos materiais
<input type="checkbox"/>	Tecnologias de prevenção e mitigação de desastres naturais
<input type="checkbox"/>	Biodiversidade e bioprospecção
<input type="checkbox"/>	Ciências do mar
<input type="checkbox"/>	Indústria criativa
<input type="checkbox"/>	Novas tecnologias de engenharia construtiva

	Formação de tecnólogos, nas áreas e temas listados nos itens anteriores Mais de uma opção é possível, caso tenha participado de mais de um edital
--	--

3. Em qual edital interno da UFES você se candidatou à bolsa CSF, independente se você foi contemplado com a bolsa ou não?

	Edital UFES 03/2011
	Edital UFES 01/2012
	Edital UFES 04/2012
	Edital UFES 06/2012
	Edital UFES 07/2012
	Edital UFES 02/2013
	Edital UFES 07/2013
	Edital UFES 08/2013
	Edital UFES 12/2013
	Edital UFES 04/2014
	Não sei

4. Nos editais em que participou para seleção de bolsas CSF, indique os países que você escolheu:

	Alemanha
	Austrália
	Áustria
	Bélgica
	Canadá
	China
	Cingapura
	Coreia do Sul
	Dinamarca
	Estados Unidos
	Espanha
	Finlândia
	França
	Holanda
	Hungria
	Índia
	Irlanda
	Israel
	Itália
	Japão
	Noruega
	Nova Zelândia
	Polônia
	Portugal
	Reino Unido
	República Tcheca
	Rússia
	Suécia
	Suíça
	Ucrânia

5. Nos editais em que participou para a seleção de bolsas CSF, indique os idiomas de ensino nos países-destino que você escolheu:

	Inglês
	Espanhol
	Francês
	Alemão
	Italiano
	Português
	Outros:

DEPOIS DE CONTEMPLADO COM A BOLSA

6. Em que edital você foi contemplado com a bolsa CSF?

	Edital UFES 03/2011
	Edital UFES 01/2012
	Edital UFES 04/2012
	Edital UFES 06/2012
	Edital UFES 07/2012
	Edital UFES 12/2013
	Edital UFES 07/2013
	Edital UFES 08/2013
	Edital UFES 12/2013
	Edital UFES 04/2012
	Não sei
	Não fui contemplado com bolsa

7. Indique o idioma do país-destino:

	Inglês
	Espanhol
	Francês
	Alemão
	Italiano
	Português
	Outros

Idioma exigido por meio do teste de proficiência, antes de ir para o exterior

8. Informe seu país-destino no Programa Ciência sem Fronteiras

	Alemanha
	Austrália
	Áustria
	Bélgica
	Canadá
	China
	Cingapura
	Coreia do Sul
	Dinamarca
	Estados Unidos

	Espanha
	Finlândia
	França
	Holanda
	Hungria
	Índia
	Irlanda
	Israel
	Itália
	Japão
	Noruega
	Nova Zelândia
	Polônia
	Portugal
	Reino Unido
	República Tcheca
	Rússia
	Suécia
	Suíça
	Ucrânia

9. Informe sua universidade-destino no programa CSF:

10. Informe a data de início do programa CSF - formato MM/AAAA:

11. Informe a data de término do programa CSF - formato MM/AAAA:

12. Indique o nome do curso no qual você estuda/estudou no exterior:

13. Você recebeu/recebe bolsa de qual agência?

	Da Capes
	Do CNPq
	Não fui contemplado com bolsa CSF

14. Em relação ao tempo previsto para a bolsa, você:

	Ainda vai ao exterior
	Ainda não retornou do exterior
	Cumpriu integralmente o tempo inicial previsto pelo CSF
	Retornou ao Brasil antes do prazo, por decisão pessoal
	Retornou ao Brasil antes do prazo, por problemas de saúde
	Permaneceu mais tempo que o previsto inicialmente, com autorização do CSF (prorrogação)
	Retornou ao Brasil antes do prazo, por decisão do CSF

15. Qual a sua situação atual como bolsista CSF?

	Não foi selecionado para a bolsa
	Foi selecionado, mas ainda não viajou ao exterior
	Foi selecionado, mas desistiu da bolsa antes de viajar
	Foi selecionado e já iniciou o programa no exterior
	Foi selecionado, participou do programa e voltou ao Brasil

#### ALTERAÇÕES OCORRIDAS NO DECORRER DO PROGRAMA

16. Informe os casos em que houve alteração da sua escolha no decorrer do programa CSF:

	Idioma estrangeiro
	País-destino
	Universidade-destino
	Curso no exterior
	Outros:

17. Caso tenha sido alterado algum dos itens descritos acima, descreva o impacto para sua experiência no programa CSF:

--

#### CANAIS DE COMUNICAÇÃO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

18. Avalie a qualidade de atendimento nos seguintes canais, em relação ao CSF:

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Excelente	Não se aplica ou não usou
0800 MEC						
Capes						
CNPq						
E-mail UFES						
Secretaria de Relações Internacionais da UFES						
Prograd UFES						
Colegiado de Curso UFES						
Área de relações internacionais da universidade-destino						
Demais áreas da universidade-destino						

19. Caso tenha utilizado outros canais, indique quais:

--

20. Avalie a agilidade do atendimento na resolução de problemas, nos seguintes canais:

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Excelente	Não se aplica ou não usou
0800 MEC						
Capes						
CNPq						
E-mail UFES						
Secretaria de Relações Internacionais da UFES						
Prograd UFES						
Colegiado de Curso UFES						
Área de relações internacionais da universidade-destino						
Demais áreas da universidade-destino						

21. Em quais desses canais teve seus problemas resolvidos?

--

### PROFICIÊNCIA EM IDIOMAS

22. Avalie seu domínio da língua de ensino no país-destino CSF:

	Nenhum	Pouco	Regular	Bom	Excelente
Expressão Oral (Fala)					
Compreensão Auditiva (Compreende)					
Expressão Escrita (Escreve)					
Compreensão Escrita (Lê)					

23. Avalie a contribuição, antes da ida ao exterior, dos seguintes itens, para sua proficiência no idioma requerido no país-destino:

	Nenhuma	Pouca	Regular	Boa	Muita	Não se aplica ou não usou
Cursos de idiomas ofertados fora da UFES						
Vivências anteriores no exterior						
Oportunidades oferecidas pela UFES						

24. Avalie a contribuição das seguintes oportunidades na UFES, para desenvolvimento de sua proficiência no idioma requerido no país-destino:

	Nenhuma	Pouca	Regular	Boa	Muita	Não se aplica ou não usou
Testes de proficiência gratuitos (TOEFL)						
Aulas presenciais (NuLi)						
Plataforma online de aprendizado (My English Online)						
Centro de Línguas						

25. Quais os canais usados para obter informações sobre o teste de proficiência exigido pelo país-destino?

	Chamada do país-destino
	Secretaria de Relações Internacionais da UFES
	0800 MEC
	Colegas da UFES
	Outros:

26. Qual teste você usou para comprovar a sua proficiência em idioma estrangeiro?

	TOEFL-ITP (Inglês)
	TOEFL-iBT (Inglês)
	IELTS (Inglês)
	On-DaF (Alemão)

	DELF/DALF (Francês)
	DELE (Espanhol)
	Istituto Italiano (Italiano)
	Outros:

### VIDA ACADÊMICA

27. Antes de ir para o exterior, você era um aluno:

	Periodizado
	Desperiodizado
	Não sei

28. Quanto à reprovação em disciplinas, indique em quantas disciplinas você ficou reprovado, *antes* de ir para o exterior:

29. Quanto à reprovação em disciplinas, indique em quantas disciplinas você ficou reprovado, *depois* de ir para o exterior:

30. Na UFES, indique as atividades em que você atuou, *antes* de participar do CSF:

	Iniciação Científica
	Grupos de Pesquisa
	Programas de Extensão
	Empresa Junior
	Membro de Centro Acadêmico/DA/CA
	Representação em Conselhos/Colegiados
	Bolsista PAD
	Programa PET
	Monitoria PID
	Atividades Culturais
	Atividades como voluntário
	Nenhuma
	Outros:

31. Na UFES, indique as atividades em que você atuou, *depois* de participar do CSF:

	Iniciação Científica
	Grupos de Pesquisa
	Programas de Extensão
	Empresa Junior
	Membro de Centro Acadêmico/DA/CA
	Representação em Conselhos/Colegiados
	Bolsista PAD
	Programa PET
	Monitoria PID
	Atividades Culturais
	Atividades como voluntário
	Nenhuma
	Outros:

32. Quantos períodos você trancou, por motivo de intercâmbio, para estudar no programa CSF?

	Nenhum
	1 período
	2 períodos
	3 períodos
	Mais de 3 períodos

33. Quantos períodos você trancou por outros motivos?

	Nenhum
	1 período
	2 períodos
	3 períodos
	Mais de 3 períodos

34. Conforme sua previsão de conclusão de curso, informe o Ano/Semestre de conclusão:

35. Qual o tempo máximo (em anos) de conclusão de seu curso, conforme o PPC (Projeto Pedagógico de Curso)?

36. Você vai extrapolar o tempo máximo de conclusão de curso, considerando sua data de ingresso na UFES?

	Sim
	Não
	Não sei

#### VIVÊNCIA NO PAÍS-DESTINO

37. Avalie a recepção/apoio da universidade-destino, quanto aos seguintes itens:

	Nenhum	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Não se aplica ou não teve
Para sua adaptação no exterior, no geral						
Para sua capacitação no idioma estrangeiro						
Na resolução de problemas e dificuldades						
Na comunicação						
Em relação à moradia/alojamento						
Em relação à						

elaboração de plano de estudo						
Na identificação de oportunidades de experiências acadêmicas, pesquisa, extensão e estágio						
No apoio ao desenvolvimento acadêmico						
Na integração cultural e social						

38. Independente da experiência que teve, como avalia o país-destino onde estudou/estuda?

	Péssimo
	Ruim
	Regular
	Bom
	Ótimo

#### AVALIAÇÃO PESSOAL

39. Avalie o seu comprometimento com as atividades de intercâmbio:

	Nenhum
	Pouco
	Regular
	Muito
	Total

40. Avalie sua iniciativa na resolução dos problemas enfrentados, nos seguintes aspectos:

	Nenhuma	Pouca	Regular	Muita	Total	Não se aplica
Adaptação no exterior, no geral						
Proficiência no idioma estrangeiro						
Comunicação aluno-instituições						
Moradia/alojamento						
Plano de estudos						
Experiências acadêmicas, pesquisa, extensão e estágio						
Desempenho acadêmico						
Integração social e cultural						

## PERCEPÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ORIGEM

41. Avalie o apoio da UFES para sua adaptação no exterior:

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Não se aplica
Para sua adaptação no exterior, em geral						
Para sua capacitação no idioma estrangeiro						
Na resolução de problemas e dificuldades						
Na comunicação						
Em relação à moradia/alojamento						
Em relação à elaboração de plano de estudos						
Na identificação de oportunidades de experiências acadêmicas, pesquisa, extensão e estágio						
No apoio ao desenvolvimento acadêmico						
Na integração social e cultural						

## APÓS O RETORNO AO BRASIL

42. Após o retorno ao Brasil, a sua experiência CSF o motivou a:

	Permanecer no curso de origem
	Transferir para curso de área afim
	Transferir para curso de outra área
	Deixar de estudar
	Participar de projetos da Universidade (por exemplo, extensão)
	Estagiar numa empresa
	Seguir carreira profissional
	Mudar de país
	Participar de projetos de pesquisa
	Tornar-se membro de Conselhos/Comissões na Universidade
	Outros:

43. Após seu retorno ao Brasil, o que efetivamente aconteceu?

	Permaneceu no curso de origem
	Transferiu para curso de área afim
	Transferiu para curso de outra área
	Deixou de estudar
	Participou de projetos da Universidade (por exemplo, Extensão)
	Estagiou numa empresa
	Seguiu carreira profissional
	Mudou de país
	Participou de projetos de pesquisa
	Tornou-se membro de Conselhos/Comissões na Universidade
	Outros:

44. No período subsequente ao seu retorno, com relação ao seu curso de graduação, você realizou:

	Matrícula
	Desistiu do curso de graduação
	Abandonou o curso de graduação
	Solicitou novo trancamento
	Solicitou transferência para outro curso
	Solicitou aproveitamento de disciplinas
	Integralizou o curso (se formou)
	Foi jubilado
	Outros:

45. No geral, avalie seu desempenho acadêmico no programa CSF:

	Péssimo
	Ruim
	Regular
	Bom
	Ótimo

46. Avalie os seguintes aspectos quanto à contribuição de sua experiência no CSF para sua formação:

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Não se aplica ou não teve
Disciplinas acadêmicas em áreas afins a seu curso						
Disciplinas acadêmicas em áreas não-afins a seu curso						
Estágio Acadêmico						
Estágio em empresa						

Participação em grupos de pesquisa						
Atividades em laboratório						
Atividades complementares						
Experiência cultural						
Experiência linguística						
Atuação como instrutor em cursos, palestras, etc.						
Aproveitamento de estudos						

#### APROVEITAMENTO E PLANO DE ESTUDOS

47. Comparando o previsto e o realizado, indique a faixa de aproveitamento (na universidade de origem) dos estudos realizados no exterior:

	Nada
	1 a 25%
	26 a 50%
	51 a 75%
	76 a 99%
	Integral

48. O que o motivou a não aproveitar disciplinas?

	Falta de plano de estudos na universidade de origem
	Falta de orientação sobre aproveitamento na universidade de origem
	Escolha pessoal de disciplinas sem afinidade com o curso de origem
	Disciplinas ofertadas no exterior não tinham afinidade com o curso de origem
	Dificuldades burocráticas na universidade de origem
	Outros:

#### COMPARAÇÃO DE UNIVERSIDADES

49. Avalie a UFES quanto ao ensino, nos seguintes aspectos:

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Excelente
Metodologia					
Inovação					
Projeto Pedagógico					
Tecnologias de apoio ao ensino					

Carga horária teórica das disciplinas					
Carga horária prática das disciplinas					
Infraestrutura					

50. Avalie a universidade-destino quanto ao ensino, nos seguintes aspectos:

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Excelente
Metodologia					
Inovação					
Projeto Pedagógico					
Tecnologias de apoio ao ensino					
Carga horária teórica das disciplinas					
Carga horária prática das disciplinas					
Infraestrutura					

#### EXPECTATIVAS E POTENCIALIDADES

51. Em relação às suas expectativas sobre o programa CSF, você considera:

	Não atendidas
	Pouco atendidas
	Atendidas
	Maior parte delas atendidas
	Plenamente atendidas

52. Avalie seu interesse em contribuir para a melhoria do seu curso:

	Nenhum interesse
	Pouco interesse
	Interesse razoável
	Muito interesse
	Extremo interesse

53. Avalie a potencialidade de contribuição de sua experiência CSF para melhoria de seu curso na UFES:

	Nenhum potencial
	Pouco potencial
	Potencial razoável
	Muito potencial
	Potencial extremo

54. Avalie a relevância do programa CSF para sua formação pessoal e acadêmica:

	Nada relevante
	Pouco relevante
	Relevante
	Muito relevante
	Extremamente relevante

## Apêndice B. Entrevista sobre procedimentos e fluxo do CSF da UFES

1. Para obter dados do programa CSF, você obtém a informação:

- ( ) pelos registros/sistemas da própria UFES
- ( ) pelo sistema CSF
- ( ) por ambos
- ( ) por outros meios. Quais:

2. Quais indicadores você considera importantes para acompanhamento do programa Ciência sem Fronteiras (CSF) na UFES? (observar a lista anexa, criticar e complementar)  
+ Painel de Controle CSF (<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>)

3. Quais os problemas que você visualiza no processo atual de mobilidade pelo programa CSF?

a) Em relação à informação sobre o processo e à qualidade dessa informação:

b) Em relação às etapas do processo e seus responsáveis:

c) Em relação à comunicação entre os interessados (*stakeholders*):

d) Em relação ao fluxo do processo (*workflow*):

e) Quais as suas sugestões para melhoria do processo de mobilidade via CSF?

4. Atualmente, existem iniciativas essa melhoria desse Processo?

- ( ) Sim( ) Não( ) Não sei

5. Se existem iniciativas para melhoria, quais seriam elas?

6. Quais os sistemas de informação que apóiam o processo de mobilidade do CSF, para os seguintes interessados:

a) Colegiado:

b) Secretaria de Relações Internacionais (SRI):

c) Pró-Reitoria de Graduação (Prograd):

d) Aluno:

*(apresentar o processo de mobilidade atual e o proposto)*

Critique o processo proposto:

### **Apêndice C. Formulário para Relato de experiências de alunos da UFES no CSF**

Convidamos a compartilhar conosco, em breves palavras, suas experiências vivenciadas no programa “Ciência sem Fronteiras”, nas seguintes atividades:

Considere (não apenas) aspectos como:

- se você tinha acompanhamento/supervisão de suas atividades;
- como foi feita a supervisão e/ou orientação da atividade (como a atividade foi conduzida);
- a que o público se destina a atividade;
- diferenças das experiências existentes no Brasil e no exterior (metodologia, acompanhamento, práticas, ferramentas e técnicas, tecnologia da informação);
- o tempo de duração da atividade;
- se a atividade foi individual ou em grupo;
- se a atividade ocorreu em área afim ou área não-afim ao seu curso e graduação;
- a contribuição da atividade para sua formação;
- se não houver as atividades descritas abaixo ou não participou dessas atividades, indique “não se aplica”.

Disciplinas em áreas afins

Disciplinas de outras áreas

Atividades de proficiência no idioma estrangeiro

Estágio acadêmico

Estágio profissional/em empresas

Atividades culturais e sociais

Problemas enfrentados (descrever também se foram solucionados, como e por qual instituição).

## 8.ANEXOS

### Anexo A. Lista de Instituições com as quais a UFES mantém acordo<sup>65</sup>

Nº	País	Universidade
1.	Alemanha	Justus Liebig Universität Giessen
2.	Alemanha	Universität Siegen
3.	Alemanha	Helmut Schmidt Universität
4.	Alemanha	Faculdade Teológica SVD St. Augustin
5.	Argentina	Universidad Nacional de la Plata
6.	Argentina	Universidad Nacional del Litoral
7.	Austrália	Royal Melbourne Institute of Technology
8.	Canadá	Huntsman Marine Science Centre
9.	Canadá	Ryerson University
10.	Chile	Universidad Católica de Temuco
11.	Colômbia	Universidad de Medellín
12.	Cuba	Universidad de Pinar del Rio
13.	Equador	Universidad Politécnica Salesiana
14.	Espanha	Agencia Estatal Consejo Superior de Investigaciones Científicas - CSIC
15.	Espanha	Universitat Politecnica de Valencia
16.	Espanha	Univdersidad da Coruña
17.	Espanha	Universidad Autonoma de Madri
18.	Espanha	Universitat Rovira i Virgili
19.	Espanha	Universidad de Sevilla
20.	Espanha	Universitat de Barcelona - Ciências Jurídicas
21.	Espanha	Universitat de Barcelona - Coorientação de Doutorado
22.	Espanha	Universitat Oberta de Catalunya/Instituto de Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente
23.	Espanha	Universidad de Salamanca
24.	EUA	Louisiana State University
25.	EUA	University of California - Los Angeles
26.	EUA	The University of North Carolina at Greensboro
27.	EUA	Texas Tech University
28.	EUA	University of Massachusetts Boston
Nº	País	Universidade
29.	França	École Nationale d'Ingénieurs de Brest
30.	França	École Nationale d'Ingénieurs de Saint-Étienne
31.	França	École Nationale d'Ingénieurs de Tarbes

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.internacional.UFES.br/pt-br/instituicoes-conveniadas>. Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

32.	França	École Nationale d'Ingénieurs de Val de Loire
33.	França	Groupe des Écoles des Mines
34.	França	Université Paris-Est
35.	França	Universite de Valenciennes et du Hainaut-Cambrésis
Nº	<b>País</b>	<b>Universidade</b>
36.	França	Universite de Bourgogne
37.	França	Hanze University
38.	Irlanda	Waterford Institute of Technology
39.	Itália	Istituto Politecnico di Milano/Arquitetura
40.	Itália	Universidade de Bolonha
41.	Itália	Istituto Politecnico di Milano/Engenharia
42.	Itália	Università Ca'Foscari Venezia
43.	Itália	Università degli Studi di Salerno
44.	Itália	Università degli Studi di Sassari
45.	Itália	Università degli Studi di Napoli
46.	México	Centro de Investigación Científica de Yucatán
47.	México	Universidad de Las Californias Internacional
48.	México	Universidad Nacional Autonoma de Mexico e Centro de Investigaciones sobre America Latina y el Caribe
49.	México	Universitat Oberta de Catalunya/Instituto de Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente
50.	México	Universidad Veracruzana
51.	Moçambique	Instituto de InvestigaçãO Agrária de Moçambique
52.	Noruega	Instituto SINTEF do Brasil, SINTEF Materials and Chemistry, Environmental Technology Center
53.	Paraguai	Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción
54.	Polónia	Politechnika Krakowska
55.	Portugal	Laboratório Nacional Engenharia Civil
56.	Portugal	Universidade de Aveiro
57.	Portugal	Universidade de Lisboa
58.	Portugal	Universidade do Algarve
59.	Portugal	Universidade do Minho
60.	Portugal	Universidade do Porto
61.	Portugal	Universidade de Coimbra
62.	Portugal	Universidade de Trás-os-Montes e Alto D'Ouro
63.	Portugal	Universidade de Beira Interior
64.	Portugal	Centro Internacional Ecohidrologia Costeira
65.	Portugal	Instituto Universitário de Lisboa
66.	Reino Unido	University of the West of England
67.	Reino Unido	Coventry University
68.	Reino Unido	University of Birmingham
Nº	<b>País</b>	<b>Universidade</b>
69.	Rússia	ITMO University
70.	Rússia	PP Shirshov Institute of Oceanology (Russian Academy of Sciences)

71.	Turquia	Kocaeli University
72.	Uruguay	Universidad de la Republica

## Anexo B. Modelo de Carta de Recomendação<sup>66</sup>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



### CARTA DE RECOMENDAÇÃO PARA CANDIDATO À MOBILIDADE

#### INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO

A Carta de Recomendação deverá ser preenchida por um professor que conheça o candidato, identificado como AVALIADOR, que pertença ao Departamento do candidato, preferencialmente que tenha vínculo com Programa de Pós-Graduação e que possua projetos em parceria com a universidade de interesse.

O Avaliador deverá **entregar as páginas 2 e 3 deste arquivo em envelope selado** à Secretaria de Relações Internacionais (SRI) ou enviado por correio ou malote endereçado à:

Secretaria de Relações Internacionais (Térreo da Reitoria)  
Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Goiabeiras  
Vitória/ES CEP 29.075-910.

A SRI assume o compromisso de não divulgar detalhes referentes a este formulário. Solicitamos também que a avaliação não seja divulgada aos estudantes, para assim preservar a autonomia do avaliador do estudante.

**Em hipótese alguma a SRI aceitará o recebimento da carta de recomendação por intermédio do estudante candidato ao intercâmbio em envelope aberto ou sem envelope;**

<sup>66</sup> Disponível em: <http://internacional.ufes.br/pt-br/ciência-sem-fronteiras>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



### CARTA DE RECOMENDAÇÃO PARA CANDIDATO À MOBILIDADE

#### A- DADOS DO CANDIDATO

Nome: NOME COMPLETO

E-mail: fulano@provedor.com

Matrícula na UFES: matrícula

Celular: (27)9999-9999

Curso: Curso de graduação

Centro de Ensino: Escolha Centro de Ensino

Campus: Escolha Campus

País a que se candidata: País

Universidade/Campus a que se candidata: Universidade / campus

Tempo que ficará em intercâmbio acadêmico: Mês/2000 a Mês/2000

#### B- AVALIADOR

i. Nome do Avaliador: NOME COMPLETO

ii. Centro: Escolha Centro de Ensino

iii. Departamento: Departamento

iv. Campus: Escolha Campus

v. Telefone/Ramal: (27)4009-2046

vi. email: fulano@provedor.com

vii. Celular: (27)9999-9999

viii. Vinculado à Programa de Pós-Graduação?  Sim. Qual? PPGXXXX  Não

ix. Possui projeto(s) com a Universidade do candidato?

Sim *Especificar:*  Ensino  Extensão  Pesquisa.

Título: Título do projeto

Não. Há interesse?  Não  Sim. Como o candidato poderá lhe ajudar?

Como planeja a ajuda do aluno para projetos com a IES estrangeira

1) Conheço o candidato desde 2000 / 1. O período de maior contato foi de 3 / 2000 a 12 / 2000 na condição de: professor, orientador, coordenador, chefe

2) O histórico escolar do candidato aluno reflete adequadamente sua capacidade?

Sim  Não Justifique por favor Justificativa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



3) Em comparação com outros estudantes/profissionais com os quais V.Sª. esteve associado nos últimos 5 (cinco) anos, avalie o candidato nas seguintes categorias:

	Excelente (5% Superior)	Bom (20% Superior)	Médio (50% Superior)	Abaixo da média	Não Observado
Capacidade intelectual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Motivação para estudos avançados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade para trabalho individual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade para trabalho em grupo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Facilidade de expressão escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Facilidade de expressão oral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Iniciativa e Criatividade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade de adaptação às diversas situações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relacionamento com colegas e superiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assiduidade e Perseverança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade de Liderança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Responsabilidade nas atividades propostas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade de contextualização dos conhecimentos adquiridos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Articulação entre teoria e prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Avaliação Global</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4) Recomendaria o candidato para realizar intercâmbio acadêmico?

Sim, sem reservas     Definitivamente não     Sim, com reservas (especifique)

Apresente suas reservas (ficarão sob sigilo)

5) Comentários adicionais sobre os atributos e outras informações relevantes

Comentários adicionais que deseja fazer sobre o candidato

Local e data: CIDADE-ES , 10 / 10 / 2014

.....  
(Assinatura do Avaliador)

## Anexo C. Modelo de Formulário de Inscrição para Mobilidade<sup>67</sup>

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS Coordenação de Mobilidade para o Exterior	
<b>FORMULÁRIO PARA INSCRIÇÃO DE CANDIDATO À MOBILIDADE</b>		
<b>1) Informações Pessoais</b>		
<b>NOME</b>		
NOME DO ALUNO		
Gênero: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino		
Nacionalidade: brasileiro		Data de Nascimento: dd/mm/ano
Número do Passaporte: NÚMERO DO PASSAPORTE		Data de expiração: dd/mm/ano
<b>ENDEREÇO</b>		<b>ENDEREÇO DA FAMÍLIA</b> <i>(Preencher se não residir com familiares)</i>
Endereço: Endereço Residencial		Endereço: Endereço Residencial
Cidade: Cidade / ES		Cidade: Cidade / ES
Pais: Pais	CEP 00.000-00	Pais: Pais
		CEP 00.000-00
Telefone 1: 27-9999-9999	Celular 27-9999-9999	Telefone 1: 27-9999-9999
		Celular: 27-9999-9999
e-mail: fulano@provedor.com.br		e-mail: fulano@provedor.com.br
Você possui familiares ou amigos que moram no país da universidade estrangeira?		<input type="checkbox"/> Sim <i>Por favor indique o contato</i> Não
Nome do Contato: Nome Do Contato		Grau de Parentesco: Grau De Parentesco
Endereço: Endereço Completo		Telefone(s): (27)3333-3333 / 9999-9999
<b>2) Informações de custeio do intercâmbio</b>		
Você usufruirá de alguma bolsa de estudos?	<input type="checkbox"/> Sim. Qual? Escreva fonte da bolsa	<input type="checkbox"/> Não
Você irá por conta própria ou de familiares?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
Você possui outra(s) forma(s) de se sustentar?	<input type="checkbox"/> Sim. Qual(is)? Outra forma de sustento	<input type="checkbox"/> Não
<b>3) Instituição para Candidatura</b>		
Nome: Instituição	Campus: Campus	
Endereço: Endereço Do Campus Onde Estudará	Cidade: Cidade	
CEP: 29.000-00	Pais: Pais	
Curso: Curso a ser matriculado	Telefone: +55(27)4009-2046	
e-mail: email institucional da Secretaria de Relações Internacionais	Idioma das aulas: Idioma	

<sup>67</sup> Disponível em: <http://internacional.ufes.br/pt-br/ciência-sem-fronteiras>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



### FORMULÁRIO PARA INSCRIÇÃO DE CANDIDATO À MOBILIDADE

**4) Como você soube dessa universidade estrangeira?**

Apresente como soube dessa universidade estrangeira

**5) Proficiência na língua do país da universidade estrangeira**

Você possui resultado de exame de proficiência no idioma da universidade estrangeira do seu interesse?

Sim Anexar comprovante  
(\*não necessário para Portugal)

Não

**6) Período de Trancamento de Matrícula pretendido:** Semestre(s) 2015 / 1 e 2015 / 2 *(Deixar em branco se for só 1 semestre)*

**7) Período pretendido para Intercâmbio:** 3 / 15 a 7 / 15

**8) Confirmação do Aluno**

*Confirmo que as informações que eu forneci neste formulário são verdadeiras, exatas, atuais e completas; e concordo em notificar a SRI imediatamente se alguma das informações contidas neste formulário de candidatura mudarem, a fim de mantê-las verdadeiras, exatas, atuais e completas.*

Assinatura do Aluno: \_\_\_\_\_

Data: 20 / 10 / 2014

**9) Colegiado do Curso de Graduação do Aluno:**

Nome Do Professor

Ciência do Coordenador do Curso ou Professor por este designado

\_\_\_\_\_ Assinatura do Professor

**Por favor, entregue esse formulário para:**

Secretaria de Relações Internacionais  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Térreo da Reitoria  
Av. Fernando Ferrari, 514  
Goiabeiras, Vitória/ES – Brasil CEP 29.075-910

**Contato para informações:**

Divisão de Mobilidade para o Exterior  
Telefone: +55 27 4009-2046  
E-mail: mobilidade.internacional@ufes.br  
Facebook: <https://www.facebook.com/secretariaderelacoesinternacionais.ufes>  
Site: [www.internacional.ufes.br](http://www.internacional.ufes.br)

## Anexo D. Modelo de Plano de Estudos<sup>68</sup>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



### PLANO DE ESTUDOS PARA CANDIDATOS À MOBILIDADE *LEARNING AGREEMENT*

#### INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO

O Plano de Estudos deverá ser preenchido pelo candidato com o auxílio de seu Coordenador de Curso.

Antes do início da mobilidade, o candidato deverá entregar as páginas 2 e 3 deste formulário à Secretaria de Relações Internacionais (SRI) ou enviá-lo por correio ou malote endereçado à:

Secretaria de Relações Internacionais (Térreo da Reitoria)  
Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Goiabeiras  
Vitória/ES CEP 29.075-910.

Caso seja necessário modificar o Plano de Estudos, as páginas 4 e 5 deste formulário deverão ser preenchidas e enviadas à Secretaria de Relações Internacionais (SRI) por correio ou email.

Após o término do intercâmbio, o aluno poderá solicitar Aproveitamento de Estudos junto ao Colegiado do seu curso de graduação. Caberá ao Colegiado do Curso avaliar solicitação conforme RESOLUÇÃO Nº 23/97 da UFES. Não há garantia do Aproveitamento dos Estudos.

<sup>68</sup> Disponível em: <http://internacional.ufes.br/pt-br/ciência-sem-fronteiras>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



## PLANO DE ESTUDOS PARA CANDIDATOS À MOBILIDADE

### LEARNING AGREEMENT

#### 1) Dados do Candidato (*Personal Information*)

Nome ( <i>Name</i> ): NOME COMPLETO	
e-mail: fulano@provedor.com	Matrícula na UFES ( <i>Registration code</i> ): matrícula
Celular ( <i>Cell Phone</i> ): (27)9999-9999	Curso ( <i>Undergraduate Degree</i> ): Curso de graduação
Centro de Ensino: Escolha Centro de Ensino	Campus: Escolha Campus

#### 2) Informações da Instituição de Destino (*Host Institution*)

Nome: Instituição  
Endereço: Endereço Do Campus Onde Estudará  
CEP: 29.000-00  
Curso: Curso a ser matriculado  
e-mail: email institucional da Secretaria de Relações Internacionais  
Curso de graduação (*Undergraduate Degree*): Curso de graduação

Campus: Campus  
Cidade: Cidade  
País: País  
Telefone: +55(27)4009-2046  
Idioma das aulas: Idioma

#### 3) Período de Trancamento de Matrícula pretendido (*Period of absence from UFES*): Semestre(s) 2015 / 1 e 2015 / 2

#### 4) Período pretendido para Intercâmbio (*Term of Exchange*): 3 / 15 a 7 / 15



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



## PLANO DE ESTUDOS PARA CANDIDATOS À MOBILIDADE

### LEARNING AGREEMENT

#### 5) Plano de Disciplinas (Courses Agreement)

DISCIPLINAS A SEREM CURSADAS NA INSTITUIÇÃO DE DESTINO <i>Courses to be enrolled in Host Institution</i>			DISCIPLINAS POSSÍVEIS PARA APROVEITAMENTO NA UFES <i>Possible courses for validation in UFES</i>		
DISCIPLINA <i>COURSE</i>	CÓDIGO <i>CODE</i>	CRÉDITOS / CH <i>CREDITS / COURSE LOAD</i>	DISCIPLINA <i>COURSE NAME</i>	CÓDIGO <i>CODE</i>	CRÉDITOS / CH <i>CREDITS/ COURSE LOAD</i>
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
<b>TOTAL DE CRÉDITOS E CH:</b>		total de créditos / total de ch	<b>TOTAL DE CRÉDITOS A SEREM APROVEITADOS:</b>		total de créditos / total de ch



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



### 6) Confirmação do Aluno *(Student confirmation)*

Confirmo que as informações que forneci neste formulário são verdadeiras, exatas, atuais e completas. Tenho ciência que a análise de aproveitamento dos estudos no exterior será de responsabilidade do Colegiado do Curso de Graduação e que não há garantia de sua completa validação.

Assinatura do Aluno: \_\_\_\_\_

Data: 20 / 10 / 2014

### 7) Instituição de Origem *(Home Institution)*

Declaramos que o Plano de Disciplinas proposto está aprovado.  
*Hereby we declare that the Course Agreement is approved.*

.....(Assinatura)  
Nome do Coord. do Curso ou Prof. por este designado em 20 / 10 / 14  
COORDENADOR DO CURSO DO CANDIDATO  
*Undergraduate Degree Coordinator*

.....(Assinatura)  
Responsável pela Mobilidade OUT em 20 / 10 / 14  
COORDENADOR DA MOBILIDADE OUT  
*Mobility Out Coordinator*

### 8) Instituição de Destino *(Host Institution)*

Declaramos que o Plano de Disciplinas proposto está aprovado.  
*Hereby we declare that the Course Agreement is approved.*

.....(Assinatura)

Data (Date): ...../...../.....

Nome (Name): \_\_\_\_\_  
RESPONSÁVEL PELO INTERCÂMBIO NA INSTITUIÇÃO DE DESTINO *(Responsible for Mobility at Host Institution)*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



PARA SER PREENCHIDO SOMENTE SE HOUVER MUDANÇAS NO PLANO DE ESTUDOS ORIGINAL

**MODIFIED LEARNING AGREEMENT**  
TO BE COMPLETED ONLY IN CASE OF CHANGES

**1) Dados do Candidato (Personal Information)**

Nome (Name): NOME COMPLETO	
e-mail: fulano@provedor.com	Matrícula na UFES (Registration code): matrícula
Celular (Cell Phone): (27)9999-9999	Curso (Undergraduate Degree) : Curso de graduação
Centro de Ensino: Escolha Centro de Ensino	Campus: Escolha Campus

**2) Informações da Instituição de Destino (Host Institution)**

Nome: Instituição  
Endereço: Endereço Do Campus Onde Estudará  
CEP: 29.000-00  
Curso: Curso a ser matriculado  
e-mail: email institucional da Secretaria de Relações Internacionais  
Curso de graduação (Undergraduate Degree): Curso de graduação

Campus: Campus  
Cidade: Cidade  
País: País  
Telefone: +55(27)4009-2046  
Idioma das aulas: Idioma

**3) Período de Trancamento de Matrícula pretendido (Period of absence from UFES):**

Semestre(s) 2015 / 1 e 2015 / 2

**4) Período pretendido para Intercâmbio (Term of Exchange):** 3 / 15 a 7 / 15



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



**MODIFICAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS PARA CANDIDATOS À EM MOBILIDADE**  
PARA SER PREENCHIDO SOMENTE SE HOUVER MUDANÇAS NO PLANO DE ESTUDOS ORIGINAL

**MODIFIED LEARNING AGREEMENT**

TO BE COMPLETED ONLY IF ANY CHANGES

**5) Plano de Disciplinas** (Courses Agreement)

DISCIPLINAS A SEREM CURSADAS NA INSTITUIÇÃO DE DESTINO <i>Courses to be enrolled in Host Institution</i>			DISCIPLINAS POSSÍVEIS PARA APROVEITAMENTO NA UFES <i>Possible courses for validation in UFES</i>		
DISCIPLINA <i>COURSE</i>	CÓDIGO <i>CODE</i>	CRÉDITOS / CH <i>CREDITS / COURSE LOAD</i>	DISCIPLINA <i>COURSE NAME</i>	CÓDIGO <i>CODE</i>	CRÉDITOS / CH <i>CREDITS / COURSE LOAD</i>
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h	Nome da disciplina	CÓDIGO	qtde de créditos / CH h
<b>TOTAL DE CRÉDITOS E CH:</b>		total de créditos / total de ch	<b>TOTAL DE CRÉDITOS A SEREM APROVEITADOS:</b>		total de créditos / total de ch



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



**6) Confirmação do Aluno** (*Student confirmation*)

*Confirmo que as informações que forneci neste formulário são verdadeiras, exatas, atuais e completas. Tenho ciência que a análise de aproveitamento dos estudos no exterior será de responsabilidade do Colegiado do Curso de Graduação e que não há garantia de sua completa validação.*

Assinatura do Aluno: \_\_\_\_\_

Data: 20 / 10 / 2014

**7) Instituição de Origem** (*Home Institution*)

Declaramos que o Plano de Disciplinas proposto está aprovado.  
*Hereby we declare that the Course Agreement is approved.*

.....(Assinatura)  
Nome do Coord. do Curso ou Prof. por este designado em 20 / 10 / 14  
COORDENADOR DO CURSO DO CANDIDATO  
*Undergraduate Degree Coordinator*

.....(Assinatura)  
Responsável pela Mobilidade OUT em 20 / 10 / 14  
COORDENADOR DA MOBILIDADE OUT  
*Mobility Out Coordinator*

**8) Instituição de Destino** (*Host Institution*)

Declaramos que o Plano de Disciplinas proposto está aprovado.  
*Hereby we declare that the Course Agreement is approved.*

.....(Assinatura)

Data (Date): ...../...../.....

Nome (Name): \_\_\_\_\_  
RESPONSÁVEL PELO INTERCÂMBIO NA INSTITUIÇÃO DE DESTINO (*Responsible for Mobility at Host Institution*)

## Anexo E. Modelo de Termo de Compromisso da UFES<sup>69</sup>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



### TERMO DE COMPROMISSO

**Nome Do Aluno**, brasileiro(a), **estado civil**, portador(a) da cédula de identidade **número da identidade**, expedida por **SSP-ES** inscrito(a) no cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda (CPF) sob o nº. **000.000.000-00**, residente e domiciliado(a) na **Endereço Completo**, estudante da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, doravante denominado **ALUNO**, regularmente matriculado(a) no **Curso de Curso De Graduação**, doravante denominado **CURSO DE ORIGEM**, do **Centro Escolha Centro de Ensino**, **campus escolha campus** e inscrito(a) no Programa de Intercâmbio **CSF, BRAFITEC, TOP CHINA, ETC**, edital **000/14**, pelo qual frequentará, no período de **01/01/2014** a **31/12/2015**, ministrado pela **NOME DA INSTITUIÇÃO ANFITRIÃ**, instituição educacional com sede na cidade de **CIDADE ONDE SE SITUA A INSTITUIÇÃO ANFITRIÃ**, **PAÍS**, doravante denominada **INSTITUIÇÃO ANFITRIÃ**.

Para efeitos deste Termo, o aluno nomeia seus procuradores por meio deste instrumento particular os senhores **Nome Completo**, brasileiro(a), **estado civil**, portador(a) da cédula de identidade **número da identidade**, expedida por **SSP-ES** inscrito(a) no CPF/MF sob o nº. **000.000.000-00**, residente e domiciliado(a) na **Endereço Completo**, telefones **contatos telefônicos** e endereço eletrônico **email** e **Nome Completo**, brasileiro(a), **estado civil**, portador(a) da cédula de identidade **número de identidade**, órgão expedidor **SSP-ES** inscrito(a) no CPF/MF sob o nº. **000.000.000-00**, residente e domiciliado(a) na **Endereço Completo**, telefones **contatos telefônicos** e endereço eletrônico **email** durante a sua participação no Programa de Mobilidade Acadêmica, fazendo nesta data entrega de uma via deste Termo de Compromisso à Coordenação de Mobilidade para o Exterior.

Caso haja alteração das pessoas acima qualificadas, esta deverá ser informada imediatamente à Coordenação de Mobilidade para o Exterior, sendo utilizado o mesmo procedimento descrito no parágrafo anterior.

#### **I. COMPROMISSOS ANTES DA PARTIDA**

- I.1. Celebrar contratos de seguro saúde ainda no Brasil, com validade no país de destino, para o período entre a data de viagem e o início das atividades de intercâmbio.
- I.2. Trancar a matrícula referente ao período de intercâmbio junto ao Colegiado do curso seguindo a Resolução 16/99 e apresentar comprovante à Coordenação de Mobilidade para o Exterior.
- I.3. Responsabilizar-se pela obtenção, guarda e renovação de seu visto de estudo e de quaisquer outros documentos exigidos pelo país de destino para efeito de ingresso ou permanência, assumindo integralmente o pagamento das despesas respectivas.

#### **II. COMPROMISSOS DURANTE O PERÍODO DO INTERCÂMBIO**

- II.1. Realizar com o melhor de seu empenho as atividades de intercâmbio previstas no seu Programa de Mobilidade Acadêmica, observando padrões de ética e cidadania em sua convivência acadêmica e social na Instituição Anfitriã.

<sup>69</sup> Disponível em: <http://internacional.ufes.br/pt-br/ciência-sem-fronteiras>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



- II.2. Responder a todos os questionamentos e demandas feitas pela Coordenação de Mobilidade para o Exterior e/ou pelo colegiado do curso por correio eletrônico ou mídias sociais.
- II.3. Obedecer às normas internas da Instituição Anfitriã.
- II.4. Celebrar contratos de seguro saúde, com validade no país de destino durante o período de intercâmbio até a data de retorno ao Brasil.
- II.5. Participar de todas as atividades acadêmicas relativas às disciplinas em que se matricular na Instituição anfitriã, inclusive respeitar o número mínimo de créditos estipulado pela mesma.
- II.6. Divulgar a UFES, a cidade de seu campus, o estado do Espírito Santo e o Brasil na Instituição Anfitriã.
- II.7. Responsabilizar-se por seus estudos, frequência às aulas e cumprir todas as exigências determinadas na Instituição Anfitriã.
- II.8. Obedecer às normas legais e às regras de conduta da Instituição Anfitriã e do país de destino.
- II.9. Respeitar os regulamentos dos programas de intercâmbio das instituições acadêmicas e da agência de financiamento, quando houver.
- II.10. Informar ao Colegiado do seu curso e à Coordenação de Mobilidade para o Exterior, e manter atualizados seu endereço, telefone, endereço eletrônico e demais dados necessários à sua localização na Instituição anfitriã.

### **III. COMPROMISSOS AO REGRESSAR À UFES**

- III.1. Solicitar destrancamento de matrícula junto ao Colegiado do curso.
- III.2. Continuar o curso de graduação no semestre imediatamente subsequente ao término do período de intercâmbio.
- III.3. Solicitar aproveitamento de estudos ao Colegiado do curso, ciente que este tem autonomia para tal realização e que seguirá a Resolução 23/97. Para tal solicitação deverá ser anexada tradução juramentada dos documentos acadêmicos oficiais da Instituição Anfitriã (histórico escolar; plano, conteúdo, carga horária e ementa de disciplinas; notas e sistema de avaliação).
- III.4. Matricular-se nas disciplinas cujos estudos não foram aproveitados pelo Colegiado do Curso.
- III.5. Entregar à Coordenação de Mobilidade para o Exterior, no prazo de até 30 dias após o retorno do Programa de Intercâmbio, relatório das atividades acadêmicas desenvolvidas na Instituição Anfitriã.
- III.6. Auxiliar na divulgação do Programa de Intercâmbio entre os demais estudantes da UFES, prestando informação sobre sua experiência sempre que solicitado por qualquer interessado ou pela própria Universidade.

### **IV. COMPROMISSOS NA PRORROGAÇÃO DO PROGRAMA DE MOBILIDADE**

- IV.1. Caso haja interesse do aluno e concordância da Instituição Anfitriã na prorrogação do Programa, este deverá solicitar formalmente autorização à Coordenação de Mobilidade para o Exterior, anexando carta convite daquela instituição com justificativas, detalhamento de atividades e período.
- IV.2. Quando da entrega dos documentos registrados no parágrafo anterior, o aluno anexará outro Termo de Compromisso com as exigências normais de uma prorrogação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Coordenação de Mobilidade para o Exterior



#### **V. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

- V.1. O aluno declara estar ciente de que a UFES não se responsabiliza por situações de caso fortuito ou força maior de qualquer natureza, nem por problemas advindos de situações em que o aluno se exponha a risco e/ou perigo ou, ainda, de problemas que advenham de ações praticadas pelo próprio aluno.
- V.2. O aluno declara estar ciente de que a UFES não se responsabiliza por despesas referentes à seguro saúde, emissão de passaportes, emissão ou renovação de vistos.
- V.3. O aluno se compromete a assumir o pagamento de todas as despesas necessárias à sua participação no Programa de Intercâmbio, especialmente aquelas relativas a passagens aéreas de ida e volta, hospedagem, alimentação e todas as demais circunstanciadas, que se façam necessárias à sua estada na instituição anfitriã, durante o período de intercâmbio.
- V.4. O aluno se compromete a ser responsável por todas as providências e pelo pagamento das despesas relativas às atividades extraordinárias que pretenda desenvolver antes, durante ou após o período de intercâmbio, tais como passeios turísticos, atividades de lazer, emissão de carteira estudantil, cursos complementares ou materiais específicos para disciplinas do plano de estudos.

E, por estar de inteiro acordo com as condições aqui pactuadas, firma o presente Termo de Compromisso, juntamente com seus representantes outorgados em duas (2) vias de igual teor e forma, para que produza seus efeitos jurídicos e legais.

Vitória-ES, 01/01/2014.

\_\_\_\_\_  
NOME DO ALUNO

\_\_\_\_\_  
NOME DO PROCURADOR DO ALUNO

\_\_\_\_\_  
NOME DO PROCURADOR DO ALUNO

## Anexo F. Modelo de Solicitação de Trancamento de Matrícula<sup>70</sup>

Vitória/ES, xx de xxxx de 2013.

**A**  
**Secretaria de Relações Internacionais**  
**Assunto: Trancamento de matrícula de aluno participante do Programa Ciência sem Fronteiras**

Prezado (a),

Temos o prazer de informar que o aluno xxxxxx do curso de xxxxx, matrícula xxxxxx, foi selecionado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), e realizará atividades de intercâmbio na instituição xxxxxx, país xxxx. O referido estudante receberá auxílio financeiro do CsF-CAPES/CNPq.

O intercâmbio terá duração de xxx (xxxx) meses e começará em xxx (mês) de 2013, conforme documento anexado pelo aluno. Nesse sentido, solicitamos a Secretaria de Relações Internacionais à gentileza de enviar este pedido de trancamento de matrícula justificada por intercâmbio à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), nos semestres letivos (ex. 2013/2, 2014/1), a fim de garantir que o estudante seja matriculado como aluno em intercâmbio no período em que estiver no exterior. Ressaltamos ainda que a matrícula como aluno em intercâmbio deverá ser feita a cada semestre em que o aluno estiver no exterior.

Atenciosamente,

---

<sup>70</sup> Disponível em: <http://internacional.ufes.br/pt-br/ciencia-sem-fronteiras>